



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

DANIELE SILVA PASTORELLI

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA CIDADE DE
CAPANEMA: UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PORTUGUÊS
COM LÍNGUAS EM CONTATO**

Londrina
2011

DANIELE SILVA PASTORELLI

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA CIDADE DE
CAPANEMA: UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PORTUGUÊS
COM LÍNGUAS EM CONTATO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Vanderci de Andrade
Aguilera

Londrina
2011

DANIELE SILVA PASTORELLI

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS NA CIDADE DE
CAPANEMA: UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PORTUGUÊS COM
LÍNGUAS EM CONTATO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof^a Dr^a Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

Prof^a Dr^a Aparecida Feola Sella Universidade do
Oeste do Paraná

Prof^a Dr^a Fabiane Cristina Altino Universidade
Estadual de Londrina

Prof^a Dr^a Joyce Elaine de Almeida Baronas
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 26 de fevereiro de 2011.

AGRADECIMENTOS)

A Desejo agradecer não somente ao Pai, mas a todos os amigos e irmãos espirituais que de alguma maneira tiveram participação nesta etapa da minha caminhada.

Aos meus pais queridos, serei eternamente grata por todo amor, apoio e paciência. Destaco a alegria em ter tido minha mãe como companheira de uma das viagens de pesquisa de campo e a ambos como incentivadores incondicionais.

Agradeço pela existência do Heber e dos bons amigos que dispuseram de seu tempo ouvindo-me, orientando e também me repreendendo quando necessário.

Aos autores Fabiana Ramos, Helena Confortín e Tadinei Jacumasso, que gentilmente disponibilizaram suas pesquisas por e-mail.

Agradeço com muito carinho e respeito à incansável Vanderci que orientou meus passos no caminho da Sociolinguística e me recebeu de coração aberto durante esses quase seis anos de convivência.

Por fim, devo meus agradecimentos à Fundação Araucária que forneceu o apoio financeiro viabilizando o desenvolvimento deste trabalho.

Se levarmos a sério o conceito de língua como uma forma de comportamento social, fica evidente que qualquer avanço teórico na análise do mecanismo da evolução lingüística contribuirá diretamente para a teoria geral da evolução social.

William Labov

PASTORELLI, Daniele Silva. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema**: um estudo da relação do português com línguas em contato. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina.

RESUMO

Como se sabe, apesar de não utilizar o idioma espanhol, o Brasil faz limite com diversos países falantes desta língua. Somente o Estado do Paraná, situado na região sul do Brasil, possui dezenove municípios limítrofes com o Paraguai e a Argentina, por exemplo. Neste contexto geográfico, está inserida a cidade de Capanema, localizada no sudoeste do Paraná, cujo ambiente multiétnico favorece não só o intercâmbio de mercadorias como também o de cultura, crenças, costumes, e, sobretudo, o linguístico. Com base na constatação de que conhecer as crenças e atitudes linguísticas dos falantes de uma comunidade é fator importante para compreender a variação e as mudanças ocorridas na fala local; estabelecer políticas linguísticas efetivas, este trabalho toma como objeto de investigação a fala dos moradores de Capanema com o objetivo de verificar as visões positivas e negativas desses sujeitos em relação às várias línguas e variedades com as quais convivem cotidianamente. Esta pesquisa pretende, portanto, colaborar para um conhecimento mais amplo sobre a realidade linguística no Paraná e, para tal propósito, estabelecemos como base teórica os pressupostos da Sociolinguística, com enfoque em crenças e atitudes linguísticas, com o objetivo de tentar elucidar a relação entre língua e sociedade nessa comunidade. Seguindo a metodologia mentalista (LÓPEZ MORALEZ, 1993), o *corpus* constitui-se das entrevistas realizadas *in loco* mediante questionário aberto composto por questões diretas, destinadas à recolha de informações pessoais dos moradores sobre a convivência com falantes de outros idiomas, em especial, o espanhol. A análise dos dados permitiu concluir que, em relação aos argentinos, a maior parte dos capanemenses apresenta uma atitude positiva, tanto no que se refere ao povo argentino propriamente dito, como à sua língua materna, vista de maneira prestigiosa pelos entrevistados. Quanto aos paraguaios, uma quantidade significativa de informantes demonstrou não vê-los de maneira positiva, apresentando como justificativa para essa recusa a diferença de cultura, a origem indígena, a baixa tecnologia e escolaridade, assim como a questão linguística - guarani, jopará. Já o povo alemão é tido como introvertido por não demonstrar as emoções, mas responsável em tudo que faz. O idioma alemão não foi avaliado positivamente pelos capanemenses, considerado, pois, como difícil e esquisito. Por fim, constatamos que, por acreditarem que a cultura e a língua italianas sejam próximas da existente no Brasil, devido à ascendência latina, os inquiridos reagem favoravelmente diante dos italianos, povo avaliado pelos capanemenses como alegre e espontâneo.

Palavras-chave: crenças e atitudes linguísticas; preconceito linguístico; línguas de contato, Capanema.

PASTORELLI, Daniele Silva. **Beliefs and linguistic attitudes in the city of Capanema: a study in the relationship of Portuguese with languages in contact.** 2010. Thesis (MA in Language Studies) - Universidade Estadual de Londrina.

ABSTRACT

As we know, despite not using the Spanish language, Brazil is bordered with several spoken countries of this language. Only the State of Paraná, located in southern Brazil, has nineteen municipalities bordering with Paraguay and Argentina, for example. In this geographical context, is inserted the city of Capanema, located in southwestern Paraná, whose multi-ethnic environment not only promotes the exchange of goods but also the exchange of culture, beliefs, customs, and especially linguistic. Based on the finding that knowing the beliefs and language attitudes of speakers from a community is an important factor to understand the variations and changes in the local speech; establish effective political language, this work takes as an investigation objective the talks of the residents of Capanema in order to verify the positive and negative views on these subjects related to various languages and varieties in which they live on daily. This research therefore aims to contribute to a wider knowledge about the linguistic reality in Parana, and for this purpose, we established with theoretical bases the Sociolinguistics' assumptions, focusing on beliefs and linguistic attitudes, with the goal of trying to elucidate the relationship between language and society in this community. Following the mentalist methodology (LÓPEZ MORALEZ, 1993), the corpus is made up of interviews held in loco through a open questionnaire formed by direct questions, designed to collecting from residents personal information about the acquaintanceship with speakers from other languages, especially Spanish. The data analysis allowed to conclude that, for the Argentines, most capanemenses presents a positive attitude, as regarding to the Argentine people itself, as for their mother tongue, seen in a prestigious manner by respondents. As for Paraguayans, a significant amount of informants didn't showed a positive way to see them, showing as justification for this refusal the culture difference, the indigenous origin, the low technology and education, as well as the language issue - guarani, jopará. However the German people is seen as introverted for not showing their emotions, but responsible in everything they do. The German language has not been evaluated positively by capanemenses considered as being difficult and awkward. Finally, we noticed that, in the belief that Italian culture and language are close to the existing in Brazil, due to Latin ancestry, the respondents react favorably on the Italians, a people judged by capanemenses as joyful and spontaneous.

Keywords: beliefs and linguistic attitudes, language prejudice, languages in contact, Capanema.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relação entre atitudes e crenças	27
Figura 2 - Brasão de Capanema.....	48
Figura 3 - Mapa com a localização do município de Capanema.....	50
Figura 4 - Mapa da Estrada do Colono.....	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Número de informantes e variáveis sociais	54
Quadro 2 - Respostas dadas à questão: que língua você fala?	63
Quadro 3 - Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?	66
Quadro 4 - Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?.....	69
Quadro 5 - Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?	72
Quadro 6 - Exemplos de palavras nos idiomas mencionados pelos falantes.....	75
Quadro 7 - Comparando essas línguas: espanhol argentino, espanhol paraguaio, alemão e italiano, quem fala melhor? Por quê?.....	83
Quadro 8 - E quem fala pior? Por quê?.....	91
Quadro 9 - Em que lugares você ouve estas línguas ou modos de falar diferentes?	96
Quadro 10 -Quando você se aproxima dos paraguaios, argentinos, alemães ou italianos, eles continuam conversando?.....	100
Quadro 11 -Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos?.....	107
Quadro 12 -Essas línguas são feias ou bonitas? Qual é a mais bonita? Qual é a mais feia?	112
Quadro 13 -Se você pudesse, proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos ou aqui em Capanema?.....	120
Quadro 14 -Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante, deveria falar também nessas línguas?	123
Quadro 15 -A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?	128
Quadro 16 -Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?	136
Quadro 17 -Você estudou ou fala alguma dessas línguas?	142
Quadro 18 -Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, paraguaios, alemães ou italianos, você compraria?.....	147
Quadro 19 -Você tem amigos argentinos, paraguaios, alemães e/ou italianos? Como começou essa amizade?.....	155
Quadro 20 -Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê? E com qual deles você sente que a amizade é mais falsa ou interesseira? Por quê? ...	169

Quadro 21 - Você já se desentendeu com algum deles?.....	175
Quadro 22 - Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino(a), paraguaio(a), alemão(ã) ou italiano(a)? Por quê?.....	178

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Denominações para o Português falado em Capanema.....	64
Gráfico 2 -	Quando criança, em que língua seus pais falavam com você?.....	68
Gráfico 3 -	Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?.....	71
Gráfico 4 -	Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?.....	74
Gráfico 5 -	Que línguas falam os que falam diferente?	82
Gráfico 6 -	Comparando essas línguas, quem fala melhor?.....	90
Gráfico 7 -	E quem fala pior?.....	95
Gráfico 8 -	Em que lugares você ouve estas línguas ou modos de falar diferentes?.....	99
Gráfico 9.A -	Quando você se aproxima dos paraguaios eles continuam conversando?	104
Gráfico 9.B -	Quando você se aproxima dos argentinos eles continuam conversando?	104
Gráfico 9.C -	Quando você se aproxima dos alemães eles continuam conversando?.....	105
Gráfico 9.D -	Quando você se aproxima dos italianos eles continuam conversando?	105
Gráfico 9.E -	Quando você se aproxima dos paraguaios, argentinos, alemães ou italianos, eles continuam conversando?	106
Gráfico 10 -	Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos?.....	111
Gráfico 11.A -	Qual é a língua mais bonita?.....	119
Gráfico 11.B -	Essas línguas são feias ou bonitas?.....	119
Gráfico 12 -	Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessas línguas?.....	127
Gráfico 13 -	A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?	134
Gráfico 14 -	Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?	141
Gráfico 15 -	Você estudou ou fala alguma dessas línguas?	146
Gráfico 16.A -	Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse paraguaios, você compraria?	151

Gráfico 16.B - Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, você compraria?.....	152
Gráfico 16.C - Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse alemães, você compraria?.....	152
Gráfico 16.D - Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse italianos, você compraria?.....	153
Gráfico 16.E - Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, paraguaios, alemães ou italianos você compraria?	153
Gráfico 17.A - Você tem amigos paraguaios? Como começou essa amizade?	158
Gráfico 17.B - Você tem amigos argentinos? Como começou essa amizade?.....	162
Gráfico 17.C - Você tem amigos alemães? Como começou essa amizade?.....	165
Gráfico 17.D - Você tem amigos italianos? Como começou essa amizade?.....	167
Gráfico 17.E - Você tem amigos argentinos, paraguaios, alemães e/ou italianos? Como começou essa amizade?	168
Gráfico 18 - Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?	174
Gráfico 19 - Você já se desentendeu com algum deles?.....	177
Gráfico 20.A - Você namoraria ou casaria com um(a) italiano(a)? Por quê?.....	179
Gráfico 20.B - Você namoraria ou casaria com um(a) alemão(ã)? Por quê?.....	181
Gráfico 20.C - Você namoraria ou casaria com um(a) argentino(a)? Por quê?.....	183
Gráfico 20.D - Você namoraria ou casaria com um(a) paraguaio(a)? Por quê?.....	185
Gráfico 20.E - Você namoraria ou casaria com um(a) argentino(a), paraguaio(a), alemão(ã), italiano(a)? Por quê?.....	186

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 OBJETIVOS	20
1.1 Objetivo geral	20
1.2 Objetivos específicos	20
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	21
2.1 A atitude linguística e seus componentes	32
2.2 Pesquisas sobre o tema	33
3 SOBRE O MUNICÍPIO DE CAPANEMA-PR	48
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
4.1 Perfil dos informantes	54
4.2 Sobre o questionário	55
4.2.1 Questões com enfoque nas formas de convivência e lazer	55
4.2.2 Questões de enfoque metalinguístico	56
4.2.3 Disposição das questões	56
4.3 Recolha e tratamento dos dados	58
4.3.1 Transcrição dos dados	59
4.3.2 Levantamento e tabulação dos dados	60
4.3.3 Elaboração de gráficos percentuais	60
4.3.4 Análise e descrição dos dados obtidos de acordo com a fundamentação teórica	60
4.4 Discussão e redação das considerações finais à luz do referencial teórico	61
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	62
5.1 Idiomas e a convivência familiar	62
5.1.1 Que língua você fala	62
5.1.2 Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?	65
5.1.3 Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?	69
5.1.4 Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?	72
5.2 Línguas de contato	74
5.2.1 Que línguas falam os que falam diferente aqui?	75
5.2.2 Comparando essas línguas: espanhol argentino, espanhol paraguaio, alemão e italiano, quem fala melhor? Por quê?	83

5.2.3 E quem fala pior? Por quê?	91
5.3 Idiomas de contato e comportamento linguístico.....	96
5.3.1 Em que lugares você ouve estas línguas ou modos de falar diferentes?.....	96
5.3.2 Quando você se aproxima dos paraguaios, argentinos, alemães ou italianos, eles continuum conversando?.....	100
5.3.3 Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos?	106
5.3.4 Essas línguas são feias ou bonitas? Qual é a mais bonita? Qual é a mais feia?....	112
5.3.5 Se você pudesse, proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos ou aqui em Capanema?.....	120
5.4 A relevância dos idiomas de contato.....	122
5.4.1 Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante, deveria falar também nessas línguas?	123
5.4.2 A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?	127
5.4.3 Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?.....	135
5.4.4 Você estudou ou fala alguma dessas línguas?.....	142
5.5 Idiomas de contato e a convivência nos relacionamentos afetivo, de amizade e profissional.....	146
5.5.1 Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, paraguaios, alemães ou italianos, você compraria?.....	147
5.5.2 Você tem amigos argentinos, paraguaios, alemães e/ou italianos? Como começou essa amizade?.....	154
5.5.3 Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê? E com qual deles você sente que a amizade é mais falsa ou interesseira? Por quê?	168
5.5.4 Você já se desentendeu com algum deles?	175
5.5.5 Você namoraria ou casaria com um(a) argentino(a), paraguaio(a), alemão(ã) ou italiano(a)? Por quê?	177
5.6 Idiomas de contato e a opinião dos capanemenses entrevistados	187
5.6.1 Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Foz, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?	187
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	193
REFERÊNCIAS	199
REFERÊNCIAS REFERÊNCIAS.....	201

INTRODUÇÃO

O homem é um ser social, que vive, normalmente, em comunidade, portanto entende-se que o meio familiar, o trabalho, a posição socioeconômica, a escolaridade, a idade e o sexo, entre outros possíveis fatores, exercem grande influência em suas crenças, atitudes, comportamentos e linguagem. Desde os trabalhos iniciais produzidos na área da Sociolinguística, os pesquisadores procuram explicar o modo como os humanos usam as línguas, levando em consideração fatores sociais como os já mencionados.

De acordo com Bright (1974, p.17), por exemplo, a tarefa da Sociolinguística é a de “demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social, e, talvez, até mesmo demonstrar uma relação causal em uma ou outra direção” e, ainda, elucidar que esta variação não acontece de forma desgovernada, mas sim, “correlacionada a diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT, 1974, p.18). Ainda segundo o autor, dentre as funções da Sociolinguística, encontra-se a tarefa de pesquisar a diferença entre a maneira como as pessoas fazem uso das línguas e o que estas possuem como crença a respeito de seu comportamento lingüístico e dos demais falantes.

No Brasil, a variedade lingüística é bastante considerável, visto que, desde os primórdios de sua colonização, a imigração é significativa, tendo atraído portugueses, espanhóis, ingleses, italianos, japoneses, árabes, judeus e alemães, que se somaram às diversas tribos indígenas nativas dessa terra e aos diversos grupos de escravos africanos vindos anos depois da descoberta. Dessa forma, houve e continua havendo, agora devido à globalização e à consolidação do MERCOSUL, o intercâmbio não só cultural, mas o lingüístico, o de crenças, de costumes, de religião. Além disso, 68 municípios do território brasileiro, abrangendo os Estados do Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul fazem fronteira com países formadores do MERCOSUL.

Assim, é importante lembrar que o Brasil faz limite com países falantes da língua espanhola, limita-se ao norte com a Guiana Francesa, o Suriname, a Guiana e a Venezuela; a noroeste, com a Colômbia; a oeste, com o Peru e a Bolívia; a sudoeste, com o Paraguai e a Argentina; ao sul, com o Uruguai e a leste com o Oceano Atlântico.

Durante os últimos cem anos, a imigração espanhola intensificou-se, em especial nas regiões Sul e Sudeste do país, fator reforçado pelas relações pessoais e comerciais estabelecidas nas fronteiras com Paraguai, Argentina e Uruguai. O Estado do Paraná, localizado ao Sul do Brasil, por sua vez, possui 19 municípios limítrofes com o Paraguai e a

Argentina. O curioso é que, mesmo assim, localizado na América do Sul e cercado de países falantes de espanhol, o Brasil é o único que não utiliza, como língua materna, a língua espanhola. Seria, então, o idioma espanhol motivo de apreço, ou de recusa pelos brasileiros?

Nossos estudos, servindo como subprojeto do projeto **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato**, desenvolvido na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, pelas professoras Vanderci de Andrade Aguilera, do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina - UEL, e Aparecida Feola Sella, do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade do Oeste do Paraná - UNIOESTE, têm como foco, pesquisar e analisar as crenças e atitudes de falantes residentes na comunidade linguística de Capanema, situada no oeste paranaense, na divisa com a Argentina.

Por se tratar de uma região de fronteira, onde ocorre um constante movimento migratório, é comum observar as dinâmicas trocas linguísticas e culturais, promovidas, inclusive, pelo comércio local. Com esta miscigenação intensa e constante de etnias e falares, a língua portuguesa foi, e continua sendo, transformada, incorporando estrangeirismos variados, recebendo nova musicalidade e mutação léxica, de acordo com a postura tomada por seus falantes. A partir do questionamento de qual seria a língua que realmente falamos no Brasil, não só nesta região especificada, mas em todo o país, propomos, neste estudo, verificar o que pensam falantes de Capanema a respeito da língua ou modalidade linguística falada nessa localidade, salientando a influência estrangeira. Acreditamos que, por meio da análise da postura perante a sua própria língua e a dos demais falantes, ilustrada nos relatos feitos pelos informantes e transcrita neste trabalho, seja possível identificar os elementos que constituem as atitudes linguísticas dos moradores de Capanema-PR.

Apesar de serem poucas as pesquisas linguísticas centradas no estudo do contato linguístico do português com outras línguas, como o espanhol e o guarani, essa dúvida vem servindo de incentivo para as pesquisas sobre crenças e atitudes linguísticas, objeto de estudo desta dissertação. Além das influências linguísticas e culturais já citadas, lembramos que a língua em uso, seja ela qual for, é um instrumento vivo e todo falante utiliza-a de acordo com seu conhecimento de mundo, com as tradições da localidade linguística e da realidade familiar em que foi criado, manifestando suas idéias e crenças e contribuindo com as transformações sofridas pela língua em sua vertente oral.

Desta forma, apoiados em autores como Rubal Rodriguez (1988), López Morales (1993), Gómez-Molina (1996), Moreno Fernández (1998), entre outros estudiosos da área da Sociolinguística, acreditamos que, mesmo que as atitudes linguísticas não possam ser

consideradas como fatores causais, atuam como mediadoras dos comportamentos linguísticos e constituem indicadores especialmente sensíveis do processo sociolinguístico que atua sobre a sociedade. Nesse sentido, pesquisadores defendem que, para uma autêntica compreensão dos problemas linguísticos específicos de uma coletividade, convém conhecer como reagem os falantes diante das variedades linguísticas empregadas no meio (RUBAL RODRIGUEZ, 1988, p. 266). O que entra em concordância com Parceró (2007, p. 39) que entende ser o estudo das atitudes “importante para a Sociolinguística, uma vez que pode ‘prever’ um dado comportamento linguístico: a escolha de uma língua particular em comunidade multilíngue, lealdade, língua de prestígio entre outras.”

Para Moreno Fernández (2007, p. 3), o estudo das atitudes linguísticas é imprescindível para poder planejar com a mínima possibilidade de êxito qualquer ação que afete a difusão de uma língua: seu uso ou seu ensino. No Paraguai, é ensinado além do espanhol, o português e o guarani; já no Brasil, recentemente, no ano de 2005, foi decretada a lei Nº 11.161, delimitando o ano de 2010 para todas as escolas estaduais - nos currículos plenos do ensino médio - implantarem o ensino do idioma espanhol. Em nosso país não há registro, em especial nos limites que o separa dos países *hispanohablantes*, de locais que ensinem o guarani.

Ainda, segundo Moreno Fernández (2007, p. 2), o contato entre Brasil e os países hispânicos circundantes deveria ser um objeto de estudo mais bem explorado, por permitir:

- (i) saber como determinadas variedades do espanhol são pouco conhecidas;
- (ii) conhecer as consequências linguísticas do contato do espanhol com o português e línguas indígenas (guarani, no caso do Paraguai; ticuna, no caso do Peru e Colômbia; chibcha, no caso de Venezuela);
- (iii) conhecer as consequências sociais e sociolinguísticas do contato (multilinguismo, substituição de línguas, diglossia, integração-marginalização, transculturação);
- (iv) pensar em propostas que favoreçam o desenvolvimento dos fronteiriços, fazendo uso das línguas como instrumentos. (Tradução nossa)¹

¹ (i) saber cómo son unas variedades del español poco o mal conocidas; (ii) conocer las consecuencias lingüísticas del contacto del español con el portugués y con lenguas indígenas; (iii) conocer las consecuencias sociales y sociolingüísticas del contacto (multilingüismo, sustitución de lenguas, diglosia, integración-marginalización, transculturación); (iv) pensar en propuestas que favorezcan el desarrollo de los fronterizos, haciendo uso de las lenguas como instrumentos. (MORENO FERNÁNDEZ, 2007, p. 2)

Assim, reforçamos que o estudo de crenças e atitudes linguísticas no Brasil é bastante propício por se tratar de um país formado por povos de diversas etnias, que carregam consigo uma vasta gama de culturas e, como dito anteriormente, por ser fronteiro com outros países, fator que favorece não só a formação de áreas de bilinguismo mas também a imigração. Dessa forma, é possível observar a capacidade dos falantes em emitir juízos de valor - positivos ou negativos - visto que é natural que falantes de línguas distintas ou de um mesmo idioma, quando colocados em contato, inevitavelmente assumam para si certas atitudes diante das diferenças que percebem nos “*falares alheios*”, ainda que estejam tentando estabelecer comunicação numa língua comum para ambos.

Por fim, acreditamos que nossa pesquisa colaborará com o projeto maior **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato**, como também servirá de subsídio para futuros pesquisadores da área.

No decorrer do ano de 2008, realizamos nossa primeira pesquisa sobre o tema, tratando das crenças e atitudes linguísticas de falantes moradores na cidade de Londrina. O *corpus* constituiu-se das respostas dadas por dez informantes, divididos em dois grupos: os nascidos no município de Londrina e os procedentes de outros Estados. Os informantes, além das respostas às dezessete questões de foco narrativo, descritivo, fonético-fonológico e de crenças e atitudes linguísticas, fizeram a leitura de dois textos: um em prosa e outro em verso, e foram questionados a respeito da diferença entre a fala de homens e mulheres (variação diagenérica), e de jovens e idosos (variação diageracional).

As atitudes de que tratamos, naquela investigação, dizem respeito à postura do informante quanto à fala local, quando consideradas as variáveis externas: faixa etária, sexo e origem do informante e/ou localização geográfica do ponto linguístico investigado (variação diatópica). Essas atitudes podem ser resumidas em positivas (prestígio linguístico) ou negativas (desprestígio linguístico). Além de descrever as diferenças ou semelhanças que se estabelecem na crença e nas atitudes linguísticas dos falantes entrevistados, buscamos, ainda, verificar a consciência linguística no que diz respeito à variante fonética local que identifica o falante londrinense: o /r/ retroflexo.

Assim, analisamos tanto a consciência linguística desses informantes, ou seja, se reconhecem diferenças nos falares com os quais têm contato, quanto o seu posicionamento diante delas. Ao contrário do esperado, por ser a variante retroflexa sempre referida como caipira, própria de pessoas incultas, essa marca local não foi citada de maneira desprestigiada - representando atitude negativa com relação à variante retroflexa - pelos informantes londrinenses, mas mencionada de forma subliminar, indireta, pelos falantes vindos de outras

regiões. Esta variante foi, pois, lembrada como característica do falar local, sem referência explícita à sua possível estigmatização.

No âmbito da consciência de existirem variantes linguísticas, os entrevistados demonstraram reconhecê-las de alguma forma e colocaram como fatores influenciadores do registro oral a posição geográfica da comunidade de fala, as experiências culturais, a educação recebida, o grau de escolaridade e a idade, entre outros.

Desta forma, decidimos por aprofundar nossos conhecimentos no que diz respeito a crenças e atitudes linguísticas, explorando agora uma área brasileira limítrofe com a cidade de Andresito, na Argentina, a cidade brasileira de Capanema, no Estado do Paraná. Nessa localidade, além de haver migrantes oriundos de outras regiões do país, os habitantes convivem ainda com falantes do espanhol, imigrantes vindos do Paraguai, e até mesmo da Alemanha e da Itália. Como se dá essa convivência é um dos questionamentos para o qual buscamos respostas.

Os capítulos seguintes deste estudo estão estruturados da seguinte forma: i) no primeiro capítulo, apresentamos os objetivos que nortearam a pesquisa; ii) no segundo capítulo explanamos a respeito do referencial teórico que serviu de subsídio para o presente estudo; iii) o terceiro capítulo é voltado para a contextualização social e histórica do ponto linguístico estudado; iv) o quarto capítulo é destinado à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados durante a pesquisa; v) o quinto capítulo é voltado à análise dos dados e, por fim, vi) apresentamos as considerações finais com base nas análises realizadas.

1. OBJETIVOS

Nossa pesquisa de campo foi realizada na área urbana da comunidade de Capanema-PR, local em que convivem e interagem os nativos daquela terra, os imigrantes vindos, em especial, do Sul do país e ainda imigrantes e descendentes oriundos da Itália, Alemanha, Argentina e Paraguai. Importa-nos, pois, conhecer as opiniões e avaliações dos moradores acerca do falar local, o português brasileiro, e dos diversos falares estrangeiros com os quais convivem. Para tanto, nossos objetivos são:

1.1 Objetivo geral

Discutir e analisar, à luz dos estudos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Dialetoлогия Pluridimensional, como se revelam as crenças e atitudes linguísticas de falantes urbanos da cidade de Capanema-PR, tendo como base as respostas obtidas por meio da aplicação do instrumento de coleta de dados preparado para tal.

1.2 Objetivos específicos

(i) Descrever as diferenças e as semelhanças que se estabelecem na crença e nas atitudes linguísticas dos informantes quando considerada a variável externa, que se refere ao local de origem do entrevistado, sendo ele imigrante ou natural do ponto linguístico investigado.

(ii) Descrever as diferenças e semelhanças que se estabelecem na crença e nas atitudes dos falantes, quando consideradas as variáveis externas faixa etária e sexo.

(iii) Interpretar os dados coletados à luz do referencial teórico adotado.

(iv) Oferecer subsídios a pesquisadores da área de Sociolinguística, bem como a pedagogos e professores dos níveis básicos, no que diz respeito ao comportamento dos falantes frente à linguagem.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Como já explicitamos, dentre os ramos da Sociolinguística, neste estudo a atenção está voltada às crenças e atitudes linguísticas, uma vez que estas afetam não só os fenômenos particulares específicos como também o plurilinguismo e, em particular, a variedade intralinguística. Conforme Labov (1972, p. 21), não se pode compreender e analisar o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre.

O estudo da atitude foi introduzido na Psicologia Experimental em fins do século XX e, em pouco tempo, passou a ser considerada como um dos conceitos centrais da Psicologia Social. Conforme Askevis-Leherpeux (1991, p. 90), a atitude é uma disposição interna do indivíduo perante um elemento do mundo social que orienta a conduta adotada na presença real ou simbólica desse elemento. O autor esclarece que essa disposição não pode ser diretamente apreendida, da mesma forma que, para sua medida, é preciso recorrer a um instrumento, denominado “Escala de Atitude”.

A Escala de Atitude de Askevis-Leherpeux é composta por um conjunto de questões que possibilitam explorar suas diversas faces, contudo faz-se necessária a certificação de que as respostas dadas a essas perguntas sejam coerentes. O pesquisador discorre também que estudos teóricos divergem quanto à origem das atitudes entre intrínseca, para teóricos que recorrem a variáveis de personalidade; e extrínseca, para os que postulam modos de aquisição.

Moreno Fernández (1998), por sua vez, explica que a atitude linguística nada mais é que uma forma de expressão da atitude social dos indivíduos, podendo focalizar e se referir especificamente à língua ou ao seu uso no meio social. A partir dessas atitudes é que se faz possível constatar a preferência (prestígio) ou recusa (preconceito) da utilização de certos signos, assim como as crenças perante a própria língua. Lembramos que o termo “prestígio” em Sociolinguística é usado para referir-se ao valor positivo que certas variantes linguísticas possuem enquanto facilitadoras da ascensão na escala social e as formas padrões são reconhecidas e aceitas pelas gramáticas normativas, geralmente associadas à classe média alta educada.

Da mesma forma, Rubal Rodriguez (1988, p. 266) afirma que seria um erro atribuir às atitudes linguísticas uma influência aleatória ou eventual sobre as condutas conseguintes, visto que estas controlam o comportamento dos sujeitos. Em resumo, “as pressões sociais

estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”. (LABOV, 1972, p. 21)

Segundo Moreno Fernández (1998) e López Morales (1993), as atitudes podem ser só positivas, de aceitação, ou negativas, de recusa, sendo impossível imaginar uma atitude neutra, já que estaria mais próxima de ausência de atitude.

O termo “crença” é definido por Prévost (2001, p. 198), em sentido mais amplo, como sendo a atitude de adesão a uma conjectura, cuja verdade, não necessariamente, pode ser demonstrada. Para ele, a crença é sustentada por elementos de conhecimento e também pelo sentimento subjetivo de ordem na asserção. Além disso, encontra-se distribuída por três graus: o grau inferior, em que se situa a opinião, baseada na probabilidade e que não exclui a dúvida; o grau superior, no qual se deposita o “saber”, ou seja, crença assertiva, fundada em conhecimentos socialmente reconhecidos; e um grau intermediário. Neste grau é que se situa a “crença” propriamente dita, ela é quem exclui a dúvida ou a certeza, embora não seja baseada em conhecimentos científicos. Pode ser fundada em valores morais, religiosos ou ser resultado do senso comum ou, ainda, conhecimentos fundamentados em interesses individuais ou exigências sociais. De acordo com Bronckart e Prévost (2001, p. 198), “as estruturas e o funcionamento destas últimas formas de crença constituem um dos objetos de pesquisa da psicologia social contemporânea.”

As crenças podem estar integradas, portanto, por uma suposta cognição e por um integrante afetivo, ambos de origem social, e, ainda que nem todas as crenças produzam atitudes, em sua maioria, revelam uma tomada de posição. Assim, se alguns signos linguísticos são percebidos como rústicos, sem elegância, podem produzir uma atitude negativa em relação ao seu uso. Essa recusa em utilizar um ou outro signo estará presente na atuação linguística do falante, sobretudo quando produz estilos cuidadosos nos quais participam muito ativamente a consciência linguística (LÓPEZ MORALES, 1993, p. 235). Como lembra Silva-Corvalán (1989, p. 12), o fato de uma forma linguística ser avaliada como “correta” ou “incorreta” se deve somente a apreciações subjetivas: a correção é social, não linguística.

Alguns autores defendem que, para a autêntica compreensão dos problemas linguísticos específicos de uma coletividade, convém conhecer como reagem os falantes diante das variedades linguísticas faladas ou empregadas no meio em que vivem. Afirmam ainda que, naturalmente, os indivíduos criam suas regras linguísticas para se assemelharem aos grupos com os quais querem se identificar. De maneira similar, psicólogos sociais desenvolveram a denominada “Teoria da acomodação” (*accommodation theory*) com o intuito

de explicar o fato de que os falantes modificam seu comportamento linguístico de acordo com a identidade dos indivíduos que têm diante de si. Labov (1972, p.140), por sua vez, argumenta:

Mas a língua pode ter uma utilidade especial para o sociólogo como um indicador sensível de muitos outros processos sociais. A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social.

Esses autores, debruçados em estudos que dizem respeito a crenças e atitudes linguísticas, vêm colaborando significativamente para que trabalhos similares possam ser desenvolvidos no Brasil, cooperando com o esclarecimento da postura de falantes de diversas regiões geográficas, em relação ao seu próprio e ao falar alheio, ou seja, para o entendimento da realidade linguística deste país.

A fim de compreendermos a postura dos falantes de nossa língua, frente à vasta variedade do português falado no Brasil e, em especial nas regiões de fronteira, o porquê da escolha de certos caminhos linguísticos que podem colocar a variante local (da região em que ora se encontra) num processo de prestígio (atitude positiva) ou de desprestígio (atitude negativa), levantamos esclarecimentos em estudos que tratam de crenças e atitudes sob os olhares da Sociolinguística, da Psicologia e da Psicologia Social.

Assim, inicialmente, buscamos explicações para os seguintes questionamentos:

- i) O que são atitudes?
- ii) Como se desenvolvem as atitudes?
- iii) As atitudes podem ser medidas?
- iv) As atitudes podem ser modificadas?

Estudiosos como Bem (1970), Lambert e Lambert (1975), Moreno Fernández (1998), López Morales (1993) e Aguilera (2008b) definem atitude como um modo organizado e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou a qualquer acontecimento. Concordam que a atitude é formada por três componentes essenciais: pensamentos/crenças (componente cognoscitivo), sentimentos (componente afetivo) e tendências para reagir (componente conativo). A propósito, Bem (1970) afirma ainda que os

fundamentos psicológicos das crenças e atitudes apresentam também o componente social devido ao fato de serem fundamentadas em quatro atividades do homem: pensar, sentir, comportar-se e interagir. Observação relevante, visto que nenhum homem, psicologicamente saudável, vive isolado, pelo contrário, está em constante interação com os demais em diversos ambientes como a família, o trabalho, a escola, o lazer, entre outros. Buscamos focar o significado social das atitudes, por desempenharem uma função importante na determinação do comportamento, pois são maneiras que utilizamos para o ajustamento dentro da sociedade (LAMBERT e LAMBERT, 1975).

Sobre a questão, Aguilera (2008b) afirma que as atitudes costumam expor as preferências e convenções sociais no âmbito do *status* e prestígio de seus usuários. Assim, grupos sociais que detêm maior prestígio social ou ocupam lugar elevado na escala socioeconômica, acabam por conduzir, no caso de seus estudos, as atitudes linguísticas das comunidades de fala. A estudiosa refere a pesquisa de Alves (1979), em que migrantes nordestinos, estabelecidos em São Paulo e provenientes de condições socioeconômico culturais menos favorecidas, buscam reproduzir a variante da fala local, considerada como uma variante de prestígio linguístico, por verem nela a possibilidade de conquistar o respeito e a estima por parte dos indivíduos que reúnem essas características.

Dessa forma, percebemos que muitas atitudes são desenvolvidas a partir de nossas vivências, emprestam regularidade aos nossos modos de reagir e facilitam o ajustamento social, embora nem sempre revelemos nossas atitudes abertamente. A atitude linguística é uma manifestação da atitude social do indivíduo centrada especificamente tanto à língua como ao uso que se faz dela na sociedade (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 345). A tentativa de usar a variante linguística com maior prestígio mostra a busca por um melhor ajuste na sociedade. Podemos pensar que é uma ‘fuga’ ao estereótipo atribuído aos nordestinos. Conforme Moreno Fernández (1998, p.179), uma atitude negativa pode impedir a difusão de uma variante ou mudança linguística, ou até mesmo, levar ao seu abandono e esquecimento.

Sobre os estereótipos, Bem (1970) os define como sendo crenças supergeneralizadas que um indivíduo considera como verdades universais e, devido a uma série de razões, aprende a considerá-las indesejáveis. No âmbito da Sociolinguística, Moreno Fernández (1998, p. 77) esclarece que se trata de uma variável muito marcada socialmente de forma consciente, que costuma caracterizar certos grupos sociais, geralmente os mais baixos e que, por estar estigmatizada, corre perigo de desaparecimento dentro de uma comunidade de fala. O psicólogo Bem (1973), por sua vez, afirma ainda que, na grande maioria das vezes, os estereótipos não são baseados em experiências válidas, mas aprendidos como boatos ou são

formados a fim de racionalizar nossos preconceitos. Neste caso, são frequentemente utilizados para justificar tratamentos indevidos a pessoas ou tribos com base num suposto grupo de características que, na realidade, esses indivíduos não possuem. O que entra em consonância com o pensamento de Moreno Fernández (1998, p.179) para quem a atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, diferenciada por centrar-se e referir-se, de forma específica, tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade, o que resulta em atitudes relacionadas aos diferentes estilos de fala, socioletos, dialetos ou mesmo a línguas diferentes. Quando alguém começa a classificar pessoas ou acontecimentos por um dos seus padrões de pensar, significa que suas atitudes estão fortes e fixadas, o que reforça a afirmação de Moreno Fernández (1998, p.180):

...as línguas não são apenas portadoras de formas e atributos lingüísticos determinados, mas também são capazes de transmitir significados ou conotações sociais, e ainda, valores sentimentais. As formas e marcas culturais de um grupo são transmitidas ou enfatizadas por meio da língua. (tradução nossa)²

Assim, as atitudes fixas ou estereotipadas reduzem a riqueza potencial do meio de uma pessoa e restringem suas reações. As atitudes formam e estruturam as personalidades; a tolerância e o preconceito são mais do que meios aprendidos de reagir a grupos específicos, são traços generalizados da personalidade (LAMBERT e LAMBERT, 1975). Para Moreno Fernández (1998, p.180), as atitudes linguísticas refletem as atitudes psicossociais e, conforme o estudioso, de fato, são atitudes psicossociais, haja vista que as línguas possuem um significado/conotação social. Dessa forma, é natural que sejam apreciadas e avaliadas de acordo com o status ou as características sociais de seus usuários. E conclui que, assim sendo, não é fácil delimitar onde começa a atitude relacionada a uma variedade linguística e onde termina a atitude ligada ao grupo social ou ao usuário desta variedade.

Para Aguilera (2008b, p. 314), a compreensão das crenças e atitudes linguísticas, auxilia no entendimento das diversas ‘competições’ entre: (i) as múltiplas variedades linguísticas regionais do português; (ii) as questões de prestígio, rejeição e preconceito

² ...las lenguas no solo son portadoras de unas formas y unos atributos lingüísticos determinados, sino que también son capaces de transmitir significados o connotaciones sociales, además de valores sentimentales. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.180).

linguísticos; (iii) do problema do bilinguismo e contato linguístico em regiões fronteiriças e, dentro do próprio país, em regiões de alta concentração de imigrantes.

Quanto à possibilidade de medição das atitudes, Lambert e Lambert (1975, p. 80) esclarecem que elas não podem ser diretamente medidas, por isso, faz-se necessário que se estabeleçam critérios que realmente meçam aquilo que se pretende e não outro processo psicológico. Os autores propõem que a forma mais indicada é delinear situações experimentais de modo que os sujeitos da pesquisa não percebam que estão revelando seus pensamentos, sentimentos e tendências reativas particulares.

Para compreendermos como as atitudes podem ser medidas, faz-se necessário que, primeiramente, retomemos algumas explicações no âmbito das definições de atitudes. López Morales (1993, p.231) esclarece que há dois grandes grupos nesse caso: os mentalistas e o comportamentalistas. Os mentalistas a definem como “um estado de disposição” (Allport, 1967, apud López Morales, 1993, p.231). Assim, a atitude de uma pessoa ou de um grupo específico prepara o indivíduo para reagir a um estímulo de maneira específica. O ponto negativo desta concepção é que, ao definir a atitude desta maneira, torna impossível a observação ou análise direta e como consequência dificulta a determinação do tipo adequado de dados a partir dos quais se podem inferir as mesmas atitudes. Já as definições comportamentalistas são baseadas nas respostas que os falantes produzem em certas situações sociais, podendo assim ser estudadas diretamente sem a necessidade de recorrer a informações introspectivas individuais, que nem sempre são aproveitadas ou úteis em uma pesquisa.

O autor alerta que, sobre estas últimas - comportamentalistas - há o grande inconveniente científico de que elas não predizem a conduta verbal e nenhuma outra. Desta maneira, ainda de acordo com o pesquisador, não podem constituir-se em padrões sistemáticos e coerentes. O que torna a definição mentalista mais interessante e apreciada é justamente a possibilidade de previsibilidade.

Uma grande distinção entre ambas as definições trata da estrutura componencial da atitude. Os mentalistas a visualizam como sendo uma estrutura componencial múltipla, mesmo havendo algumas discordâncias no que diz respeito ao número e à natureza dos subcomponentes. Por outro lado, os comportamentalistas a definem como uma unidade indivisível. Para esta dissertação adotamos a linha mentalista uma vez que concordamos que a atitude seja constituída pelos componentes citados anteriormente: componente cognoscitivo, que inclui percepções, crenças e estereótipos; componente afetivo, que se refere às emoções e sentimentos e, por fim, um componente conativo, ligado à tendência de reagir de determinada maneira

López Morales (1993, p.235) ilustra a relação entre crença e atitude da seguinte forma:

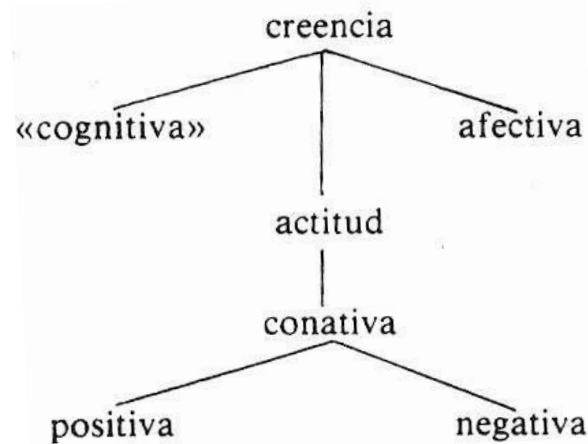


Figura 1- Relação entre atitudes e crenças

Fonte: LÓPEZ MORALES, Humberto. Sociolingüística. Madrid: Gredos, 1993, p. 235.

A fim de explicá-la, recorremos a Moreno Fernández (1998, p.185):

De acordo com a figura, as atitudes estão formadas por comportamentos (componente conativo), por condutas que podem ser positivas, de aceitação, ou negativas, de recusa. A atitude neutra é concebida como uma ausência de atitude e não como mais uma classe. (Tradução nossa)³

Ainda dentro da perspectiva mentalista, existem dois métodos de estudo das atitudes linguísticas: os diretos e os indiretos. Ambos são explicados por Moreno Fernández (1998). Em primeira instância vejamos o método direto:

As medições diretas costumam ser praticadas sobre materiais recolhidos por meio de questionários ou de entrevistas. Os questionários empregados possuem uma estrutura aberta (o informante emite a resposta que crê ser a mais adequada), uma estrutura fechada (ao informante são oferecidas possibilidades limitadas de resposta).(MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.187) (Tradução nossa)⁴

³ Según se desprende de la ilustración, las actitudes están formadas por comportamientos (componente conativo), por conductas que pueden ser positivas, de aceptación, o negativas, de recusa. La actitud neutra se concibe como una ausencia de actitud y no como una clase más de ella. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.185)

⁴ Las mediciones directas suelen practicarse sobre materiales recogidos por medio de cuestionarios o de entrevistas. Los cuestionarios empleados poseen bien una estructura abierta (el informante emite la respuesta que cree más adecuada), bien una estructura cerrada (al informante se le ofrecen unas posibilidades limitadas de respuesta). (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.187)

Essa sugestão de medição de atitudes (medição direta), feita por Moreno Fernández (1998) e utilizada no presente trabalho, incide na aplicação de entrevistas e/ou questionários abertos que habitualmente trazem perguntas que abordam a opinião pessoal do entrevistado, dando-lhe maior autonomia para emitir as repostas, pois os livra da responsabilidade de ter que decidir por “correto” ou “incorreto”.

À guisa do método indireto, o pesquisador esclarece:

As medições indiretas são aplicadas sem que o falante tenha consciência de qual é o objeto de interesse (a atitude); são aquelas cujo propósito é desconhecido pelos indivíduos que servem como informantes. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.187) (Tradução nossa)⁵

Em fins da década de 50 e início da década de 60, Wallace Lambert desenvolveu uma técnica indireta de medição de atitudes, bastante conhecida entre os estudiosos da área como *matched guise*, denominada em português de *pares ocultos*. Conforme Moreno Fernández (1998, p.187), essa técnica consiste, resumidamente, em utilizar falantes bilíngues que dominem as línguas que são objeto de estudo para lerem o mesmo texto nos diferentes idiomas em questão. Essas leituras são gravadas de forma intercalada a fim de causar a impressão de que foram produzidas por falantes distintos. Assim, os ouvintes, também bilíngues, as ouvem e apontam características dos falantes e não da língua, tais como: simpatia, inteligência e origem social. Lambert e Lambert (1975, p. 80) relatam ainda alguns estudos e explicam que, quando a pesquisa é voltada para atitudes estereotipadas, se a suposição estiver correta, os grupos comportam-se de maneiras previsíveis.

Além disso, as atitudes dos membros de um grupo minoritário são afetadas, normalmente, pelos contatos com grupos considerados de posição social mais elevada. Em um dos experimentos relatados pelos autores, grupos minoritários identificam-se, aparentemente, e incorporam, insensatamente, as atitudes estereotipadas ou prejudicadas dos que detêm o poder. Deste modo, mudanças culturais e linguísticas são suscetíveis de ocorrer devido a esses sentimentos de inferioridade. Em contrapartida, em alguns casos, podem-se dar conta desses

⁵ Las mediciones indirectas se aplican sin que el hablante tenga conciencia de cuál es el objeto de interés (la actitud); son aquellas cuyo propósito es desconocido por los individuos que sirven de informadores. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.187)

sentimentos e, na tentativa de extirpá-los, realçam os valores característicos de sua própria cultura.

Percebemos que essas observações têm sido alvo não só da psicologia social, como também de pesquisas sociolinguísticas. Aguilera (2008b, p. 312) aponta atlas espanhóis que trazem questões metalinguísticas, ou seja, questões que tratam da crença e de atitudes de sujeitos a respeito da própria língua: “Atlas Lingüístico de Catalunya”, “Atlas Lingüístico-Etnográfico de Andalucía”, “Atlas Lingüístico-Etnográfico de las Islas Canárias” e “Atlas Lingüístico de la Península Ibérica”. Além desses, a autora cita alguns trabalhos sobre o tema, desenvolvidos no Brasil: Alves (1979), Ramos (1998), Bisinoto (2000), Barbosa (2002) e Mello (2003). Em seu artigo, a estudiosa foca a questão nº 1 das perguntas metalinguísticas do “Projeto Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB”: “Como se chama a língua que você/ o (a) senhor (a) fala?” - com o intuito de obter informações sobre o sistema de crenças dos informantes no que diz respeito a sua própria fala, à de seus conterrâneos e à de falantes de outras cidades e regiões. A autora constatou que, a grande maioria dos entrevistados reconhece falar a língua portuguesa ou o português, resultado da influência escolar ou da cultura vigente ou herdada. A outra parte denominou a língua empregada como sendo brasileiro ou língua brasileira, cuiabanês e ainda, língua nativa. Esses resultados serão retomados no item 3.2 que trata de pesquisas sobre o tema crenças e atitudes linguísticas.

Como se desenvolvem as atitudes? Seria possível alterá-las? Lambert e Lambert (1975, p. 93) afirmam que as atitudes são modos de pensar, sentir e reagir “organizados”, “coerentes” e “habituais” em relação a pessoas e acontecimentos; formas aprendidas de ajustamento, explicadas por três princípios interrelacionados: associação, transferência e satisfação de necessidades. Afirmam que, geralmente, aprendemos sentimentos e tendências reativas, dois dos componentes das atitudes, por meio da associação e da satisfação de necessidades. Evitamos e tememos aquilo que está ligado a acontecimentos desagradáveis e nos aproximamos ao que está associado a vivências agradáveis. Desta forma, os pensamentos e crenças são aprendidos pelo princípio de “transferência”, que auxilia no modo de aprendizagem das atitudes com outras pessoas, adquiridas pela instrução. Por isso, selecionamos quais atitudes nos interessam, indicando que a satisfação de uma necessidade se encontra presente quando as atitudes são transferidas.

Depois de aprendidas, as atitudes não são facilmente substituídas ou modificadas, pois se tornam aspectos integrantes da personalidade de um indivíduo, influem diretamente no estilo de seu comportamento. Em determinadas condições, porém, podem sofrer algum tipo de alteração, mesmo sem afetar sentimentos e tendências reativas. Os componentes de novas

atitudes são aprendidos de acordo com os princípios de transferência, associação e satisfação de necessidades. Caso uma pessoa entenda que é vantajoso mudar, o processo de aprendizagem pode ser facilitado. Além disso, experiências vêm mostrando que quanto mais digna de confiança e atraente é uma pessoa tanto mais haverá a probabilidade de sua mensagem exercer influência sobre as atitudes já existentes.

A variedade linguística, por exemplo, pode ser interpretada como particular a determinado grupo ou povo, do mesmo modo que as atitudes costumam ser manifestação de preferências e convenções sociais acerca do *status* e prestígio dos falantes. Normalmente, os falantes que ditam a pauta das atitudes linguísticas das comunidades de fala pertencem a grupos sociais mais prestigiosos, mais bem posicionados socioeconomicamente, por isso as atitudes costumam ser positivas quanto à língua, seu uso e as características dos falantes com maior prestígio e de posição social mais alta (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.181). Assim, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode ser uma reação às variedades usadas por ele, ou aos indivíduos usuários dessa variedade, já que normas, regras e características culturais de um grupo são transmitidas ou sedimentadas pela língua, modificada, de maneira particular, na fala de cada pessoa (AGUILERA, 2008b, p. 315).

Existe, porém, a possibilidade de que ocorram mudanças de atitudes se houver condições adequadas para aprender novos meios de sentimento e reação, por meio da associação. Sobre a questão, Askevis-Leherpeux (2001, p.90) completa:

Embora relativamente estável, uma atitude é modificável e os numerosíssimos trabalhos consagrados a esse problema mostram essencialmente que: (a) uma comunicação é tanto mais persuasiva quanto a fonte que a emite for competente, digna de fé e simpatia; (b) pode ser mais eficaz e apresentar ao mesmo tempo o pró e o contra; e (c) é preferível em situação de perigo, exhibir os recursos para enfrentá-lo que limitar-se a recorrer ao medo.

Além da influência das experiências pessoais vividas, os recursos midiáticos também podem modificar, mesmo que temporariamente, sentimentos e tendências reativas quando o interlocutor se identifica com o personagem. Algumas atitudes conseguem ser alteradas se a pressão para que isso ocorra não for muito intensa. Apesar da possibilidade de o indivíduo alterar suas atitudes, os autores lembram que as raízes estão sólidas no sistema motivacional da personalidade e que as tentativas em mudá-las serão limitadas enquanto não

se compreenderem as profundas relações entre atitudes e personalidade. Certas pesquisas, promovidas por psicólogos sociais, mostram que o ser humano busca ter atitudes coerentes, visando às relações equilibradas entre suas atitudes e conduta. As primeiras, no entanto, passam por alteração quando a relação entre ambas se faz incoerente.

Em seu estudo, Aguilera (2008a) fez uma constatação a respeito da deslealdade linguística de um informante cuiabano idoso, com ensino superior: durante a entrevista, este informante defende as variedades linguísticas locais, sobrepondo o componente afetivo em relação ao cognoscitivo e ao conativo, porém, ele mesmo, ao contrário do esperado, não produz em sua fala as variantes discriminadas e próprias do dialeto cuiabano. Como explica Bem (1970), as crenças variam entre si quanto ao grau de diferenciação, amplitude da sua base e importância para outras crenças, o que contribui para a complexidade e riqueza do nosso sistema cognitivo de crenças.

Assim, entendemos que as atitudes podem ser positivas ou negativas. Elas são influenciadas tanto pelo meio social, pelas emoções e comportamento, como também repousam em bases cognitivas e podem ser conclusões de silogismos. A partir do momento em que são aprendidas, dificilmente, as atitudes são alteradas, contudo, podemos nos ajustar, de acordo com as circunstâncias e necessidades, comportando-nos de maneira distinta do que realmente sentimos ou pensamos. Lambert e Lambert (1975) e Aguilera (2008b) concordam que a melhor maneira de medi-las seria a indireta, em que o sujeito da pesquisa não saiba que o objeto de interesse é a atitude.

Creemos ser pertinente destacar a ressalva de Bem (1970) a respeito da coerência. O autor revela que, quando se diz que um homem é coerente, não quer dizer, necessariamente, que ele seja lógico e racional, pois, entre as crenças de ordem superior diferentes pode haver incoerência mesmo que o raciocínio interno, no qual se baseia cada crença separadamente, seja coerente. Compreender as crenças e as atitudes nos levará a esclarecimentos do comportamento humano, inclusive de grupos e etnias específicos.

Subsidiados pelos teóricos anteriormente citados, entre outros estudiosos da área da Sociolinguística, acreditamos que, mesmo que as atitudes linguísticas não possam ser consideradas como fatores causais, atuam como mediadoras dos comportamentos linguísticos e constituem indicadores especialmente sensíveis do processo sociolinguístico que atua sobre a sociedade. Neste sentido, Giles, Hewstone e Ball (1973) defendem que, para uma autêntica compreensão dos problemas linguísticos específicos de uma coletividade, convém conhecer como reagem os falantes diante das variedades linguísticas faladas ou empregadas no meio.

Após a definição de crenças e atitudes, buscamos esclarecer conceitos a respeito dos componentes da atitude linguística.

2.1 A atitude linguística e seus componentes

Conforme percebemos no trabalho anterior de nossa autoria, em 2009, “Atitude Linguística de Falantes da Cidade de Londrina - PR: positiva ou negativa?”, acreditamos que, por meio da análise da postura perante a sua própria língua e a dos demais falantes, ilustrada nos relatos feitos pelos informantes e transcritos neste trabalho, será possível identificar os elementos que constituem as atitudes linguísticas dos moradores de Capanema-PR. De acordo com Askevis-Leherpeux (2001, p.90) e o item 3.1, são vários os autores que defendem que a atitude linguística é uma estrutura integrativa tridimensional, formada pelos seguintes componentes: (i) o cognoscitivo - inclui as percepções, julgamentos, saberes, as crenças e os estereótipos presentes no indivíduo; (ii) o afetivo – referente a emoções e sentimentos favoráveis ou desfavoráveis; e o (iii) conativo - comportamento ou tendência a atuar e a reagir de certa maneira com respeito ao objeto.

Para tais definições, encontramos esclarecimentos em Lambert e Lambert (1975) e Gómez-Molina (1998). O primeiro defende a composição da atitude linguística por três elementos situados no mesmo nível: o saber ou crença (cognoscitivo); a valoração (afetivo); e a conduta (conativo), ou seja, conclui que a atitude linguística do falante é coerente com suas crenças, conhecimento de mundo e afetos, o que o leva a portar-se sociolinguisticamente de forma específica. Para o segundo, o componente cognitivo é influenciado pelos conhecimentos e pré-julgamentos do falante de uma língua, os quais estão ligados a suas crenças, estereótipos, consciência linguística, entre outros, apresentando, assim, um peso bastante significativo para determinar qual será a atitude linguística do indivíduo. Quanto ao componente afetivo, este é baseado em conceitos de valor acerca das particularidades da fala – variedade dialetal, acento, etnicidade, lealdade, orgulho e sentimento de solidariedade para com o grupo linguístico a que pertence. No âmbito do componente conativo, está refletida a intenção do falante de acordo com as circunstâncias que envolvem determinado contexto; expondo o comportamento linguístico em domínios distintos: trabalho, amigos, casa. Para finalizar, recorreremos a Askevis-Leherpeux (2001, p.90) que esclarece: “é o componente

conativo que prediria melhor o comportamento do indivíduo, contanto que a atitude e a conduta digam respeito a um elemento do mundo social bem específico.”

2.2 Pesquisas sobre o tema

O estudo das crenças e atitudes linguísticas no Brasil é recente e, por isso, encontramos número reduzido de trabalhos nesta área, que comentamos a seguir.

Em 1998, Ramos publicou, após apresentação no GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste), um artigo em que trata de **Atitudes Linguísticas de Falantes da Cidade de João Pessoa**, buscando traçar “o perfil que delinea as atitudes linguísticas de falantes pessoenses” (RAMOS, 1998, p. 351) a partir de dados coletados em sessenta entrevistas realizadas pelo **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB)**, em 1993. O objetivo do inquérito era o de apurar as impressões desses informantes, homens e mulheres, de diferentes níveis de escolaridade (desde analfabetos até universitários) e faixas etárias, acerca da sua própria fala e da fala de outros brasileiros. Para tanto, as questões avaliativas de atitudes linguísticas foram realizadas em meio a outras de temas cotidianos da vida dos pessoenses, permitindo que fossem coletadas opiniões pessoais dos informantes a respeito do uso da língua enquanto usuários, sem que tivessem consciência do tema real da pesquisa.

Quanto ao reconhecimento da variação regional, a autora acredita ser ponto comum entre os falantes pessoenses o reconhecimento da existência de sotaques diferentes, tanto do ponto de vista da entonação como de fenômenos fonético-fonológicos e, ainda, no que diz respeito às diferenças no vocabulário de regiões distintas, demonstrando, assim, a consciência de falares regionais diversos.

Ao tratar da identificação com outros falantes da comunidade local, os informantes foram unânimes em se identificar com a variante linguística utilizada em João Pessoa. Ramos (1998) assevera que grande parte dos inquiridos entende a expressão “forma de falar” como sendo entonação, ritmo da fala ou como índice de características pessoais como timidez, nervosismo e acanhamento e que, certamente por este motivo, a maioria dos pesquisados revelou-se insatisfeita com a própria fala. Quando avaliado se o grau de instrução influi no uso de uma variedade padrão ou não-padrão, os inquiridos demonstram ciência de que há relação entre grau de instrução e forma de falar, apontando a escola como meio de aprimorar esta

segunda. “A escola, nesse caso, assume mais uma vez a função de transmissora do padrão imposto e prestigiado pelas elites” (RAMOS, 1998, p.352).

Baseada nesses dados e em suas análises, a pesquisadora salienta que os falantes pessoenses demonstram que, ao mesmo tempo em que se sentem insatisfeitos com as características individuais da sua fala, identificam-se com a variedade linguística local. Explica, ainda, a autora que “a noção de “correção” na fala ainda consiste, para os falantes pesquisados, na aplicação de normas gramaticais, uma vez que tal uso viabiliza a proximidade com a língua escrita culta, na qual se pauta a variedade de prestígio” (RAMOS, 1998, p. 353).

Na dissertação **Atitudes Sociolinguísticas em Cáceres - efeitos do processo migratório**, Bisinoto (2000), propôs como objetivo identificar e analisar as atitudes sociolinguísticas de falantes, nativos, com trinta anos ou mais, e migrantes, estes, moradores da cidade de Cáceres-MT há pelo menos oito anos. A autora explica que, durante as três últimas décadas, a movimentação de imigrantes ao Centro-Oeste do Brasil foi bastante impactante, tendo causado “rupturas nas estruturas físico-biológicas, políticas e culturais” (BISINOTO, 2000, p.15) o que pode ter colaborado para gerar a estigmatização da linguagem nativa daquela cidade, cooperando com seu gradativo desaparecimento.

Bisinoto (2000, p.32) afirma que seu interesse pela região surgiu de algumas particularidades linguísticas tais como (i) a indiferença à propriedade do gênero, tanto no uso de artigos quanto no uso de morfemas flexionais, com destacada predominância do uso do masculino; (ii) a troca de ditongos por vogais nasais e vice versa; (iii) a realização de fricativas [s] e [z] como africadas palatais [ts] e [dz]; (iv) a saliência fônica no timbre de vogal nasalizada, que se abre; (v) a alteração na ordem dos constituintes da frase em relação ao uso comum (“está demais de nervoso”) e (vi) a supressão de pronomes, preposições, artigos e verbos. Além disso, destaca o uso de expressões ditas de acordo com a situação e a riqueza do léxico local, constituído de vocábulos raros. Bisinoto averiguou que vários dos fenômenos observados parecem ser reflexo do passado, inclusive de dialetos preservados em Portugal. Assim, o *corpus* do trabalho foi constituído por vinte e quatro entrevistas gravadas e transcritas em área urbana de Cáceres, sendo doze os informantes nativos e doze os imigrantes, que atuam profissionalmente como professores, advogados, jornalistas, radialistas e em outras áreas não pertencentes à linguagem.

O foco principal da pesquisa foi enumerar as opiniões e avaliações dos falantes acerca dos falares cacerenses, o seu próprio e o de outro usuário e, assim, investigar uma possível estigmatização acentuada que colabora com o desaparecimento do falar característico da região. O entrevistado expressou-se por meio de impressões, opiniões, preferências e

desprestígios respondendo a uma entrevista espontânea, favorecendo uma situação de descontração e informalidade. A pesquisadora também contou com a colaboração de uma moradora de Cáceres e aluna do curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, que gravou conversas cotidianas.

Ao final da pesquisa, Bisinoto (2000) verifica que o estigma é acentuado e evidencia estereótipos da variedade linguística de Cáceres. Ressalta, ainda que, tanto o falante vindo de outras localidades quanto o nativo desprestigiam a forma linguística existente na comunidade, nutrindo o preconceito de forma bilateral e colaborando com seu desaparecimento. Bisinoto (2000) explica que o nativo internaliza o estigma manifestado pelo imigrante e o reproduz, caracterizando a auto-rejeição. A estudiosa assevera que o fator primordial para que haja preconceito linguístico por parte do imigrante acontece por se tratar de uma forma de representar superioridade em relação ao nativo, o qual, por sua vez, reage em consequência das pressões sociais e econômicas sofridas.

É lembrado outro fator decisivo no tratamento da linguagem: a escola. Conforme a pesquisadora, a instituição escolar “é preconceituosa, prescritiva e castradora quando trata com a linguagem e persegue uma pseudo-unificação da língua” (BISINOTO, 2000, p.104). Segundo ela, em Cáceres, além de dar base ao preconceito, a escola o legitima, fazendo esforço para excluir a variedade nativa, conferindo-lhe o caráter de anormalidade e erro. Por fim, conclui a existência de possibilidades e da necessidade de se desenvolverem estudos linguísticos mais amplos na região.

Em 2001, Confortín produziu um artigo sobre **Atitudes Linguísticas de Falantes Bilíngues**, em que traçou a realidade linguístico-cultural de grupos de etnias italiana, alemã e polonesa em micro comunidades localizadas no Norte do Estado do Rio Grande do Sul. Traçou os objetivos de analisar a atitude de falantes bilíngues frente às duas culturas e línguas (italiano-português, alemão-português e polonês-português) e verificar possíveis modificações de seu comportamento em seis situações linguísticas distintas que compuseram as perguntas do instrumento de coleta de dados: individual, familiar, profissional, cultural, social e pessoal emotiva. Para tanto selecionou e entrevistou cento e vinte informantes: vinte de cada etnia para cada comunidade, subdivididos em dez com mais de cinquenta anos e dez com menos. A maioria desses informantes recebeu a língua portuguesa como segunda língua, pois há

uma relação de afetividade no uso da língua materna, sobretudo nas relações familiares - comunicação entre pais-filhos, avós-netos, cônjuges: ela

caracteriza situações emocionais e relaciona-se muito ao grau de conservação da cultura. (CONFORTÍN, 2001, p. 125).

Segundo Confortín (2001), talvez este fato justifique a unanimidade entre os informantes com relação ao apreço pela língua materna, e o desejo de que os dialetos da língua materna sejam ensinados nas escolas. Confortín (2001) constatou que a variável idade é determinante na escolha da língua em situações culturais, visto que o maior apego à língua materna está entre os sujeitos de mais idade, o que não quer dizer que ela seja desprezada pelos jovens. Os bilíngues das três etnias pesquisadas revelam que a língua portuguesa é a mais utilizada nas manifestações emotivo-pessoais como nas anotações pessoais/contas já que o bilíngue não domina a língua materna em seu código escrito. Por outro lado, nas manifestações pessoais como pensar, rezar, sonhar, o percentual maior está na língua materna. Desta maneira, a autora explica que:

foi possível identificar atitudes distintas frente às duas línguas e culturas. Uma primeira atitude é a de apego à língua materna, um sentimento de orgulho por tudo o que se relaciona à etnia. Tal atitude não significa rejeição à cultura brasileira, mas reconhecimento por ela, unido ao anseio de que, paralelo à cultura adotada, sejam cultivados e preservados os valores provindos da cultura materna. Uma segunda atitude é a de adoção, sem restrições, da cultura e língua do país que adotaram e têm como pátria. Esta atitude, em vários casos, parece vir acompanhada de um sentimento de inferioridade pela cultura materna, que se manifesta em atitudes como não querer falar a língua materna, em disfarçar a própria identidade étnico-cultural. (CONFORTÍN, 2001, p. 129)

Confortín (2001) trata ainda de uma terceira atitude - observada, em especial, entre informantes jovens - que considera intermediária entre as duas já citadas. Nesta, o bilíngue procura uma situação de equilíbrio, conservando valores da cultura materna, ao mesmo tempo em que cultua a língua e cultura brasileiras. Esta atitude é justificada por forças das circunstâncias, pois, os jovens também almejam a conservação da língua e cultura de seus antepassados. Por outro lado, os jovens acreditam que utilizar a língua portuguesa pode lhes trazer maior prestígio, enquanto que, “falar qualquer dialeto é visto como algo do passado, tido por alguns como arcaico, não civilizado, ultrapassado” (CONFORTÍN, 2001, p.130), assim, há um progressivo distanciamento da tradição e da língua de origem.

A forma como os imigrantes viveram os primeiros anos no Brasil colaborou para um sentimento de inferioridade em relação à língua e à cultura que traziam de origem, pois, inicialmente, sofreram marginalização pelo desconhecimento da língua portuguesa e incompreensão de usos, costumes e tradições dos demais grupos étnicos, resultando num isolamento geográfico e étnico. Esta situação gerou atitudes distintas em relação à língua: o comportamento geral dos bilíngues é o de lealdade à língua e à cultura maternas e, de outro lado, “ os (i)migrantes sentem na língua portuguesa uma língua superior que os educou e permitiu o ingresso e a participação na vida da sociedade na qual se inseriram.” (CONFORTÍN, 2001, p.130)

Por fim, Confortín (2001) conclui que todos os entrevistados demonstraram elevado grau de interferência entre as duas línguas e, por isso, são caracterizados como bilíngues compostos. Embora sejam poucos os que escrevem seu dialeto, a autora acredita que a variante dialetal situa-se num status sócio-linguístico inferior às línguas italiana, alemã e polonesa e à língua portuguesa. A autora ressalta que, apesar de os falantes das três etnias demonstrarem crescente conscientização sobre a importância da preservação da língua e cultura das etnias de origem, os efeitos “massificadores” da urbanização são facilmente visíveis e tendem a reduzir o que é múltiplo (bilinguismo e suas culturas) a uma unidade cultural.

Para sua monografia de especialização em Língua Portuguesa, Amâncio (2004) realizou uma pesquisa sobre as atitudes linguístico-sociais manifestadas pelos moradores de três cidades limítrofes, sendo duas delas brasileiras, Barracão e Dionísio Cerqueira, situadas no Estado do Paraná e Santa Catarina, e em município argentino, Bernardo de Irigoyen. A autora explica que essas três cidades são geograficamente unidas, separadas apenas por linhas imaginárias e esses limites estabelecidos são denominados como “fronteira seca”.

Em seu estudo, Amâncio (2004) examinou a relação entre esses grupos, se havia uma relação de identidade linguística e social e, ainda, investigou se eles se reconheciam como uma mesma comunidade de fala, visto que, para estar em um local ou outro, basta atravessar a rua. Assim, se valeu da aplicação de um questionário composto por perguntas que abordavam as formas de comportamento e convívio social dos grupos citados, sobre possíveis rivalidades entre eles e suas impressões sobre o falar dos moradores das cidades vizinhas. Para tanto, entrevistou doze moradores, com idades entre vinte e quarenta anos, que tivessem completado o ensino médio, estivessem trabalhando e, além de serem nascidos na região, não tivessem saído do local por muito tempo. A autora contemplou ambos os sexos: dois homens e duas mulheres, em cada uma das três localidades.

A análise do *corpus* registrou que, embora os informantes dissessem que eram todos iguais e conviviam como se vivessem na mesma cidade, essa identidade era restrita entre os moradores das duas cidades brasileiras: Barracão e Dionísio Cerqueira. A estudiosa observou que os informantes tinham certa preocupação em demonstrar que todos conviviam bem, sem distinção entre eles, entretanto, algumas falas dos próprios entrevistados trouxeram à tona certas rivalidades e diferenças. Após este estudo, Amâncio (2007) aprofundou-se no tema, na mesma localidade, em sua dissertação de mestrado.

O questionário foi reestruturado, os objetivos foram ampliados e outros critérios foram utilizados para a seleção de informantes a fim de complementar a pesquisa anterior. Para estes últimos, foi limitada a idade entre quinze e vinte e cinco anos, estar cursando o ensino médio ou superior e ter nascido ou sempre vivido na região. Assim, a autora pôde constatar que as atitudes linguísticas e sociais de caráter negativo são mais fortes entre os brasileiros em relação aos argentinos, o que entra em contradição com a atitude dos informantes ao afirmarem que formam um grupo coeso, de que há união entre as Cidades Trigêmeas. Desta forma, concluiu que, entre as duas pesquisas realizadas, existe uma contraposição, visto que, na primeira, foi passada uma imagem de “comunidade ideal”, e na segunda, pôde constatar com maior clareza a “comunidade real”.

Bergamaschi (2006), na dissertação intitulada **Bilinguismo de dialeto italiano-português: atitudes linguísticas**, tratou das atitudes linguísticas - positivas ou negativas - do falante em relação às variedades linguísticas utilizadas por ele próprio e pelos outros em Galópolis (zona urbana) e na Comunidade de Santo Antônio na Terceira Léguas (zona rural), região de colonização italiana no Estado do Rio Grande do Sul. De acordo com Bergamaschi (2006), seu interesse em estudar as atitudes linguísticas de prestígio ou desprestígio na região surgiu porque ali foram detectadas três variedades linguísticas - português padrão, dialeto italiano e um misto de português e do dialeto italiano. Tanto a análise quantitativa como a qualitativa foram feitas a partir dos dados levantados durante pesquisas de campo.

A pesquisa de campo quantitativa por amostragem teve sua realização na Sede de Galópolis (zona urbana) e na Comunidade de Santo Antônio na Terceira Léguas (zona rural), junto a informantes de ambos os sexos - masculino e feminino - e distribuídos em três faixas etárias. Apenas três sujeitos do gênero feminino, dos vinte e quatro entrevistados, não são naturais da localidade. A escolaridade dos entrevistados está distribuída entre ensino fundamental completo e incompleto, médio completo e incompleto e superior incompleto. Dos vinte e quatro sujeitos, onze utilizam alternadamente a língua portuguesa e dialetos italianos, variando segundo a situacionalidade comunicativa, ou seja, quem é o interlocutor, o local e a

situação em si. Bergamaschi (2006) constatou que, em geral, o dialeto italiano é usado entre familiares, parentes, amigos e com pessoas da localidade. Já na presença de pessoas que não são conhecidas ou não pertencem à comunidade linguística, é utilizada a língua portuguesa.

Para a execução da pesquisa, a autora levou em conta as atitudes relativas às variedades linguísticas em questão: português padrão, dialeto italiano e português com interferências do dialeto italiano. Para tanto, Bergamaschi (2006) utilizou a técnica dos “Falsos Pares” criada por Wallace Lambert e o modelo mentalista de análise para produzir o instrumento de coleta, que, por sua vez, faz referência às reações subjetivas dos inquiridos. O instrumento de coleta de dados constituiu-se de um texto gravado nas três versões das variedades linguísticas existentes na localidade: português padrão, dialeto italiano e português com interferência do dialeto italiano, além disso, incluiu elementos indicativos de preconceito ou estigma e uma lista com dezenove afirmações. Após a audição das três versões do texto, os entrevistados são submetidos a uma lista composta de dezenove questões estruturadas e contam com as alternativas: (i) concordo plenamente, (ii) concordo, (iii) nem concordo nem discordo, (iv) discordo ou (v) discordo totalmente. Existe, ainda, a possibilidade de o sujeito não responder. O questionário conta com doze frases positivas – que expressam prestígio - e sete negativas - expressam desprestígio à variante linguística dos falantes.

Após a análise dos dados obtidos, a pesquisadora pôde averiguar que, em ambas as pesquisas - quantitativa e qualitativa-, predominaram as respostas indicando prestígio às variantes linguísticas estudadas. Bergamaschi (2006) relata que as respostas que demonstravam prestígio estavam presentes, de maneira equivalente, na fala de entrevistados tanto do sexo feminino como do sexo masculino. Outra observação relevante, feita a partir da análise da pesquisa qualitativa, foi a verificação de duas possíveis relações entre desprestígio e prestígio e os tempos verbais do passado e presente.

De todos os aspectos levantados, o mais importante, sem dúvida, é a marca temporal encontrada nas respostas dadas pelos sujeitos. O tempo verbal utilizado pelos falantes acaba por revelar a presença ou não de prestígio ou desprestígio linguístico nos depoimentos... surpreendente a distinção entre o preconceito linguístico ou o estigma ocorrido no tempo passado e a flexibilidade apresentada em relação aos mesmos nos depoimentos dos entrevistados que remetem ao tempo presente... Para os mesmos, as situações envolvendo preconceito linguístico ou estigma fazem parte das muitas lembranças do passado que o sujeito vivenciou ou ouviu dos familiares. São relatos que remetem a um período marcado por dificuldades diversas. (BERGAMASCHI, 2006, p. 137)

Em Galópolis, a pesquisadora percebeu que as variedades de dialeto italiano e de português com interferências do dialeto italiano são prestigiadas pelos moradores de igual maneira ao português padrão, ou seja, as duas variedades que outrora eram desprestigiadas passaram ser prestigiadas e são perceptíveis as atitudes positivas demonstradas pelos entrevistados.

Bergamaschi (2006) acredita que “as variedades linguísticas faladas pelos seus moradores estão sendo aceitas como um bem cultural e não como uma herança negativa” (BERGAMASCHI, 2006, p. 143). Por fim, a autora compreendeu que a valorização da fala típica da comunidade atua como forma de preservar a cultura e vivência dos imigrantes e que seu trabalho pode ser utilizado no ambiente escolar a fim de contribuir para que o sujeito passe a sentir orgulho da origem étnica e da condição sociocultural em que vive.

Em sua tese, intitulada **Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças**, Parcero (2007) abordou crenças, valores e atitudes sobre a língua de uma comunidade de afrodescendentes, denominada Fazenda Maracujá, a partir da perspectiva dos próprios moradores da fazenda e também a dos moradores da sede do município. Essa localidade está situada no Município de Conceição do Coité, região semi-árida da Bahia. Segundo a autora, a análise das atitudes foi realizada “no sentido de apreender a avaliação dos falantes a respeito de sua própria língua e da língua do outro. Nessa perspectiva se incluem as crenças e os valores, as reações emocionais e as representações sociais ativas no sujeito em seus grupos sociais.” (PARCERO, 2007, p.49).

A pesquisadora buscou, também, averiguar a existência de possíveis características de falares africanos e de vestígios de língua crioula de base portuguesa. Parcero (2007) explica que partiu do princípio de que a visão de mundo e o sistema de valores dados aos atributos do grupo abrangendo a linguagem estão fundamentados e são motivados por ideias pré-concebidas de inferioridade étnico-social, historicamente formadas. Para tanto, o *corpus* de sua pesquisa foi constituído pela aplicação de entrevistas com questões abertas, a fim de estimular o entrevistado a compartilhar suas experiências, crenças e valores, o que contribuiu com informações para subsidiar a análise e interpretação dos dados. A princípio foram selecionados vinte e quatro informantes locais, sem relacionamento regular fora da comunidade, com idades entre 19 e 78 anos. São pessoas que lidam com a roça para seu próprio sustento e o da família, apenas os mais jovens são alfabetizados, pois, inicialmente, o foco da pesquisa seria o estudo da variante linguística da comunidade Fazenda Maracujá (FM), com ênfase na sintaxe dos pronomes-complemento.

A posteriori, com a mudança de foco para uma abordagem sociolinguística, voltada para atitudes, valores e crenças sobre a língua, a autora sentiu necessidade de acrescentar outros informantes e realizar entrevistas com questões diretas com novo enfoque. Assim, dividiu os informantes em dois grupos: um “interno”, constituído de moradores da comunidade FM, e o outro “externo”, constituído de moradores da sede do município. Parcero (2007) explica que observou dentro da própria comunidade que

havia divergências de atitudes sobre a língua: as pessoas que tinham algum tipo de relação regular fora da comunidade discriminavam o modo de falar, entre outros atributos, daqueles que pouco se relacionavam fora do local e viviam numa espécie de rede social fechada. (PARCERO, 2007, p. 54)

Por isso, formou o GR2, constituído por moradores que mantêm algum tipo de relacionamento regular fora da comunidade, ou seja, fazem parte de uma rede de relação mais aberta que o GR1, informantes sem relacionamento regular fora da comunidade. Assim, GR2 é constituído de homens e mulheres, moradores da FM, com idades entre 21 e 39 anos, podendo ser alfabetizados ou semi-alfabetizados. Há ainda o GR3, constituído por seis pessoas da sede do município que mantêm algum tipo de relação com a comunidade pesquisada, com idades entre 26 e 58 anos.

Por meio da análise de dados, a pesquisadora observou que crenças e atitudes preconceituosas são materializadas na linguagem de pessoas de dentro e de fora da comunidade o que, de alguma maneira, contribui para a estigmatização da comunidade linguística de FM. Contudo, a autora acredita que não há no falar local qualquer particularidade que possa individualizá-la de outras comunidades rurais, fato constatado na própria fala dos informantes que definem a variedade como ‘o português da roça’. No âmbito da influência das línguas africanas no cotidiano da comunidade, a estudiosa afirma que o uso de palavras e expressões oriundas dos falares africanos, ao contrário do que esperava, é bastante reduzido e está bastante difundido no português brasileiro, em especial, no recôncavo baiano. No que tange à análise das atitudes e a avaliações feitas pelos informantes a respeito do uso da língua, a pesquisadora verificou a existência de

uma visão preconceituosa e estereotipada que confunde a fluência natural que cada falante tem de sua língua natural com a avaliação feita com base em um padrão idealizado, tomando-se como parâmetro a variante, enquanto

forma de expressão das classes social e economicamente prestigiada como a única reconhecidamente legítima. (PARCERO, 2007, p. 176).

Explica ainda que os usuários das demais variantes a denominam como ‘errada’ e a desvalorizam. Os nativos dali, então, são avaliados pelos de fora “por suas características físicas e sua condição de ex-escravos é transferida para a sua variante linguística.” (PARCERO, 2007, p. 176)

Em 2008, Aguilera publicou um artigo com o seguinte título: **Crenças e Atitudes Linguísticas: quem fala a língua brasileira?** A estudiosa lembra que até 2004 havia oito atlas regionais publicados e um nacional em andamento, o **Atlas Linguístico do Brasil - ALiB**. Utilizando-se da parte de enfoque metalinguístico deste último, a estudiosa produziu sua pesquisa. As perguntas metalinguísticas visam a investigar o que pensam os brasileiros sobre seu próprio falar, sobre o falar das outras pessoas de sua cidade e de outras regiões do país, além do falar utilizado em épocas distintas. Dessa forma, desenvolveu seu estudo utilizando as entrevistas das vinte e cinco capitais, tendo selecionado para este artigo a de número 1: “Como chama a língua que você/o (a) senhor(a) fala?”. Em cada uma das capitais, foram entrevistados oito informantes nascidos e radicados nas localidades pesquisadas, quatro com ensino médio e a outra metade com ensino superior. Foram contemplados ambos os sexos e duas faixas etárias, totalizando 200 entrevistados.

Em sua análise, Aguilera (2008a) constatou que a maioria absoluta (92%) acredita falar a língua portuguesa, ou por terem aprendido na escola ou por nunca terem se questionado sobre isto. Outra parte dos informantes (8%) produziu como respostas: “brasileiro” ou “língua brasileira, língua nativa, cuiabano, gíria” e ainda que não sabiam qual língua falavam. Por meio do exame dos relatos feitos pelos informantes, Aguilera observou que alguns, geralmente os mais idosos e os com menos escolaridade, tinham dúvida se falavam ou não o português. Os jovens de baixa escolaridade mantiveram atitude de neutralidade, por vezes atribuíam a outros a denominação da língua que falam, ou ainda, por se sentirem distantes da língua portuguesa vinculada à escola, duvidavam se sua fala poderia ou não ser encaixada nessa forma. Alguns encontraram dificuldade para denominar a língua utilizada.

Segundo a autora, esse titubear pode ser também devido à surpresa pela pergunta, que surge após três horas de questionamentos e mais de trezentas questões sobre a língua. Em certos momentos o informante demonstra ver o falar ideal como inatingível. Um de seus informantes, um jovem, neto de indígenas, chega a demonstrar atitude negativa em relação à fala de seus ancestrais. Nesta primeira parte, Aguilera (2008a) conclui que a

escola é um agente muito forte na propagação da língua oficial e de cultura e, conseqüentemente, na sedimentação da crença de seus usuários. Por outro lado, a ausência da escolaridade ou o pouco tempo de permanência nos bancos escolares podem gerar a indecisão e a incerteza. (AGUILERA, 2008, p.10).

Acrescenta ainda que os informantes que demonstraram incerteza ou insegurança para responder estão no grupo dos menos escolarizados. Dessa forma, a pesquisadora afirma que mais estudos como este possam “indicar a direção da mudança linguística que se processa em dada comunidade, bem como esclarecer em que medida os fatos linguísticos valorizados ou estigmatizados podem interferir nessa mudança.” (AGUILERA, 2008a, p.13)

Também no ano de 2008, Aguilera inicia o projeto **Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato**, sob a coordenação da Dr^a Aparecida Feola Sella, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, com o objetivo maior de “fomentar a integração de grupos de pesquisas voltadas para as questões de descrição e análise linguísticas do português falado no Paraná.” (AGUILERA, 2008c, p.01). O objeto de estudo deste projeto é a língua falada em áreas de contato linguístico tanto nas comunidades fronteiriças como também nas de imigração, propondo a autora a discussão das crenças que resultam em atitudes linguísticas expressas por falantes brasileiros, moradores de comunidades de imigração ou limítrofes com outros países. A pesquisa vem sendo desenvolvida a partir de dados coletados *in loco*, em seis municípios limítrofes com o Paraguai e a Argentina e dois municípios da região de Ponta Grossa e Irati.

Como já dissemos a respeito da escassez de estudos sobre o tema em regiões fronteiriças, Aguilera (2008c) informa que são poucos os trabalhos que abordam crenças e atitudes nesses locais, apesar de “o contexto de multiculturas, contatos linguísticos e de bilinguismos representar uma fonte, talvez inesgotável, para reflexões dessa natureza.” (AGUILERA, 2008c, p.02). A estudiosa registra que a região de fronteira é “palco de intenso movimento de imigração e migração, suscita a todo instante, numa realidade visível e audível, trocas linguísticas e culturais.” (AGUILERA, 2008c, p.02) e conclui que: “com a estreita vizinhança, somada ao contexto dinâmico de interação cultural há carência de trabalhos que tratem dos reflexos que os contatos linguísticos de dezenas de línguas projetam sobre o que pensam e sentem os falantes brasileiros.” (AGUILERA, 2008c, p.02).

Segundo a autora, somente no Estado do Paraná, são faladas e ouvidas em torno de uma dezena de línguas de imigração, em especial nas regiões Sul, Oeste e Sudoeste, que possuem municípios fronteiriços com o Paraguai e Argentina, assim como é o caso da cidade de Capanema, ponto linguístico do presente trabalho. Para a consecução do projeto, Aguilera (2008c) contou com a colaboração de docentes da própria UNIOESTE, da Universidade Estadual de Londrina - UEL, da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG e da Universidade Estadual de Maringá - UEM.

Outro trabalho bem recente - **Atitudes Linguísticas: variedades encenadas em foco** - foi tema da pesquisa de Plachi (2008) que apresenta avaliações e julgamentos linguísticos que os informantes fizeram em relação às variedades do português encontradas na telenovela *Chocolate com pimenta*, produzida pelo canal aberto Globo. Desta forma, seu foco está voltado para as falas dos personagens principais habitantes da zona rural e outros do núcleo urbano, com o intuito de verificar o “diálogo existente entre esse gênero televisivo e o público telespectador, por meio do julgamento que esses sujeitos fazem dessas variedades linguísticas” (PLACHI, 2008, p.95).

Para isso, selecionou um trecho da telenovela em que a variedade urbana e a rural estão presentes. A escolha justifica-se, segundo a autora, porque esse estilo de programa televisivo tende a ser bem aceito pelo público. O trecho em questão era assistido pelos informantes antes de responderem às perguntas. O roteiro da entrevista tinha como objetivos principais conhecer a consciência linguística dos informantes em relação às variedades apresentadas; conhecer a opinião geral a respeito delas, assim como também averiguar as possíveis manifestações afetivas. As sete perguntas que constituem o instrumento de coleta são indiretas e de cunho pessoal, conforme os exemplos: “a. No seu meio social você já percebeu se algum conhecido seu fala como o personagem que mora no interior: Você pode imitá-lo?” e “f. Se você pudesse escolher uma fala, qual você escolheria?”. Os entrevistados, nascidos na região Norte do Brasil, estão na faixa etária dos vinte a trinta e cinco anos; parte deles é da área de Letras, ou seja, possui noções de Linguística e outra parte não detém esse tipo de conhecimento. Para tanto, foram abordadas pessoas de ambos os sexos, que cursaram o ensino superior (Letras e Comunicação Social), o fundamental e o médio.

Em sua pesquisa, Plachi (2008) constatou que “a telenovela tende a reforçar nos sujeitos atitudes negativas das variedades estigmatizadas (dialetos caipiras ou de origem rural) e atitudes positivas em relação às variedades socialmente prestigiadas (falantes dos conglomerados urbanos).” (PLACHI, 2008, p.102). A autora relata que as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade não são fatores determinantes da atitude dos sujeitos entrevistados,

e acrescenta que todos reconheceram a existência das variedades apresentadas na telenovela, em especial, as estigmatizadas. Acrescenta que estes veem a telenovela como um reforço desses estigmas e avaliação negativa em relação às variedades estigmatizadas, ou seja, não considera as diferenças dialetais entre os falantes provenientes do núcleo urbano e os do meio rural. O humor buscado pelo autor acaba por reforçar “nos sujeitos” uma ação negativa em relação a falas estigmatizadas. Os entrevistados avaliam que

dependendo do contexto em que esse falante está inserido, a sua fala pode ser aceita ou não, socialmente. Para os sujeitos existe de fato um falar típico do interior caracterizado pela pronúncia, o que mostra que essa variedade pode marcar as diferenças sociais. Por meio do seu uso, denota-se a que classe social pertencem os falantes. (PLACHI, 2008, p.102).

De acordo com a autora, os informantes entendem que falantes das variedades estigmatizadas aparecem em cenas humorísticas, devido ao seu falar e aos estigmas sociais que esses personagens carregam, o que não ocorre com a variedade urbana. Algumas observações dos informantes explicitam que as diferenças de fala são positivas, visto que estas representam a diversidade cultural do país, contudo, acreditam que a telenovela acaba criando uma imagem pejorativa das variedades linguísticas de regiões do interior e pode influenciar na formação de conceitos e preconceitos dos telespectadores. Desta forma, Plachi (2008) afirma que a “telenovela possibilita a manutenção de avaliações negativas em relação às variedades estigmatizadas”. (PLACHI, 2008, p.103).

Em 2009, Jacumasso realizou, como dissertação de mestrado, o trabalho **Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR**, que objetivou estudar a diversidade linguística, cultural e as políticas linguísticas de uma comunidade ucraniana, localizada no município de Irati/PR. A princípio, o autor fez um levantamento sócio-histórico da comunidade rural de Itapará e averiguou em que situações são utilizadas as línguas faladas pelos moradores locais e, dessa forma, pôde observar as atitudes dos falantes em relação às línguas portuguesa e ucraniana. O pesquisador examinou, ainda, possíveis fatores relacionados à preservação da língua e, de forma particular, os vinculados à igreja. Sua pesquisa está voltada principalmente para o reflexo das línguas em contato, tanto nas atitudes como também em políticas linguísticas. Para tanto, Jacumasso (2009) coletou, por meio de entrevista e observação *in loco*, relatos de dez moradores de

Itapará que foram posteriormente analisados, levando em consideração a diversidade linguística e cultural, assim como as políticas linguísticas.

Como critérios adotados, os informantes deveriam ser nascidos em Itapará ou deveriam ter ido morar ali enquanto crianças e não poderiam ter morado em outra cidade por mais de dez anos; seus pais deveriam ser imigrantes ucranianos e/ou descendentes ucranianos e, necessariamente, os entrevistados deveriam saber falar a língua portuguesa. Além disso, foram contemplados ambos os sexos para cada uma das três faixas etárias, totalizando oito informantes: um homem e uma mulher com idades entre vinte e vinte e cinco anos; um homem e uma mulher com idades entre vinte e seis e cinquenta anos e por fim, dois homens e duas mulheres pertencentes à terceira faixa etária, que vai dos cinquenta e um anos em diante. As duas primeiras faixas etárias incluem dois informantes, um de cada sexo, apenas a última estende-se a quatro, dois de cada sexo.

O autor pôde constatar em seu estudo que a forte conservação da língua e cultura ucranianas está ligada ao ambiente familiar, que permite maior espontaneidade dos falantes e, principalmente, a aspectos religiosos, visto que os ritos religiosos são realizados, em sua maioria, em ucraniano. Ou seja, os moradores de Itapará têm uma atitude positiva em relação ao uso da língua ucraniana e preservação dessa cultura, embora o não conhecimento da língua ucraniana pelos jovens favoreça o uso do idioma português durante as celebrações religiosas. O autor explica que as atitudes dos informantes favoráveis ao uso da língua ucraniana são positivas, baseado nos relatos dos informantes que, em sua maioria, apreciam e gostam de falar nesse idioma, utilizando-o sempre que possível. Além disso, novamente reforçando a influência da religiosidade, Jacumasso (2009) explica que as rezas individuais e em grupo normalmente são realizadas em língua ucraniana, e reforça que a preservação da cultura ucraniana está nas mãos dos descendentes ucranianos.

Ao questionar os informantes se a escola local deveria oferecer a língua ucraniana como língua estrangeira, estes afirmam que sim, entretanto, segundo o autor, “a inclusão da língua ucraniana no currículo da escola de Itapará esbarra em questões políticas de implantação e valorização de línguas minoritárias. Por outro lado, este fator é somado a outro fundamental para a ausência da disciplina na escola local: a falta de professores com formação específica. Assim, sua aprendizagem fica restrita, como dito anteriormente, ao contexto familiar e às práticas religiosas.

Jacumasso (2009) afirma que a preservação da língua ucraniana, além de servir como incentivo turístico para a região, serviria a um processo de assunção de uma *nova* cidadania. Mas, ele precisa ser “o mais democrático possível, com vistas ao respeito ao

pluralismo linguístico e cultural de indivíduo e do grupo social ao qual este pertence.” (JACUMASSO, 2009; p.132).

Por fim, em paralelo ao nosso trabalho, também como subprojeto do **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato**, Poreli-Silva, desenvolvia pesquisa intitulada **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR: um estudo das relações do português com línguas em contato**, cujo objetivo foi o de analisar crenças e atitudes linguísticas dos falantes da cidade de Pranchita, localizada no sudoeste do Paraná. A pesquisadora utilizou como *corpus* entrevistas realizadas em campo, a fim de descrever as possíveis crenças e atitudes dos moradores locais a respeito da língua portuguesa e demais variedades étnicas ali presentes (italianos, alemães, poloneses e espanhóis). Além disso, a autora buscou verificar as crenças dos pranchitenses no que tange à língua espanhola, por se tratar de um município limítrofe com o país argentino. Dessa forma, avaliou a consciência linguística dos informantes e como se posicionam em relação aos vários falares com os quais mantêm contato. Conforme verificou, “Inicialmente, o comportamento linguístico dos entrevistados não demonstrou atitudes estritamente negativas em relação aos diferentes falares dentro de Pranchita” (PORELI-SILVA, 2011, p.100). Por fim, identificou as seguintes atitudes: “a) apreço pela língua dos ancestrais, sentimento de pertencimento relacionado à etnia, sem que, com isso, haja rejeição aos costumes e a língua brasileira; b) atitude de aceitação, sem maiores restrições à língua e à cultura do Brasil; c) atitude de “tentativa” de manter os valores e as línguas dos antepassados; e d) atitudes muito positivas em relação ao país vizinho, Argentina, e ao seu idioma.” (PORELI-SILVA, 2011, p. 101). Outro dado relevante em sua pesquisa e igualmente verificada no presente trabalho, foi a constatação de crenças negativas relacionadas ao idioma alemão:

“(…) verificam-se crenças negativas relacionadas ao idioma alemão dentro da localidade, pois os informantes relatam dificuldades em interagir com os alemães uma vez que são reservados e a língua alemã é de difícil compreensão. Os dados apontaram que o alemão é tido como alguém que fala pior (30%) e como a língua mais feia (33%).” (PORELI-SILVA, 2011, p.102)

Após tratarmos da importância dos estudos já existentes, delineamos alguns aspectos históricos de Capanema no capítulo 4.

3 SOBRE O MUNICÍPIO DE CAPANEMA-PR



Figura 2 - Brasão de Capanema

Fonte: Site da cidade de Capanema. Endereço eletrônico:
<http://www.capanema.pr.gov.br/index.php>

Localizada na região sudoeste do Paraná, limita-se com os Municípios de Medianeira, Matelândia, Céu Azul, Capitão Leônidas Marques, Realeza, Planalto e também com a República Argentina. Localizada a uma latitude de 25°40'19" sul e a longitude 53°48'32" oeste, Capanema possui uma área territorial de 419 km² e população de 18.229 habitantes, segundo dados do IBGE de 2000. Seus principais acidentes geográficos são os rios Capanema e Iguazu e o salto do Faraday.

De acordo com Ferreira (1996, p.219), no final do século XIX, o município passou a ser bastante movimentado, pois foi quando se iniciaram as atividades argentinas na região fronteira à procura de erva mate para o mercado platino. Como nessa época ali não viviam brasileiros, os argentinos se sentiam livres para ir e vir à procura de locais com maior concentração da erva. Não obstante, Capanema permaneceu sob o domínio de nossos vizinhos por muitos anos e foi somente com a queda comercial do mate e a implantação de alguns postos de fiscalização, que a situação começou a mudar.

A partir daí, a região foi desbravada por bandeirantes que deram início ao povoamento do território da faixa da fronteira, penetrando a mata virgem para explorar a selva e criar núcleos populacionais. Pela forma como o território foi ocupado, surgiram inúmeros conflitos, visto que a ocupação das terras foi realizada sem maiores preocupações com a legitimidade de sua posse. Desta maneira, as companhias de colonização iniciaram uma desenfreada venda de terras dando origem a superposições de títulos com posse efetiva de

posseiros, gerando os intensos conflitos que se intensificaram em 1957, ano em que houve a revolta geral no Sudoeste Paranaense.

Tal situação fez com que GETSOP - Grupo Executivo para as Terras do Sudoeste do Paraná - interviesse com o intuito de resolver os conflitos, legitimando a posse de terras em uma área que abrange parte dos municípios de Capanema, Pérola do Oeste, Santo Antônio, Barracão, Francisco Beltrão, Dois Vizinhos, Planalto e totalmente os de Ampére, Realeza e Verê. Os títulos anteriores, que se apresentavam de alguma forma duvidosos, foram cancelados, e o GETSOP fez a transmissão dos títulos aos posseiros. A intervenção do Grupo conseguiu amenizar a situação em grande parte da região Sudoeste e, tempo depois, o governo declara zona prioritária para fins de reforma agrária; tendo o INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - solucionado a problemática da posse de terras e de sua respectiva titulação.

Paulatinamente, motivados pela fertilidade da terra, foram surgindo alguns aglomerados humanos. Durante 1950, surgiram as primeiras correntes migratórias predominantes de origem alemã e italiana, vindas do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Outros fatores que contribuíram com seu povoamento foram o dinamismo dos seus idealizadores e a abertura de novas vias de comunicação e transporte. Seu fundador, o pioneiro Octávio Francisco de Mattos, depois de haver exercido funções públicas em outros Municípios, inclusive a de Prefeito Municipal de Clevelândia, decidiu-se mudar com a família para uma localidade denominada “Pérola do Oeste”, com o propósito de fundar uma promissora cidade. Sem chegar a ser distrito, a localidade foi elevada à categoria de município em 1951 pela Lei Estadual nº 790, de 14 de novembro de 1951 e com o território desmembrado do município de Clevelândia, foi criado o município de Capanema.

Durante esse processo, Mattos não mediu esforços e, em 14 de setembro de 1952, Capanema tornou-se oficialmente uma próspera cidade e Mattos seu prefeito. A partir daquele ano, o desenvolvimento do município foi bastante acentuado: rodovias foram abertas em todas as direções, foi construída uma usina termoelétrica e escolas foram criadas. A denominação do município constitui homenagem ao eminente geólogo e geógrafo brasileiro, Guilherme Schuch, o Barão de Capanema, por ter ajudado no conflito entre Brasil e Argentina, quando disputavam terras da região de Palmas. Além disso, foi o organizador e primeiro diretor dos telégrafos no Brasil.

O município e seus principais limites geográficos vêm representados no mapa abaixo:



Figura 3 - Mapa com a localização do município de Capanema

Fonte: Wikimedia. Endereço eletrônico:

http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parana_MesoMicroMunicip.svg

Por ser situada na Zona de Iguaçu, apresenta um clima temperado, segundo Ferreira (1959, p. 95), no inverno é fresco e no verão, quente. Estando localizada na faixa da fronteira Brasil/Argentina, o autor acreditava que obrigatoriamente seria um ponto das comunicações da região extremo-oeste do Paraná com os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com quem já mantinha grandes transações comerciais em 1959.

Por outro lado, o fechamento da Estrada do Colono, em 1986, foi um fato que mudou consideravelmente a história do Município. Essa estrada, que liga a cidade de Capanema a Serranópolis do Iguaçu, possui a extensão de 17,6 km e existia antes mesmo da criação do parque que atravessa: Parque Nacional do Iguaçu, considerado atualmente, a maior reserva florestal do sul do Brasil, com inauguração em 1939. Conforme Luciano Dallo, estudioso da história local, em 1924, quando ainda era uma trilha primitiva, a estrada serviu de passagem para a Coluna Prestes, transformando-a em Estrada do Colono. Era por ali que passavam levas de colonizadores oriundos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ou seja, funcionava como um agente facilitador da ocupação do Oeste. Seu fechamento se deveu à necessidade, exposta por ambientalistas ao IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente - e a órgãos internacionais de proteção à natureza, de preservação do ecossistema do Parque, ameaçado pela estrada que o cortava.

De acordo com relatos de moradores locais, a estrada deve ser reaberta porque, além de se tratar de uma ligação histórica e cultural entre os povos, possui importância econômica que reflete diretamente na qualidade de vida da população. O fechamento da Estrada do Colono distanciou famílias que costumavam se visitar com frequência e as perdas

econômicas foram significativas, gerando desemprego e pobreza. Representa, segundo os especialistas, um caminho indispensável para a sobrevivência de municípios que mantinham transações comerciais entre si, tais como Medianeira, Serranópolis do Sul e Capanema, comercializando, em meio aos principais produtos agrícolas, soja, milho, trigo, a criação de gado suíno.

Vê-se, na figura 4, em pontilhado amarelo, a imagem da Estrada do Colono e, em preto, o percurso obrigatório para quem deseja sair de Capanema e ir até o outro lado do Parque Nacional do Iguaçu.



Figura 4 - Mapa da Estrada do Colono

Fonte: Bate Byte. Endereço eletrônico:

<http://www.batebyte.pr.gov.br/arquivos/Image/edicao116/estagiario1.jpg>

Para Ostrovski (2002, p. 110), “preocupam-se, os ambientalistas, muito mais com a preservação do Parque Nacional do Iguaçu do que com a manutenção dos padrões socioeconômico e cultural desta população.”

O fechamento da Estrada do Colono em 1981, provocou revolta na população local, pois, como já dito, era “considerada parte de sua história, influenciando economicamente e socialmente no desenvolvimento local.” (OSTROVSKI, 2002, p.111) A partir desta data, iniciaram-se sucessivas “lutas” e conflitos para a reabertura, tais como a manifestação de 1997, com mais de quarenta mil agricultores de Capanema e Serranópolis do Iguaçu.

Por vezes a estrada chegou a ser reaberta, contudo, era sempre fechada novamente com a justificativa da realização do Plano de Manejo do Parque Nacional do Iguaçu pelo IBAMA. Depois de muitos anos, desde o fechamento da Estrada, o Plano de Manejo foi concretizado, todavia, para a tristeza e indignação dos moradores, a estrada permanece

fechada. Vale lembrar que, com o fechamento da Estrada do Colono, a Cidade de Capanema teve sua população reduzida quase pela metade e os imigrantes perderam o entusiasmo de povoar aquela terra. Os habitantes locais continuam empenhados em sua reabertura.

Este Município há anos dedica-se à produção de derivados da cana de açúcar, especialmente o açúcar mascavo e o melado, além de doces caseiros e bolachas. Assim, de dois em dois anos, Capanema promove a Feira do Melado, realizando, em 2010, sua 16ª edição. De acordo com o coordenador da feira, João Szimanski, os produtos comercializados na Feira têm origem em vinte e duas agroindústrias, que lançaram a marca “Natural do Campo”. A cidade também se destaca pelo comércio de inúmeros produtos orgânicos para outros países, tendo se tornado uma grande exportadora.

Somando-se à posição geográfica, incluindo sua fronteira com Andresito (Argentina) e contato comercial com outros países, Capanema recebeu correntes imigratórias de origem alemã e italiana, vindas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, o que motiva, como já mencionamos, o interesse de nossa pesquisa por esta região. Ali, buscamos conhecer e compreender como seus habitantes, nativos ou moradores há pelo menos vinte anos, lidam com a multiplicidade linguística, se estes a veem de forma prestigiosa ou desprestigiosa e quais fatores motivacionais influenciam na escolha de uma ou outra posição (positiva ou negativa, respectivamente) frente aos moradores imigrantes.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento do estudo da relação do português com as línguas em contato, com enfoque nas crenças e atitudes linguísticas dos habitantes da cidade de Capanema, baseamo-nos nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Dialetoлогия Pluridimensional, segundo os quais a pesquisa deve abranger variáveis sociais adequadas aos propósitos da pesquisa. Dessa forma, foram entrevistados dezoito informantes daquela cidade, contemplando ambos os sexos e três faixas etárias: jovem, adulta e idosa, além de três níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior.

Após a elaboração do questionário⁶ – instrumento de coleta de dados - as entrevistas foram feitas *in loco*, gravadas em *mini discs* e gravador digital (*MP3*), transcritas e revisadas. Para tanto, com o intuito de executar essa parte da pesquisa, trabalhamos em conjunto com a equipe do projeto **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato** (2008), o qual determinou os critérios para seleção de informantes, assim como o instrumento de coleta de dados que seria utilizado.

Com o início do levantamento de dados para posterior análise, verificamos problemas na gravação da entrevista de dois informantes, o de número 2 e o de número 11, que impediam a devida transcrição e o aproveitamento desses dados, portanto, retornamos à localidade a fim de refazê-las e coletar maiores informações a respeito da cidade de Capanema-PR junto aos moradores locais.

Optamos por uma análise descritiva dos dados, comentando os pontos que julgamos relevantes, exemplificados por excertos das falas dos informantes, a fim de ilustrar e subsidiar as discussões.

⁶ – O instrumento de coleta de dados foi baseado no utilizado por Bergamaschi (2006) em sua dissertação de mestrado e já havia sido determinado pelo projeto **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato** (2008).

4.1 Perfil dos informantes

A sociolinguista Silva-Corvalán (1989) explica que a escolha e seleção de informantes está intimamente ligada aos objetivos do estudo, assim como também à hipótese inicial. Assim sendo,

A população do estudo deve ser selecionada seguindo um método que assegure uma amostra representativa, o que se pode conseguir fazendo uso das técnicas de amostragem desenvolvidas para as ciências sociais. (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 17) (tradução nossa)⁷

A seleção de informantes não se dá, pois, de forma aleatória, devem ser seguidos os critérios de seleção respeitando certos fatores extralinguísticos tais como “la edad, sexo, educación, clase social, lugar de origen, etnia, etc.” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p.18). O universo dos informantes, portanto, constituiu-se da seguinte forma:

Nº	Sexo	F. Etária	Escolaridade	Nº	Sexo	F. Etária	Escolaridade
1	H	18-30	Fundamental	10	M	35-55	Médio
2	M	18-30	Fundamental	11	H	60-75	Médio
3	H	35-55	Fundamental	12	M	60-75	Médio
4	M	35-55	Fundamental	13	H	18-30	Superior
5	H	60-75	Fundamental	14	M	18-30	Superior
6	M	60-75	Fundamental	15	H	31-50	Superior
7	H	18-30	Médio	16	M	31-50	Superior
8	M	18-30	Médio	17	H	60-75	Superior
9	H	35-55	Médio	18	M	60-75	Superior

Quadro 1 - Número de informantes e variáveis sociais

⁷ La población del estudio debe seleccionarse siguiendo un método que asegure una muestra representativa, la que se puede lograr haciendo uso de las técnicas de muestreo desarrolladas para las ciencias sociales. (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 17)

Esses critérios são a maneira que encontramos de abranger uma diversidade maior de respostas, que podem ser influenciadas de acordo com a faixa etária, sexo e posição sócio-econômica do informante. De acordo com Silva-Corvalán (1989, p. 19), a inclusão dessas categorias sociais costuma oferecer ao pesquisador a vantagem de poder identificar em que ponto existem as barreiras sociolinguísticas mais notáveis. Além das exigências acima, os informantes, assim como seus pais, preferencialmente, deveriam ser naturais da comunidade linguística ou residentes na localidade por no mínimo 20 anos, o que parece ser indispensável para todo e qualquer estudo de natureza sociolinguística.

Realizamos as entrevistas, seguindo um roteiro de inquéritos, com o objetivo de somar informações a respeito da forma de convivência entre os brasileiros nativos da comunidade linguística estudada, argentinos provenientes da cidade de fronteira, Andresito, paraguaios, alemães, italianos, imigrantes moradores da cidade de Capanema. Essas informações possibilitam a observação das crenças e atitudes linguísticas, ainda que implícitas, manifestadas com relação aos grupos e seus falares.

4.2 Sobre o questionário

Para a realização dos inquéritos, consta do Projeto **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato** um questionário⁸ constituído por duas categorias de perguntas, uma que envolve formas de convivência e lazer e outra com questões metalinguísticas.

4.2.1 Questões com enfoque nas formas de convivência e lazer

Esta primeira categoria traz questionamentos tais como “Você tem amigos argentinos, (paraguaios, alemães, e italianos)? Como começou esta amizade?” ou “Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?”, a partir dos quais buscamos

⁸ O Questionário foi baseado na Dissertação de Mestrado de Bergamaschi (2006).

verificar se os capanemenses e imigrantes vivem de forma amigável, realizam troca cultural e vivência social de maneira pacífica ou se há algum tipo de divisão entre eles.

4.2.2 Questões de enfoque metalinguístico

Dentro desta segunda categoria, há perguntas como “Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos?” ou “Se você pudesse proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Capanema?”, servem de pretexto para observarmos as atitudes linguísticas manifestadas pelos informantes.

O instrumento utilizado na coleta de dados consta dos anexos deste trabalho.

4.2.3 Disposição das questões

A conexão existente entre algumas questões e a forma com que a entrevista foi conduzida, aproximando-se de um bate papo, permitiu que várias destas fossem discutidas em conjunto, condensando as informações cedidas pelos entrevistados. Portanto, as questões que possuem temas similares foram divididas em cinco blocos, distribuídos da seguinte maneira:

4.2.3.1 Idiomas e a convivência familiar (questões de 1-4)

Este primeiro bloco de perguntas é dedicado a questões que envolvem o tema convivência familiar, tanto com os pais assim como também com os avós e a língua utilizada

pelos familiares dos entrevistados durante sua infância. Além disso, buscamos averiguar qual idioma é empregado pelos capanemenses na atualidade.

4.2.3.2 Línguas de contato (questões de 5-12)

Este subitem visa a enumerar os idiomas com os quais os capanemenses convivem em sua comunidade de fala, a percepção e conhecimento que possuem no âmbito das diferenças existentes entre eles e, além disso, verifica o julgamento dos entrevistados em relação a quem fala pior ou melhor.

4.2.3.3 Idiomas de contato e comportamento linguístico (questões de 13-22)

As questões, que constituem o subitem 6.3, oferecem subsídios para verificar os locais em que esses idiomas são mais facilmente observados, qual a reação de seus falantes à aproximação de um capanemense e se este, por sua vez, os vê de maneira positiva ou negativa.

4.2.3.4 A relevância dos idiomas de contato (questões de 23-26)

Neste tópico visamos desvendar qual o grau de relevância dos idiomas existentes em Capanema para seus habitantes nativos e/ou moradores há mais de 20 anos naquela região. As questões que constituem este bloco permitem conhecer também o interesse dos entrevistados pela aprendizagem desses idiomas.

4.2.3.5 Idiomas de contato e a convivência nos relacionamentos afetivo, de amizade e profissional (questões de 27-45)

Por meio dessas questões é possível analisar a postura - positiva ou negativa - dos entrevistados no que diz respeito aos diversos tipos de relacionamento que podem existir entre os capanemenses e os falantes de outros idiomas, se valorizam, ou não, o outro quando questionados sobre relacionamentos de amizade, afetivo e profissional

4.2.3.6 Idiomas de contato e a opinião dos capanemenses entrevistados (questão 26)

Nesta última questão, buscamos explorar as opiniões pessoais dos capanemenses entrevistados, dando-lhes a oportunidade de comentar livremente a respeito da diversidade linguística com que convivem.

4.3 Recolha e tratamento dos dados

De posse do questionário, partimos para o próximo passo, a realização das entrevistas propriamente ditas. Essas entrevistas foram realizadas em parceria com a equipe do projeto **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato** na cidade de Capanema-PR.

As gravações foram feitas em *mini disc* e *gravador digital*. Este último foi utilizado na maioria das vezes, devido à facilidade de uso e à sua praticidade, pois não exige um terceiro componente como no caso do *mini disc* que necessita do MD. É importante salientar que o gravador digital exige maior atenção por parte do documentador, quando se faz necessário deletar algum arquivo de áudio, pois um único comando errado pode comprometer e até excluir totalmente outras gravações.

Terminadas as entrevistas, elas foram transferidas para o computador, em formato MP3, a fim de que seus dados fossem armazenados e posteriormente transcritos.

4.3.1 Transcrição dos dados

Para ouvir as entrevistas já gravadas em arquivos de áudio MP3, no computador, utilizamos o programa Winamp, que possui atalhos de comandos no teclado, o que garante maior agilidade na transcrição.

Na transcrição grafemática das entrevistas, seguimos a metodologia utilizada pelo ALiB - Projeto Atlas Linguístico do Brasil - assim sendo:

- Fonte Times New Roman, tamanho 12;
- Pausas marcadas por reticências;
- Parênteses para marcar trechos em que há dúvidas sobre o que o informante realmente fala;
- Parênteses duplos para marcar comentários feitos pelo transcritor;
- A abreviação (inint.) quando o que o informante diz é ininteligível.

Por não focarmos neste trabalho a análise fonética, não representamos grafematicamente fatos fonéticos como o apagamento das consoantes finais em verbos no infinitivo (morá, vivê), o alçamento das vogais “o” para “u” e “e” para “i” em final de sílaba, entre outros.

Após serem transcritas, as entrevistas foram devidamente revisadas e se encontram anexadas no final deste trabalho.

4.3.2 Levantamento e tabulação dos dados

Realizadas as revisões, procedemos ao levantamento e tabulação de dados, para posterior análise. Com todos os dados já transcritos e revisados, foi necessário organizá-los de modo a facilitar sua visualização para análise. Para isso, criamos tabelas, nas quais os dados foram registrados e categorizados de acordo com o informante, com a parte do questionário a que correspondem.

4.3.3 Elaboração de gráficos percentuais

A tabulação de dados permite um acesso rápido e prático aos dados levantados, possibilitando a elaboração de gráficos percentuais que contribuem sobremaneira para uma análise e descrição mais precisas. Para tanto, fizemos gráficos em colunas usando o programa Excel. É relevante salientar que os cálculos percentuais são aproximados, pois reduzimos as casas decimais, com o intuito de trabalhar com números inteiros e uma casa decimal.

4.3.4 Análise e descrição dos dados obtidos de acordo com a fundamentação teórica

Feito o levantamento e a tabulação dos dados, seguidos dos respectivos gráficos percentuais, efetuamos a análise e descrição dos dados, subsidiados por teóricos da área, tais como Lambert e Lambert (1975), Moreno Fernández (1998), López Morales (1993), entre outros. Lembramos que nossas análises numéricas e percentuais foram realizadas em cima do número de respostas e não sobre o número de informantes, assim, caso um entrevistado tenha produzido mais que uma resposta, esta foi igualmente computada com as demais.

4.4 Discussão e redação das considerações finais à luz do referencial teórico

Foram realizadas de acordo com a análise e descrição de dados, subsidiadas pelo referencial teórico levantado durante a pesquisa, assim como é possível verificar no capítulo 3.

O capítulo 5 traz a descrição e a análise dos dados.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Realizamos a análise descritiva dos dados, comentando os pontos relevantes, exemplificando-os com excertos das falas dos informantes, a fim de ilustrar e subsidiar as discussões sobre as crenças e atitudes linguísticas dos capanemenses, à luz dos princípios teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional e da Sociolinguística. Além dos excertos, utilizamos tabelas com as respostas dadas pelo entrevistado, identificando-o pelo número correspondente. Seguem-se os resultados percentuais em gráficos de colunas.

5.1 Idiomas e a convivência familiar

Neste primeiro bloco, reunimos as questões de 1 a 4 que versam sobre a convivência familiar.

5.1.1 Que língua você fala?

A primeira questão busca verificar a consciência linguística do falante com relação à língua utilizada por ele. A língua portuguesa teve quatro denominações e, além dela, foram citados outros cinco idiomas que fazem parte do cotidiano dos capanemenses, conforme demonstra o Quadro 2.

INF	Brasileiro(a)	Português(a)	Inglês	Alemão	Espanhol	Polonês	Italiano
1	x	x					
2	x	x					
3	x						
4		x		x			
5		x		x			
6	x						
7		x	x				
8		x	x				
9	x				x		
10		x					
11		x			x		x
12	x					x	
13	x						
14		x	x				
15	x				x		
16	x						x
17	x	x					
18	x						
Total	11	10	3	2	3	1	2

Quadro 2 - Respostas dadas à questão: que língua você fala?

No Quadro 2, constatamos que, das trinta e duas respostas, onze apontam a língua falada como “brasileira” ou “brasileiro”, entre eles, o informante 1, que produziu como segunda resposta “português”. Contudo, este fato ocorre apenas após a repetição da pergunta pelo inquiridor. Outros entrevistados que igualmente responderam “brasileira (o)” foram: os informantes 2, 3 e 6 e todos possuem Ensino Fundamental, sendo jovens os de número 1 e 2, da segunda faixa etária o entrevistado de número 3 e da terceira faixa a idosa de número 6. A resposta “brasileiro/brasileira”, distribui-se igualmente na fala de pessoas de ambos os sexos com grau de Ensino Fundamental.

INQ.- Mesmo sendo do Rio Grande do Sul eles só falam português?

INF.- Só. Só português.(Inf.1)

O informante 17 também faz referência primeiramente ao português e cita a brasileira, parecendo querer corrigir a resposta quando o inquiridor repete a pergunta:

INQ.- Que língua você fala?

INF.- É só português mesmo né.

INQ.- Só português?

INF.- Brasileira.

É interessante lembrar que, para esta denominação de maior frequência, “brasileiro/brasileira”, temos cinco informantes com o Ensino Superior (13, 15 a 18); dois

com o Ensino Médio (9 e 12) e quatro com o Fundamental (1, 2, 3 e 6), ou seja, há significativa representação na fala de pessoas com maior grau de escolaridade, independentemente do sexo. É possível que o uso desta nomenclatura seja motivado pela posição geográfica da cidade de Capanema, ou seja, é limítrofe com a Argentina, país em que o Espanhol é a língua materna, assim, os capanemenses nomeiam a língua que falam como “brasileira”, a fim de demonstrar/reforçar os limites culturais existentes entre as duas nações.

A segunda resposta mais significativa “português/portuguesa”, com dez registros, teve a seguinte distribuição entre os informantes: com Ensino Fundamental: 1, 2, 4 e 5; com Ensino Médio: 7, 8 e 10 e dois com Ensino Superior inf.14 e inf.17. Fica claro que esta denominação está presente na fala de informantes de todos os níveis de escolaridade, distribuindo-se por ambos os sexos, embora seja mais significativa entre jovens de 18 a 30, que a citam por cinco vezes, o que equivale à metade das respostas que indicam “português/portuguesa” como sendo a língua falada na localidade.

Alguns informantes citaram outros idiomas de que também têm conhecimento: inglês - informantes 7, 8 e 14; espanhol - informantes 9, 11 e 15; alemão - informantes 4 e 5, ambos com Fundamental; italiano - informantes 11 e 16 e, por fim, polonês - informante 12. A aprendizagem do idioma inglês está restrita ao ensino escolar; o conhecimento do espanhol é justificado pela localização da cidade e pelo convívio com hispanofalantes da fronteira, enquanto a ciência do alemão, italiano e polonês é motivada pela origem dos antepassados.

Com o intuito de ilustrar as denominações da língua portuguesa falada no Brasil citadas, recorreremos ao gráfico de pizza, que, pelo número de dados e valores próximos das porcentagens, permite uma visualização mais clara.

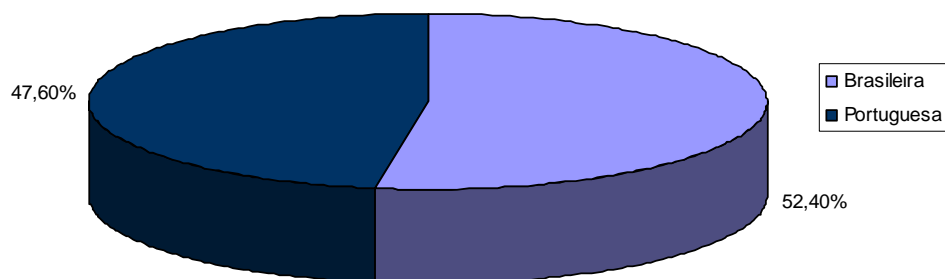


Gráfico 1 - Denominações para o Português falado em Capanema.

Conforme é possível observar, dentre as denominações enumeradas por nossos informantes, houve uma variação entre 52,40% para brasileiro(a), com onze ocorrências e

47,60% para “português” ou língua portuguesa”. Já em Aguilera (2008a, p.107), a autora revela que a grande maioria dos falantes das capitais acredita falar o Português ou a Língua Portuguesa, porém,

8% deles inicialmente assumiram como a denominação mais apropriada para a língua que falam ou o brasileiro/a língua brasileira; ou o cuiabanês; ou a língua nativa. Verificamos, da mesma forma, que quase todos, ao serem questionados pela segunda vez, prontamente retificaram a resposta anterior, retomando a denominação oficial – português/língua portuguesa. (AGUILERA,2008a, p.107)

Constatamos que, quando a resposta é “brasileira”, o inquirido está fazendo uma concordância com língua, o que não ocorre quando responde “brasileiro”; o mesmo acontece quando a resposta é “português” e não “portuguesa”. Ilustramos abaixo com excertos da fala dos informantes 1 e 2 em que aparecem “brasileira” e “brasileiro”, respectivamente.

INQ.- Que língua que você fala?

INF.- Hum... brasileira.(Inf.1)

INF.- Não sei, porque eu sei... porque quando a mãe do meu cunhado começa a conversar alemão, se a gente chega, ela para, então ela não conversa mais, ela fala em brasileiro daí.(Inf.2)

A informante 4 reforça a resposta repetindo “língua” e fazendo a concordância:

INQ.- Que língua que você fala?

INF.- Eu falo alemão e língua portuguesa.(Inf.4)

A indicação de outros idiomas, exceto o português, será esclarecida nas questões, que tratam da convivência com pais e sobretudo avós, muitos dos quais são imigrantes.

5.1.2 Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?

Este e os questionamentos seguintes referem-se ao convívio familiar do entrevistado e verifica neste tipo de ambiente, em especial na infância, se houve contato com outros idiomas além do português.

INF	Português	Alemão	Italiano
1	x		
2	x		
3	x		
4		x	
5		x	
6	x		
7	x		
8		x	
9	x		
10	x		
11			x
12	x		
13	x		
14	x		
15	x		
16	x		x
17	x		
18	x	x	
Total	14	4	2

Quadro 3 - Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?

O Quadro 3 mostra que a grande maioria dos informantes, durante a infância, utilizava a língua portuguesa para se comunicar com os pais. São os falantes da segunda e terceira faixas etárias os que tiveram contato, em maior número de ocorrência, com o alemão (informantes 4, 5, 8 e 18) e com o italiano (informantes 11 e 16), com exceção da informante 8, que está entre os jovens.

No que diz respeito à língua alemã, três mulheres relatam que a utilizavam com seus pais quando crianças, cada uma delas pertencente a diferentes faixas etárias e graus de escolaridade. Já o homem cursou o fundamental e pertence à terceira faixa etária.

Durante a infância, na residência dos informantes 4 e 5, todas as conversas eram realizadas em alemão; já entre os familiares da informante 18 eram utilizados os dois idiomas: português e alemão. A informante 8 esclarece que, quando jovem, tinha mais contato com o idioma alemão, contudo, os pais ainda preferiam comunicar-se com os filhos na língua portuguesa. Depois que saiu de casa, por não conviver frequentemente com os familiares, acabou por se distanciar do idioma.

INQ.- Quando você era criança, em que língua os seus pais falavam com você?

INF.- Falavam português, são descendentes de alemão assim né, só que depois que saí de casa né, não é mais aquele contato assim com os pais né, com os avós, daí a gente num, num aprendeu assim a falar a língua, mas eles falam assim uma, dificilmente assim, com a gente. Mas era bem... (Inf.8)

A informante 3, de ascendência alemã, relata que seus pais e avós conversavam em alemão entre eles, todavia a cultura de preservação do idioma de origem não foi passada para os filhos.

Os inquiridos que conversavam em italiano com os pais, durante a infância, pertencem a graus de escolaridade distintos, enquadrando-se os dois homens na terceira faixa etária e a mulher na segunda. O informante 11 conta que conviveu, inclusive, com os avós e bisavós e que com todos era utilizada a língua italiana para estabelecer a comunicação.

INF.- Bom, aí é o seguinte: a gente falava muito o italiano, o dialeto italiano até então que a gente morava em Concórdia, que lá predomina a raça italiana, de origem italiana, que os (inint.) meus avó, meus bisavó tudo era da Itália, né, então a gente falava muito o dialeto italiano, mas a partir do momento que nós si mudamos pro sertão do Paraná, que o sudoeste do Paraná, aqui nem chamava de sudoeste, falavam “na região de Baracón da Argentina”, falavam “Baracón da Argentina”, que Barracão é uma cidade fronteira com a Argentina e Santa Catarina e então a gente começou a falar muito a língua caipira portuguesa assim que era meio o caipirão, porque não havia muitos estudados então falava assim “não é memo”, né mesmo, cê entende?(Inf.11)

Este informante esclarece que a língua utilizada entre os familiares era na verdade um dialeto italiano e que somente depois que se mudaram pra Capanema é que passaram a usar o idioma português. O informante 11 demonstra sua consciência da variedade linguística existente no Brasil ao contar a respeito do português “caipira” falado por ele e pelos fronteirços da Argentina e Estado de Santa Catarina. Segundo Morales (1993, p.235), a crença de que sua variedade linguística não é prestigiada pode induzir à recusa, afetando a atuação linguística do falante, levando-o a produzir estilos mais cuidadosos, nos quais sua consciência linguística participa ativamente.⁹ A entrevistada 16, por sua vez, se comunicava em italiano e em português com seus pais. A informante 6 relata que teve contato com o italiano enquanto pais e avós eram vivos, mas que o idioma não foi fixado junto às gerações mais novas.

INF.- Olha, tinha contato com italiano, até quando os meus pai eram vivo, os avó né, mas a gente não conseguia aprender falar né.

INQ.- É difícil?

INF.- É difícil, só que eles falavam muito pouco em casa, falavam entre eles né, mas a gente já sempre foi o português né, o brasileiro mesmo. (Inf.6)

⁹ ...se suele producir una actitud negativa hacia él, se suele rechazar. Que tal rechazo afecta a la actuación lingüística del hablante es un hecho, sobre todo cuando produce estilos cuidadosos en los que participa muy activamente su conciencia lingüística. (MORALES,1993, p.235)

A informante explica que, quando seus pais e avós estavam juntos, conversavam entre eles apenas em italiano, mas em casa, com os filhos, era utilizada a língua portuguesa. Apenas uma mulher com 65 anos (Inf.12) contou que seu pai, com os familiares de mais idade, se comunicava utilizando o polonês e que devido à origem da mãe, brasileira, em casa era empregado o português.

Verifiquemos esses dados em números percentuais:

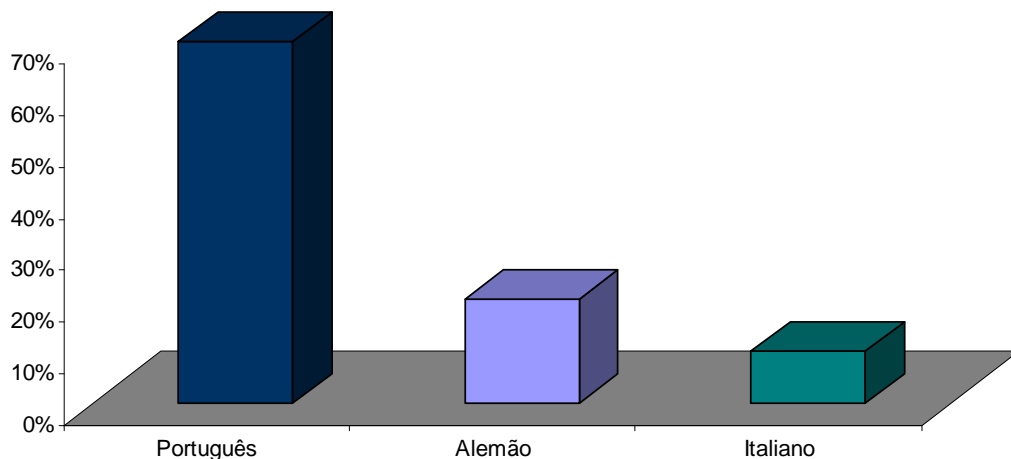


Gráfico 2 - Quando criança, em que língua seus pais falavam com você?

Desta forma, 70% das respostas indicam que a maior parte do tempo esses informantes falavam em português com seus pais, enquanto 20% utilizavam o alemão e outros 10% o italiano. Essas informações deixam claro que entre a segunda e terceira gerações, por falta de interesse ou oportunidade, houve o distanciamento da cultura de sua origem familiar. O que entra em consonância com Borstel (2003), que se baseia no fato de as comunidades compostas por imigrantes possuírem um número bastante reduzido de usuários da língua materna herdada pelos ascendentes estrangeiros, para afirmar que, nos dias atuais, tais comunidades têm enfrentado um processo de perda linguística e cultural.

Na sequência, verificamos se, de alguma forma, houve incentivo da primeira geração em relação à segunda para que fosse perpetuado o idioma dos antepassados.

5.1.3 Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?

A questão anterior, voltada ao convívio de pais e filhos, mostrou que existe um número bastante reduzido de falantes que, pelo menos na infância, tenha utilizado outro idioma que não o Português.

Tratando da vivência entre avós e netos, buscamos averiguar se entre a primeira e a terceira geração houve algum tipo de incentivo para a preservação do idioma de origem.

INF	Português	Italiano	Alemão	Polonês
1	x			
2	x			
3			x	
4			x	
5				
6		x		
7	x			
8	x			
9				x
10	x	x		
11		x		
12	x			x
13	x			
14	x			
15	x			
16	x	x		
17	x			
18			x	
Total	10	4	3	2

Quadro 4 - Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?

Para um total de dezenove respostas, dez indicam que entre avós e netos era utilizada a língua portuguesa; quatro falavam o italiano; três, a língua alemã e dois, a língua polonesa. O inquirido de número 5 não conheceu os avós; os informantes 3, 4 e 18 relatam que, enquanto crianças, conversavam somente em alemão com seus avós. A informante 8 relata que seus pais e avós conversavam em alemão, contudo pouco aprendeu e depois que saiu de casa quase não teve contato com os familiares, o que colaborou para que não fizesse uso do idioma.

Os informantes 6, 10, 11 e 16, quando se dirigiam aos avós, conversavam em italiano. A idosa com Fundamental e o homem da mesma idade com o Ensino Médio

utilizavam exclusivamente este idioma, já a informante 10 fazia uso do Português e também do Italiano, assim como é possível conferir em parte de seu relato:

- INF.- A minha avó, ela falava assim bastante, a mãe da minha mãe, no caso, falava bastante italiano né.
 INQ.- Ah sim.
 INF.- Mas, assim a gente... ela conversava pouco com a gente só que não entendia né, então assim era só brincadeira, coisa assim, nada, nada mais.
 INQ.- E seu avô?
 INF.- O meu avô, ele não, ele nunca falou assim italiano com a gente.
 INQ.- Uhum. Só português?
 INF.- Só o português mesmo.
 INQ.- Ah tá. (Inf.10)

O interessante deste excerto é que a informante deixa claro que seu avô apenas fazia uso do Português e sua avó utilizava o Italiano em tom de brincadeira, o que pode ter colaborado para que o idioma não fosse levado tão a sério pelos mais jovens, mantendo esta parte da cultura viva entre os demais da família. Já a informante 6 expõe a maneira e a idade em que seu avô chegou ao Brasil, assim como também houve, por parte dele, preservação de sua língua materna:

- INQ.- Então os avós da senhora também falavam em italiano com a senhora...
 INF.- Sim, o meu avô veio da Itália com oito meses de idade.
 INQ.- Nossa, bem novinho.
 INF.- É sim, era de navio ainda né.
 INQ.- Preservavam a língua né.
 INF.- Sim. (Inf.6)

A informante 16 conta que, com o passar do tempo, os avós passaram a falar mais o Português, mas que, a princípio, utilizavam exclusivamente o Italiano:

- INQ.- E os avós da senhora, falavam em que língua?
 INF.- Praticamente é, eles, eles no início, era a, a comunicação era em italiano. Pra isso, eles foram adquirindo o hábito, mais era mais frequente, era o italiano. (Inf.16)

Visto que os avós da inf.16 foram adquirindo o hábito de se comunicar em Português, podemos considerar que, de certa maneira, houve uma adequação à cultura local, todavia, é enfatizado que o idioma de uso mais frequente era o Italiano, ou seja, não abandonaram sua cultura de origem, pelo contrário, a alimentaram enquanto vivos.

Os informantes 9 e 12 empregaram o Polonês durante a convivência com os avós, porém este último fazia uso também do Português. O informante 9 esclarece que não teve muito convívio com os avós, contudo recorda que eles utilizavam o Polonês:

INQ.- Os seus avós, falavam só português ou falavam outra língua?

INF.- É que na verdade, eu vivi muito pouco tempo com meus avós, então um pouco meu falava, meu conversava o lado, eles falavam um pouco de polonês, mas ficou muito pouco nessa direção.

INQ.- Vocês não, não aprenderam?

INF.- Não, não. (Inf.9)

Devido à falta de convivência, ou até mesmo de incentivo, o informante 9 acabou por não aprender o idioma de seus antepassados. A informante 12 conta que, apesar de utilizar ambos os idiomas na comunicação com seus avós, o uso do Polonês predominava.

INQ.- E seus avós falavam em que língua?

INF.- Polonês.

INQ.- Só polonês?

INF.- Não, falavam em português, mas mais era polonês. Que com a avó que eu aprendi algumas palavras foi com a avó. Que os pais dela eram da Polônia.

INQ.- Ela era imigrante?

INF.- Imigrante. (Inf.12)

Assim, é possível observar que a manutenção do idioma dos antepassados está mais presente entre as mulheres, numa proporção de cinco para três, em relação aos homens. A ilustração gráfica traz os dados em números percentuais:

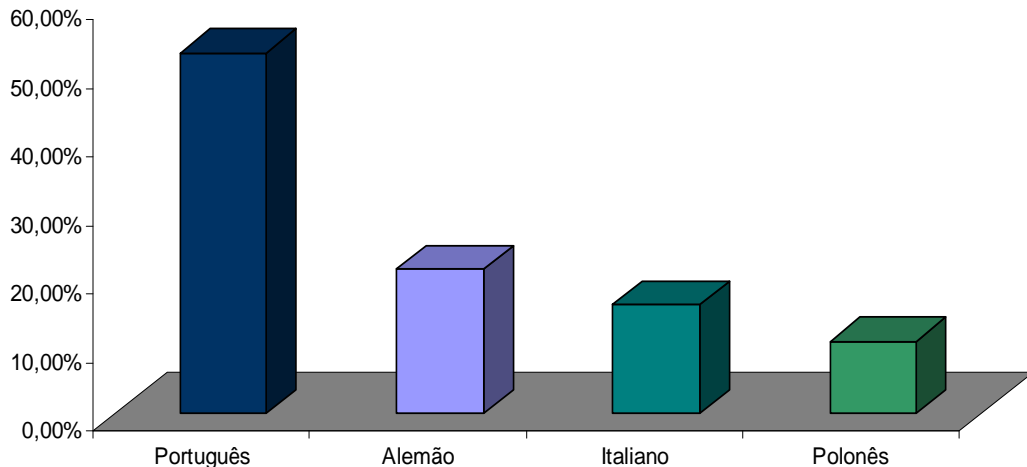


Gráfico 3 - Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?

Esses informantes concentram-se entre a segunda e terceira faixas etárias e estão assim distribuídos: 52,60 % das respostas indicam a utilização do Português por parte dos informantes, junto aos seus avós; 21 % sinalizam a utilização do Italiano; 16% marcam a utilização do alemão e, por fim, 10,50% das respostas mostram que era utilizado também o Polonês.

5.1.4 Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?

Esta pergunta busca, de maneira mais genérica, averiguar quais idiomas eram empregados pelos falantes de Capanema no período da infância e entre seus familiares

INF	Português	Italiano	Alemão	Polonês
1	NF ¹⁰			
2	x			
3			x	
4			x	
5	NF			
6		x		
7	x			
8	x			
9				x
10	x	x		
11		x		
12	x			
13	x			
14	x			
15	x			
16		x		
17	x			
18	x			
Total	10	4	2	1

Quadro 5 - Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?

Para a questão 4, obtivemos 17 respostas¹¹, com a variação de nove (português) para um (polonês). A informante 6 relata que teve contato com o italiano enquanto os pais e os avós eram vivos mas, apesar disso, acabou não aprendendo o idioma que normalmente era

¹⁰ NF significa: Questão não formulada pelo entrevistador.

¹¹ Em duas entrevistas não houve a formulação desta pergunta: uma por descuido do inquiridor e a outra porque o informante não conhecia os avós (inf.5).

utilizado entre os de mais idade. A informante 10 conta que entre os familiares eram empregados o português e o italiano, contudo, este último era mais presente nas conversas da primeira e segunda gerações.

INQ.- E quando você estava com os seus pais e seus avós, vocês falavam português?

INF.- Só português.

INQ.- Sua vó falava italiano, também junto...

INF.- É, é, fala, ela falava alguma coisa com minha mãe assim né, mas como, só elas se entendiam né.

INQ.- Ah tá. Tua mãe falava italiano?

INF.- A mãe, alguma coisa só, senão eu respondia em português pra minha vó.

INQ.- Então também não dominava a língua.

INF.- Não, não.(Inf.10)

Os informantes 11 e 16 relatam que, enquanto criança, somente era utilizado o italiano.

Quanto aos usuários da língua alemã, temos os informantes 3 e 4, ambos utilizavam esta língua enquanto crianças, tanto para falar com os pais como com os avós, todavia, apenas nos primeiros anos, pois, posteriormente, passaram a fazer uso do português.

INQ.- Quando estavam em família, seus avós e seus pais conversavam em alemão? Conversavam em português?

INF.- Minha família alemão.

INQ.- Alemão? E você também conseguia conversar...

INF.- É, primeiros anos de idade falavam um pouco alemão. (Inf.3)

INQ.- E você se comunicava em qual língua com eles? Com seus pais, com seus avós?

INF.- Alemão, até uma certa idade, só... (Inf.4)

Essas informações comprovam que a língua estrangeira esteve presente na fala dos informantes enquanto crianças, contudo, conforme as necessidades de comunicação extrafamiliar foram surgindo, estes passaram a dar preferência ao português. Apenas o informante 9 relata que falava o polonês com seus antepassados, o que não se prolongou devido ao curto tempo de convivência, em especial, com seus avós. Da mesma maneira que nas questões 2 e 3, constatamos que a utilização de outro idioma, além do português, está restrita aos falantes da segunda e terceira faixas etárias e quase não aparece na vivência de pessoas que tenham cursado o Ensino Superior, ou seja, é frequente entre pessoas que tenham no máximo o Ensino Médio. Assim, como em Jacumasso (2008), percebemos que o uso da língua materna herdada pelos familiares descendentes de imigrantes não têm sido alvo de

conservação por parte dos mais jovens, tendo ficado restrita aos falantes com mais idade ou à convivência com eles durante a infância.

No caso dos moradores de Itapará, o número de falantes de ucraniano é significativo, tomando como base proporcionalmente o número de pessoas que vivem na comunidade, contudo, a geração mais nova, por assim dizer, está deixando de lado os elementos culturais ucranianos, principalmente a língua ucraniana. Sobre isso, podemos dizer que a implantação de língua ucraniana como língua no currículo da escola da comunidade seria uma iniciativa de valorização dos descendentes de ucranianos que lá habitam. (JACUMASSO, 2008, p. 129)

O Gráfico 4 mostra, em percentuais, a distribuição dos dados da questão 4.

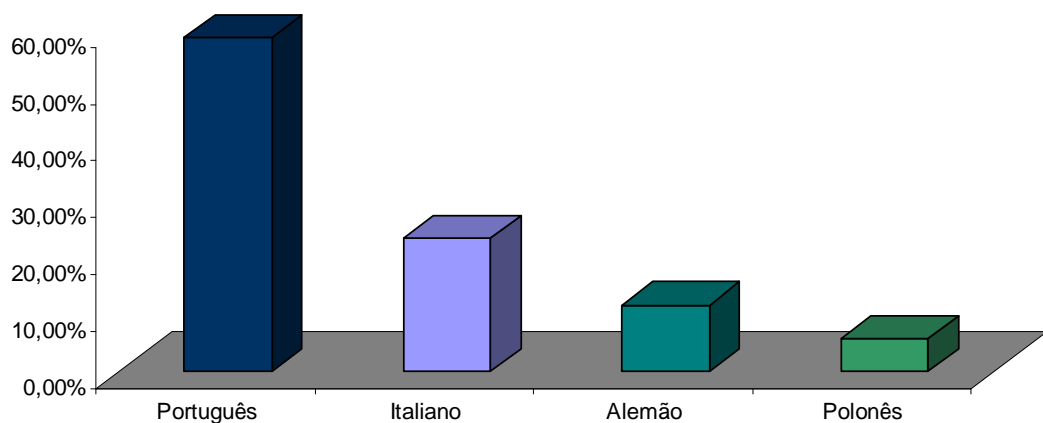


Gráfico 4 - Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?

Desta forma, entre os idiomas citados, houve uma variação entre 58,80% de respostas que indicaram o português; 23,50% para o italiano; 11,80% responderam que falavam alemão com os antepassados e apenas um informante, ou seja, 5,90%, referiu o polonês como idioma utilizado na infância.

5.2 Línguas de contato

Este bloco visa a enumerar os idiomas com o foco nas línguas de contato presentes em Capanema e engloba as questões de número 5 a 12.

5.2.1 Que línguas falam os que falam diferente aqui?

O Quadro 6 abrange informações das questões 5) “Aqui em Capanema vivem/moram pessoas que falam diferente de você?” e 6) “Que línguas falam os que falam diferente aqui?” já que, não raras vezes, os informantes adiantavam a resposta da questão seguinte. A análise do quadro é ilustrada com os comentários dos entrevistados sobre as questões de número 7 a 10, as quais solicitam exemplos de palavras nos idiomas mencionados pelos falantes (espanhol argentino, espanhol paraguaio, alemão e italiano).

INF	Alemão	Italiano	Espanhol	Esp Arg	Guarani	Polonês	Castelhano	Português	Esp Parag
1	x	x	x		x				X
2	x	x		x			x		
3	x	x	x			x			
4	x								
5	x	x	x	x		x		x	
6	x	x		x	x				
7	x			x	x				
8	x		x						
9	x			x	x		x		
10	x	x		x				x	
11	x	x	x						
12	x	x	x			x			
13	x								
14	x	x	x				x		
15	x	x	x			x			
16	x		x						
17	x	x	x						
18									
Total	17	11	10	6	4	4	3	2	1

Quadro 6 - Exemplos de palavras nos idiomas mencionados pelos falantes

Para esta pergunta, foi coletado um total de nove variantes, em ordem decrescente: alemão (17 ocorrências); italiano (11 ocorrências); espanhol (10 ocorrências); espanhol argentino (seis ocorrências); guarani e polonês (quatro ocorrências cada); castelhano (três ocorrências) e espanhol paraguaio (uma ocorrência). Dois informantes, um homem com ensino fundamental, pertencente à terceira faixa etária e uma mulher, com Ensino Médio e idade entre 35 e 55 anos, comentaram que notam diferenças também no âmbito do idioma português falado na comunidade.

Com exceção da informante 18, todos os informantes relataram que ouvem, na cidade de Capanema, pessoas se comunicarem em alemão. Vejamos seu comentário sobre esta pergunta:

INF.- Olha, na verdade assim, as famílias com quem eu tenho contato é mais é português. Descendente de alemão, italiano, né, mas assim, de falar, no dia-a-dia, assim eu não vejo isso.

INQ.- É.

INF.- Porque mudou né, acho que a pessoa já se adapta mais ao português e acha mais prático também na da... (...) Talvez dá tristeza, até conversa, mas não que eu presenciei. (Inf.18)

A entrevistada relata que, apesar de conhecer famílias de origem diversa, tais como alemã e italiana, não presenciou seus integrantes empregarem outro idioma que não o Português. Explica ainda que acredita que este fato se deve à necessidade de adaptação ao meio em que vivem. Ao solicitarmos exemplos neste idioma (alemão), apenas sete informantes, ou 41%, disseram já ter ouvido a língua alemã e souberam citar alguma palavra ou expressão. Seguem os excertos das sete entrevistas em que foram enumerados:

Exemplo I:

INF.- “Ales ruten.”

INQ.- O que que é?

INF.- Também. (inf. 3)

Exemplo II:

INF.- Ah tá... “isprissirren”, é boa tarde.

INQ.- É, sabe escrever isso?

INF.- Não. (inf.4)

Exemplo III:

INF.- Pra cumprimentar: “gongovi, (inint) codenastre”. (inf.5)

Exemplo IV:

INF.- Oi, eu não sei, eu sei assim que minha mãe me ensinava assim, contar os números até dez né.

INQ.- Você lembra?

INF.- Sim.

INQ.- Conta pra mim então.

INF.- É “uam, soi, prai, fi, sé, sic, ái, naí, tem”. É parecido com o inglês, o alemão é parecido com o inglês, o alemão é parecido com o inglês. (inf.8)

Exemplo V:

INF.- Alemão eu sabia poquinho, mas fui esquecendo... contar (?= “ai, train, suain, six”) alguma coisa eu sabia mais coisa, né, a pedir água, essas coisinha. (inf.11)

Exemplo VI:

INF.- “Porti”, no caso, alemão né.

INQ.- Porti?

INF.- É, “maini” não. Ou... “buchi, buchi” é como que se fala o nome... dentro da frase. O “naini” é dizer que não, tem tudo isso aí. (inf.17)

Exemplo VII:

INF.- Bom dia no caso, é “*good morning*.” É quase o inglês. É quase o inglês. (inf.18)

Os exemplos se contextualizam em momentos do cotidiano e das relações sociais, como o cumprimento - bom dia, boa tarde; dizer não, ou contar até dez. Nenhum informante propôs frases mais longas. Informaram, ainda, que, se fosse necessário escrever, não saberiam como. Duas informantes disseram haver semelhança entre alemão e inglês no que diz respeito à pronúncia, uma jovem com Ensino Médio e a idosa com Ensino Superior.

O segundo idioma mais citado entre os informantes é o italiano, com onze registros. Deixou de ser indicado pelos informantes 4, 7, 8, 9, 13, 16 e 18, distribuídos por ambos os sexos, todas as faixas etárias e graus de escolaridade. Trazemos a seguir os exemplos encontrados para este idioma.

Exemplo I:

INF.- Nino, criança... dibula, cobra. (inf.1)

Exemplo II:

INF.- Tutti bona gente. (inf.3)

Exemplo III:

INF.- Ah italiano é até, “Bono cela” que é bom dia né, “tudo san”, tudo bem. (...) É lá, uma coisa e outra né, caçarola, que panela, né. (inf.6)

Exemplo IV:

INF.- E mas quando eles falam é: “tutti buena gente”. (inf.10)

Exemplo V:

INF.- Ah, a minha mãe por exemplo, se mandava (? = fio) fio é filho, (?=viem quá, vá tor, vá tor lenha. Vá tor aqua, vá tor aqua) vá buscar água! Entende? A água, ela foi buscar com balde, né. (...) Eu levava dois balde, um aqui, eu botava aqui oh, assim, trazia um aqui, o balde era pequeno também e outro aqui, vinha assim oh “ta qua mama, ta qua” (risos). (...) Eu, se eu fosse aprender, porque o italiano, eu poderia ir na Itália, lá eles falam um pouco diferente, mas a mensagem deles eu vou captar, porque tem muitas palavras, que por exemplo, o seguinte (?=“el chugamano, dame chugamano” “chugamano” é uma tolha, “me voi magnare, me voi manjare, ?= incoi voi magnar tanha belle”) é macarrão, então lá, o dialeto nosso aqui é um pouco diferente. Aqui o macarrão é “bígole” (? = la mama já fachili bigole) a mãe fez o macarrão, entende? (inf.11)

Exemplo VI:

INF.- Ah, italiano é... aquela conversa da minha vó do telefone tal... é... fiori... é soréli...

INQ.- O que significa isso?

INF.- Irmã. E fiori quer dizer filho, né. (inf.14)

Exemplo VII:

INF.- E se usa assim, sabe, deve ser que nem o italiano né, “porcodiu” né, é uma expressão, que a gente ouve eles falar bastante.(inf.15)

Exemplo VIII:

INF.- Olha, isso mesmo (inint) é... o meu pai sempre dizia uma, uma frase que até hoje eu lembro: “(vim parare laste e mete uma parte)”. Isso quer dizer o que: “aprenda o ofício, que se for necessário, você sabe, e pode utilizar, e senão você deixa de lado”. (inf.16)

Exemplo IX:

INF.- Italiano... que “ques tá cone testa”. “Ques tá cone testa”.

INQ.- E que que...?

INF.- Isso meu vô dizia, “tudo no tapa” (risos). (inf.18)

Mesmo tendo um número de respostas inferior ao alemão, indicando a língua italiana como já observada em ação, conseguimos coletar um número superior de exemplos em italiano. Entre os entrevistados, somente os informantes 12 e 17 não sugeriram alguma palavra neste idioma, ou seja, 81% conseguiram exemplificar. Outra diferença com as respostas relacionadas à língua alemã é que os informantes ampliaram os temas, não ficaram presos a números e cumprimentos, relataram vivências com avós e pais em que aprenderam algo na língua em questão. O informante 11, por exemplo, chegou a se emocionar relembando da infância e das histórias vividas com a mãe.

As respostas que indicam que os informantes ouviram o idioma italiano na cidade de Capanema estão centradas na fala dos entrevistados com Ensino Fundamental e Ensino Médio, exceto os informantes 15 e 17 do Ensino Superior, ambos homens da segunda e terceira faixas etárias. Os entrevistados que responderam a esta questão e se enquadram no Ensino Médio têm entre 35 e 75 anos; já os do Ensino Fundamental estão distribuídos pelas três faixas etárias.

Em terceiro lugar em número de respostas está o espanhol, lembrando que as variedades desta língua foram classificadas pelos informantes em espanhol, espanhol argentino, espanhol paraguaio e castelhano. Devido a sua relevância foram tabeladas da mesma maneira. Quando se referem ao castelhano ligam-no ao espanhol argentino:

INF.- É, na verdade, nós chegamos mais fronteira com a Argentina, então mais o espanhol argentino né. Castelhana.(inf.9)

Acreditamos que essa classificação demonstra a consciência linguística de alguns informantes de que existe diferença entre o espanhol falado na Argentina e o espanhol falado no Paraguai.

Quanto à consciência sobre “como falam os que falam diferente” na localidade, dez informantes afirmam ser o espanhol a língua mais frequente e citam exemplos que se referem a saudações, cumprimentos, agradecimentos:

Exemplo I:

INF.- Não, geralmente é um: “Buenos dias, buenas tardes...”. (inf.3)

Exemplo II:

INF.- Hum... deixa lembrar... gracias. (inf.7)

Exemplo III:

INF.- É eles falam assim, pra bom dia, boa tarde eles falam: “hola, que tal”.

INQ.- Ah sim (risos).

INF.- (risos) Isso é bem interessante: “hola, que tal”

Exemplo IV:

INQ.- É, você poderia me dar um exemplo do espanhol argentino? Se você souber? Saberá falar o próprio espanhol argentino.

INF.- “Pero que sim”. “Pero que non”. Como que se diz o outro, que eles usam muito... como que é... “a La puta”, “a la putcha”. (inf.15)

Exemplo V:

INF.- Se não me engano, hijo, hijo é filho né. (inf.17)

Ao solicitar que os informantes dessem exemplos de expressões em espanhol paraguaio, nenhum deles soube dar esta informação. A dificuldade em oferecer um exemplo de espanhol paraguaio pode ter duas explicações: a primeira é de que houve diminuição no contato com os paraguaios após o fechamento da Estrada do Colono e a segunda é que a influência do guarani neste idioma dificulta seu entendimento. Vejamos os comentários feitos pelo informante 11:

Exemplo VII:

INQ.- O senhor poderia dar algum exemplo em espanhol?

INF.- Em espanhol? “Ahora adonde é la terminal de acá? La terminal aonde é acá? Adonde nosotros podemos tomar un coche?” Entende? “A que hora va a venir el colectivo? A que hora va a venir el colectivo

INQ.- O senhor nota diferença do espanhol argentino com o espanhol paraguaio?

INF.- Ah, tem o, porque ali tem o guarani, né, o guarani que já é outra língua. A língua espanhola e o guarani. A guarani é uma língua muito difícil pra falar, né. Eu não sei nada de guarani. Sei que existe uma palavra chamada “cunhataí” (risos).

INQ.- E cunhataí é o quê?

INF.- É uma palavra indígena, né. Ah, é mulher, é mulher! (inf.11)

Apesar de a maioria dos informantes notar diferenças entre espanhol argentino e o espanhol paraguaio, o informante 11 foi o único que esclareceu a dificuldade em entender o segundo devido à mescla com o guarani. Baseados em respostas dadas pelos entrevistados, não conseguimos chegar à conclusão se, quando alguns mencionam guarani, estão fazendo referência ao espanhol falado pelos paraguaios ou especificamente ao guarani ou mesmo ao jopará, que é a mescla do espanhol com o guarani.

Exemplo I:

INF.- Alemão... Espanhol... Paraguai... guarani, tudo aí... (inf.1)

O informante 1 parece se lembrar do guarani após citar “Paraguai”, já o informante 7 comenta de guarani em seguida do “argentino”.

Exemplo II:

INF.- Tem o guarani, o argentino... só. Essas duas são as mais... conhecidas assim.

INQ.- Se você conversar com algum deles, você consegue entender um pouquinho, ou não...

INF.- Do guarani, do alemão não.

INQ.- Só de guarani você estudou alguma coisa ou não, só...

INF.- Não, por causa da... mesmo, porque é parecido né, até certo ponto e eu consigo entender, seria alguma coisa mas, escrever por exemplo, na língua eu não sei.

INQ.- É... alemão, vocês falam mais alguma outra língua, espanhol argentino, espanhol paraguaio, italiano...

INF.- O espanhol argentino, no caso, só esse.

INQ.- Uhum. Espanhol paraguaio aqui não tem?

INF.- Não.(inf.7)

Este informante ainda deixa claro que não há presença do espanhol paraguaio na cidade de Capanema. Outros relatos contam que é raro encontrar com paraguaios no local e que, mesmo não sabendo diferenciar um idioma do outro, é possível verificar pontos comuns em ambos, assim como informa a jovem com Ensino Superior:

Exemplo VIII:

INQ.- Você percebe alguma diferença entre o espanhol argentino e o espanhol paraguaio? Quando vem assim as pessoas de fora, você identifica, esse é do Paraguai, esse é da Argentina?

INF.- Não.

INQ.- Não consegue identificar? Você saberia me dar algum exemplo, é de uma frase, de uma expressão, uma palavra em espanhol?

INF.- Ah... em espanhol?

INQ.- Isso.

INF.- Cumprimentos né.

INQ.- Uhum. Por exemplo?

INF.- Buenos días, buenas tardes, isso é básico do Paraguai e argentino.(inf.14)

Para alguns a diferença entre esses idiomas estaria relacionada à fonética, conforme esclarece o informante 15:

INQ.- E você percebe alguma diferença entre o espanhol da Argentina e o espanhol do Paraguai?

INF.- O sotaque acho que parece, os argentino parece que fala mais rápido, num sei se é isso, é, só que eu acho que sim...(inf.15)

Assim, para as variedades de espanhol citadas, dez repostas indicaram apenas espanhol: Ensino Fundamental, os informantes 8, 11 e 12 e com Ensino Superior, os informantes 14, 15, 16 e 17. Seis entrevistados citaram o espanhol argentino: do Nível Fundamental, informantes 2, 5 e 6 e três informantes com Ensino Médio: 7, 9 e 10. Três comentaram a respeito do castelhano (inf. 2, 9 e 14), cada um pertencente a um grau de escolaridade distinto. Houve uma resposta enumerando o espanhol paraguaio (inf.1) e ainda, quatro informantes relataram já terem ouvido o guarani em Capanema, sendo eles o homem jovem e a mulher idosa com Ensino fundamental e também o homem jovem e o da segunda faixa etária com Ensino Médio.

Desta forma, podemos constatar que os falantes com maior grau de escolaridade optaram por espanhol; enquanto o espanhol argentino está presente na fala de informantes com Ensino Fundamental e Médio, concentrando-se entre as mulheres de diferentes faixas etárias, o espanhol paraguaio na fala de um único informante com Ensino Fundamental e, ainda, castelhano citado por um informante de cada grau de Escolaridade, sendo dois da primeira faixa etária e um da segunda. Com isso, o espanhol representa 50% dessas respostas; espanhol argentino 30%; castelhano 15% e espanhol paraguaio 5%.

Foram quatro os informantes que alegaram ter ouvido pessoas conversando em polonês, são os informantes 3, 5, 12 e 15. Não foi solicitado a esses informantes que dessem exemplos neste idioma. Os entrevistados de número 5 e 10 fizeram menção à língua portuguesa, unicamente com o intuito de lembrar que os capanemenses a utilizam, pois em

momento algum eles se referiram às variedades do idioma. O Gráfico 5 ilustra os resultados obtidos.

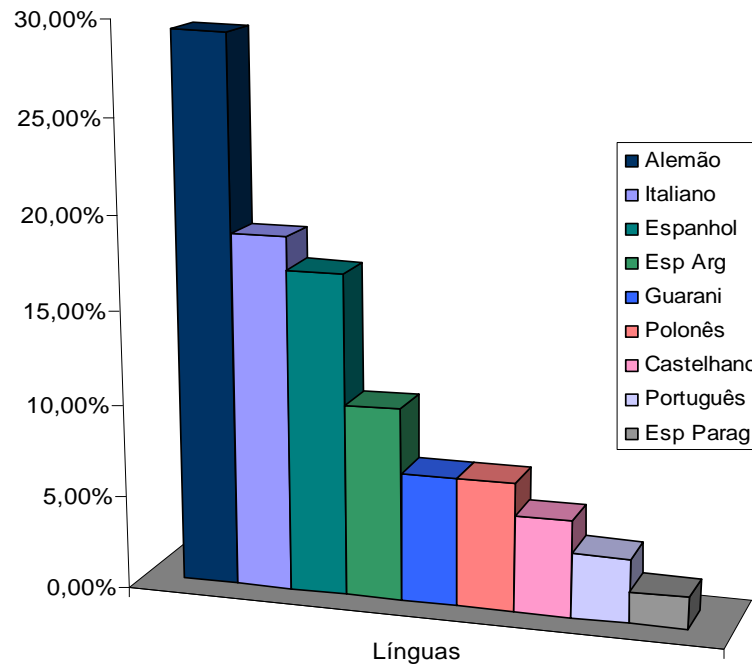


Gráfico 5 - Que línguas falam os que falam diferente?

Em ordem decrescente temos: em primeiro lugar, com 29,30%, o alemão é apontado como a língua estrangeira mais falada em Capanema; em segundo lugar, com 19,10%, o italiano; em terceiro, com 17,20%, o espanhol; em quarto, com 10,30%, o espanhol argentino; em sexto, com 6,90%, o guarani e o polonês; e nos últimos lugares, com 5,20%, 3,40% e 1,70%, para o castelhana, o português e o espanhol paraguaio respectivamente. Registrou-se, pois, uma diferença de 27,60% entre o idioma estrangeiro mais utilizado e o menos empregado, segundo os informantes.

5.2.2 Comparando essas línguas: espanhol argentino, espanhol paraguaio, alemão e italiano, quem fala melhor? Por quê?

A questão de número 11 visa explorar se dentre os idiomas citados pelos informantes existe algum que, para eles, seja o melhor. Podemos observar que houve diversidade tanto nas respostas como nas justificativas dadas a cada uma delas.

INF	Espanhol	Italiano	Alemão	Esp Arg	Esp Par	Castelhano	Brasileiro
1	x			x			
2						x	
3							x
4			x				
5	x						
6		x					
7		x		x			
8			x	x	x		
9	x						
10							
11			x				
12					x		
13							
14		x					
15	x	x					
16	x						
17	x						
18	x						
Total	7	4	3	3	2	1	1

Quadro 7 - Comparando essas línguas: espanhol argentino, espanhol paraguaio, alemão e italiano, quem fala melhor? Por quê?

Como é possível constatar no quadro 7, a maioria das respostas indica que os informantes acreditam que quem fala o espanhol, de maneira geral, fala melhor do que os que utilizam outros idiomas. Desta maneira, são sete indicações para esta resposta¹², produzidas pelos informantes 1, 5, 9 e entrevistados de 15-18. Essa resposta está concentrada na fala de entrevistados do sexo masculino pertencentes à segunda e terceira faixa etária.

¹² Não incluímos nesta contagem o castelhano, indicado por uma única informante, por nos parecer que haja uma diferença de concepção que não foi possível apurar durante a entrevista, mas foi detectada por Amâncio (2007, p.68).

Em primeira instância, o informante de número 5 diz que quem fala espanhol fala melhor, em seguida esclarece que tanto o argentino como o paraguaio falam melhor devido ao fato de se comunicarem utilizando a língua espanhola.

INF.- Ah quem fala melhor, geralmente seria mais o espanhol eu acho que fala mais... que eles geralmente, eles ali convivem com a língua, e a língua alemã ou italiano, as pessoas tem vez que ficam muito pouco aqui com a casa aqui, tinham italiano, um alemão, mas num usam falar a língua, sabe. Mesmo sendo da escola e tudo isso aí, há uns tempos atrás e lá no, no espanhol não, porque a língua é uma língua, uma língua da pátria com se diz, então eles falam muito, na terra dele, paraguaio, argentino, eu acho que fala mais melhor seria ele. (inf.5)

Este informante acredita que o uso da língua está ligado a uma questão de patriotismo e por isso, em sua opinião, quem faz uso do espanhol fala melhor. O informante 9 justifica que fala melhor quem fala o espanhol devido à semelhança existente com a língua italiana.

INF.- E acredito que o... eu sempre comento que o espanhol tem muito do italiano, tem muita coisa que ele traz né, arrastado do italiano, então eu acredito que ele miscigena mais a... as línguas né.
 INQ.- Uhum.
 INF.- O que vem de lá. A linguagem deles.
 INQ.- Então para você eles falam melhor.
 INF.- Falam melhor.(inf.9)

Talvez motivado pela mesma razão, o informante 15 cita os dois idiomas como sendo mais bem falados:

INF.- Qual que seria, o mais fácil entendimento, eu acho que é o espanhol né.
 INQ.- O espanhol?
 INF.- Eu acho. Acho melhor assim, entendimento é mais...
 INQ.- E que língua assim você acha mais bonita? Você gosta de uma...
 INF.- Pode ser espanhol né.
 INQ.- Espanhol? Por quê?
 INF.- Sei lá, o sotaque né. Parece que é melhor, sei lá... italiano também, mas mais é o espanhol.(inf.15)

É perceptível que estas respostas são influenciadas pela facilidade de entendimento do outro idioma ou pela 'beleza' que os informantes veem nele, o que deixa claro o prestígio em relação ao espanhol. Posição enfatizada pela informante 16, no excerto abaixo.

INF.- Ah eu... acho que fala melhor num sei te dizer, mas eu acho muito bonito, o espanhol né.

INQ.- É?

INF.- Ah, eu acho uma língua muito bonita.

INQ.- Uhum.

INF.- Acho lindo o espanhol.(inf.16)

O informante 17 retoma à facilidade de compreensão: “Pra gente é o espanhol né, porque é mais semelhante a nossa. Isso tudo né.” A informante 18, justifica sua resposta da seguinte forma:

INF.- Eu, na verdade assim, eu acho maravilhoso o espanhol. De ver os argentinos falando assim, que eu acho que eles falam rápido, não sei se é espanhol, é... é uma mistura, assim, eles falam rápido, e eu acho assim que eles se expressam melhor quando eles vão falar com alguém, eles, eles têm linguajar diferente assim, eu às vezes solto palavras pra falar com alguém.

INQ.- Sim.

INF.- Mas eles falam assim, ah, fluentemente, eu acho bonito, eu, particularmente, eu gosto mais...(inf.18)

Seu apreço é demonstrado no início e no decorrer da resposta “eu acho maravilhoso o espanhol”, “eu acho bonito, eu, particularmente, eu gosto mais” reforçando então, a visão positiva em relação à língua espanhola - prestígio.

Quatro informantes apontaram o italiano como quem fala melhor, numerados da seguinte forma: 6, 7, 14 e 15, ou seja, foi sugerido por informantes de diferentes graus de escolaridade, idade e sexo.

A informante 6 explicita que quem emprega a língua italiana fala melhor exatamente por ser o idioma estrangeiro que ela compreende:

INF.- Pra mim, quem fala melhor é o italiano né, que eu entendo. (risos) Como é que eu vou entender o alemão?(...) Pra mim o que eu entendo mais é o italiano que fala melhor, né.(inf.6)

O informante 7 conta que gosta do italiano, mas prefere o espanhol argentino pelas mesmas razões que a informante 6, pela facilidade na compreensão. Esse mesmo entrevistado comenta da dificuldade em entender o alemão.

INF.- Bom, eu gosto do, do italiano. Eu acho legal, mas aí eu num sei também. Tem o espanhol argentino também que no caso, seria o que eu mais compreendo.

INQ.- Ah, sim, mas aí se você fosse comparar qual você diria que fala melhor, qual língua você acha que fala melhor e qual que é pior?

INF.- Bom tem o espanhol, eu gosto bastante do espanhol argentino, que nem você falou e o alemão que eu acho o pior. Acho muito assim, esquisito. Esquisito em relação que né porque a ques(?), pra eles é normal, mas onde, como eu sou brasileiro, é esquisito pra mim, o alemão é esquisito.(inf.7)

A estranheza no que diz respeito ao idioma alemão está relacionada à capacidade de comunicação. O inquirido de número 7 explica que entre os falantes do idioma, é absolutamente “normal”, todavia, para ele, que é brasileiro, passa a ser “esquisito”. Assim como o informante 7, o entrevistado de número 15 também aprecia ambos os idiomas: italiano e espanhol e prefere este segundo também pela facilidade de compreensão e por achá-lo “bonito”. A informante jovem com Ensino Superior é a única que volta sua explicação à fonética, à boa pronúncia dos italianos:

INF.- É o italiano.
 INQ.- O italiano, por quê?
 INF.- A dicção dele é muito boa. (inf.14)

O espanhol argentino foi citado pelos jovens com Ensino Fundamental (inf.1) e Ensino Médio (inf.7 e inf.8).

INF.- Pra gente entendê?
 INQ.- É, assim, o que você acha a língua melhor, você compreende melhor...
 INF.- O argentino.
 INQ.- O argentino?
 INF.- Fala espanhol, né.
 INQ.- Mas por quê?
 INF.- Ah, é mais fácil, tipo se parece mais com a gente, se prestá atenção você entende o que ele tá te falando. E tem muita coisa que é parecida a pronúncia. É fácil né. (inf.1)

O inquirido de número 1 revela que os argentinos falam melhor por empregarem o espanhol, o que facilita que se entenda o que dizem. Comenta ainda a semelhança na pronúncia de algumas palavras. O jovem com Ensino Médio também revela que sua resposta está motivada pela capacidade de compreensão do idioma.

INF.- Eu acho legal, mas aí eu num sei também. Tem o espanhol argentino também que no caso, seria o que eu mais compreendo.(inf.7)

A jovem com Ensino Médio comenta que, por serem pessoas da região, os paraguaios e argentinos falam melhor:

INF.- Mas mais é... o ale... né, o pessoal que já é por exemplo, as pessoas que é da Argentina, Paraguai, elas... falam melhor porque elas falam do elas falam na região né, e aqui em Capanema tem muitas pessoas também que fala alemão que falam muito bem.(inf.8)

O paraguaio, então, foi indicado pela entrevistada número 8, como é possível verificar no excerto acima e pela idosa com Ensino Médio. Esta última explica sua escolha da seguinte forma:

INF.- É do Paraguai sim.

INQ.- Por quê?

INF.- Por causa que eles falam mais fluente, e... a... eles têm um vocabulário melhor né, que a gente... é aqui... que a gente se comunicou com a... que eu já fui no Paraguai né, então a gente vê a maneira do povo falar né, eu já conversei com gente de... da Argentina, eu acho mais simples, pode ser o pessoal que a gente já conhece aqui. (inf.12)

Para ela, o falar paraguaio é mais fluente, apresenta um vocabulário mais bem elaborado que o utilizado pelos argentinos, essa diferença pode estar relacionada com a interferência do guarani no espanhol empregado no Paraguai. Com apenas uma sugestão aparece o castelhano¹³ na resposta da informante de sexo feminino da primeira faixa etária, com Ensino Fundamental:

INF.- Que nem os castelhano, você fala, depende a palavra você compreende o que eles tão falando e o alemão já é mais difícil de compreendê.(inf.2)

Novamente a justificativa é a possibilidade de compreensão do idioma enquanto o alemão é citado como uma língua mais difícil de ser entendida. Partindo das variedades sugeridas do espanhol, os alemães são indicados como quem fala melhor por três informantes: a mulher da segunda faixa etária, com Ensino Fundamental; a jovem com Ensino Médio e o idoso com o mesmo grau de escolaridade. Vejamos as explicações desses informantes:

INF.- Ah, assim, a língua é mais alemão. (...) Eu acho que eles falam melhor.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque eles acha muito ah, alemão, ele fala comigo em alemão, eles fala brasileiro, mas até eu respondo em alemão. (...) Que a minha mãe, a minha mãe fala em alemão comigo né. Então as pessoas mais idosa, a gente mais vivida né, uma palavra (inint). (...) No tempo que a minha vó era viva, ah eu num falava brasileiro com ela. (...) Só alemão. Falam as pessoas mais idosas né, que aí a gente foi deixando, foi deixando, só de praticar um pouquinho falava logo... (inf.4)

¹³ Conforme a nota 12, parece haver diferença, para esta informante, entre o espanhol e o castelhano, que não foi apurada na entrevista.

Na resposta dessa informante é possível constatar a questão da afetividade, para justificar sua alternativa, ela relembra de familiares como a avó e a mãe. Demonstra, ainda, sua consciência linguística em relação à diferença entre a fala de jovens e de idosos, esclarece que as pessoas idosas falam melhor o alemão que os jovens, visto que estes têm deixado de praticar o idioma. A informante 8 apenas responde que em Capanema há pessoas que falam “muito bem” o alemão, todavia, não apresenta justificativas. O idoso com Ensino Médio vai além de justificativas da boa compreensão:

INF.- Olha, o alemão, ele é, o de origem alemão, ele é preservador, conservador no que ele, cuidadoso no que ele vai falar. Ele é muito cuidadoso pra conversar, ele fala com, você tem que ter calma, quando ele transfere pra falar em português, tem que ouvi ele porque ele quer que escute, entende? Ele é um cara de respeito total o de origem alemão. (inf. 11)

Para esse informante 11, a pessoa de origem alemã é conservadora e cautelosa com o que fala e como diz, inclusive quando traduz para o português, espera atenção do ouvinte, o que segundo ele, é merecido, pois os descendentes dessa etnia são muito respeitosos. E prossegue:

Inclusive há residência de muitos alemães que moram na agricultura, você vê assim, você quer o serrote, ta lá bonitinho, você quer o martelo ta lá, limpinho, bonitinho, tudo no lugar certinho, eles são muito higiênico, né. E tem alguns italiano que também é assim, mas tem uns que já tão mais...né. E o português que se criou mais assim, você vai na casa, que ele não define a raça dele. Por exemplo, o que o...”você é descendente de quê? Ah, não sei, sou português, sou brasileiro e tal”... aí se você falar assim “você tem um serrote?” Ele vai tê, mas não sabe onde é que ta, tem que procurar, tem martelo tudo, mas tem que procurar, não é organizado.(inf.11)

Este entrevistado faz comentários a respeito do estilo organizado do alemão, admira a maneira de ser e compara com duas outras culturas, o italiano, do qual é descendente e o brasileiro. De acordo com o inquirido, apesar de não ser muito comum, existe uma probabilidade de encontrar italianos semelhantes aos alemães, no que diz respeito à organização, por outro lado, ainda segundo o informante 11, o brasileiro não sabe definir quem são seus antepassados, qual sua origem, o que reflete em sua desorganização da casa e dos utensílios e ferramentas da casa.

Um único informante alega que o brasileiro fala melhor, o homem da segunda faixa etária, com Ensino Fundamental.

INF.- Nós temo... o brasileiro mesmo.

INQ.- Brasileiro fala melhor, por quê?

INF.- A gente mais convive com eles né, a gente mais aprendeu essa.
(inf.3)

Mesmo sendo descendente de alemães, tendo convivido com eles e empregado o idioma nos primeiros anos de vida, o entrevistado alega que o brasileiro fala melhor por ser este idioma o que ele aprendeu.

Os informantes 10 e 13 não sugeriram um idioma específico como sendo melhor, afirmam que cada grupo possui características próprias, sendo todos “importantes e interessantes”, não havendo forma de eleger qual seria o melhor. A entrevistada da segunda faixa etária com Ensino Médio comenta que, além de “interessantes”, lhe agradaria aprendê-los e não possui o direito de julgar quem fala melhor ou pior em determinado idioma:

INF.- (risos) Eu, como é difícil isso, eu acho não tem né, a gente, nem... eu acho num tem esse direito julgar também quem fala melhor ou né... porque todas as línguas são muito interessantes né.

INQ.- Ah, sim.

INF.- E importante né, que se eu pudesse, eu me, eu gostaria de aprender. Um pouco de cada né, mas num tem, eu acho num tem eu num, num posso te dizer qual que fala melhor.(inf.10)

O jovem com Ensino Superior também prefere não fazer esse tipo de avaliação, acredita que a língua varia de acordo com a cultura de um povo.

Baseados nas informações coletadas na fala dos entrevistados, constatamos que há uma estima acentuada pelas variedades do espanhol, nomeadas por eles como espanhol, espanhol argentino, espanhol paraguaio e castelhano. A grande maioria justifica sua resposta pelo grau de compreensão da língua espanhola, reduzido em relação a outros idiomas citados. Os informantes revelam ainda que a “beleza” do idioma, a semelhança da pronúncia com palavras do português brasileiro e a proximidade com o povo falante de espanhol também são motivos de acreditarem que estes falem “melhor”. Entre os esclarecimentos, informam que dentre os idiomas ali utilizados o alemão seria o mais “esquisito” ou difícil de ser entendido. Algumas respostas estão relacionadas à questão da afetividade, que interfere na atitude de um falante para com um idioma, como é o caso da informante que relembra tempos remotos em que conversava em alemão com familiares. Outros demonstram afinidade por línguas similares, como a italiana e espanhola, mas ressaltam o apreço por esta última. O gráfico 6 sintetiza os resultados em percentuais:

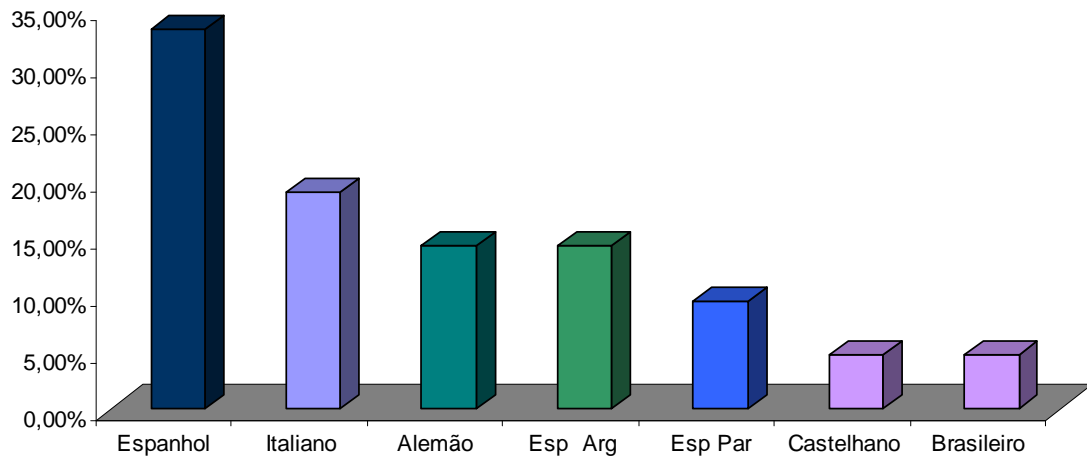


Gráfico 6 - Comparando essas línguas, quem fala melhor?

65,20% das respostas são favoráveis às variedades produzidas na língua espanhola; 17,40%, aos italianos; 13,10% aos alemães e com uma única indicação, 4,30%, para o *brasileiro*, lembrando que o informante, descendente de alemães, alega que este foi o idioma que realmente aprendeu.

Quanto às variedades da língua espanhola e suas respectivas diferenças e/ou semelhanças, constatamos que, no trabalho de Amâncio (2007, p.68), a autora faz um aparte a fim de comentá-las. Segundo a autora, alguns informantes afirmam distinguir o “espanhol” do “castelhano” ou do “argentino”, o que é ilustrado com trechos da fala dos entrevistados, como por exemplo:

“...o espanhol não seria a língua deles; o argentino falaria castelhano” (BM15)

“...eu acho que o espanhol deles não é bem um espanhol, é argentino, eu não sei diferenciar o espanhol do argentino, mas não seria a língua espanhola, não seria ao espanhol” (BM25)

“...o argentino daqui da divisa ele não fala o espanhol ele fala o castelhano, eu fiz curso anos de espanhol, não tem nada a ver.” (BF20)

Esses e outros comentários levam a estudiosa à conclusão de que os informantes fazem uma avaliação negativa do “castelhano”, que para eles seria a língua dos argentinos em oposição a uma língua maior, o Espanhol, a língua falada pelos espanhóis peninsulares. Em nossa pesquisa, é possível observar no Quadro 7 que a opção “Castelhano” foi mencionada uma única vez, enquanto “Espanhol” teve 7 citações e “Espanhol Argentino” 2, todavia,

nossos entrevistados não fizeram a diferenciação entre essas variedades enumeradas e os entrevistadores não buscaram explicitar se havia ou não diferença entre elas.

5.2.3 E quem fala pior?¹⁴ Por quê?

Após a averiguação de quem fala melhor com relação à etnia, buscamos esclarecimentos voltados ao despreço, ou seja, quem os capanemenses acreditam que fale pior e o porquê. As respostas são apresentadas no Quadro 8:

INF	Alemão	Brasileiros	Nenhuma	Italiano	Sem esp*	Guarani	Europeus	Esp Par
1	x							
2	x			x				
3								x
4				x				
5					x			
6					x			
7	x					x		
8		x						
9						x		
10			x					
11		x						
12		x						
13			x					
14	x							
15	x							
16				x				
17							x	
18			x					
Total	5	3	3	3	2	2	1	1

Quadro 8 - E quem fala pior? Por quê?

A pergunta 12. “E quem fala pior? Por quê?” vem confirmar observações feitas no item 5.6, em que informantes demonstravam certa “estranheza” com o idioma alemão. Os entrevistados que produziram esta resposta são os dois jovens com Ensino Fundamental, o jovem com Ensino Médio, a jovem com Ensino Superior e o homem da segunda faixa etária com mesmo grau de escolaridade que esta última. Desta forma, percebemos que os falantes com menos idade, especialmente os da primeira faixa etária, percebem o idioma de maneira

¹⁴ Entendemos que esta pergunta, assim como a anterior, pode levar a várias interpretações: falar melhor ou pior pode estar relacionado tanto com o uso gramatical correto ou incorreto quanto à dificuldade de compreensão, ou mesmo à impressão sonora agradável ou desagradável provocada pela língua.

negativa, ou seja, o alemão não é prestigiado pelos mais jovens em Capanema. Assim, dentre as pessoas inquiridas, existe pelo menos um jovem de cada grau de escolaridade que reage negativamente ao linguajar alemão, conforme ilustramos abaixo:

INF.- O alemão (risos).
 INQ.- O alemão?
 INF.- Pra entendê é pior.
 INQ.- O alemão é muito diferente...
 INF.- É muito diferente, bem diferente.
 INQ.- Então num entende nada?
 INF.- Não entendo nada, o alemão...(inf.1)

O informante 1 explica que não vê o idioma de forma positiva por ser “muito diferente” e de difícil compreensão, o que é reforçado pela informante 2:

INF.- Eu acho que os alemão. O italiano também, né, algumas palavras você compreende, né, o que eles fala e o alemão já é mais difícil, o pronuncia deles já é mais complicado. (inf.2)

A informante 2 reforça que o desprestígio do alemão está baseado na sua falta de conhecimento e domínio do idioma e comenta ainda que o italiano também não lhe agrada. Como se vê, conforme o grau de dificuldade do entendimento, maior o desprestígio pela língua em questão. Os demais informantes prosseguem direcionando os comentários para as dificuldades no entendimento da língua alemã. A informante 14, por exemplo, se queixa inclusive do sotaque do idioma:

INQ.- O alemão, por quê?
 INF.- Pela dificuldade até mesmo da, quando fala assim, muitas pausas né. Fala bem rápido assim, pelo menos os poucos que eu ouvi falar. E as palavras são bastante... afônicas né, então tem que ter um... uma fainha pra falar (risos). (inf.14)

A jovem acredita que o som dessa língua seja nasalado e por isso as pessoas aparentam ser “fanhas”. Por fim, o informante 15 volta à falta de entendimento do idioma e completa:

INQ.- ...e por que você acha que seria o alemão?
 INF.- Ah mais difícil. Sei lá. O quê que eu vou te dizer, eu num tenho entendimento, eu acho que é difícil né, espanhol já é mais o latino né, vem do latim, então é mais fácil pra, pra gente entender. (inf.15)

Ao contrário do que o próprio informante diz “eu *num* tenho entendimento”, esclarece que a falta de afinidade pode estar ligada à origem da língua, anglo-saxônica, ou seja, por não ser latina é mais difícil de ser entendida que o espanhol, por exemplo.

Com três ocorrências aparece o “brasileiro” como quem fala pior. Esta resposta foi mencionada pelos informantes 8, 11 e 12. De acordo com as informantes 8 e 12, os brasileiros falam pior por não saberem utilizar a língua corretamente:

INF.- Pior... sei lá, assim que fala, que fala pior, num posso dizer... até gente que fala português né, muitos, muitas pessoas até a gente às vezes num fala corretamente como, como né, como deve ser mesmo.(inf.8)

INF.- Olha, na verdade, a gente brasileira né que fala muito... (risos). E acho que nossa língua a gente num... fala tudo errado. (inf.12)

O informante 11, por sua vez, faz uma conexão com a origem e cultura do povo brasileiro:

INF.- Ah, eu acho que fala pior mesmo esse que não se cultiva muito, quem mora no interior não se cultiva muito. O nosso nativo, o nosso daqui, ele não busca cultura, ele não busca cultura de melhorar, tipo, a não ser que ta estudando, mas o que procura na minha faixa assim, por exemplo, não sai daquele ritmo ali. Se você falar que o cigarro faz mal pra ele, ele vai dizer assim que ele vai morrê igual, né.

Este entrevistado retoma idéias transmitidas no item 6.6, em que alega que o nativo do Brasil é desorganizado e desinteressado pela cultura e por melhorias intelectuais. Acredita que o brasileiro é acomodado e não busca progredir, por este motivo não sabe usar corretamente o português.

Quanto aos informantes que responderam “italiano”, temos as informantes 2, 4 e 16. As duas primeiras respostas são motivadas pelo não entendimento da língua italiana e a última pela variedade linguística do italiano que é empregada no Brasil:

INF.- Eu acho que, que o italiano, ele, ele foi colocando da sua maneira, quando ele veio para o Brasil, então se você se, se você for ter, a... a aula, se você for estudar o italiano, você vê que muita coisa que eles falam é, é bem diferente do oficial.

INQ.- Ah, ah já me falaram isso.

INF.- É bem diferente do oficial (...) Eu estive até fazendo um curso, assim, bem curtinho, nesse pouquinho de italiano. E ali já percebia do que eu ouvia que tinha coisas bem diferentes então, a gramática é totalmente diferente.(inf.16)

Essa informante declara conhecer um pouco do italiano padrão por ter participado de um curso particular e a variedade que vê ser utilizada em Capanema é bem diferente da ensinada na escola, ou seja, sua resposta não está ligada ao desprestígio, mas sim, ao emprego de dialeto que ela desconhece.

Os três informantes que, sem se estenderem muito, disseram que não há quem fale pior, foram os de número 10, 13 e 18. As duas primeiras mantiveram a mesma posição na resposta da pergunta anterior, não elegendo quem falasse melhor, já a idosa havia mencionado o espanhol neste item. A entrevistada número 10 esclarece que aprecia línguas estrangeiras e gostaria de aprendê-las, o informante 13 explana que não há como julgar se em um idioma se fala bem ou mal por estar relacionado à cultura e a informante 18 assevera que as pessoas se expressam de maneiras distintas, por isso não poderia eleger quem fala pior. Cultura - língua

Os entrevistados de número 5 e 6 indicaram que, excluindo o idioma que acham melhor - espanhol e italiano, respectivamente - os demais seriam piores. Suas respostas podem ter sido direcionadas pelo próprio inquiridor devido à formulação da pergunta:

INQ.- Então e os outros o senhor acha que falam pior?
INF.- Geralmente sim. (inf.5)

O entrevistador emendou a pergunta onze à dez e não explorou a resposta obtida pelo informante 5. No caso da informante 6, ela mesma se justifica a partir da pergunta formulada:

INQ.- Então como a senhora não entende as outras línguas, a senhora acha que as outras falam pior?
INF.- Sei lá. No meu entender sim né, porque pode ser que pra eles seja boa a conversa né, mas se eles não vem né.
INQ.- Aham.
INF.- Mas pra mim não. (inf.6)

A entrevistada acredita que, entre os falantes de determinado idioma, por conseguirem estabelecer a comunicação, a língua deve lhes parecer “boa”, contudo, como foge ao seu entendimento, para ela, acaba sendo pior. O informante 3 indica o espanhol paraguaio como sendo pior, de alguma forma o vê como não sendo original, mas uma imitação, talvez do espanhol falado pelos argentinos:

INF.- Pior acho que é o espanhol paraguaio. Aquele bastante imitado né.(inf.3)

Este informante é o único que anteriormente respondera que o brasileiro é quem fala melhor. Por fim, o informante 17, generaliza as línguas européias como sendo piores:

INF.- Ah difícil, mas é mais difícil... pessoal da, da Europa, que a gente vê às vezes nas Cataratas, por aí né, falam muito, muito estranho, né, sei lá. (inf.17)

A declaração deste entrevistado talvez exponha certo xenofobismo com relação aos europeus, de alguma maneira ele pode sentir que eles invadem o território brasileiro pelas Cataratas e isso o incomoda, definindo seu falar como “estranho”. Assim, em dados percentuais, obtivemos os seguintes resultados demonstrados no Gráfico 7:

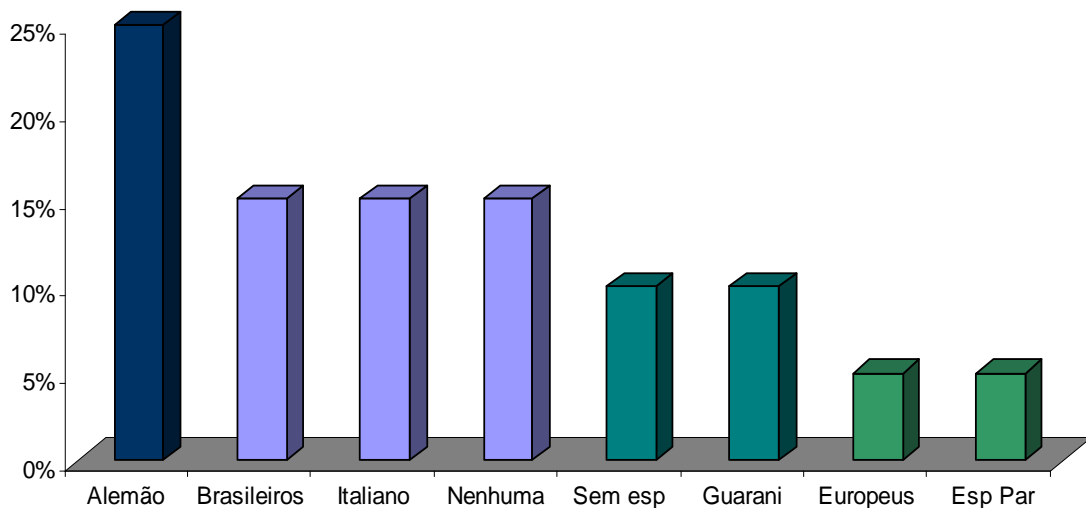


Gráfico 7 - E quem fala pior?

O gráfico mostra que 25% dos entrevistados consideram que os alemães falam pior. Com 15% cada, o italiano e o brasileiro são os que falam pior; mas o mesmo percentual dos informantes acredita não haver quem fale pior devido ao fato de a linguagem fazer parte da cultura de um povo; 10% indicam que, excetuando aquele que fala melhor, os demais são piores, esse percentual também faz referência aos guaranis; por fim, o europeu, de maneira geral e o espanhol paraguaio representam 5% cada de quem fala pior.

As informações fornecidas pelos falantes e suas análises permitem considerar que, neste caso, a barreira do prestígio é consolidada na dificuldade de compreensão de um idioma e assim como também ao componente cognoscitivo o qual inclui as percepções, julgamentos, saberes, as crenças e os estereótipos presentes no indivíduo (LÓPEZ MORALES, 1993; MORENO FERNÁNDEZ, 1998). Os próprios capanemenses podem contribuir para a disseminação da crença de que o alemão é um idioma difícil e estranho, evidenciando o

componente social (BEM, 1970). Além disso, poucos informantes ligam a linguagem à cultura e a única referência ao espanhol paraguaio, reforça a atitude positiva dos capanemenses com relação aos falantes de espanhol.

5.3 Idiomas de contato e comportamento linguístico

No bloco seguinte, que abrange as questões de 13-22, buscamos verificar os locais de uso destes idiomas, assim como também o comportamento de seus falantes.

5.3.1 Em que lugares você ouve estas línguas ou modos de falar diferentes?

Após averiguarmos a possível convivência de nossos informantes com outros idiomas que não o português no ambiente familiar, questionamos a respeito dos locais existentes na cidade de Capanema, onde é comum observar pessoas fazendo uso de línguas estrangeiras para se comunicarem. (A – alemão; I – italiano; E.A. – espanhol argentino; C – castelhano; X – generalizou idiomas)

INF	Amigos/parentes	Comércio	Igreja	Loc. Aliment.	Loc. lazer	Mercado	Diversos	Rádio	Posto de saúde
1			A			A			
2	A, C								
3					A				
4	A		A	A					
5							x		
6	A								
7				x		x			
8	A								
9		x						x	
10							x		
11	A, I								
12		x	x		x				
13		x							
14	x								x
15	A	E.A		A, I					
16		A							
17		A			A, I				
18		E.A, C							
Total	7	7	3	3	3	2	2	1	1

Quadro 9 - Em que lugares você ouve estas línguas ou modos de falar diferentes?

No quadro 9, além dos diferentes ambientes citados pelos inquiridos, apresentamos os idiomas especificados por eles. Desta maneira, podemos levantar qual é o idioma mais comumente utilizado em locais públicos.

Analisando as respostas da pergunta de número 13. “Em quais lugares você ouve esta(s) língua(s) ou modo(s) de falar diferente(s)?” obtivemos como situações mais frequentes, entre “familiares/amigos” e na “rede comercial”. A primeira foi sugerida pelos informantes 2, 4, 6, 8, 11, 14 e 15, ou seja, esta resposta concentrou-se, independentemente do grau de escolaridade, entre as mulheres jovens. A segunda foi apontada pelos informantes de Ensino Médio 9 e 12; e informantes com Ensino Superior: 13, 15 a 18. Nenhum informante que tenha cursado apenas o Ensino Fundamental sugeriu o espaço comercial, o que poderia ser explicado pela própria situação financeira a que as pessoas com menor grau de escolaridade estão sujeitas, ou seja, quanto menos tempo ocupando os bancos escolares, menor também será o acesso a bens de consumo. Esta resposta é mais significativa entre informantes da segunda e terceira faixa etária, haja vista ter sido citada por um único respondente jovem.

Com três ocorrências cada, foram mencionados “locais de lazer” - informantes 3, 12 e 17 - e de “alimentação” - entrevistados 4, 7 e 15 - e “igreja” - informantes 1, 4 e 12. Os dois primeiros (“local de lazer” e “de alimentação”) foram observados com maior frequência entre os homens, já “igreja”, entre mulheres. “Mercado” foi sugerido pelos informantes 1 e 7, ambos do sexo masculino e pertencentes à primeira faixa etária, o que nos causou certa surpresa, por nos parecer que, em sua maioria, são as mulheres que se ocupam desta atividade.

Os informantes 5 e 10 não enumeraram locais específicos, relataram que o uso de idiomas estrangeiros é passível de observação em diversos ambientes. Já o informante 9 relata que os ouve em “rádios” da fronteira ouvidas na cidade de Capanema, enquanto que a informante 14 fez esta constatação em “Posto de Saúde”.

Alguns informantes explicam a alternância do idioma - L.E → L.P e L.P → L.E - de acordo com as circunstâncias tais como ambiente, locutor e interlocutor ou, participantes do ato de comunicação. Seguem alguns exemplos extraídos de entrevistas:

Exemplo I:

a sogra da minha irmã, ela fala em alemão, só que ela não conversa assim quando a gente ta junto, né, só quando vem as pessoas que conversam que nem eles, aí ela pronuncia as palavra, mas não é sempre também. (Inf.2)

A informante 2 relata que uma conhecida fala em alemão apenas quando está entre outros da mesma descendência, não o fazendo quando há pessoas de outras origens.

Exemplo II:

INF.- Que lá é mais é, pessoal conversa, por exemplo alemão, é mais suas casas e comunidade num é mesmo né? Quando vem mais pro comércio é mais difícil, eles...

INQ.- Ai é mais o português?

INF.- Uhum, mais o português.(Inf.3)

O exemplo I é reforçado pela informação do inquirido de número 3, pois conta que os alemães normalmente empregam este idioma em suas próprias residências ou dentro das comunidades alemãs; já em ambiente comercial, procuram utilizar a língua portuguesa mesmo.

Exemplo III:

INQ.- Esses outros idiomas, o senhor até falou às vezes uma senhora conversa com a vizinha, né. A conversa em italiano, espanhol ou alemão, o senhor vê as pessoas conversando nessas línguas em quais lugares?

INF.- Mais é realmente na própria propriedade, mas a partir do momento que se desloca, que vai numa comunidade, vai numa festa do interior onde há convergência de gente, gente de várias localidades, né, já falam o português e abandonam a língua com a própria vizinha, às vezes, não fala.

INQ.- Aqui no comércio...

INF.- Tsc tsc

INQ.- ...em restaurante...

INF.- Não, no comércio....

INQ.- Nada disso?

INF.- Alemão, nem italiano, a gente quando encontra um italiano, a gente sente saudade de falar um pouco o italiano, eu puxo uma conversinha em italiano, entende? Quando eu tenho saudade, com os meus irmãos por exemplo, eu falo pelo telefone, eu lembro daí que a mãe falava com nós, então a gente conversa um pouco em italiano, mas é uma pena porque ta sumindo. (Inf.11)

O informante 11 complementa que idiomas estrangeiros usualmente são restritos ao ambiente familiar e à comunidade específica e que, ao mudarem de ambiente, os falantes deixam de utilizá-lo, o que, segundo ele, é lamentável, pois ao se afastarem do idioma, os descendentes de outras nações distanciam-se da cultura de origem. Segue outro trecho do mesmo informante:

INF.- ...Ta sumindo, é uma pena que ta sumindo e era aquele dialeto, dialeto que teria no Sul do Brasil, que teria no interior de São Paulo [...]

Aux.- Mas aqui vocês não têm, não se reúnem pra jogar, jogar baralho, pra fazer alguma coisa e não falam a língua...

INF.- Ta ficando em extinção porque se encontram aqui Poloneses, alemão, italiano jogam baralho. Aqui não tem só que nem lá em Nova Brécia, ali em Angelina, Santa Catarina, ali perto do litoral perto de Camboriú, pra cima de Brusqui, lá tem uma cidade onde tem a Madre Paulina, lá eles falam tudo italiano, bastante italiano, no dialeto deles, né. (Inf.11)

Descendente de italianos, o inquirido relata que o dialeto trazido pelos imigrantes tem sumido nesta região e que mais para o Sul do país ainda é possível encontrar seus falantes. De acordo com as informações oferecidas por nossos informantes, constatamos que o idioma mais facilmente observável é o alemão, citado 15 vezes e distribuído pelas diversas localidades, tais como: comércio, igreja, locais de alimentação e de lazer, mercados, entre outros. Alguns informantes (12 ocorrências) não especificaram os idiomas que costumam presenciar, contudo, relataram ouvi-los, de modo geral, em todos os ambientes enumerados no quadro 9. O italiano foi sugerido três vezes e as situações indicadas foram entre amigos e familiares, locais de alimentação e locais de lazer. Conforme as respostas, falantes do espanhol argentino (duas vezes) e do castelhano, especificamente, costumam utilizá-los no comércio.

O Gráfico 8 ilustra em percentuais os dados descritos:

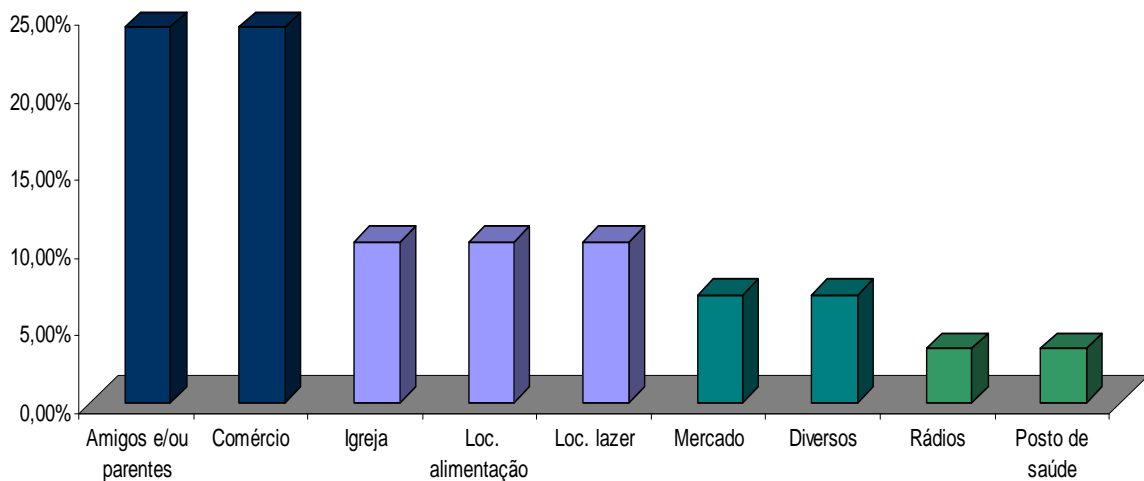


Gráfico 8 - Em que lugares você ouviu estas línguas ou modos de falar diferentes?

Os dois ambientes com maior frequência de falantes de outros idiomas, que não o português, são locais em que se encontram famílias/amigos e no comércio, com 24,1%; com segunda maior assiduidade foram indicados a igreja, locais de alimentação e locais de lazer, representando 10,4% cada; em supermercado e em ambientes generalizados a representação é de 6,9% e, por fim, rádios e posto de saúde indicam menos de quatro por cento das respostas (3,5%).

5.3.2 Quando você se aproxima dos paraguaios, argentinos, alemães ou italianos, eles continuam conversando?¹⁵

O item 6.3.2 referente às questões de número 14 - 17 tem em vista averiguar a postura de falantes estrangeiros, sob o ponto de vista dos capanemenses, com relação à presença dos moradores locais durante o ato de fala em que esteja sendo empregado outro idioma que não o português. O Quadro 10 mostra as preferências dos informantes (N.S - não sabe):

	Argentino	Paraguaio	Alemão	Italianos
1	sim	sim	sim	sim
2	sim	sim	não	sim
3	sim	sim	sim	sim
4	sim	sim	sim	N.S
5	sim	sim	não	não
6	sim	sim	sim	N.S
7	sim	sim	N.S	N.S
8	sim	sim	sim	N.S
9	sim	não	sim	N.S
10	sim	sim	N.S	não
11	sim	não	não	sim
12	N.S	sim	sim	"sim
13	sim e N.S	sim e N.S	N.S	N.S
14	sim	sim	sim	sim
15	sim	sim	não	não
16	sim	NF	sim	sim
17	sim	sim	sim	sim
18	N.S	não	N.S	N.S
Total	16S	14S	10S	8S
	3NS	3N	4N	7NS
		1NS	4NS	3N

Quadro 10 - Quando você se aproxima dos paraguaios, argentinos, alemães ou italianos, eles continuam conversando?

No que diz respeito aos estrangeiros/descendentes de estrangeiros darem continuidade ao diálogo, caso algum morador local se aproxime, as respostas indicam quase que unanimemente que, em sua maioria, estes permanecem conversando. Os de ascendência argentina foram os mais lembrados com dezesseis respostas positivas para a continuidade da comunicação e três revelando que os informantes não souberam responder - informantes 12, 13 e 18, os dois últimos com Ensino Superior. A informante 12 esclarece não ter observado

¹⁵ Esta é outra questão que pode levar à interpretação ambígua: para de conversar em respeito ao brasileiro não falante da língua estrangeira ou para por que não querem que o outro participe da conversa?

argentinos conversando em Espanhol, por isso, não saberia responder: “Eu não observei isso aí.”, a informante 18 explica: “Eu não tenho muito contato com eles.” O informante 13, a princípio, afirma que os argentinos não parariam de conversar, contudo, em seguida, revela não ter presenciado tal fato, o que demonstra ter se baseado em pressuposição apenas.

INF.- Não, geralmente não.

INQ.- É, já...

INF.- Num sei, nem vi isso. (Inf.13)

Os paraguaios tiveram catorze indicações de que permanecem dialogando, três que interrompem a conversa inf.9, inf.11 e inf.18 e um informante que não soube responder (inf.13). Alguns comentários dos entrevistados ilustram a análise:

INF.- É, quando eles veem e sente a presença da pessoa, muitas vezes, eles, eles param de falar. Ou pra... mesmo um comentário, fazer um comentário, sobre um brasileiro assim, eles falam em guarani. Mas a maioria das vezes eles puxam mais o castelhano, né. Espanhol. (Inf.9)

O informante 9 explica que os paraguaios não só param de conversar em espanhol, como alternam o idioma para o guarani, o que torna o tema da conversa mais sigiloso, visto que um não nativo dificilmente o compreenderia.

INF.- Os paraguaio não tenho lá grande intimidade com paraguaio, né...paraguaio é...Paraguai é um país pequeno e que tem um resíduo de cultura que eles sobram da guerra do Paraguai.(...) Ele, o paraguaio mesmo, ele fica desconfiado. O paraguaio mesmo, porque ele ainda traz um pouco de berço de guarani mesmo, de indígena, porque na extinção do paraguaio, na guerra do Paraguai, sobram as mulheres, as criança e os guarani selvage, que estavam dentro da selva, escondido, né, assim, pelo menos eu li bastante sobre isso aí, né. (Inf.11)

Para o informante 11, o fato de o paraguaio interromper a conversa, é explicado pela história cultural do país. Segundo ele, após a Guerra do Paraguai, restou pouco daquele povo, na sua maioria mulheres e crianças que se esconderam nas matas, por isso, trazem resquícios de uma cultura “selvagem”, o que os torna “desconfiados”. Poderia ser esta a razão de mudança de idioma - espanhol → guarani - citado pelo informante 9.

INF.- Olha, quando a gente vai ao Paraguai, eu acho que isso aí é uma regra geral, mesmo os outros lugares, as outras línguas a gente percebe que eles param de falar quando a gente chega. (...) Mas não sei se é pra dar atenção pra gente ou eles pensam que a gente num vai entender o que eles estão

falando. Se é isso ou se é uma questão de dar atenção pra gente que... atenção deles é muito pouca. (...) Não sei te dizer agora. Mas eu acredito, eu, eu percebo assim que eles param de conversar. (Inf.18)

A informante 18 baseia sua resposta em experiências vividas por ela, no país vizinho (Paraguai), normalmente em ambiente comercial. Para ela, a interrupção de conversas na língua espanhola pode se dar pela necessidade de comunicação com o brasileiro para que se efetuem as vendas, contudo, acrescenta que, de maneira geral, os paraguaios são pouco atenciosos com os brasileiros.

Quanto aos alemães (ou descendentes), dez respostas indicam que, na presença de outros moradores, há continuidade da conversa, quatro sinalizam que a conversa é interrompida: informantes 2, 5, 11 e 15 e quatro entrevistados se abstiveram: informantes 7, 10, 13 e 18. O informante 5 justifica sua resposta da seguinte forma:

INF.- É geralmente uns aqui, geralmente param, eles sempre param de conversar porque eles num... num gostam de, de porque o nosso país, a língua nossa é portuguesa. Então as pessoas param porque acham que o outro pode se ofender porque acham uma espécie de racismo, coisa assim parecida, a pessoa fica um pouco chocada, então... começam a falar o... a língua... do Brasil. (Inf.5)

Para esse informante, os alemães/descendentes de alemão param de conversar em seu idioma por respeito aos brasileiros, nativos da terra em que habitam, evitando assim, a ocorrência de divergências motivadas pela língua utilizada. O que evidencia atitude positiva ou de prestígio pelos brasileiros motivado pelo componente afetivo (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

INF.- O alemão para. Ele para, ele tem um trauma, alemão. Ele tem um trauma do, daquele tempo da ditadura, do Getúlio Vargas, que era proibido falar em alemão, falar italiano, falar alemão. O italiano não se intimidou muito, o italiano, mas os alemão se intimidou bastante, o alemão tem um trauma, né, que tinham que falar em alemão escondido, nos anos 30, 35, na época da guerra. (Inf.11)

Conforme o entrevistado de número 11, a razão pela qual os alemães/descendentes de alemão interrompem um diálogo com a aproximação de um capanemense é histórica, seria consequência de experiência traumática vivida entre os anos 30 e 35, época em que reinava a ditadura e houve a proibição do uso de idiomas estrangeiros.

Por fim, parte dos entrevistados (oito) acredita que italianos/descendentes de italianos permanecem conversando caso alguém de outra nacionalidade se aproxime. É o idioma com maior representatividade de pessoas que não souberam responder, um total de sete, são eles os informantes 4, 6-9, 17 e 18. Há ainda três inquiridos que afirmam que falantes desse idioma interrompem a comunicação caso um capanemense se aproxime: inquiridos 5, 10 e 15. Os informantes 5 e 15 não apresentam as possíveis causas ou exemplos que justifiquem a interrupção, apenas a informante 10 comenta:

INF.- É, eles terminam o assunto, né.

INQ.- É? (risos).

INF.- (risos) É, eu percebo, assim quando, né, principalmente na minha família né, assim. Quando tu chega e eles terminam o assunto, né. E... depois eles conversam no, no ritmo nosso, no português. (Inf.10)

A informante percebe que os italianos/descendentes de italianos passam a conversar em português, “no ritmo nosso, no português”, o que pode se tratar de uma atitude de ajustamento à sociedade (LAMBERT ; LAMBERT, 1975), assim, de alguma forma, esses falantes possuem a crença de que seja mais vantajoso empregar a Língua Portuguesa frente aos capanemenses.

Desse modo, obtivemos dez indicações de que falantes de língua estrangeira deixam de fazer uso de determinado idioma na presença de descendentes de outras etnias; essa afirmação foi feita por uma maioria masculina (sete), com idades entre 35 e 75 anos. Foram quinze abstenções, sendo oito na fala de informantes do sexo feminino com idades entre 35-75 anos e sete na fala de informantes jovens do sexo masculino.

O gráfico 9 traz os percentuais dos dados referentes aos quatro idiomas que constam do Quadro 10.

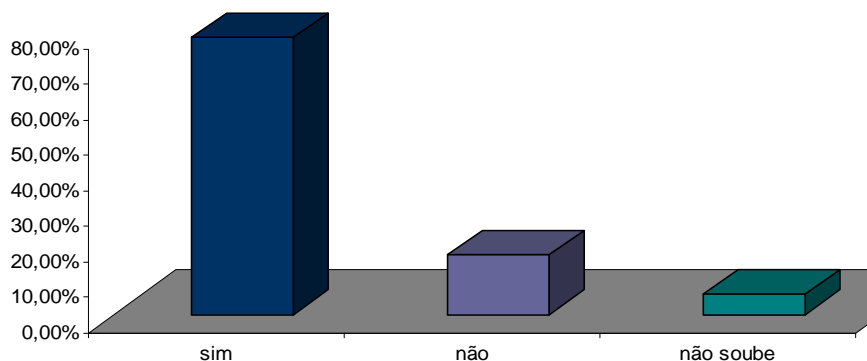


Gráfico 9.A - Quando você se aproxima dos paraguaios eles continuam conversando?

De acordo com o Gráfico 9-A, 77,90% das respostas indicam que os paraguaios não se importam com a presença dos capanemenses, portanto, não interrompem a conversa; 16,70% sugerem que eles não continuam conversando e 5,40% ou seja, um único informante não soube informar.

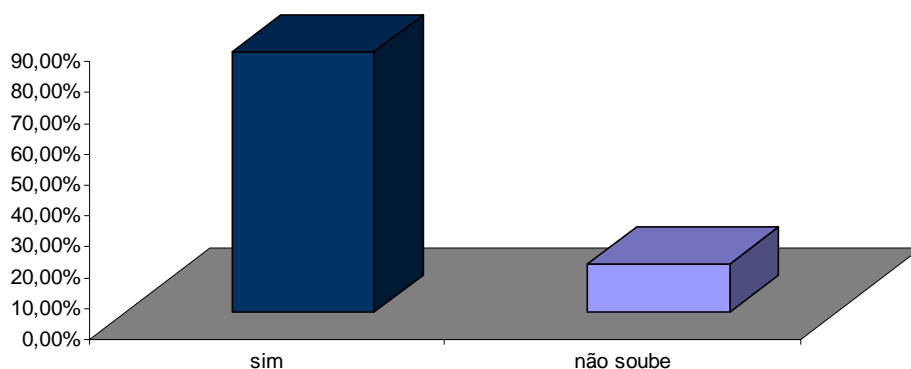


Gráfico 9.B - Quando você se aproxima dos argentinos eles continuam conversando?

O Gráfico 9-B aponta que, para 84,20% dos informantes, os argentinos não interrompem a conversa, enquanto quinze 15,80% se abstiveram. Não se registrou nenhuma resposta negativa, o que pode ser justificado pela vizinhança com a Argentina, pois, dos idiomas citados, é o único fronteiriço com Capanema, o que leva a crer que os argentinos tendem a se sentir mais confiantes em utilizar a língua materna na presença dos brasileiros.

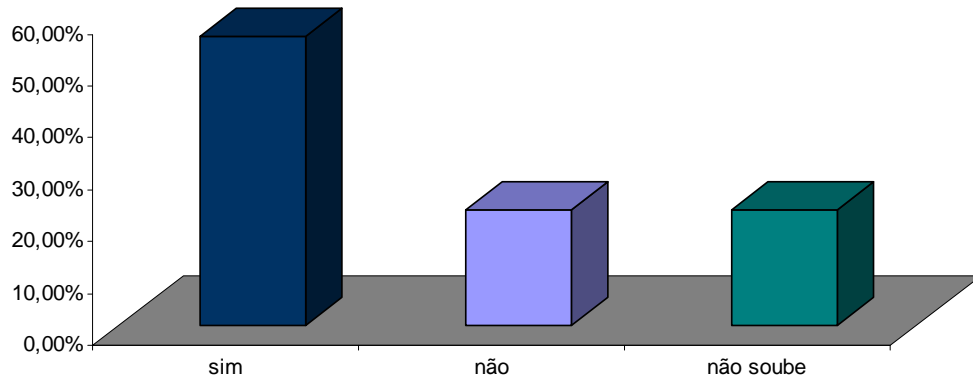


Gráfico 9.C - Quando você se aproxima dos alemães eles continuam conversando?

Pelo gráfico 9-C, 55,6% das respostas são positivas com relação à continuidade da conversa mesmo com a aproximação de um capanemense; 22,2% representam os que não souberam responder e os que acreditam que estes falantes interromperiam a fala em seu idioma.

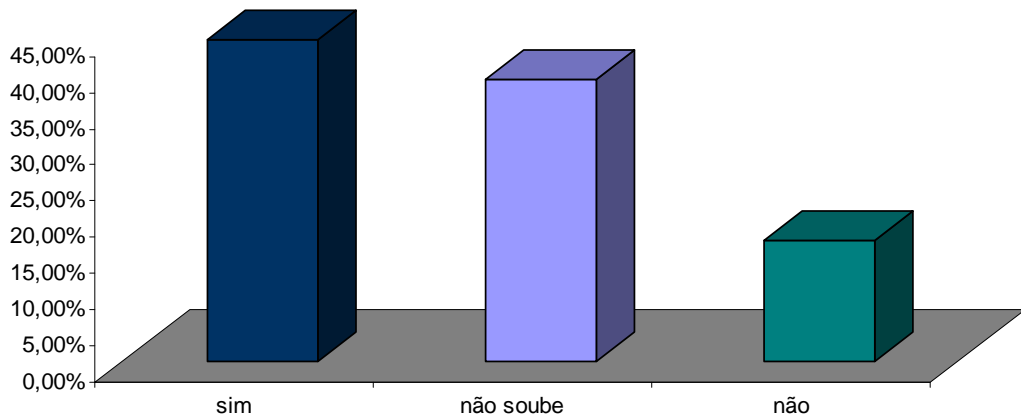


Gráfico 9.D - Quando você se aproxima dos italianos eles continuam conversando?

De acordo com o Gráfico 9-D, 44,40% referem a continuidade da conversa; 16,70% sinalizam que os italianos/descendentes de italianos deixam de usar o idioma na presença das demais pessoas e 38,90% não souberam responder.

Com base nas respostas dadas às questões 14 - 17, sintetizamos a reação dos falantes de línguas estrangeiras em presença dos capanemenses.

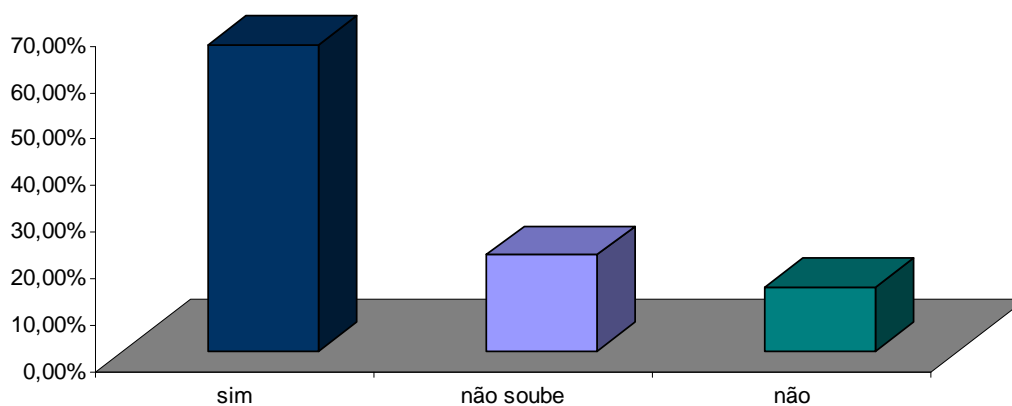


Gráfico 9.E – Quando você se aproxima dos paraguaios, argentinos, alemães ou italianos, eles continuam conversando?

Conforme Moreno Fernández (1998, p.252), em falantes de uma língua minoritária, é possível encontrar um profundo sentimento de lealdade linguística, que reagem contra as ameaças que podem afetar sua língua. Assim relataram nossos informantes que, em 65,70% das ocasiões em que há descendente de estrangeiros/estrangeiros conversando em seu idioma, há continuidade na comunicação; 13,70% explicaram que os falantes ou encerram o diálogo ou passam a utilizar o português e 20,60% não souberam responder. Tais resultados permitem concluir que, em sua maioria, os estrangeiros ou seus descendentes não se sentem intimidados na presença dos demais capanemenses e nem sempre que interrompem a conversa é por acreditarem que seu idioma seja alvo de recusa, mas sim, por demonstração do respeito pelo povo brasileiro e do prestígio que lhe atribuem. Neste particular, é oportuno relembrar os casos de deslealdade linguística citados por Moreno Fernández (1998, p.252), em que grupos minoritários de locais multilíngues, ou seja, que utilizam um idioma não majoritário, deixam de empregá-lo e passam a fazer uso da língua majoritária com o intuito de serem vistos positivamente pela sociedade.

5.3.3 Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos?

A pergunta número 18 busca a opinião dos capanemenses sobre a valorização das línguas empregadas em sua cidade. Teria algum desses idiomas mais prestígio que outro ou o apreço pela língua portuguesa é capaz de encobrir a visão positiva pelas outras línguas?

INF	Portuguesa	Espanhola	Italiana	Igual	Argentino	L E
1	x					
2				x		
3	x					
4	x		x			
5	x					
6	x		x			
7						x
8					x	
9		x				
10	x					
11	x					
12				x		
13						
14	x		x			
15	x					
16		x				
17	x	x				
18	x					
Total	11	3	3	2	1	1

Quadro 11 - Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos?

Ao solicitarmos que elegessem quem fala melhor, comparando os que utilizam a língua portuguesa com os idiomas presentes em Capanema, averiguamos que, para onze destes informantes, quem emprega o português fala melhor que os demais usuários, excetuam-se os entrevistados de números 2, 7 - 9, 13 e 16, ou seja, os jovens recusaram o falar local como sendo superior ao falar estrangeiro. Ilustramos com os comentários que julgamos relevantes para a análise.

INF.- Aí tem tudo... daí depende de... de que maneira você vai pegar isso aí, porque entre eles que se entendem bem, e sabe conversar e sabem se expressar, pra eles acho que tanto, tanto faz como tanto o português... ué o alemão, o espanhol, ou é o italiano... eu acho que, acho que é mais ou menos depende é situação, ocasião tudo, tudo as coisa se ajeita conforme... a ocasião né. (Inf.5)

O informante 5 explica que dependerá da situação e das pessoas envolvidas na comunicação; assim, para um nativo, é melhor a língua que compreende, por isso, em termos de entendimento, ele acredita que quem emprega o português, fala melhor.

INF.- Pra mim que eu não falo, falo só o português, pra mim, entender melhor, é o português e o que fala melhor pra mim, é o português, porque eu consigo entender, né. (Inf.10)

Acima, a informante 10 esclarece que, tendo em vista a facilidade de compreensão da sua língua materna, fala melhor quem utiliza a língua portuguesa.

INF.- Não, quem fala um português bonito, que nem o sul do Brasil fala, em Porto Alegre, aí é bonito de vê falar, né, no “tu fostes” ta escrito, “tu viestes” ta escrito, né, não ta escrito?

INQ.- Está escrito.

INF.- Tu fostes, tu viestes, né, tá escrito e eles falam, não é mesmo? Tu andastes, né, ta escrito, no Sul fala. Você escuta uma entrevista de um cara intelectual em Porto Alegre (inint) ele vai falar “tu viestes, tu fostes”. (Inf.11)

Este informante (11) reconhece a existência da variação linguística no Brasil e, segundo ele, a variante de Porto Alegre está mais próxima da linguagem escrita, vista, portanto, como a de maior prestígio.

INF.- Eu acho que portuguesa, o espanhol, por exemplo, a gente vê quem é da Argentina, fala talvez corretamente, mas os brasileiros falam espanhol, bem fluente, eles chama de portunhol né, é, os dois, as duas vão conseguindo, de repente alguém, eu vejo assim, alguns comentários, que a minha... o sítio do meu pai é fronteira com a Argentina, então a gente tinha bastante contato, tinha algumas pessoas que... dizia que... o sotaque deles aqui, na fronteira, é bem diferente do centro da Argentina, que eles não falam corretamente o... o espanhol, como tem, pessoas que costuma falar corretamente o português. (Inf.15)

Conforme o informante 15, os brasileiros, além de usarem o português, conseguem também se comunicar muito bem em espanhol, conta que é de seu conhecimento que os argentinos moradores da área limítrofe com o Brasil não utilizam o idioma da mesma forma que no centro da Argentina, que seria o mais “correto”.

INF.- Eu acho que o é português. Eu acho que é o português, que saiba, eu posso até achar bonito o, o argentino falando, né, mas acho que o português... num sei a terra, né. (Inf.18)

De forma sutil, a informante 18 esclarece que, apesar de apreciar o espanhol argentino, prefere o português por ser a sua língua materna, a língua da sua terra.

Três informantes responderam que fala melhor o usuário do espanhol: o entrevistado 9, com Ensino Médio e dois com Ensino Superior - 16 e 17 -, fato que revela o

prestígio por parte dos capanemenses com maior grau de escolaridade, em especial, os homens, com relação à língua do país vizinho. Destacamos excertos das entrevistas que justificam esta resposta:

INF.- É que nem eu te falei, não é por, por falar de assuntos vários, nem desmerecer nossa língua, mas o espanhol ele fala mais correto. Inclusive muitas palavras que eu ouço em espanhol é que tá no nosso dicionário.

INQ.- Ah sim.

(Interrupção da entrevista)

INQ.- Desculpa, nós paramos em... é, você estava dizendo que não era discriminação né, a respeito do...

INF.- Da língua portuguesa.

INQ.- Da língua portuguesa né. Uhum. Você disse que o espanhol...?

INF.- É, eu acho que ele fala mais corretamente porque muitas palavras deles estão no nosso dicionário. (Inf.9)

O informante 9, com receio de ser mal interpretado por eleger o falante da língua espanhola como quem fala melhor, se posiciona na ‘defensiva’, justificando que não “desmerece” nosso idioma. Expressa que várias palavras utilizadas pelos falantes de espanhol são encontradas inclusive em dicionários de português, o que o leva a crer que aqueles falam melhor que os brasileiros.

INF.- Ah eu... acho que fala melhor num sei te dizer, mas eu acho muito bonito, o espanhol né.

INQ.- É?

INF.- Ah, eu acho uma língua muito bonita. (...) Acho lindo o espanhol. (Inf.14)

Esta informante expressa uma posição bastante positiva em relação ao espanhol, exaltando a beleza que enxerga no idioma.

Somente as mulheres citaram os italianos como aqueles que falam melhor: 4 e 14.

INF.- Eu acho que português.

INQ.- Português? Por quê?

INF.- Mas vai, aqui mesmo, nas línguas, meus filhos eles já entende em alemão, né, daí eles falam bem o português e (inint) como alemoa, já não sei mais falar o português né, daí eu acho que o português né..

INQ.- E quando a senhora fala em português não tem nenhuma, alguma coisa do alemão que não percebe...

INF.- Não pra mim não, mas pra...

INQ.- O pessoal normalmente (inint).

INF.- Sim, quando eu era mais pequena, nada, não sabia pedir em brasileiro né... (Inf.4)

Apesar de comentar a respeito de sua dificuldade durante a infância e até mesmo na vida adulta de se comunicar em português, a descendente de alemães acredita que os usuários daquele idioma falam melhor, evidenciando prestígio pela língua usada no Brasil. A informante 6 não tece comentários a respeito de sua escolha.

INF.- Na verdade, num tem uma que fala, cada um fala a sua, mas a gente é acostumado a falar com o pai, a falar com uma dicção melhor, então por isso que até a língua alemã, e algumas palavras da língua espanhola são que nem de... são (?=falsas amigas, né), porque representam uma coisa, mas são...

INQ.- Sim, uhum. Mas você acha que, que são então essas pessoas que falam melhor?

INF.- Que é a língua portuguesa. A portuguesa e a italiana. (Inf.14)

Segundo a informante 14, cada um fala de uma maneira, porém lhe parece melhor o idioma mais familiar, aquele que se cresce ouvindo junto ao convívio dos pais. Assim, sendo brasileira e descendente de italianos, elege os falantes de português e de italiano como os que falam melhor. Comenta ainda que algumas línguas, como a alemã e a espanhola possuem falsos cognatos, ou seja, lembram o vocabulário português, mas com significados diferentes.

Apenas duas informantes acreditam que todos falam da mesma maneira, ou seja, não há falante melhor ou pior, são as de número 2 e 12.

INF.- Ah, cada um fala na maneira que é melhor, né, que nem pra gente, pra linguagem deles é mais difícil pra gente, né, mas pra eles a nossa é complicada, então, eu que...que no ponto de vista, cada um tem a sua maneira de falar, né, então ele pode achar a minha errada, ou eu achar a dele, né, mas pra ele ou pra mim, está certa a mesma coisa. (Inf.2)

Segundo a informante 2, para cada indivíduo, sua língua materna será melhor, contudo, não pela questão de superioridade, e sim, pela capacidade de entendimento e de comunicação. E é pela falta de compreensão que falantes de idiomas distintos podem vir a acreditar que o outro fale errado. Já a informante 12 vê os usuários de outros idiomas como todos falando de forma igual.

INF.- No meu ver, acho que os que tem outras línguas comunicam tudo igual né, porque eles...(Inf.12)

Uma única informante – a jovem com Ensino Médio - citou os argentinos como os que falam melhor:

INF.- Ficou mais difícil né, tem pessoas que falam português só que né, tem muitos... quase assim que, que fala errado tal né, então como tu pega assim da pessoa né, do, do lugar que ela, por exemplo que os argentinos, eles, eles eu acho que eles falam muito bem né, a língua deles. (Inf.8)

Esta entrevistada acredita que muitos dos que falam a língua portuguesa fazem uso errado e que os argentinos falam muito bem a língua deles.

O informante jovem com Ensino Médio (nº7) acredita que usuários de línguas estrangeiras falam melhor que os de português, como é possível observar no excerto que segue:

INF.- As línguas estrangeiras.

INQ.- Você acha que eles falam melhor?

INF.- Sim.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque assim, em português, ninguém, é difícil alguém que fale o português correto mesmo, porque qualquer, que é uma língua cheia de coisa, cheia de, derivados e tal, então acho que eles falam a língua, talvez por ser uma língua menos complexa, eles falem melhor. Já o português é difícil encontrar quem fale, tem, tem, por exemplo, popular, que é muito mal falado, acho que eles falam melhor, do que o brasileiro. (Inf.7)

Assim, como a informante 8, o informante 7 acredita que os falantes de português não saibam usar corretamente o idioma, explica que é uma língua complexa e ampla e os demais idiomas parecem ser mais práticos e simples, por isso, os falantes de línguas estrangeiras fariam melhor que os brasileiros.

O Gráfico 10 traz em percentuais os dados da análise:

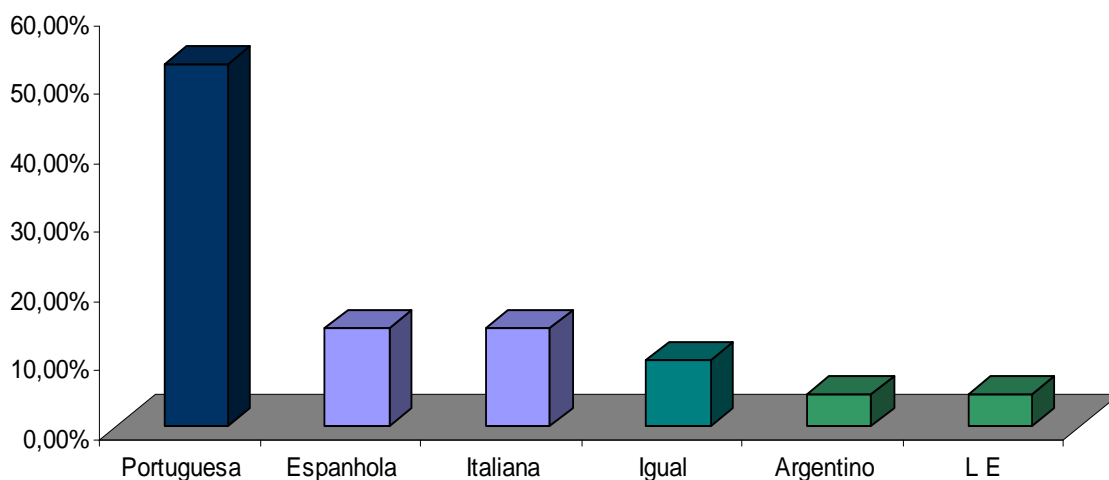


Gráfico 100 - Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos?

Com maior percentual, os falantes da língua portuguesa são indicados como aqueles que falam melhor, com 52,40%. Assim, observa-se que, no momento em que o falante necessita avaliar a própria língua e compará-la com outros idiomas, reage de maneira positiva, remetendo ao prestígio linguístico (AGUILERA, 2008a). A indicação para os falantes de língua espanhola e de língua italiana foi igual, 14,30% cada. 9,50% das respostas sinalizam que todos falam igual, nenhum falante é considerado melhor ou pior que outro. 4,50% afirmam que os argentinos falam melhor que os demais e, por fim, 4,50% demonstram que todos os que falam línguas estrangeiras são melhores falantes do que os que utilizam o português.

5.3.4 Essas línguas são feias ou bonitas? Qual é a mais bonita? Qual é a mais feia?

Vimos em questões anteriores a opinião dos moradores de Capanema no âmbito da fala alheia, numa classificação de “qualidade” de quem fala melhor ou pior de acordo com suas crenças e percepções. Neste item, cabe aos entrevistados opinar de forma positiva ou negativa em relação ao apreço e beleza, ou a falta deles, que acreditam existir em um ou outro idioma.

INF	Todas	Espanhola	Italiana	Alemão	Port/Bras	Argentino	Guarani
1				B			F
2			B	F			
3		B					
4	B	B	F				
5	B						
6			B		B		
7			B	F		B	F
8	B			B			
9							
10	B				B		
11		B	B	B			
12	B						
13	B						
14							
15	B	B	B				
16	B	B					
17		B			B		
18		B	F	F		B	
Total	8B	7B	5B, 2F	3B, 3F	3B	2B	2F

Quadro 12 - Essas línguas são feias ou bonitas? Qual é a mais bonita? Qual é a mais feia?

No Quadro 12, registramos as respostas de acordo com a opinião pessoal sobre a beleza dos idiomas com os quais têm contato. Como se observa, foram muitos os que deram mais de uma resposta a fim de indicar qual acham mais bonito. Um número razoável (oito) crê que todas as línguas sejam bonitas; são os informantes: 4, 5, 8, 10, 12, 13, 15 e 16. O número de homens e mulheres que deram esta resposta é praticamente o mesmo, uma proporção de 3:4; por outro lado, predomina entre os informantes com maior escolarização, pois apenas um deles tinha o Ensino Fundamental, os demais estão entre os do Ensino Médio e Ensino Superior.

Apresentamos abaixo alguns excertos relevantes das entrevistas:

INF.- Acho que toda língua é bonita. Ela seja bem esticada, seja uma conversa de frente, acho todas as línguas bonitas, todos sabem qual é o idioma. No meu ponto de vista. (Inf.5)

O informante 5 vê todas as línguas como bonitas e demonstra que é fácil saber qual idioma está sendo empregado, além de preferir que, quando a conversa for em outra língua, seja aberta, clara e não de maneira que os outros não possam ouvir, pois assim não sente que há exclusão ou que possa estar sendo falado algo que não lhe seja agradável.

INF.- Ah eu acho que são todas bonitas, cada uma tem a sua língua né. Porque se eu gosto da minha língua, eles gostam da deles né.(Inf.4)

Para a informante 4, cada indivíduo deve gostar do idioma que fala, por isso, gosta da sua língua, mas nem por isso deixa de apreciar a beleza das demais.

INF.- Eu acho bonito. Ótimo né, é bom se todo mundo pudesse falar todas as línguas né.

INQ.- Isso é verdade. Haveria um interação maior.

INF.- Com certeza, né. Com certeza.

INQ.- Você já falou também que acha que todas têm a sua importância né, você num acha que nenhuma é melhor ou pior...

INF.- Sim, não. Todas são importante, eu acho que...

INQ.- Uhum, e você, então você também não acha que exista uma mais bonita ou mais feio ou um jeito de falar.

INF.- Não, eu acho que todas são boas, bonita. Porque tipo assim, pra mim é boni... eu entendo português, então eu gosto né.

INQ.- Sim.

INF.- Mas se eu souber entender outra língua, eu vou gostar também.(Inf.10)

A informante 10 prestigia todos os idiomas e sua atitude positiva em relação a eles é explicitada ao afirmar que todas as línguas são bonitas e têm sua devida importância. Além disso, ressalta a importância de conhecer outros idiomas, o que possibilitaria maior integração entre as pessoas; complementa que o fato de ter maior afinidade com o português estaria ligado ao domínio do idioma.

INF.- Não, como eu falei pra você... cultura né.

INQ.- E com um professor de história ainda, não vai falar né. (risos)

INF.- (risos) Não, porque a gente percebe claramente assim, digamos, a contribuição cultural de todos esses grupos para cultura brasileira né. Então nós percebemos já a nossa cultura não ser uma cultura única né, então ela seja... todos esses grupos que vieram para o Brasil, colaboraram na nossa formação cultural né. (Inf.13)

O informante 13 destaca que língua e cultura estão intimamente ligadas e observa a importância dos diversos falares na formação do Brasil, o que enriquece nosso país culturalmente. Conforme esse entrevistado, todos os idiomas e povos tiveram seu papel no desenvolvimento cultural do Brasil.

INF.- Eu acho muito bonita. Teria paixão de fazer, de estudar, que infelizmente, a gente mora num local onde é muito difícil o acesso né, e nossa, eu sempre digo pros meus alunos, se eu pudesse, eu estudaria a minha vida inteira.

INQ.- Que bom!

INF.- Tivesse assim, próximo né. Como agora, a gente tem que optar, ou trabalha, ou estuda. Num tem como né. (Inf.16)

Além do apreço, de maneira geral, por outros idiomas, a informante 16 tem atitude positiva expondo o interesse em aprendê-los, mas se sente limitada pelas condições econômicas e geográficas.

A língua com maior indicação (sete) para “bonita” é a espanhola, enumerada pelos informantes: 3, 4, 11, 15, 16, 17 e 18. Essa resposta está igualmente distribuída entre falantes dos dois sexos, em todos os graus de escolaridade, mas não aparece entre os inquiridos da primeira faixa etária.

INQ.- Teria uma que você acha mais bonita, uma que você acha mais feia?

INF.- Eu gosto do espanhol.

INQ.- Você gosta mais do espanhol, das outras você já...

INF.- É já, já é mais difícil né. (Inf.3)

Aparentemente a atitude positiva da informante 3 com relação à língua espanhola se dá por ser um idioma de mais fácil entendimento.

INF.- Ah, eu acho, eu porque sou descendente de italiano eu acho, eu acho lindo, acho lindo e o espanhol também acho lindíssimo o espanhol, o espanhol também acho lindíssimo. E tem mais detalhe ainda no espanhol, pra introduzi essa língua, o espanhol, a nível mundial, não é difícil, né, espanhol. Se você fica duas semana morando na Argentina, cê sai de lá já...já falando alguma coisa em espanhol, “con certeza hay que hablar muy rapido”. Porque tem muita coisa que são bem similar brasileiro, muita coisa. “muchas cosas son similares a los dos brasilianos”. (Inf.11)

Apesar de descendente de italianos, o informante 11 prestigia de forma relevante a língua espanhola. Além da beleza do idioma, o entrevistado explica que não seria difícil introduzi-lo mundialmente, pois acredita que em pouco tempo de convivência com falantes nativos é possível adquirir conhecimento. cremos que esta atitude possa ser motivada por sua ascendência e por ser conhecedor de idiomas de origem latina como o italiano e o português, o que, certamente, contribuiu para a aprendizagem de idiomas da mesma família.

INF.- Eu, na verdade assim, eu acho maravilhoso o espanhol. De ver os argentinos falando assim, que eu acho que eles falam rápido, não sei se é espanhol, é... é uma mistura, assim, eles falam rápido, e eu acho assim que eles se expressam melhor quando eles vão falar com alguém, eles, eles têm linguajar diferente assim, eu às vezes solto palavras pra falar com alguém. (Inf.18)

A informante 18 vê a língua espanhola como “maravilhosa”, rápida e acredita que seus falantes se expressem melhor que os demais e, quando possível, tenta se comunicar utilizando-a.

Cinco informantes citaram a língua italiana como bonita, sendo duas mulheres com Ensino Fundamental 2 e 6; dois homens e uma mulher com Ensino Médio 7, 10 e 11. Os informantes com Ensino Superior não se referiram à língua italiana quando questionados qual seria a mais bonita, contudo, uma mulher com esta característica e outra com Ensino Fundamental a indicaram como sendo “feia”: informantes 18 e 4, respectivamente. No âmbito da preferência por este idioma, os inquiridos não fizeram comentários ou justificativas relevantes, todavia, a informante 4 comenta a respeito de sua atitude negativa:

INF.- Ah feia num tem nenhuma mais, assim. Parece que o italiano assim, que é mais um pouquinho, eles falam muito sério né. Assim, mas nunca nada contra né... (Inif.4)

A informante 4 mantém uma postura de lealdade à sua língua materna e explica que não aprecia a italiana pela seriedade com que as pessoas conversam e completa “Assim, mas nunca nada contra né...”. Justificativa contraditória tendo em vista que o povo italiano é mundialmente conhecido por ser “alegre e barulhento”.

O número de pessoas que acham o idioma alemão “feio”, foi o mesmo que o acha “bonito”: três (3). Os entrevistados 1, 8 e 11 acreditam que este idioma é o mais bonito. Assim, verificamos que não há informante com maior grau de escolaridade que o indique desta forma, poderíamos pensar que a atitude dos mais escolarizados não é positiva quanto aos falantes da língua alemã. Os informantes jovens 2, 7 e 18 indicam o alemão como sendo o idioma mais “feio”.

INF.- O alemão eu acho mais bonito...

INQ.- O alemão?

INF.- Escutá eles conversando.

INQ.- Mas por quê?

INF.- Ah, sei lá, é bonito, é mais... num sei dizê porque, mas é mais, bonita. (Inf.1)

O informante 1 não consegue explicar sua preferência, mas conta que acha a língua alemã bonita e gosta de escutar as pessoas conversando neste idioma.

INF.- Eu acho a língua alemã. (...) Que chama mais atenção.(Inf.8)

Este informante (8) alega que é a língua alemã a que chama mais a atenção, por isso a acha mais bonita que as outras. Por fim, os comentários do informante 11:

INF.- Eu, sinceramente, não posso responder isso aí. Acho lindas, acho lindo um alemão falar, uma senhora na língua alemão, principalmente se você conseguir entender alguma palavra. Eu tenho um irmão que fala, é italiano, mas fala bastante alemão, acho lindo quando vejo meu irmão conversando em alemão, eu se emociono. (Inf.11)

Conta que não pode julgar uma língua como sendo pior que outra e demonstra grande admiração pela cultura alemã durante todo o inquérito. Nesse trecho, expõe o prestígio que tem para ele essa língua e a atitude positiva que assume quando presencia pessoas fazendo uso do idioma, inclusive um de seus irmãos.

Abaixo seguem trechos da entrevista de inquiridos que tomam o idioma alemão como “feio”.

INF.- Acho que o alemão, o alemão por que o pronunciar, né, mais diferente.

INQ.- E como é? Eles falam de uma forma muito carregada? O que você vê de mais diferente...

INF.- É na maneira deles pronunciar as palavra. (Inf.2)

A informante 2 faz referência à fonética do idioma para explicar sua opinião.

INF.- Esquisito em relação que né porque a ques(?), pra eles é normal, mas onde, como eu sou brasileiro, é esquisito pra mim, o alemão é esquisito.

INQ.- Ah sim. E você acha o alemão feio, bonito... ou só mesmo esquisito assim...

INF.- Esquisito porque num posso considerar feio né, esquisito. (Inf.7)

O informante 7 se justifica dizendo que é brasileiro, por isso tem a crença de que a língua alemã é “esquisita”, pondera que não pode considerá-la feia, mas a língua lhe parece estranha, provavelmente pela falta de conhecimento e domínio do alemão.

Três informantes de níveis de escolaridade diferentes citaram a Língua Portuguesa como a mais bonita: 6, 10 e 17.

INQ.- É.. fala melhor os que falam português ou os que falam essas línguas estrangeiras que falamos?

INF.- Olha, no meu entender ainda acho que quem fala italiano ou português, né.

INQ.- Essas línguas são feias ou são bonitas?

INF.- Depende da...(risos) do jeito que você vê né.

INQ.- Mas se a senhora fosse classificar, como que a senhora...

INF.- Ah eu ficava com o brasileiro, italiano, o português mesmo né.

INQ.- A senhora acha que fala mais bonito?

INF.- Fala mais bonito né. (Inf.6)

Para esta informante, uma língua ser vista como feia ou bonita dependerá do olhar do avaliador/observador, contudo coloca como sendo mais bonitas: “... o brasileiro, italiano, o português mesmo.” Neste excerto, é possível verificar a dificuldade da entrevistada em nomear sua língua materna, assim como a necessidade de afirmar-se brasileira e diferenciar-se dos vizinhos mais próximos, os argentinos, falantes de espanhol.

INQ.- Você também não acha que exista uma mais bonita ou mais feio ou um jeito de falar.

INF.- Não, eu acho que todas são boas, bonita. Porque tipo assim, pra mim é boni... eu entendo português, então eu gosto né. Mas se eu souber entender outra língua, eu vou gostar também. (Inf.10)

Esta informante demonstra atitude positiva perante todas as línguas, mas reforça seu apreço pela língua materna. Explica ainda que, a partir do momento que tomar conhecimento de outros idiomas, passará a apreciá-los também.

INQ.- É, essas outras línguas, você acha que são feias ou bonitas?

INF.- É, eu, eu, eu gosto de português e acredito que é melhor a mais bonita isso aí é nosso. (Inf.17)

Já o informante 17 expõe uma atitude totalmente favorável à língua portuguesa e demonstra sua lealdade ao que é da terra brasileira.

Dois informantes especificaram o espanhol argentino como o mais bonito: 7 e 18, nenhum capanemense com Ensino Fundamental contemplou a variante argentina como a mais bonita.

INF.- Eu, na verdade assim, eu acho maravilhoso o espanhol. De ver os argentinos falando assim, que eu acho que eles falam rápido, não sei se é espanhol, é... é uma mistura, assim, eles falam rápido, e eu acho assim que eles se expressam melhor quando eles vão falar com alguém, eles, eles têm linguajar diferente assim, eu às vezes solto palavras pra falar com alguém.(Inf.18)

Em sua fala, a informante 18 diz que a língua espanhola é maravilhosa; na continuidade, especifica esses falantes de espanhol como argentinos. Suas crenças e atitudes perante esta língua expressam significativo prestígio, ou seja, são positivas.

Os informantes jovens do sexo masculino 1 e 7 lembraram do guarani como sendo o idioma mais feio.

INF.- O guarani (risos).

INQ.- Por quê?

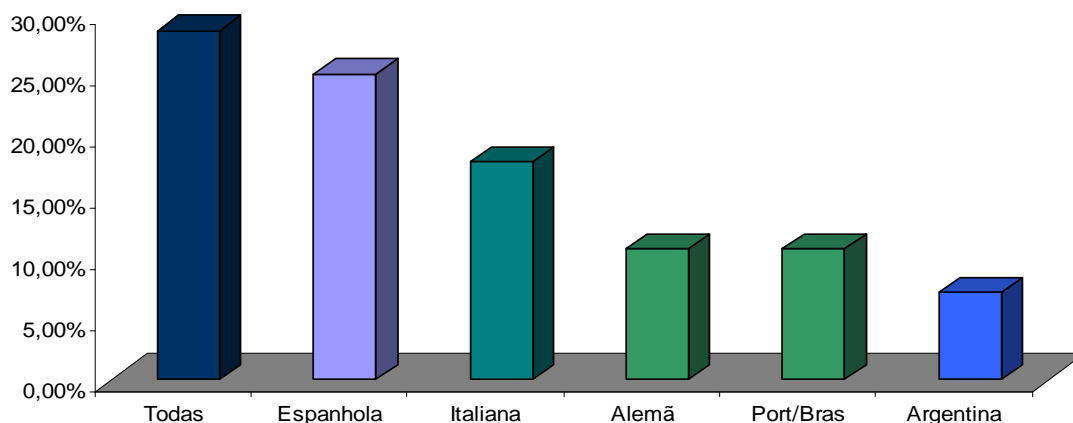
INF.- Porque é muito esquisito.

INQ.- Mas você entende alguma coisa?

INF.- Não, eles falam muito rápido, muito. (Inf.1)

Na visão do informante 1, o idioma é “esquisito” e produzido de forma muito rápida, o que o leva a ter uma atitude negativa com relação ao guarani. O informante 7 não apresenta maiores justificativas, apenas elucida que o idioma é “estranho”.

O Gráfico 11 ilustra em percentuais os resultados obtidos:



Sem especificar o idioma, obtivemos 80% de respostas que indicam que os idiomas, inclusive o português, são bonitos e 20% indicando que as línguas comentadas são feias, assim como ilustra o gráfico que segue.

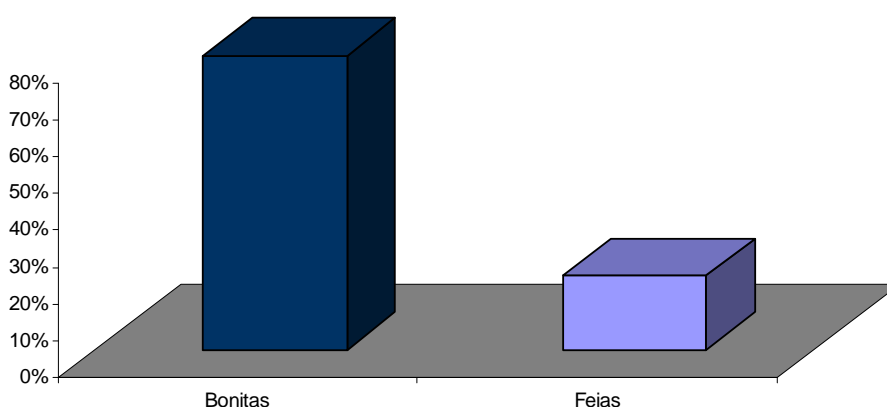


Gráfico 111.B – Essas línguas são feias ou bonitas?

Pela análise dos dados, a maioria dos capanemenses revela uma atitude positiva com relação aos idiomas com os quais têm contato. Alguns informantes têm consciência linguística explicando que cultura e língua estão intimamente ligadas e, dessa forma, não haveria como eleger a mais “bonita”, visto que cada povo possui história e cultura diferentes. Como diz um dos entrevistados, por exemplo, o nosso país é um misto de culturas diversas e não de uma única. E, da mesma maneira que Jacumasso (2008), entendemos que a língua é o principal elemento cultural para a conservação e difusão da cultura de um povo. Percebemos que, em certos casos em que é dito que uma língua é “feia”, a motivação é o desconhecimento do idioma e a impossibilidade de estabelecer comunicação com quem o emprega. Assim como

foi possível verificar que, ao ter de comparar os idiomas, o falante nativo cai em defesa da sua língua materna, priorizando-a e prestigiando-a em relação às demais.

5.3.5 Se você pudesse, proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos ou aqui em Capanema?

Já tendo qualificado os referidos idiomas, como sendo melhor ou pior, bonito ou feio, prefeririam nossos informantes, que estes não fossem empregados no município de Capanema? Seria interessante proibir seu uso?

INF	Não	Sim
1	x	
2	x	
3	x	
4	x	
5	x	
6	x	
7	x	
8	x	
9	x	
10	x	
11	x	
12	x	
13	NF ¹⁶	
14	x	
15	x	
16	x	
17	x	
18	x	
Total	17	0

Quadro 13 - Se você pudesse, proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos ou aqui em Capanema?

A resposta foi unânime, nenhum capanemense entrevistado gostaria ou expressou o desejo de proibir o uso de outros idiomas naquela localidade. Apesar de encontrarmos, em perguntas anteriores, respostas indicando crenças e atitudes desfavoráveis a alguns deles, todos demonstraram não se importar que sejam utilizados em território brasileiro. Deslocamos excertos relevantes que esclarecem e ilustram o Quadro 12.

¹⁶ Pergunta não formulada.

INF.- Eu num proibiria nem nenhum. Que valoriza toda... eu acho lindo, acho lindo o italiano, mesmo que não entendo, gosto de ouvir pessoal falar. Até gostaria de um dia estudar a língua porque eu gosto de escutar falar, adoro a língua italiana. Italiano é também, italiano também sei um pouquinho muitas palavras do, do português. Num sei se você já escutou algum dia... o italiano conversar.

INQ.- Tem um pouquinho assim...

INF.- Ele tem alguma semelhança, muitas palavras são bem idênticas ao português, então dá pra entender também. Agora o alemão não. O alemão é uma coisa difícil, ela é bem ao contrário.

INQ.- Bem diferente.

INF.- Você vai começar a contar o número em alemão é sempre ao contrário, vinte e dois então ali seria, seria vinte, e vinte e um... seria o um primeiro, depois o dois. (...) O alemão vai dizer: "ainumsabit".(Inf. 5)

Para o informante 5, descendente de alemães, além de não ter interesse em proibir o idioma, elucida sua crença e atitude positivas para com os italianos, comenta ainda que a língua alemã, em seu ponto de vista, é complexa, inclusive leem-se os números de forma contrária que o português. Por este motivo e pelas semelhanças da língua italiana com a portuguesa, gostaria de aprendê-la.

INF.- Não, eu não proibiria, por eu acho que cada uma já né, tem o seu lugar né, e fala essa determinada língua, por exemplo, se, se é grupo argentino né, como é que eu não vou poder falar lá português, se é só a língua que eu conheço. Então eu não proibiria. (Inf.8)

A informante 8 usa da empatia para responder esta questão. Da mesma maneira que precisa se comunicar em português, estando fora do país, o imigrante precisa usar sua língua materna no Brasil, assim, não proibiria o uso de outros idiomas em Capanema.

INF.- Não. Acredito que não. Porque socializa as pessoas né. (...) As origens dele, as... as lembranças, tudo que eles trazem de longe né. Os italianos, fazem parte de uma tradição. (...) Né, essas coisas, se deixar, elas morrem. (Inf.9)

De acordo com o informante 9, utilizar a língua materna ou dos antepassados é importante, uma forma de manter as lembranças e a cultura de origem vivas.

INQ.- Não? Por quê?

INF.- Ah, porque eu acho que todo mundo tem direito, né, acho que ninguém tem o direito de proibir de falar outra língua. (Inf.10)

INF.- Com certeza não proibiria. Democráticamente tem direito de falar, porque é uma cultura, é uma tradição, você deve falar pra conservar a língua, senão você vai desaprendendo. (Inf.11)

INQ.- É, você proibiria alguma língua?

INF.- Não. Na cultura, a cultura é diferente, eu acho que eu devo respeitar isso. (Inf18)

Os dois informantes com Ensino Médio e a entrevistada com Ensino Superior, os três com idades entre 60-75 anos, defendem a liberdade e o direito de cada um se expressar em seu idioma. O informante 11 reforça a necessidade de não permitir que uma cultura desapareça, usar a língua é uma maneira de mantê-la viva.

INF.- Não.

INQ.- Não proibiria?

INF.- Não. Dependendo né, visto que é o... de repente o setor né, visto alguns setores, públicos né, para o atendimento ao público, deveria ser proibido né, porque é muito difícil a gente procurar um atendimento público e encontrar uma pessoa falando que não é o português.

INQ.- Mas o uso assim, na sociedade...

INF.- Não... tranquilamente, eu acho que... não há restrição. (Inf.15)

Segundo o informante 15, não há impedimento algum de um falante de outro idioma empregá-lo em meio à sociedade, todavia fala da dificuldade de comunicação caso em um setor de atendimento ao público não houvesse atendentes que usassem o português.

INF.- Pelo contrário, eu acho que eu incentivaria porque assim, mas é a liberdade, pessoas de origem diferente, né, assim. Desenvolver, porque quanto mais língua o pessoal falar, melhor pra ela. (Inf.17)

De acordo com o informante 17, além de a pessoa exercer sua liberdade de expressão, estaria exercitando e aprimorando o idioma utilizado, algo que não deveria ser inibido, mas sim, incentivado.

5.4 A relevância dos idiomas de contato

Neste bloco, que engloba as questões de número 23-26, buscamos verificar o grau de relevância dos idiomas existentes em Capanema e o interesse dos entrevistados pela aprendizagem desses idiomas.

5.4.1 Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante, deveria falar também nessas línguas?

Nas igrejas e templos religiosos existentes em Capanema, haveria necessidade de que os cultos fossem celebrados em outros idiomas além do português? Será que os capanemenses entrevistados acreditam que desta maneira seria mantida e preservada a tão comentada cultura dos imigrantes ou seria desnecessário incentivá-los nesse sentido?

O Quadro 14 traz uma síntese do que pensam os capanemenses sobre a questão.

INF	Sim	Não
1	x	
2	x	
3	x	
4		x
5	x	
6	x	
7	x	
8		x
9		x
10	x	
11	x	
12	x	
13	NF	NF
14		x
15		x
16	x	
17		x
18	x	
Total	11	6

Quadro 14 - Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante, deveria falar também nessas línguas?

Pelo Quadro 14 verificamos que onze informantes acreditam que seria interessante se nas igrejas e templos religiosos as explanações fossem realizadas nos diversos idiomas encontrados no município de Capanema, excetuando-se três mulheres e três homens: os entrevistados de número 4, 8, 9, 14, 15 e 17. Alguns excertos ilustram a posição dos informantes:

INQ.- Em qual língua você acha que deveria ser falado?

INF.- Porque que nem, os culto pode sê em castelhano, ah, espanhol, né, o português, eles vão igual, daí tem uns ali que compreende, né o que fala.

INQ.- Seria uma forma dessas pessoas se aproximarem...

INF.- Ter acesso também. (Inf.2)

De acordo com a informante 2, tanto falantes de espanhol como os de português frequentam a igreja da mesma maneira. Por este motivo, seria interessante se também fossem realizados cultos religiosos em tal idioma e, para ela, não haveria dificuldade de compreensão.

INF.- Acho que sim, porque aqui tem outras religiões que de vez em quando que usa cultos especiais, missas especiais pra, de línguas né, por exemplo alemão que tem bastante, de vez em quando tem cultos especiais pra eles. (Inf.3)

Conforme o informante 3, há religiões que apresentam cultos em outros idiomas além do português, são os chamados “cultos especiais” e cita que não é raro presenciar algum em alemão.

INF.- Não... depende da população, se a população é a maioria de uma língua ou de uma raça ou de outra, eu acho que isso se, se, se cabe se... a missa naquela língua, seria, porque tem muitas pessoas idosas ainda que aqui no Brasil que uma grande dificuldade ainda com a língua portuguesa, assim, (inint) bastante né...E pra gente entender seria melhor naquela linguagem, e isso a média Brasil, eu acho que tem ser o português mesmo. (Inf. 5)

O informante 5 relata que os estrangeiros de mais idade têm um pouco mais de dificuldade em entender o português, por isso, pensando neles, cultos religiosos deveriam, sim, ser celebrados em outros idiomas, contudo, no geral, as missas e cultos podem ser realizados em português visto que é o idioma predominante e língua materna dos brasileiros. Afirmação completada pela informante 6, acrescentando ainda que seria uma maneira de inclusão dos descendentes de outras etnias:

INF.- Tem certas pessoas que no caso deveria né, porque essas pessoas mais antigas já... É, a gente conhece, tem gente que não fala em brasileiro, num entende nada né, então acho que deveria ter também né, um contato que, de certo no modo ou outro, o padre deve ter algum contato com essas pessoas também né. Porque a gente conhece bastante gente que num fala outra língua né.

INQ.- E que língua é essa que as pessoas falam aqui?

INF.- Isso, que né, que nem o alemão né, tem pessoas de idade que só pronuncia o alemão né. (...) Então acho que a pessoa pronunciando só o alemão é difícil pra entender outra língua né. (Inf.6)

INF.- Olha, ele poderia até ‘tar falando em outras línguas, mas não com a gente né. Que a gente não entende, mas assim, outros lugares, por exemplo,

sei que daí tá pregando em outros lugares né, por exemplo, na Argentina, no Paraguai, é interessante porque ele, conhecendo essa língua pra tá... se comunicando melhor com as pessoas né. (Inf.8)

Especificamente no Brasil, a informante 8 não vê necessidade de palestrantes, pastores ou padres explanarem em outro idioma além do português, mas seria interessante que eles tivessem esse conhecimento para que pudessem aplicá-lo quando estivessem em celebrações fora do país.

INF.- Seria interessante né. Apesar de que aqui o nosso povo, que tá aqui que mora hoje aqui, eles assim, todo mundo fala e entende o português né. Então não é assim é, num tem nenhum outro, num tem turista, num tem né... mas não é por causa disso que não seria interessante né. (Inf.10)

INF.- Acredito que tá, estando numa comunidade aqui capanemense, não tem por quê. Porque que nem eu disse, até os mais idosos, são dessa *origem*, eles entendem, eles entendem o português, eles falam alemão entre eles. Então estando aqui, não tem por quê. (Inf.14)

Indo em sentido contrário dos informantes 5 e 6, as entrevistadas de números 10 e 14 acreditam que os moradores descendentes de/estrangeiros de Capanema compreendem perfeitamente o idioma ali utilizado, não sendo, pois, necessário o emprego de outras línguas em ambiente religioso.

INF.- Se necessidade fosse, né, digamos, eh, pa' dá inclusive uma aula de experiência, de cultura. Eu já assisti muita missa em espanhol, né, as canções muito lindas em espanhol na igreja, né. Assisti muita missa em espanhol, é lindo. Um padre não custaria aprender uma missa em espanhol, daí ele poderia, digamos, movimentar a, os seus fieis, "domingo tal eu vô rezar uma missa em espanhol", ia movimentar a igreja dele, ia ser uma curiosidade, ter uma novidade. Aqui faz missa crioula, missa gaúcha e enche de gente porque é uma coisa diferente, entende? (Inf.11)

Para o informante 11, se centros religiosos promovessem cultos em outros idiomas atrairiam mais fieis, pois seria uma novidade e mais pessoas teriam interesse e curiosidade de assistir a eles. Este mesmo informante conta, com admiração, que já esteve em missas proferidas em espanhol e também em missa crioula ou missa gaúcha e, normalmente, nesses dias, a igreja fica repleta de pessoas.

INQ.- É, e você acha que ele deveria utilizar durante a missa, durante... é o sermão?

INF.- Não, eu acho que ele deveria de ter como... como que eu vou falar assim, com atendimento, se de repente vier uma pessoa de fora, precisa, de uma orientação, né, religiosa, e ele vai ter que repassar né, então acho que é fundamental isso. Mas não que ele poderia usar né. Cultos acho que não né, porque daí é difícil, porque senão os governos, poucas pessoas, muitas palavras em português, a gente não entende, o povo não entende, já imaginou se é numa, língua estrangeira. O entendimento vai ser...(Inf.15)

INQ.- Católica? É você, na sua opinião, o padre, o sacerdote, deveria saber falar nessas outras línguas também? Ou só o português?

INF.- Não, acho que sim. Também. Não, não apenas né, mas realizando o sermão em português, que é nossa língua né, mas eu acredito que deveria preservar a origem. (Inf.17)

Segundo os entrevistados de números 15 e 17, o padre, sacerdote, pastor ou palestrante deveria ter o conhecimento de outros idiomas não para a celebração do culto, mas para conseguir prestar algum atendimento ao descendente de estrangeiro que o procurasse, pois, caso contrário, os nativos da terra brasileira é que ficariam sem compreender o que fosse dito.

INF.- Eles falam em alemão também. Ele fala alemão fluentemente, ele é uma pessoa muito culta.

INQ.- Uhum. E ele chega a falar alguma coisa assim, no...

INF.- Fala, durante o culto, durante as preces, ele até joga, joga um alemão, assim no meio pra pessoas de mais idade né. (...) É gostoso.

INQ.- Você consegue compreender?

INF.- Compreendo. (Inf.18)

A informante 18 relata que frequenta missas em que o padre mescla a língua portuguesa com a alemã, o que é visto por ela de forma positiva. O Gráfico 12 sintetiza em percentuais o que vimos analisando:

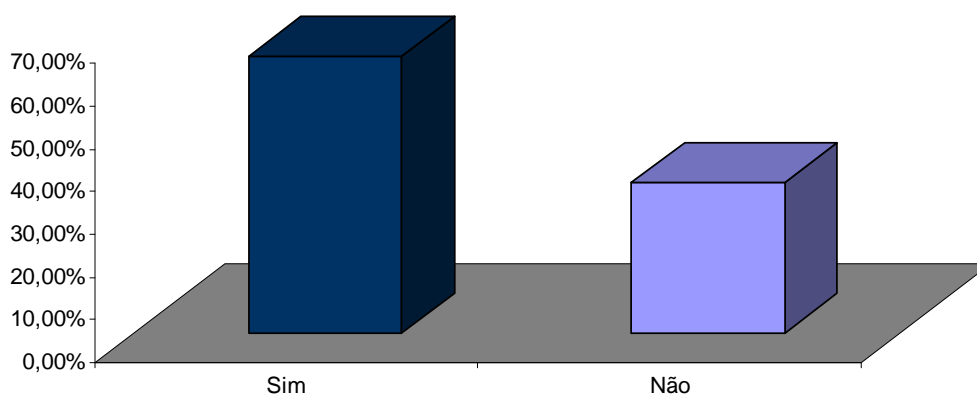


Gráfico 122– Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessas línguas?

Verificamos que 64,70% dos entrevistados concordam que seria interessante para a preservação e o respeito de outras culturas existentes em Capanema que os cultos religiosos fossem também celebrados em idiomas estrangeiros. 35,30% (seis informantes), entre homens e mulheres, pensam que esta prática não seja necessária porque, segundo eles, os moradores vindos de fora já compreendem bem o português. É interessante comentar que em Jacumasso (2008), o autor expõe o papel fundamental da igreja como forma de conservar a língua e a cultura ucraniana na comunidade estudada (Itapará). Acreditamos que, de igual maneira, as igrejas e templos existentes em Capanema podem contribuir para a manutenção das línguas e culturas ali presentes, em especial, alemã, italiana e a argentina (com a respectiva variedade do idioma espanhol).

5.4.2 A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?

Esta questão visa levantar a opinião dos capanemenses em relação à relevância de idiomas que deveriam ser implantados na grade escolar do ensino regular. O Quadro 15 traz a distribuição das respostas pelos informantes:

INF	Sim	Não
1	S (espanhol)	
2	S (alemão e italiano)	
3	S (alemão e espanhol)	
4	S (todas)	
5	S (inglês e espanhol)	
6	S (alemão)	
7	S (espanhol)	
8	NF	NF
9	S (espanhol)	
10	S (todas)	
11	S (espanhol)	
12	S (inglês)	
13	S (inglês e espanhol)	
14	S (todas)	
15	S (todas em horário extra e inglês obrigatório)	
16	S (todas)	
17	S (em especial o espanhol)	
18	S (todas)	
Total	17	

Quadro 15 - A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?

As respostas obtidas para este questionamento foram unânimes: todos creem que seja relevante as escolas oferecerem o ensino de outras línguas e indicam quais idiomas deveriam ser incluídos no currículo escolar. Ilustramos com excertos da fala de algum dos informantes:

INF.- Seria. Pelo menos o espanhol né, que é pertinho aqui é, teria que tê, né.

INQ.- Então principalmente o espanhol você acha?

INF.- Principalmente o espanhol.

INQ.- Pela proximidade? Ou por mais um outro motivo?

INF.- Pela proximidade. Porque sempre tá indo gente daqui pra lá, e vindo de lá pra cá né. Seria... (Inf.1)

INF.- Olha, como eu fale... como você falou, o inglês e o espanhol também, por sermos né, país de fronteira. (Inf.13)

Os entrevistados de número 1 e 13 acreditam que o ensino do espanhol seria suficiente, visto que o contato entre os capanemenses e os vizinhos argentinos é bastante intenso. O inquirido de número 1 comenta também que o inglês, já ofertado, deveria ser mantido.

INF.- O alemão e o italiano.

INQ.- E por que você acha isso?

INF.- Porque que nem o alemão é uma língua mais complicada de se pronunciar, né, o italiano não é tão complicado, mas é um pouco mais fácil também, né. E é pocos colégio, é difícil ter essas línguas pra aprendê. (Inf.2)

De acordo com a informante 2, o alemão e o italiano deveriam ser ensinados nas escolas por serem línguas “mais complicadas de se pronunciar”, embora a segunda seja “um pouco mais fácil”, todavia comenta que é raro encontrar escolas que ofertem esses idiomas.

INF.- Seria mais o que mais a gente teria contato, contato, seria o alemão e o espanhol que a gente tá mais contato com o espanhol da argentina aqui. (Inf.3)

Para o informante 3 seria interessante que o ensino de línguas abrangesse aquelas com as quais normalmente o capanemense tem contato, o alemão e o espanhol. O primeiro devido aos descendentes/imigrantes e o segundo devido à divisa com o país vizinho.

INQ.- Todas as línguas?

INF.- Eu acho que sim.

INQ.- Uhum. É, qual delas, principalmente você acha que seria necessário? O pessoal ensinar?

INF.- Mas a... eu que se aprender uma língua, tinha que aprender todas né.

INQ.- Todas elas? Tinha que aprender?

INF.- É.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque caso você saia pra um lugar, você pega e você sabe né. (Inf.4)

INQ.- E a escola, você acha que deveria ensinar essas outras línguas?

INF.- Eu acredito que deva sim. Deva sim.

INQ.- Todas elas?

INF.- Todas elas.

INQ.- É, por que você acredita todas elas?

INF.- Porque é a comunicação do mundo né, além do conhecimento adquirido, comunicação, ah porque o espanhol é mais próximo, então, nem sempre por isso né, porque não aprender outras mais, ninguém sabe, talvez algum dia num vá, em alguma viagem, negócios, negócios né. (Inf.14)

A informante 4 não cita a proximidade com outro país ou a existência de descendentes de/imigrantes como justificativas para o ensino de idiomas em escolas, mas sim, a possibilidade de viagens para o exterior. Já a informante 14 reforça a idéia de viagem comercial e comenta a respeito da proximidade com países falantes de espanhol.

INF.- Não. Assim eu acho que, geralmente a escola já tá ensinando o espanhol e o, e o inglês que são interessantes essas línguas por causo que o Bento tem sobrenome de alemão de, de, de... que, que o, a turma mesmo, a

senhora no lê esse nome aqui, a senhora vai pronunciar ele totalmente errado. Porque na realidade ele é pronunciado diferente mesmo. Por exemplo, o meu sobrenome, aqui já dá pra ver, tá no cheque... tem aqui o meu nome aqui assim... ah...então aqui, como é que você vai ler esse sobrenome aqui?

INQ.- Nossa senhora... Dequikulem, lenzer...

INF.- O ideal seria: "raindi".

INQ.- Renzer.

INF.- Então é, é essa é a dificuldade, então vai por exemplo, quem estuda o inglês, ele tem a facilidade, de falar também tudo esses nome.

INQ.- Ah, sim.

INF.- Sim, seria mais fácil, porque ele tem uma mudança de, de... desse expressão acho que dessa palavra, deve ser, troca as letra, usa duas letra de uma maneira ou de outra, mas nós vamos pegar o "e" e o "i"...E, e em, em, em português, vamos ver "i", e em alemão não, é "a". E, e pronuncia assim a letra "a"...

INQ.- Interessante.

INF.- A língua é muito interessante, eu acho muito interessante como hoje em dia as escolas estão ensinando o espanhol e o inglês. Então isso ajuda as pessoas a conhecer a língua melhor né. Pronunciar melhor as palavras.

INQ.- Além do espanhol e do inglês, quais línguas o senhor acha que deveriam ensinar?

INF.- A língua, nós que moremos nas fronteiras aqui, acho que seria o espanhol, que o inglês aqui geralmente, eu num conheço nenhuma pessoa que fala aqui. Que a disputa é nessa divisão (inint) e eu não ouvi ninguém falar o inglês.

INQ.- Aham, é difícil né. O senhor não acha que deveria ensinar o alemão também aqui?

INF.- Seria bom, seria bom, agora o italiano, o alemão, só que quem é que vai aprender essas línguas todas? Porque não consegue nem, as crianças não consegue nem estudar o espanhol e o... porque num sei se você estudou o inglês, provavelmente deve ter estudado. (Inf. 5)

Conforme o informante 5, as escolas em Capanema já ensinam o inglês e o espanhol, o que, segundo ele, seria suficiente, pois, estando na fronteira com a Argentina, haverá maior facilidade na comunicação com os falantes do país vizinho; por outro lado, o inglês seria um idioma que contribui para ler e falar em outras línguas, inclusive no alemão. Além dos idiomas incluídos na grade escolar, ele acrescentaria a língua alemã, pois não vê sentido na aprendizagem das demais línguas, comentando a dificuldade de aprender um novo idioma.

INF.- Pois... em partes, deveria dar, porque daí é uma coisa que, como é que eu vou te dizer já.. é uma sequência né, da cultura do povo também né. E já fica... eu acho que deveria.

INQ.- Uhum. Qual delas a senhora acha que deveria ensinar? A senhora acha que deveria ensinar todas ou só algumas?

INF.- É, depende de cada região né, que nem aqui que já pronuncia bastante o alemão, deveria ter umas aulas de alemão, pra juventude mais né, que também vão seguindo, porque como a gente eles também tem na casa o pai, a

mãe acho que...É pouco frequentado né. Então, fica difícil pra se relacionar com as pessoas mais antiga, né. (Inf.6)

INF.- É, principalmente o espanhol, né, porque somos vizinhos aqui e... ta cheio sempre de castelhanos aqui e nós também vamos lá, comprar...

INQ.- E quando, e o alemão, o italiano... você acha que...

INF.- É. Eu num sei, porque é meio complicado, mas seria interessante que houvesse uma valorização né, da, da, língua de origem né.

INQ.- Uhum.

INF.- Dá, desse povo. Da língua alemã pelo menos. (Inf.17)

Conforme a informante 6 e o 17, a importância do ensino de um idioma está relacionada à cultura de determinado povo e a relevância de um ou outro está ligada à região, ou seja, dependerá tanto da posição geográfica como também das correntes imigratórias que ali existiram. Como em Capanema há muitos descendentes de alemães, este idioma deveria ser ensinado inclusive para facilitar a comunicação e interação entre jovens e idosos.

INF.- Eu acho que, que não seria necessário, eu acho que as línguas mais importantes mesmo é o espanhol. Espanhol deveria ensinar, só que foi cortado do currículo, se não me engano, e o inglês, que são as línguas mais necessárias, são as línguas mais necessárias né. E ainda português.

INQ.- Uhum, por que você acha que as outras não? Não deveriam ser ensinadas?

INF.- Acredito que assim, é, geralmente é, as pessoas não se interessam muito por essas línguas, geralmente inglês e espanhol é o que você vai precisar no mercado de trabalho. E essas aí num são tão difundidas, não são tão necessárias digamos em relação a trabalho, mercado de trabalho sabe. (Inf.7)

De acordo com o informante 7, a oferta do ensino de um idioma deve estar ligada à sua relevância no mercado de trabalho e, atualmente, nota que o inglês e o espanhol teriam maior importância para a inserção de um profissional neste mercado.

INF.- Eu acredito que sim, não é... mais o básico né, pra digamos assim, tem os nossos, no caso, do nosso município, digamos assim, o espanhol né, então eu acho que o inglês não é tão essencial na... é na região de fronteira, e maioria dos, dos países que fazem fronteira com o Brasil falam espanhol. Eu acho que maior necessidade seria o espanhol.

INQ.- E só tem mais o inglês, né?

INF.- É, na verdade eles ensinam mais o inglês, eu acredito assim que não se desfazendo do nosso Brasil né, o nosso município, mas eu acredito que o espanhol seria mais uma abertura de futuro pra essa juventude hoje, né.

INQ.- Então seria mais a realidade, né.

INF.- É porque na verdade com esses MERCOSUL, coisas assim, a unificação vai ficar mais aqui, né.

INQ.- Aham. É verdade. Além do espanhol, você acha que deve ensinar alguma outra língua nas escolas?

INF.- Eu acredito que seria opcional, né, então as escolas que quisessem é, sei lá, mas eu acredito que o espanhol seria o mais, mais essencial. (Inf.9)

INF.- O espanhol é importante pra nós, né, é o principal pra nós é o espanhol. É fronteira, nós temos hoje o MERCOSUL, moramos na América do Sul, onde que tem bastante país de língua espanhola. (Inf.11)

O informante 9 e o 11, ambos com Ensino Médio completam a linha de raciocínio do informante 7, explicam que com a existência do MERCOSUL e a proximidade de países falantes de espanhol, o idioma deveria ser ofertado pelas escolas, já o inglês, para quem vive na fronteira, não seria tão necessário. Aprender espanhol seria abrir portas para o futuro.

INF.- Todas. Eu acho que deveria ensinar né.

INQ.- Por quê?

INF.- Porque quando você vai pra Argentina, você saberia falar. Hoje se nós ir pra Argentina, eu entendo alguma coisa, mas nem tudo, né. Se você, se ir pra Alemanha, eu num entender nada, né, pois se você for pra outro país, você num entende nada, você tem que levar um tradutor, né.

INQ.- É verdade.

INF.- Por isso que eu digo assim, pelo menos o básico, né. Como tem o inglês né. Assim o básico, pelo menos um pouquinho você sabe, né.

INQ.- É verdade, que daí dava pra interagir melhor com outra pessoa.

INF.- É, entendeu, é, porque aí você tendo uma noção, você tem como se aprofundar um pouquinho mais também, né, pelo menos você procura, você... (Inf.10)

A entrevistada de número 10 esclarece que, da mesma forma que as pessoas têm acesso ao básico da língua inglesa, deveriam ter também aos outros idiomas visto que seria uma maneira de interagir com falantes de línguas diferentes. Não seria necessário o aprofundamento, mas que fosse ensinado o suficiente para estabelecer a comunicação.

INF.- A escola, tem só as particulares né, que aqui nós temos escola de espanhol, italiano, e inglês.

INQ.- Uhum. Na estadual será que eles ensinam?

INF.- Na estadual só inglês né.

INQ.- Será que é necessário saber outras?

INF.- Eu acho que assim no ensino publico né, mesmo que é ruim né, nem portu... nem inglês eles ensinam muito fraco.

INQ.- Uhum, então talvez só o inglês que seja necessário.

INF.- É, inglês, inglês é necessário, né.

INQ.- E por que é mais necessário?

INF.- Eu falo aqueles que vão prestar vestibular né, tem que saber uma língua né, e o inglês é o... que mais usa... ou achar o... e esses tempo foi, né, de base mais na escola de ensino público é... o inglês, né. (Inf.12)

A idosa com Ensino Médio toca em uma questão polêmica: a qualidade de ensino das escolas públicas brasileiras. Ela acredita que nem mesmo a língua materna é ensinada adequadamente pelas escolas e que o inglês é o idioma mais relevante para quem pretende dar continuidade aos estudos.

INF.- É uma questão meio, como que eu vou te falar, difícil de falar, porque a carga horária, é muito pequena, e eu acho que deveria de ser oportunizado e cada um procura né, deveria de ter, mas é... particular né, como já tem. Eu acho que deveria de ter particular, cada um procura a sua né, é muito difícil já com o inglês já é uma língua né, ocupa duas aulas, vamo ocupar mais duas de italiano, mais duas de alemão, dá seis então nós vamos ter menos, mais língua estrangeira do que a portuguesa assim na sala de aula. Eu acho que cada um deveria também né. (Inf.15)

Esse informante acredita que a carga horária nas escolas é insuficiente para a implantação do ensino de outros idiomas além do inglês, assim, de acordo com o interesse do estudante, este, por conta própria, deveria buscar por escolas de idiomas particulares e continua:

INQ.- Mas se fosse, assim no ensino por exemplo, se aluno pudesse escolher, ele prefere estudar o inglês ou estudar o alemão? Se fosse esse mesmo período assim, das duas aulas, você acha que deveria ser ofertado outras línguas? Sem utilizar mais aulas?

INF.- Eu acho que ainda o inglês é mais importante. Né, é mais importante, hoje assim ele ocupa bastante curso de informática, comunicação, eu tive oportunidade de trabalhar com alfabetiza, com adultos né, no cede (?= CEDE), e eles trabalhavam numa fábrica, têxtil né, costura e eles pediram que fosse depois né, da minha disciplina, geografia, fosse português, é inglês, porque o manual das máquinas de costura são toda em inglês, e então eles, a gente vê necessidade que o trabalhador encontra com o inglês ainda, hoje. Então acho que seria... não, não há necessidade não. (Inf.15)

O inquiridor busca explorar o questionamento, abrindo a possibilidade das línguas serem ofertadas e o interessado ter a liberdade de escolha. O inquirido comenta a respeito das confecções têxteis locais, nas quais as instruções da aparelhagem de costura são escritas em língua inglesa, o que estimula o interesse dos trabalhadores pelo idioma.

INF.- Que a gente, eu acho assim, nós deveríamos, quatro horas diárias na escola, é muito pouco. A gente deveria ter, ensino integral. E aí sim ia acrescentar. Que num dá pra fazer é, é... simplesmente acrescentar em cima das quatro horas e então eles têm uma aula de uma coisa, uma aula de outra, e na verdade o aprendizado não ocorre, né? Então deveríamos ter sim, várias línguas aumentando carga horária. (Inf.16)

A informante 16, por sua vez, acredita que o caminho seria estender a carga horária das escolas, tornando o ensino integral, o que possibilitaria que as pessoas tivessem acesso à aprendizagem dos demais idiomas.

INF.- Olha, eu acho... na verdade eu sei que tudo que é novo, tudo que pode ser instruído numa escola, pra melhorar, pra melhorar a cultura, eu acho que é ensinado.

INQ.- Uhum.

INF.- Sabe, eu acho assim que depende de um monte de coisa, depende de projeto, dependeria de autorização, depende de professora, é tudo uma comanda, né.

INQ.- É verdade.

INF.- Então eu, eu acho que sim. Que tudo que é novo, tudo que é bom, é válido. Só que de que maneira que acontece, a coisa, a gente sabe que é complicado.

INQ.- Uhum. A gente tava até conversando que falou que seria muito interessante ter o espanhol na escola. Na grade mesmo.

INF.- Mesmo em função da, da distância aqui da Argentina mesmo.(Inf.18)

Novamente a questão do ensino é colocada em pauta, tanto sua qualidade quanto a burocracia para que haja melhora. Além disso, a informante 18 concorda que devido à proximidade com a Argentina o espanhol deveria ser incluído na grade escolar. O acervo dos dados permitiu elaborar o Gráfico 13:

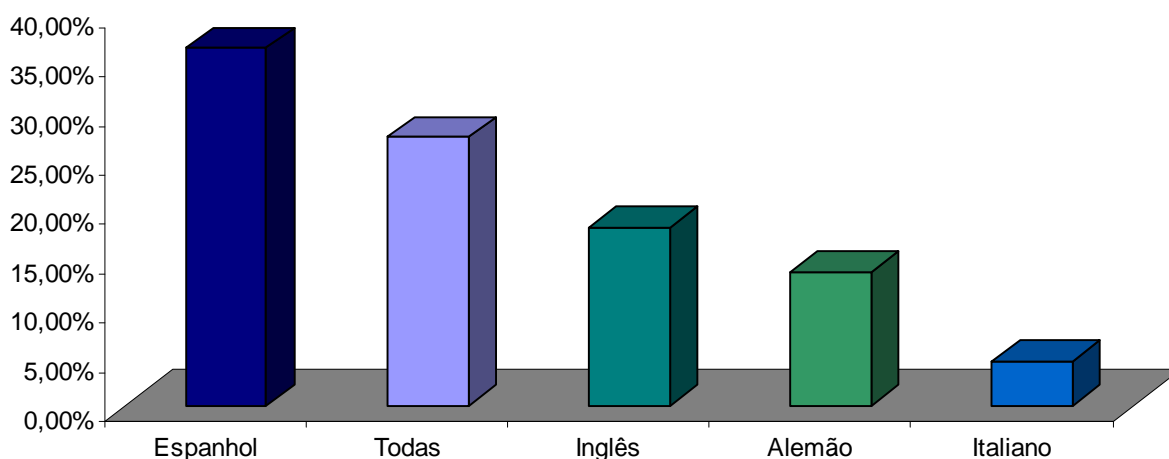


Gráfico 133 – A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?

Pelo Gráfico 13, a maior parte das respostas - 36,4% - indica atitude positiva dos capanemenses em relação ao ensino do espanhol nas escolas; 27,3% sinalizam serem favoráveis ao acesso à aprendizagem de todos os idiomas empregados na localidade; 18,2% demonstram que os informantes apreciam a existência do inglês na grade curricular; 13,6%

veem importância no ensino do alemão no município de Capanema, enquanto que um único informante citou o ensino do italiano, ou seja, 4,5%.

A propósito dos resultados obtidos, recorremos a Moreno Fernández (1998, p.179):

A atitude linguística é uma manifestação da atitude social dos indivíduos, diferencia-se por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade, e ao falar de “língua” incluímos qualquer tipo de variedade linguística: atitudes frente a estilos diferentes, socioletos diferentes, dialetos ou línguas naturais diferentes.¹⁷ (tradução nossa)

Assim, dentre as opiniões diversas, verificamos que os capanemenses atribuem prestígio ao espanhol e acreditam que os moradores desta cidade deveriam ter acesso ao seu ensino, inclusive por sua localização geográfica. São vários os informantes que destacam a importância de que os moradores locais tenham acesso às línguas com as quais convivem, tais como espanhol, alemão e italiano. Os que indicam que o inglês já é o suficiente o fazem visando apenas o mercado de trabalho e os que gostariam que houvesse ensino de alemão e italiano são motivados pela origem étnica de parte dos residentes de Capanema.

5.4.3 Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?

Após constatar quais idiomas deveriam fazer parte da grade escolar, fizemos um levantamento do interesse em aprender alguns deles e ilustramos com o Quadro 16:.

¹⁷ La actitud lingüística es una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar de “lengua” incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes. (MORENO FERNÁNDEZ 1998, p.179)

INFORMANTE	Espanhol	Alemão	Italiano	Inglês	Japonês	Todas
1	x	x				
2	x	x				
3	x	x				
4	x					
5	x					
6	x		x			
7	x			x	x	
8		x		x		
9	x					
10						x
11	x	x		x		
12	x					
13		x	x			
14	x		x	x		
15	x					
16	NF	NF	NF	NF	NF	NF
17		x				
18		x				
Total	12	8	4	4	1	1

Quadro 16 - Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?

O Quadro 16 revela que a maior parte dos informantes (11) gostaria de aprender o espanhol. São os entrevistados do Ensino Fundamental: 1 - 4, 5 e 6, do Ensino Médio: 7, 9 e os do Ensino Superior: 14 e 15, cujos excertos foram selecionados para documentar a análise:

INF.- E o espanhol, né.

INQ.- Espanhol, e além do alemão, só o espanhol? Por que o espanhol?

INF.- O espanhol porque precisa né, no trabalho da gente, pra ficar conversando.

INQ.- Vem muitos clientes aqui que falam só espanhol?

INF.- Vem bastante.

INQ.- É, e daí como...

INF.- Eles vêm fazê compra é complicado pra atendê eles.

INQ.- É, mas assim, você consegue assim, se comunicar...

INF.- Consegue, alguns, nos primeiros tempos, aí foi mais difícil, mas agora a gente já tá, entendendo mais ou menos o que eles falam né.

INQ.- Mas daí ouve eles falarem espanhol e você fala em português.

INF.- Sim, sim, mas eles comunica, eles sinaliza e falam alguma palavra, tipo que nós já conhecemos que eles pedem né, quando eles pedem. (Inf.1)

INF.- Alemão porque a gente falava e espanhol, gostaria muito de me lembrar e espanhol que a gente tá mais em contato com o pessoal da argentina aqui, no comércio né, a gente...

INQ.- Às vezes...

INF.- Seria, facilitaria bastante a gente falar a língua deles, assim teria mais a vontade. (Inf.3)

INF.- (...) Então eu gostaria, espanhol eu também me misturo um pouco, eu não vô, por exemplo, o português que nós temos aqui no espanhol correto deles, mas eu me misturo e vou entendendo e vou levando, já me defendo, né, que tem gente que não entende nada, eu pego uma funcionária aqui, se vem um argentino aqui, ela não entende, ela não sabe nada, como se chama uma tolha, um sapato, não entende nada, tem que ensinar ela (...) (Inf.11)

Os informantes 1, 3 e 11 explicam que seu interesse em aprender o idioma Espanhol está voltado para o atendimento no comércio, pois o conhecimento da língua facilitaria sua comunicação com os clientes argentinos que acabam se expressando bastante por meio de gestos a fim de serem entendidos. Os três expressam também o gosto pelo alemão, o que será comentado mais abaixo.

INF.- Ah eu gostaria, saber falar italiano pelo menos né. Bem falado, entender um pouco também de brasileiro, argentino também, é tudo na fronteira né, a gente se apura às vezes né.

INQ.- É verdade (risos)

INF.- É (risos), num entende, num dá pra brincar com as pessoas uma brincadeira ali, começa a falar né, porque tem até aqueles que tem mais facilidade, lá tem umas também bem de idade já que elas sente aquela facilidade de falar em alemão né. Então pra gente já fica mais difícil né. A gente gostaria de saber falar um pouquinho de tudo né. (Inf.6)

De acordo com esta capanemense “saber falar um pouquinho de tudo” tornaria a convivência com os demais moradores da região mais agradável, inclusive com as pessoas de mais idade. Conhecer outros idiomas seria vencer barreiras na comunicação, por isso, a princípio, conta que gostaria de aprender o italiano e também o espanhol devido à região de fronteira.

INF.- Sim.

INQ.- Você gostaria de se aprofundar mais no inglês?

INF.- Sim, gostaria, bastante.

INQ.- Gostaria de aprender uma outra língua?

INF.- Gostaria de aprender espanhol.

INQ.- Espanhol só espanhol ou mais alguma?

INF.- Japonês.

INQ.- Uhum. Por quê?

INF.- Apesar de complicado. Inglês porque eu adoro a cultura inglesa. Se talvez, eu poderia morar pra lá. Seria uma opção, também deveria aprender inglês. Japonês, porque também a cultura japonesa eu aprecio muito sabe. E acho interessante a línguas deles, acho totalmente diferente tanto a gramática, as letras são extremamente diferentes, por isso eu gostaria de aprender. E o espanhol o mesmo, porque seria, a maioria, na Europa também fala, seria também por isso. (Inf.7)

Conforme o entrevistado de número 7, aprender espanhol seria vantajoso porque é utilizado em grande parte da Europa, por outro lado seu apreço pelo conhecimento do inglês e japonês está ligado à cultura desses povos.

INF.- Não, eu acredito que só é... gostaria de, de, de aprofundar um pouco mais no espanhol mesmo. (Inf.9)

Para o informante 9, bastaria aprofundar seus conhecimentos em espanhol, fora isso não tem interesse por nenhum outro idioma.

INF.- O espanhol.

INQ.- O espanhol? Por que o espanhol?

INF.- Eu acho que não é tão difícil.

INQ.- Uhum, em relação... seria de bastante utilidade a senhora saber o espanhol?

INF.- Não, por causa da fronteira né. (Inf.12)

INF.- Espanhol pela quantidade grande que temos aqui ao redor né, de castelhanos...

INQ.- Uhum.

INF.- Mais uma vez eu digo que os brasileiros se beneficiam muito aqui em Capanema de espanhol, por isso que eu adoro. Adoro mesmo. (Inf.14)

Tanto a informante 12 como a 14 gostariam de aprender a língua espanhola motivadas pela localização geográfica de Capanema, ou seja, limítrofe com a Argentina. A primeira diz que nem teria tanta utilidade, já a segunda reforça sua atitude de prestígio, afirmando que os capanemenses são beneficiados por terem contato com tal idioma.

Em segundo lugar de maior frequência está o alemão com oito respostas. Esta alternativa foi indicada por três informantes com Ensino Fundamental: 1 - 3, dois entrevistados com Ensino Médio: 8 e o homem idoso 11 e três informantes com Ensino Superior: 13, 17 e 18.

INF.- Alemão.

INQ.- Alemão. Por quê?

INF.- Porque eu acho legal. (...) Eu gosto do alemão. Acho legal o jeito qu'eis fala. (Inf.1)

INF.- (...) Alemão porque a gente falava e espanhol, gostaria muito de me lembrar(...).

INQ.- Ah, bom, você já disse que teve contato com o alemão, da sua família né.

INF.- Sim.

INQ.- Foi a única língua que você aprendeu assim?

INF.- Já sim. (Inf.3)

O informante 1 gostaria de aprender a língua alemã por ver positivamente a maneira de seus falantes se expressarem; o informante 3, por ser descendente de alemães, gostaria de relembrar e reavivar o idioma com o qual conviveu na infância.

INF.- Gostaria, até tentei, eu fiz curso de alemão, já fui...

INQ.- De alemão?

INF.- É, quando eu tava estudando né, ensino médio, mas daí só cursinho, deu nada, aprendi algumas coisas, que ensinaram e...

INQ.- E você não lembra assim de nada? Além do...

INF.- Não, ouvi falar... porque se fosse assim né...

INQ.- Então só o alemão você gostaria?

INF.- É, eu gostaria sim. (Inf.17)

O informante 17, por ter feito curso de alemão, durante a adolescência, gostaria de retomar os estudos, devido ao tempo que se passou e também a quantidade de conteúdo aprendido. Interessante que, mesmo tendo sido citada anteriormente pelos entrevistados como uma língua “estranha”, ocupa o segundo lugar em interesse de aprendizagem, o que reforça que a atitude negativa inicial é motivada pela falta de conhecimento e de domínio do idioma.

Tanto o italiano como o inglês foram citados quatro vezes cada. O primeiro pelos informantes idosos 6 e 11, e pelos jovens 13 e 14. O segundo, na fala dos jovens (7 e 8), do idoso com Ensino Médio, e da jovem com Ensino Superior (14).

INF.- Eu, se eu fosse aprender, porque o italiano, eu poderia ir na Itália, lá eles falam um pouco diferente, mas a mensagem deles eu vou captar, porque tem muitas palavras, que por exemplo, o seguinte (?=“el chugamano, dame chugamano” “chugamano” é uma tolha, “me voi magnare, me voi manjare, ?= incoi voi magnar tanha belle”) é macarrão, então lá, o dialeto nosso aqui é um pouco diferente. Aqui o macarrão é “bígole” (? = la mama já fachili bigole) a mãe fez o macarrão, entende?(Inf.11)

INF.- Olha, tinha o interesse em de repente, fazer italiano né. Acho assim muito, gosto assim dos costumes, devido a minha descendência também né, então, de repente me identificaria né. (Inf.13)

INF.- Inglês.

INQ.- Só o inglês?

INF.- Italiano.

INQ.- Qual mais?

INF.- Hum... espanhol também.

INQ.- Uhum. E por que essa língua?

INF.- (...) E italiano porque é a origem. É origem. (Inf.14).

A importância em aprender italiano para os informante 11, 13 e 14 está relacionada à sua descendência. Conforme expõe o idoso com Ensino Médio (11), os descendentes de

italianos que vivem no Brasil, na verdade, conhecem um tipo de dialeto, desta forma, gostaria de aprender a língua italiana padrão, porque pretende visitar o país de origem de seus familiares. Além da atitude de prestígio em relação ao idioma, o entrevistado de número 13 possui crença positiva no que diz respeito à cultura italiana.

INF.- Apesar de complicado. Inglês porque eu adoro a cultura inglesa. Se talvez, eu poderia morar pra lá. Seria uma opção, também deveria aprender inglês. (...) (Inf.7)

INF.- É inglês também né, porque é, é bem parecida com alemão né, você... (Inf.8)

Por esses dois excertos verificamos interesses diferentes: o informante 7 valoriza a cultura inglesa e acredita que dominar o inglês é uma forma de se preparar para o futuro, pela possibilidade de vir morar em país de língua inglesa. A informante 8 percebe semelhanças entre o inglês e o alemão, língua de seus antepassados, o que tornaria mais simples a aprendizagem.

INF.- (...) O que eu gostaria então, seria de falar o alemão, ou o inglês, o inglês, né, mas o inglês é difícil pra gente que é meio italiano. (...) Acho que aprende, né, começa com umas vinte palavra aí...

INQ.- (...) O senhor chegou a estudar alguma dessas línguas?

INF.- Não, quando eu fui na escola, que eu era adulto, eh, daí que a matéria, a nota mais ruim que eu pegava era no inglês. Não tinha jeito.

INQ.- Então no colégio o senhor estudou...

INF.- Inglês eu detestava, engraçado que agora hoje, tô arrependido, se tivesse aceitado um pouco.

INQ.- Mas ainda dá tempo de estudar.

INF.- Que você vai ligar um aparelho aí “play” “stop”. (Inf. 11)

O informante 11 relata a oportunidade de aprender o inglês mas também suas dificuldades na época. Atualmente sente falta do inglês devido à globalização e aos estrangeirismos presentes no dia a dia. O informante 7 demonstrou interesse em aprender o japonês e apenas a informante 10 disse que gostaria de aprender todas as línguas faladas no Município de Capanema.

O Gráfico 14 sintetiza em percentuais os dados analisados:

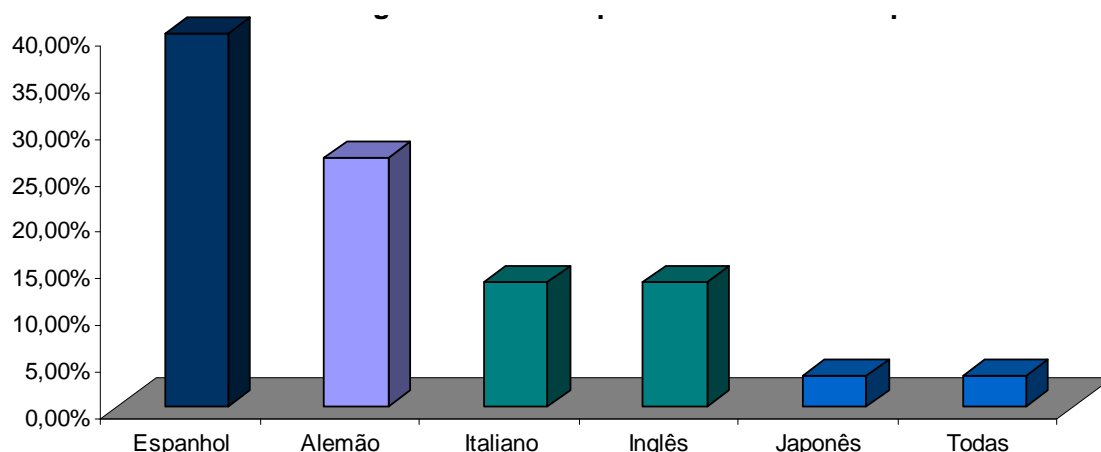


Gráfico 14 – Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?

O Gráfico 14 mostra que 40% dos informantes gostariam de aprender o espanhol; 26,7%, o alemão; 13,3% optariam pelo italiano; 13,3% , pelo inglês; 3,3% gostariam de aprender japonês e o mesmo percentual indicou todos os idiomas falados em Capanema. Para analisar o prestígio do espanhol por mais de um quarto dos informantes, trazemos à discussão a fala de López Morales:

O prestígio, aberto ou encoberto, e seu oposto, que desembocam em atitudes de diversos significados, determinam a aceitação ou estigma. As atitudes são fatores essenciais nos processos de mudança linguística. (LÓPEZ MORALEZ, 1993, p.242)¹⁸ (tradução nossa)

A afirmação de López Morales nos leva a crer que o prestígio ou desprestígio de um grupo tem grande influência na aprendizagem de idiomas. É o que se observa na localidade: os capanemenses se veem motivados a aprender o espanhol devido à proximidade com a Argentina, e pela possibilidade de facilitar as transações e contatos comerciais. No entanto, à medida que aumenta a escolaridade dos informantes, diminui o número de interessados pelo espanhol. Todos os informantes com Ensino Fundamental (6) se interessam pelo espanhol; mas apenas 4 do Ensino Médio e 2 do Ensino Superior mantêm o interesse. Os que manifestam a vontade de aprender alemão ou italiano são, em sua maioria, descendentes

¹⁸ E prestígio, abierto o encubierto, y su opuesto, que desembocan en actitudes de diverso signo, determinan la aceptación o el estigma. Las actitudes son factores esenciales en los procesos de cambio lingüístico. (LÓPEZ MORALEZ, 1993, p.242)

dessas etnias e estão distribuídos em quase todas as idades e graus de escolaridade; para os que cursaram o Ensino Fundamental, a idade varia entre 18-55 anos; entre os que cumpriram o Ensino Médio e o Superior, estão os mais jovens e os mais idosos. Os que responderam italiano são idosos com Ensino Fundamental e Médio e jovens com Ensino Superior. Conseguir se comunicar em inglês tem sido uma necessidade, vista pelos jovens com Ensino Médio ou Superior, causada pela globalização, uma vez que instrumentos de trabalho e até mesmo de lazer por vezes possuem instruções em tal idioma.

5.4.4 Você estudou ou fala alguma dessas línguas?

Na sequência buscamos saber se estudaram ou sabem falar algum dos idiomas citados e chegamos aos resultados do Quadro 17:

INF	Não	Sim				
		Inglês	Alemão	Espanhol	Italiano	Polonês
1	x					
2	x					
3			x			
4			x			
5			x			
6	x					
7		x				
8		x				
9				x		
10		x				
11				x	x	
12						x
13	NF	NF	NF	NF	NF	NF
14		x				
15		x				
16					x	
17			x			
18	x					
Total	4	5	4	2	1	1

Quadro 17 - Você estudou ou fala alguma dessas línguas?

Quatro informantes - os jovens 1 e 2 e as idosas 6 e 18 - afirmaram que não dominam nem tiveram acesso a nenhuma das línguas citadas, enquanto os demais trazem algum tipo de conhecimento, ou por ter estudado ou por sua origem étnica.

Apesar de morarem na divisa com a Argentina a língua mais apontada como conhecida pelos capanemenses é a inglesa, fato justificado por ser a única, até então, apresentada na escola. São eles os jovens 7 e 8, a mulher da segunda faixa etária (10) e dois informantes com Ensino Superior: 14 e 15. Com apenas o Ensino Fundamental nenhum deles declarou ter estudado inglês.

INQ.- Bom, o inglês que você estudou, você aprendeu no colégio mesmo ou no cursinho...

INF.- Bom o pouco que eu estudei, que eu aprendi foi no colégio. (Inf.6)

INF.- Sim, aqui na escola a gente tem aula de inglês.

INQ.- Você consegue falar em inglês já, ou não?

INF.- Ah algumas palavras né que a gente...(Inf.8)

INQ.- Ah, você já disse que fala um pouco do espanhol né, e que aprendeu porque...

INF.- É. Isso, por causa do comércio. (Inf.9)

INF.- Só o inglês.

INQ.- Ah, o inglês.

INF.- Inglês o básico sim, ah um pouquinho, sabe.

INQ.- Aham. Você, aqui mesmo você aprendeu inglês?

INF.- É, aham. Na nossa escola. (Inf.10)

INF.- Língua portuguesa e alguns conhecimentos de língua inglesa.

INQ.- Uhum. Só essas duas?

INF.- Só as duas.

INQ.- É, no inglês, você consegue se comunicar?

INF.- Basicamente, básico, básico. Mais ou menos ficar... mais ou menos cumprimentos, frutas, animais. (Inf.14)

INF.- Somente o inglês e quando era como, por exemplo assim, ensino médio né.

INQ.- Aham, só no ensino médio?

INF.- Isso ensino, é, de... fundamental e médio né.

INQ.- Uhum.

INF.- Só no ambiente escolar né, que eles... (Inf.15)

Conforme dito acima, os relatos dos entrevistados confirmam a forma como aprenderam ou tiveram contato com a língua inglesa. Nenhum deles afirmou ter domínio de tal idioma, os mesmos contam possuir o nível médio, sem aprofundamento.

O segundo idioma mais conhecido pelos capanemenses é o alemão, que está intimamente ligado à ascendência de grande parte dos moradores do município. Assim

podemos enumerar os informantes 3, 4 e 5, os três com Ensino Fundamental e o informante 17, com Ensino Superior.

INQ.- Ah, bom, você já disse que teve contato com o alemão, da sua família, né.

INF.- Sim.

INQ.- Foi a única língua que você aprendeu assim?

INF.- Já sim. (Inf.3)

INQ.- É e o alemão, onde que a senhora aprendeu, foi em casa mesmo?

INF.- Em casa...

INQ.- Ou na escola?

INF.- Não, escola só português. (Inf.4)

INQ.- O senhor disse que sabe um pouco de alemão né...

INF.- Sei, bastante, é sei, sei tem...

INQ.- Tem né, aprendeu com os pais do senhor.

INF.- Eu realmente me criei, com uma educação em alemão. Eu mesmo tenho dois filhos, a filha então, a minha mulher num, num, ela é alemoa mas num fala alemão, então a filha ficava com ela lá só em casa, e o filho ficava mais comigo então eu falava em alemão com meu filho, ele, ele, hoje ele entende tudo, e fala muitas palavras. E a filha num entende nada, que ficava com a mãe. (Inf.5)

INF.- Olha, eu... falo português. Procuo sempre melhorar né, e eu entendo alemão, falo alguma coisa em alemão, mas muito pouco. (Inf.18)

Esses entrevistados afirmam que a convivência com o alemão, em especial durante a infância, é fator fundamental para terem algum conhecimento dessa língua. O informante 5 explica que, além de ter tido uma educação alemã, transmitiu-a ao filho que também consegue se comunicar em tal idioma. Apenas um dos informantes relatou ter feito cursinho para aprender alemão:

INF.- Gostaria, até tentei, eu fiz curso de alemão, já fui...

INQ.- De alemão?

INF.- É, quando eu tava estudando né, ensino médio, mas daí só cursinho, deu nada, aprendi algumas coisas, que ensinaram e...(Inf.17)

Os informantes 9 e 11, ambos homens com Ensino Médio, comentam que aprendeu o espanhol por necessidades comerciais:

INQ.- Ah, você já disse que fala um pouco do espanhol né, e que aprendeu porque...

INF.- É. Isso, por causa do comércio. (Inf.9)

INF.- (...) Então eu gostaria, espanhol eu também me misturo um pouco, eu não vô, por exemplo, o português que nós temos aqui no espanhol correto deles, mas eu me misturo e vou entendendo e vou levando, já me defendo, né, que tem gente que não entende nada, eu pego uma funcionária aqui, se vem um argentino aqui, ela não entende, ela não sabe nada, como se chama uma toalha, um sapato, não entende nada, tem que ensinar ela. (...) (Inf.11)

O informante 11 ainda comenta que sente falta de suas funcionárias terem conhecimento pelo menos do básico na língua espanhola, a fim de facilitar o atendimento ao cliente argentino.

Apenas dois informantes citaram a língua italiana, o informante 11 e o 16.

INF.- Eu, se eu fosse aprender, porque o italiano, eu poderia ir na Itália, lá eles falam um pouco diferente, mas a mensagem deles eu vou captar, porque tem muitas palavras, que por exemplo, o seguinte (?=“el chugamano, dame chugamano” “chugamano” é uma tolha, “me voi magnare, me voi manjare, ?= incoi voi magnar tanha belle”) é macarrão, então lá, o dialeto nosso aqui é um pouco diferente. Aqui o macarrão é “bígole” (? = la mama já fachili bigole) a mãe fez o macarrão, entende? (Inf. 11)

INF.- Italiano um pouco né.. entendo, praticamente tudo em italiano, sou de origem italiana, e só. (...) e o português, e... e o italiano... (Inf. 16)

Tanto o informante 11 como a informante 16 são de origem italiana, por isso conhecem esta língua, contudo o entrevistado do sexo masculino alega que a língua falada na Itália é diferente do dialeto utilizado no Brasil, por isso gostaria de aprofundar seus conhecimentos, pois deseja visitar o país de onde vieram seus antepassados.

INQ.- É... o polonês que a senhora sabe falar é... foi assim adquirido na família?

INF.- Na família.

INQ.- Ou ...

INF.- Não, na família. (Inf.12)

A informante 12 é a única que conhece o polonês, idioma com o qual conviveu durante sua infância e possui vivência familiar.

O Gráfico 15 traz em percentuais os dados analisados:

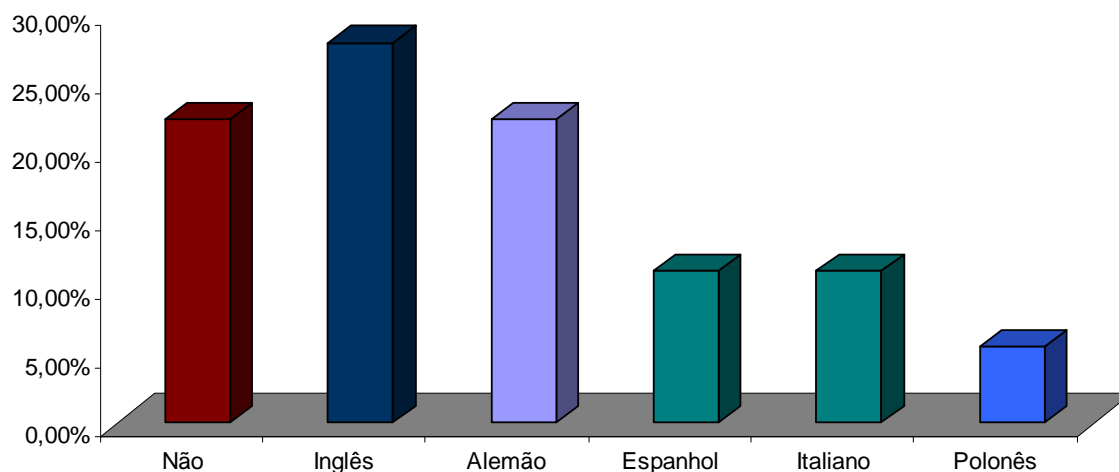


Gráfico 14 – Você estudou ou fala alguma dessas línguas?

Pelo Gráfico 15, observa-se que 22% dos entrevistados não possuem conhecimento de outro idioma além do português. O idioma com o qual tiveram contato em alguma instituição de ensino é o inglês com 27,8%. A língua alemã, com 22,20%, é falada pelos descendentes de alemães, enquanto o espanhol e o italiano representam o mesmo valor percentual 11,1% cada, o primeiro por razões comerciais e o segundo ligado às raízes familiares. Por fim, apenas um informante afirma conhecer o polonês, o que corresponde a 5,6% das respostas.

5.5 Idiomas de contato e a convivência nos relacionamentos afetivo, de amizade e profissional

Neste bloco concentramos as questões de número 25-45 as quais ilustram o relacionamento do capanemense com falantes de outros idiomas, sob diversos aspectos: amizade, afetivo e profissional

5.5.1 Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, paraguaios, alemães ou italianos, você compraria?

Os dados obtidos com as respostas às questões 25 a 28 estão sintetizados no Quadro 18:

INF	Paraguaio	Argentino	Alemão	Italianos
1	NS	NS	NS	NS
2	não	não	não	sim
3	NS	sim	sim	sim
4	não	sim	sim	sim
5	NF	sim	sim	sim
6	sim	sim	NF	sim
7	sim	sim	sim	sim
8	sim	NF	sim	sim
9	NS	sim	sim	NF
10	sim	sim	sim	sim
11	não	sim	sim	sim
12	NS	sim	sim	sim
13	sim	sim	sim	sim
14	sim	sim	sim	sim
15	sim	sim	sim	sim
16	NF	sim	sim	sim
17	NF	sim	sim	sim
18	sim	sim	sim	sim
Total	7S, 4 NS, 3N	15S,1NS, 1N	1NS, 1N, 15S	1NS, 16S

Quadro 18 - Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, paraguaios, alemães ou italianos, você compraria?

A etnia que parece ter maior aceitação na convivência em um mesmo bairro é a italiana, com dezesseis respostas positivas e uma negativa. Os descendentes de alemães e argentinos obtiveram quinze respostas positivas cada grupo, uma de incerteza e outra negativa. A alternativa que mais representou a atitude negativa dos capanemenses foi a dos paraguaios, com apenas sete respostas positivas, quatro de incerteza e três negativas. Os excertos abaixo ilustram os comentários mais relevantes:

INQ.- Sei lá? Por que, você não gostaria de morar num bairro só com argentino?

INF.- Não né, é que eu não gostaria né...

INQ.- Se você fosse o único brasileiro...

INF.- Eu me sentiria.. sem saber nem falar com eles, me sentiria estranho né, sozinho lá no meio dos argentino.

INQ.- Mas você poderia aprender né.

INF.- É se eu... podia aprendê né, mas ia acabar esquecendo, mas eu acho que eu compraria sim.

INQ.- E num bairro onde só morasse paraguaio?

INF.- Acho que mesma coisa.

INQ.- No caso dos alemães e dos italianos?

INF.- Mesma coisa. Só pensaria no caso de num tem com quem conversar, num tem um vizinho, num teria um amigo né. (Inf.1)

O informante 1 coloca a diferença de idioma como impedimento para viver em um bairro com qualquer uma das etnias citadas, independentemente de qual seja.

INQ.- Você compraria uma casa num bairro onde só tivessem argentinos?

INF.- Não.

INQ.- Por que não?

INF.- Porque eu não ia entender o que eles tavam me falando. Ia sê uma maneira difícil, né, de se comunicar.

INQ.- E se só morassem paraguaios?

INF.- Hm, acho que não também.

INQ.- Por causa da mesma coisa?

INQ.- Se fosse um bairro onde só tivessem alemães, você compraria uma casa ali?

INF.- Acho que não.

INQ.- Mais pela comunicação mesmo?

INF.- É porque pela comunicação, também se você não sabe, se pelo menos soubesse um pouco pelo menos, né, pra você trocar as palavras daí seria bom daí a convivência daí com as pessoa. (Inf.2)

O mesmo se repete com a informante 2, a barreira para viver em um local em Capanema em que só morassem argentinos, paraguaios ou alemães é a língua, o que seria amenizado se conhecesse um “pouco pelo menos” do idioma dos outros moradores, como acontece no caso dos italianos:

INQ.- E por último, se fosse um bairro onde só tivessem italianos, você moraria?

INF.- Eh né, com o italiano dá pra entender um pouco também, né, não muito, mas um pouco dá pra entender. (Inf.2)

INQ.- E só morassem paraguaios?

INF.- Ia pensar.

INQ.- Por quê?

INF.- Eles já são diferente né, uma cultura diferente né.

INQ.- Ahan.

INF.- Pelo que a gente conviveu né, que a gente aprendeu com eles... assim conheceu deles é um povo, uma cultura bem diferente. (Inf.3)

INQ.- E se fosse num bairro onde só moram paraguaios?

INF.- Não.

INQ.- Por quê?

INF.- Ah eu num sei.

INQ.- Mas será que... não confia muito nos paraguaios, tem medo...

INF.- A gente confia né, mas a gente tem um pouco de medo assim, um tipo de medo parece né...

INQ.- Mas assim medo de não compreender com a língua deles, de não se, se enturmar...

INF.- Ah, não se enturmar né com eles.(Inf.4)

INQ.- Se só morassem paraguaios?

INF.- É, eu teria mais restrito.

INQ.- Por quê?

INF.- Eu num sei é, eu acho que já existe uma... uma ri... não é uma rivalidade, isso já vem, é... por causa dessa, desse confronto que existia antigamente, entre Brasil e Paraguai, eu acredito que eles já, como até nós tava comentando ontem, por causa dessa guerra, eu acredito que eles devam ensinar nas escolas, que o país que mais prejudicou o Paraguai deve ter sido o Brasil né. Acredito falar a realidade né. Eles já criam certo, uma certa restrição a brasileiros né. Por educação mesmo, pela história né. Então eu, provavelmente não. (Inf.9)

INF. Eu ficava um pouco desconfiado do paraguaio. Ficava um pouco desconfiado, devido à nossa fronteira que é uma fronteira com o Paraguai, talvez se fosse mais no centro, capital, mais cultura, né, mas aqui, na fronteira, eu não compraria.(Inf.11)

Para os informantes 3, 4, 9 e 11, não haveria problema na convivência com nenhuma etnia, com exceção dos paraguaios. De acordo com o primeiro (Inf.3), a cultura paraguaia é significativamente distinta da brasileira, o que o impediria de comprar e morar em casa num bairro em que residissem apenas paraguaios. A informante 4 diz ter certo receio, contudo não esclarece a que se deve. Segundo o entrevistado número 9, as escolas paraguaias devem transmitir aos alunos que o país que mais prejudicou o Paraguai, na época da guerra, foi o Brasil, algo com o qual não concorda, apesar de que isso poderia acabar criando certa estranheza entre ambos os povos.

INF.- Não, não teria problema, não teria problema nenhum. Eu não tenho nada contra eles, eu acho que pra morar, no nosso país, que a gente tá vivendo eu me sinto acho que melhor do que se fosse morar na Argentina, agora se fosse, se fosse morar num bairro que tivesse só isso, só argentino, ficaria bem de acordo, porque são gente, tudo gente boa. (inint) Tudo gente boa. Eu gosto das pessoas de lá. (Inf.5)

O informante 5 demonstra crença e atitude positivas em relação ao povo argentino, alega a inexistência de problemas em residir em um bairro em que só houvesse pessoas desta etnia.

INQ.- E se só morassem paraguaios, a senhora compraria também?

INF.- Compraria. Também, com certeza, acho que tem que saber né. Conviver com as pessoas e... (Inf.6)

INQ.- É, sim? E se lá morassem só alemães? Você compraria uma casa lá?

INF.- Olha, pra mim tá morando lá... o...

INQ.- É, pra morar.

INF.- Ah eu compraria porque né, porque nada na vida é impossível, a gente faz, tá aprendendo né, até mesmo com essas pessoas que moram lá, tá se comunicando com elas, eu acho que seria até interessante.

INQ.- E se morassem lá só italianos, você compraria também.

INF.- Também, porque num... num é lá, porque a pessoa fala diferente de mim que eu vou né, deixar de estar me socializando com ela, porque tenho muito a aprender com ela. Então eu achava bem legal.(Inf.8)

INF.- Também. Eu acho que num adianta, porque, tipo num existe né, essa, se fosse morar, nem ia tentar eu ia, com o tempo eu ia aprender, eu ia né...

INQ.- Isso, ia começar a conversar com eles...

INF.- Com certeza, eu ia me, eu ia me... antenar lá, nas língua aí. (Inf.10)

As informantes 6, 8 e 10 relatam que é necessário saber conviver com pessoas de etnias diferentes e, por este motivo, não veem obstáculo em morar em um bairro em que vivesse qualquer um dos povos já comentados, inclusive os paraguaios. As informantes 8 e 10 explicam ainda que não seria por alguém “falar diferente” que deixariam de se sociabilizar com a pessoa, procurariam entender pelo menos um pouco do idioma.

INF.- Sem problema nenhum. É um povo, assim oh, o argentino é dotado de...de assim, de digamos de ser livre da lei. Argentino não gosta de lei, ele não briga fácil, é só na periferia mesmo, da mais alta periferia da Argentina que mata, da mais alta pobreza, da mais alta periferia. Assim, por exemplo “los que viven acá na frontera, en el monte, son los que no brigán, son lo que no usan cuasi autoridad” porque autoridade é enérgica. Na Argentina, a autoridade é enérgica. Se for chamado pra lei, quem fala lá é eles, tem que obedecer. Então o argentino já vem com esse berço de não brigar. (Inf.11)

O informante 11 vê o povo argentino de maneira bastante prestigiosa. Conta que, em especial os que vivem na região da fronteira, são pacíficos e que a violência está restrita à periferia daquele país. Em relação aos italianos comenta:

INF.- Ah, aí com certeza, com certeza mudaria. Gostaria de voltá aí pros vinte e cinco, vinte dois ano pra podê namorar uma italiana bonita, né (risos). (Inf.11)

Descendente de italianos, este informante chega a se emocionar comentando da infância, de conversas com a mãe, das músicas e da cultura trazidas da Itália.

INQ.- Onde só moram italianos?

INF.- Também né, não, isso não é problema né, até eu acho que seria uma maneira da gente desenvolver esse outro lado, que não desenvolvemos que... que praticamente assim, é uma expectativa de que iria aprender uma outra língua e e falar né... e não percebia, quem sabe se a gente se obrigaria nesse caso a aprender né.

INQ.- Ahan, então o senhor acha que seria até bom.

INF.- Seria bom. (Inf.17)

De acordo com o informante 17, não há restrição em viver em um bairro em que predominasse certo tipo de etnia, pelo contrário, enxerga a situação como sendo uma oportunidade de vir a aprender outro idioma.

A partir das respostas e relatos elaboramos quatro gráficos:

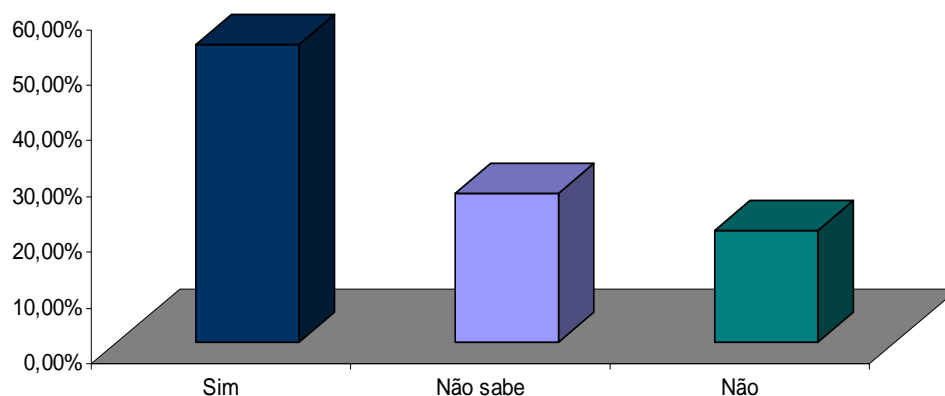


Gráfico 16.A – Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse paraguaios, você compraria?

Para esta questão houve 53,3% de respostas positivas, 26,7% indicando incerteza na compra de uma residência em bairro onde só houvesse paraguaios e 20% de respostas negativas, ou seja, não vêem com prestígio conviver em um bairro com descendentes desta etnia. É a pergunta com maior número de respostas negativas e de incertezas, reforçando uma atitude negativa com relação aos paraguaios.

O Gráfico 16-B traz os percentuais das respostas sobre a opção de morar em bairro onde só houvesse argentinos.

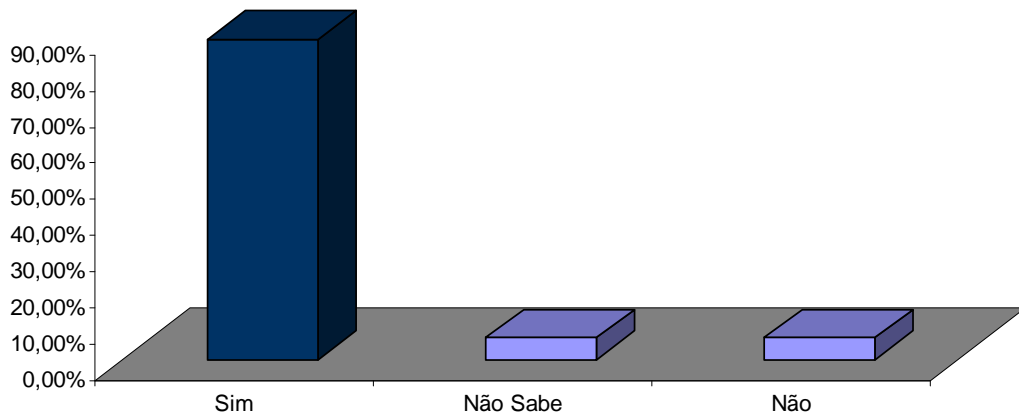


Gráfico 16.B – Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, você compraria?

No Gráfico 16-B, as respostas positivas correspondem a 88,2% representando o número percentual de entrevistados que acreditam não haver obstáculos em viver no mesmo bairro em que vivem argentinos. 5,9% das respostas sinalizam que os moradores locais não morariam em tal bairro e 5,9% teriam dúvidas quanto a essa opção de moradia.

O Gráfico 16-C traz os percentuais das respostas sobre a opção de morar em bairro predominantemente habitado por alemães.

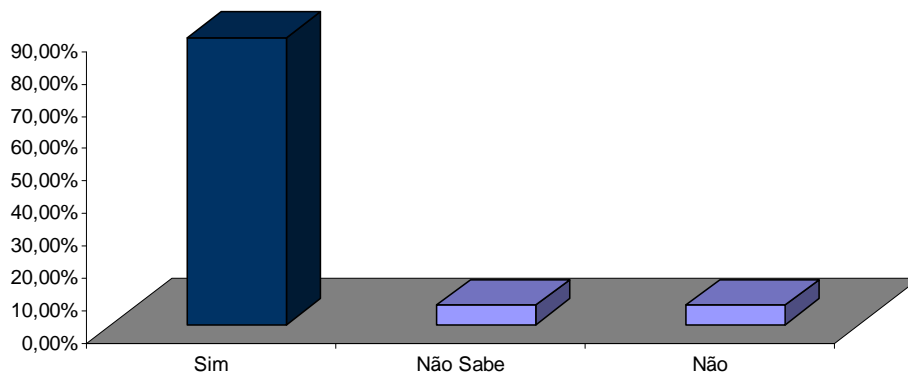


Gráfico 16.C – Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse alemães, você compraria?

As respostas relativas a morar em bairro alemão foram similares às do Gráfico 16-B, ou seja, morar em bairro predominantemente argentino. As respostas positivas, isto é, os que acreditam não haver obstáculos em viver em um mesmo bairro que alemães correspondem a 88,2%; 5,8% das respostas sinalizam que os moradores locais não morariam e outros 5,8% teriam dúvidas em residir em um bairro alemão. Os argentinos e os alemães, por sua vez, ocupam o segundo lugar de respostas favoráveis à convivência em um mesmo bairro.

O Gráfico 16-D sintetiza as respostas sobre morar em bairro italiano.

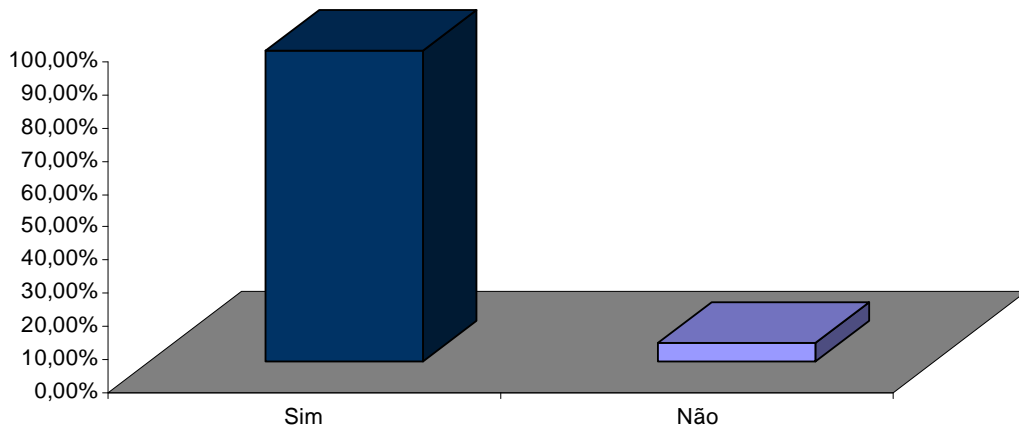


Gráfico 16.D – Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse italianos, você compraria?

Os italianos conseguiram o maior número de respostas positivas, indicando as crenças e atitudes positivas dos capanemenses com relação a esta etnia, com 94,11%, nenhum informante demonstrou incerteza em residir em bairro semelhante e apenas um (5,9) afirmou que não se mudaria para um bairro em que predominassem moradores italianos.

Retomando todas as respostas sobre as questões relativas à opção de morar em bairros em que predominassem estrangeiros, elaboramos o Gráfico 16 E:

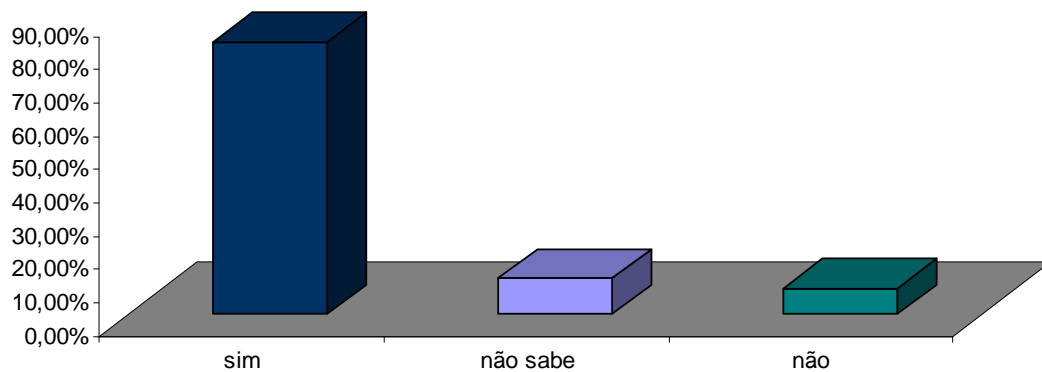


Gráfico 16.E – Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, paraguaios, alemães ou italianos você compraria?

O Gráfico 16 E expõe que, de maneira geral, 81,8% dos entrevistados compraria e moraria em um bairro em que só vivessem estrangeiros das etnias já citadas, 10,6% parecem ter dúvida em relação a este tipo de convivência, enquanto 7,6% não gostariam de viver desta maneira. De modo geral, os inquiridos apontam a diferença de idiomas como sendo o principal obstáculo para residir em um bairro em que só morassem estrangeiros, contudo, no

que diz respeito aos paraguaios, percebemos uma postura de desconfiança e afastamento por parte dos capanemenses que apresentam como justificativa, principalmente, as diferenças culturais e históricas. Cremos ser pertinente transpor as considerações de Bem (1973) a respeito de estereótipo, visto que estas podem aclarar a posição dos Capanemenses em relação ao povo paraguaio:

Muito poucas são as nossas crenças primitivas que pousam diretamente sobre uma única experiência. Muitas delas são abstrações e generalizações de várias experiências que ocorreram no tempo.(...) Cada uma dessas crenças deriva de várias situações distintas, mas visto que o indivíduo ainda as relaciona com a experiência direta, são mais apropriadamente classificadas como crenças primitivas. (...) Em resumo, as generalizações nem sempre são verdadeiras em todos os casos além daquele conjunto de experiências nas quais se baseiam. Quando um indivíduo considera tais generalizações como se fossem verdades universais, geralmente as denominamos de estereótipos. Devido a uma série de razões, muitos dentre nós aprenderam a considerar os estereótipos como indesejáveis. Às vezes, por exemplo, os estereótipos não se baseiam em nenhuma experiência válida, mas são apreendidos como boatos ou são formados a fim de racionalizar nossos preconceitos. Neste caso os estereótipos são também freqüentemente utilizados para justificar um tratamento mesquinho a indivíduos com base num suposto grupo de característica que, na realidade, nem o indivíduo e nem o grupo possuem.” (BEM, 1973, p. 17-18)

5.5.2 Você tem amigos argentinos, paraguaios, alemães e/ou italianos? Como começou essa amizade?

Depois de analisar a postura dos capanemenses em relação à convivência com descendentes de estrangeiros no mesmo bairro e concluir que a grande maioria mantém uma postura positiva em relação a esta questão, buscamos os possíveis vínculos de amizade entre eles e chegamos ao Quadro 19:

NF	Paraguaio		Argentino		Alemão		Italianos	
	sim	não	sim	não	sim	não	sim	não
1		x	x		x		x	
2		x	x		x			
3	x		x		x		x	
4	x			x	x		x	
5	x			x	x		x	
6	x		NF		x		x	
7		x		x		x		x
8		x		x	x		x	
9		x	NF		x		x	
10		x		x	x			x
11	x		x		x		x	
12		x	x		x		x	
13	x		x		x		x	
14		x	x		x		x	
15	NF		x		x		NF	
16	NF		NF		x		x	
17	x			x		x		x
18	x		x		x		NF	
Total	8S	8N	9S	6N	16S	2N	12S	2N

Quadro 19 - Você tem amigos argentinos, paraguaios, alemães e/ou italianos? Como começou essa amizade?

Para este questionamento, a etnia que mais recebeu respostas positivas foi a alemã, com dezesseis indicações e as duas etnias que mais tiveram respostas negativas foram a paraguaia, com oito respostas, seguida da argentina, com sete.

Os oito informantes que afirmaram ter contato com paraguaios relatam que esta relação se deve ao trabalho ou por terem algum familiar no Paraguai. Dentre os informantes quatro tem o Ensino Fundamental (3 a 6), um tem Ensino Médio (11) e três, Ensino Superior – (13, 17 e 18), havendo, pois, maior concentração entre informantes do sexo masculino (cinco respostas do sexo masculino e três do feminino) com Ensino Fundamental e Ensino Superior, assim como também entre pessoas com idade superior a 35 anos. Os demais inquiridos disseram não ter amizade com paraguaios. Para ilustrar essas respostas, recorreremos a trechos das entrevistas:

INQ.- Mas por que você não quer essa amizade ou não teve oportunidade?

INF.- Num tive oportunidade, só fui uma vez pra lá e num fiz amizade. (Inf.1)

INQ.- Amigos paraguaios?

INF.- Não.

INQ.- Não tem?

INF.- Não, não. Só fregueses. (Inf.12)

Os informantes que afirmaram não ter amizade com paraguaios não apresentaram maiores esclarecimentos. O informante 1 esclareceu que só visitou uma vez o Paraguai e, por isso, não teve oportunidade de criar vínculos de amizade com algum de seus moradores. Já a informante 12, mesmo tendo contato com paraguaios devido ao seu trabalho, relata que este relacionamento é estritamente profissional com a afirmativa. A repetição do advérbio de negação e a colocação do advérbio de restrição antes do substantivo “fregueses” parecem reforçar uma postura negativa da entrevistada frente aos paraguaios.

INQ.- Também? Como que começou a amizade...

INF.- Também através da música.

INQ.- Através da música? Legal. (Inf.3)

INF.- É, tem uns parente né, tem alguns parente que mora no Paraguai né,

INQ.- Então só, só parente.

INF.- Só parente.

INQ.- Amigos de casa você num tem né?

INF.- Não, não. (Inf.4)

INF.- (...)Tenho... parentes morando no Paraguai, tem umas pessoas que a gente conhece, como argentino, mas assim amizade com o pessoal por lá... (Inf.17)

O informante 3 relata que a amizade que tem com paraguaios se estabeleceu por meio da música. Os informantes 4 e 17 contam que o contato com os paraguaios está relacionado à família, pois possuem parentes que vivem naquele país, contudo, ali em Capanema, não possuem amigos dessa etnia que frequentem suas casas. A informante 18, também se encaixa neste caso, pois seu filho é casado com filha de paraguaio e relata de maneira positiva seus encontros com a família da moça:

INF.- Tenho. Olha, meu filho é casado com uma menina, que o pai dela é paraguaio.

Eles moram em Dois Vizinhos. Uma cidade próxima daqui... ele é paraguaio, muito divertido.

INQ.- É bem diferente?

INF.- Bem diferente. Ele é bem, bem assim de sacanear as pessoas, só que de brincadeira. Tudo que ele puder sacanear, ele tá sacaneando, tudo ele faz uma brincadeira. Ele é muito bem, muito feliz, assim, de estar alegre sabe. (Inf.18)

A informante explica que o paraguaio, pai de sua nora, é um homem alegre, que faz brincadeiras boa parte do tempo quando estão juntos e aparenta ser um homem feliz. A inquiridora, por sua vez, aproveita para explorar a relação com o idioma que ele emprega:

INQ.- Que língua...

INF.- Ele é bem extrovertido. Ele fala guarani.

INQ.- Guarani?

INF.- Fala guarani.

INQ.- O quê que você achou do guarani, Marli?

INF.- Ah, na verdade ele fala umas brincadeiras, né. Mas é uma língua que eu num entendo nada, você não consegue entender nada. É uma língua totalmente assim, difícil, num sei se você já ouviu falar guarani.

INQ.- Já.

INF.- Eu acho muito, muito complicado. É um tal de vai e volta, as palavras que eu não entendo.

INQ.- E você achou o guarani bonito, achou difícil?

INF.- Num sei, acho que o pouco que eu ouvi, eu num posso te dar minha opinião, achei uma coisa difícil. (Inf.18).

INF.- Paraguaio sim, porque inclusive eu tenho sobrinhos que são paraguaio, nascidos no Paraguai.

INQ.- Mas além dos sobrinhos o senhor não tem mais, não tem amigos mesmo.

INF.- Ah eu até tinha alguns porque através dos meus parentes lá que foi, a gente conheceu alguns, algumas pessoas que ficou meio, meio amigo. (Inf.5)

INF.- Eu tinha uma... a minha compadre, hoje ela agora no Rio Grande, ela foi embora, quando ela veio pra cá, tava numa pior a coitada, e pessoal daí ajudou ela bastante, e ela era paraguaia, a gente queria muito bem pra ela né. Daí foi ajudar ela bastante, daí eu batizei a menina dela ainda. (...) Tivemos pouco tempo de convivência assim, porque ela é meio andarilha. Daí então, mas a gente se dava muito bem, a gente queria muito bem pra ela, pras criança né. Também ela veio do Paraguai. (Inf.6)

No que diz respeito ao guarani, falado pelo paraguaio em questão, a informante 18 considera uma língua “difícil” e que por não a compreender, não poderia julgá-la como “bonita” ou “feia”, demonstra, entretanto, que este fato não a impediu de desenvolver um relacionamento de amizade com alguém daquela etnia, expondo sua crença e atitude positivas em relação a ela.

O informante 5 igualmente diz ter parentes no Paraguai e que foi por meio deles que estabeleceu algum tipo de amizade com pessoas daquela etnia.

A informante 6 conta que teve um contato considerável com uma mulher de origem paraguaia. Explica que esta senhora estava em situação financeira delicada quando a conheceu, ocasião em que juntamente com outros capanemenses ofereceu apoio solidário e, apesar da curta convivência, ambas desenvolveram amizade. A entrevistadora a questiona sobre o início da amizade entre elas:

INQ.- Como que começou a amizade entre vocês?

INF.- Porque nós era vizinha, ela veio morar numa cunha, com uma cunhada dela, que acudiu ela, quando ela precisou. E daí a gente ajudou bastante ela, e ficamos amiga né, acabei ficando comadre ainda (risos). (Inf.6)

O informante 11 relata ter tido curta amizade com um paraguaio que trabalhou durante certo tempo em um restaurante de frente ao seu comércio, a amizade durou enquanto o mesmo atuou naquele emprego. Com suas palavras:

INF.- (...) paraguaio, eu tenho um pouco de amizade com um porque o cara daqui tinha um restaurante lá (?= canaíão) e trazia de lá um paraguaio, de lá pra cá, então eu tinha um pouco de amizade, mas é uma amizade curta assim. (Inf.11)

A análise das respostas à questão sobre o início da amizade entre capanemenses e paraguaios permitiu elaborar o Gráfico 17-A:

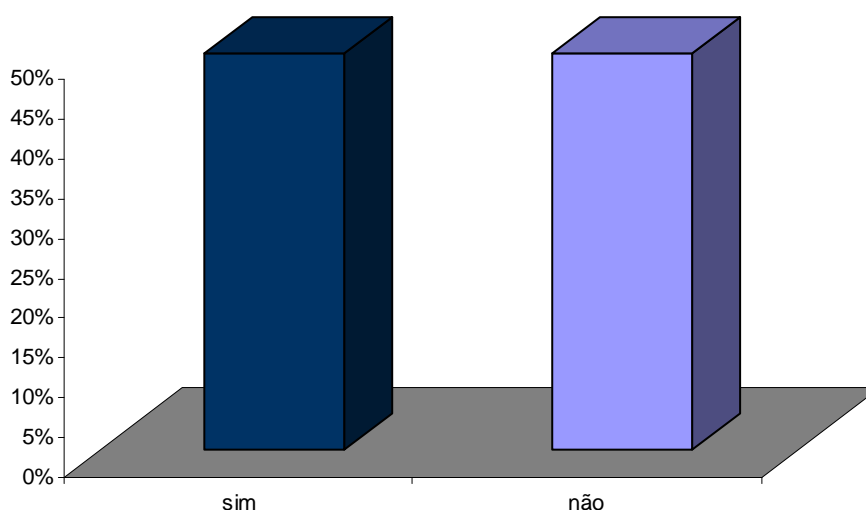


Gráfico 17.A – Você tem amigos paraguaios? Como começou essa amizade?

O Gráfico 17-A mostra que metade os capanemenses têm amigos paraguaios e metade, não. Para as respostas negativas não houve justificativa relevante.

Quanto à amizade com argentinos, nove respostas foram afirmativas, seis negativas e três não formuladas. Os que responderam positivamente foram três do Ensino Fundamental (1 a 3), dois com Ensino Médio (11 e 12) e quatro com Ensino Superior (13 a 15 e 18). É possível dizer que esta resposta está presente na fala de informantes de todas as idades, graus de escolaridade e também de ambos os sexos (quatro homens e cinco mulheres). Alguns excertos ilustram bem as análises feitas:

INF.- Tenho.

INQ.- Tem, bastante amigos?

INF.- Tenho uns três, quatro. Tenho um tio que trabalha lá. Lá dentro da Argentina.

INQ.- Ah e como começou essa amizade?

INF.- Lá, trabalhando lá. Trabalhava lá com meu tio...

INQ.- Você trabalhou já na Argentina?

INF.- Trabalhei. (Inf.1)

INF.- Através de comércio né, e a gente tem, uma profissão da gente também é músico né, bastante contato com eles através da música né. A gente tem uma amizade bem grande, muitos amigos argentino.(Inf.3)

INF.- Eu tenho a minha cunhada que mora lá.

INQ.- Ela é casada com um irmão seu.

INF.- Sim.

INQ.- Então é da sua família.

INF.- Sim, é casada com meu irmão. (Inf.2)

INF.- (...) Tenho... parentes morando no Paraguai, tem umas pessoas que a gente conhece, como argentino, mas assim amizade com o pessoal por lá... (Inf.17)

INF.- Amizade assim não, mas tenho até uma prima que é casada com argentino. É...

INQ.- Ah.

INF.- E é bem legal. E tem vizinhos argentinos também, tive um monte.

INQ.- Mas amizade devido ao parentesco?

INF.- Parentesco.

INQ.- Amigos, só amigos...

INF.- Não, não, só conhecidos. (Inf.12)

INQ.- O senhor tem amigos argentinos?

INF.- Não.

INQ.- Não?

INF.- Íntimo não.

INQ.- (inint) assim...

INF.- Não é, algum outro... mais raramente.

INQ.- Não tem como falar com eles assim?

INF.- Não.

INQ.- Se encontra em algum lugar...

INF.- Se encontra às vezes falar um pouco, lá tem... conhece um outro por lá...Mas assim, intimidade a gente, eu num tenho com nenhum. (Inf.5)

O informante 1 relata que sua amizade com argentinos teve início quando trabalhou naquele país por intermédio de seu tio, ou seja, o relacionamento não foi motivado por um evento social ou de lazer, mas profissional. Assim ocorreu com o informante 3, mas ao contrário do informante 1, que declarou ter poucos amigos argentinos, o entrevistado 3 alega

ter feito várias amizades por intermédio da música, além disso ressalta que os laços de amizade existentes entre ele e os argentinos são “grandes”.

Quanto aos informantes 2 e 17, eles comentam que possuem parentes no país vizinho: a primeira tem um irmão casado com mulher argentina e o segundo tem uma prima casada com argentino. O mesmo acontece com a informante 12 que, apesar de não considerar nenhum argentino como amigo, possui parentes e diversos conhecidos do outro lado da fronteira.

O informante 5, por sua vez, conhece alguns argentinos, mas não considera nenhum como “amigo” e se eventualmente acontece algum encontro a conversa é sempre muito rápida, pois não há intimidade entre eles.

O excerto abaixo traz o depoimento do informante 10. Comenta que eventos em que há a integração dos dois povos, argentinos e brasileiros, são constantes e que nessas ocasiões ambos interagem, porém, apesar desse intercâmbio de culturas, não possui amigos daquela etnia. Bergamaschi (2006) também observou em seu trabalho que muitas vezes a confraternização dos povos, assim como também a valorização de sua fala característica, fica restrita a festas, propagandas e atrações turísticas. (BERGAMASCHI, 2006, p. 142):

INF.- Geral... amigo, amigo assim não né, a gente... existe assim uma, uma... um, uma farta cultura né, existe aquela... aquela, como que eu vou dizer assim, que eles vêm pra cá, é... a gente interage com eles né, quando tem algum evento aqui eles vêm, quando tem algum evento lá a gente participa também né, tem as feiras deles lá, e nós temos aqui, então eles vêm, nós vamos pra lá, então existe isso, mas não, assim, assim uma amizade... né, em todo assim, né, não uma, em especial assim, mas não.

INQ.- Pessoas né. Ah tá. Tem bastante eventos por aqui?

INF.- Tem, tem todo ano sai assim o nome da cultura né, que daí é uma semana toda que tem né. Inclusive eles vêm fazer as apresentações deles aqui né, muito bonita.

INQ.- Quando eles vêm pra cá, vocês conseguem entender o modo deles falar?

INF.- Na... assim, bastante, alguma coisa que a gente fica meio assim, e num entende e num entende, mas é muito pouco. Sabe, a gente entende bastante eles né.

INQ.- Que... que língua eles falam?

INF.- É o espanhol. (Inf.10)

O informante 11 faz um longo relato sobre sua amizade com argentinos, que acreditamos ser relevante agregá-lo à análise em questão:

INF.- Eu tive um grande amigo argentino, chamava-se Carmelo. Um dia fui para a Argentina, a título de publicidade, porque aqui era frontera, a gente

vendia bastante coisa lá pra Argentina e tal. Eu levei um calendário do meu comércio e daí eu tava conversando com um cidadão que tinha uma chácara e fui perguntando como é que plantava erva mate, se era bom negócio e tal, né, conversando com ele e tal e naquilo um cara...eu tava com o calendário na mão, chegou um cara e disse “buenas tardes” aí eu falei “buenas tardes” daí ele disse assim “de donde vives ustedes?” “eu vivo em Capanema” aí ele pegou meu calendário e puxou, mirou assim “tiene tienda?” “sim, tenho uma tienda” “hay mucha cosa buena para vender?” eu digo “tenho muita cosa buena para usted” aí então, não tava falando muito ainda assim, tava entendendo. Aí ele disse...pegou o calendário e disse “cualquier diorno yo voy a tu tienda hacer una compra”. E passou um mês e pouco...ah, não, antes, naquele dia, eu perguntei o que ele fazia “yo tengo una topadera” “topadera” é um trator de estera, ele estava desmatando, tava detopando, detopando é tirá a mata, planta erva mate. Daí naquele papo ali, passô uns trinta dias, veio com o calendário na mão. Começou a amizade com ele, achei ele um cara bacana, morava sozinho, solitário. Daí ele me contou que teve uma noiva um dia e não deu certo (...). Ele fez uma viagem com madeira dele e não pagaram e ele se suicidou. Eu fiquei com muita pena, se soubesse isso, eu não deixava, né, era meu amigo mesmo. (...) Daí eu fiz amizade com um que fazem trinta anos, ele mora em, ele mora em...como é que chama o lugar lá em Dourados? Ele mora em Piraí, Piraí do Sul, inclusive ele tem amizade com o prefeito daqui porque eu apresentei ele ao jornalista. (...). Agora com esse outro argentino, esse Gregório, que é jornalista, esse eu sou amigo dele, esse tal de Tailo também, mas muitos anos, faz trinta anos que nós se conhecemo. Nós tinha time de futebol e nós ia jogar futebol lá. (Inf.11)

O relato do informante 11 expõe sua amizade com dois argentinos, uma delas teve início em uma viagem de divulgação de seu comércio em Capanema e a outra não teve motivos profissionais. O entrevistado fica emocionado ao lembrar a forte e duradoura amizade que teve com um deles e conta que, se soubesse que o amigo poderia ter cometido o suicídio, teria tentado evitar. Já a outra amizade, perdura por mais de trinta anos e está relacionada com o lazer, neste caso, o futebol.

Outro excerto trata também das relações de amizade com argentinos:

INQ.- Como que começou essa amizade?

INF.- Conhecimento né, a gen... como eu falei pra você eu morava na fronteira né, então a gente tem contato né, conhecimento, vai... então...tem amizade, um bom conhecimento né.

INQ.- Amigos argentinos, você tem?

INF.- Argentinos sim. (Inf.15)

Os dados analisados sobre a existência de amizade entre capanemenses e argentinos permitiram elaborar o Gráfico 17-B:

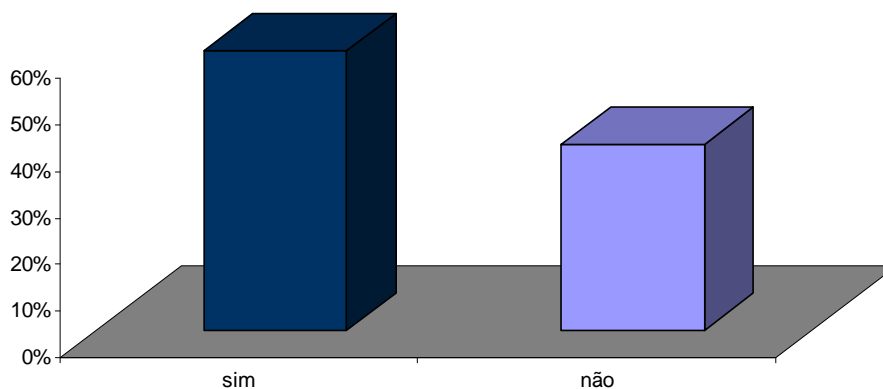


Gráfico 17.B – Você tem amigos argentinos? Como começou essa amizade?

De acordo com os comentários proferidos pelos entrevistados, 60% alegam ter amigos argentinos, enquanto 40% negam esse tipo de relacionamento. Entre eles, a amizade, por vezes, começou por meio de relações comerciais, outros por casamentos interétnicos de parentes que moram na cidade vizinha. A proximidade com a Argentina, as trocas comerciais entre os moradores de Capanema e os moradores de Comandante Andresito, as demonstrações de prestígio pelo povo e pelo idioma argentino, são fatores que favorecem o número de respostas positivas, embora acreditássemos que esses fatores poderiam elevar a porcentagem de aceitação além dos 60%.

Quanto à amizade com alemães, o número de respostas positivas foi maior, atingindo um total de quinze, ou seja, apenas três foram negativas: são as respostas dos informantes 7, 17 e 10. Todos os informantes com Ensino Fundamental responderam positivamente. Foram diversos os capanemenses que alegaram ter sido vizinhos de pessoas de descendência alemã:

INF.- Assim, de passagem, de falar adeus uma pra outra, de puxar conversa...

INQ.- É vizinha sua?

INF.- É vizinha minha. (Inf.2)

INF.- Ah amigos alemães tem bastante. O que mais tem aqui (risos).

INQ.- Nossa.

INF.- Ah, aqui a gente convive bastante com eles.

INQ.- Uhum, como que começou a amizade da senhora?

INF.- Ah aqui no colégio e em casa também, que nem tem, bem dizer, olha meus vizinho lá tem dois que são brasileiro e mudaram lá na nossa vila, no nosso bairro que nós moramos a maioria são alemão.

INQ.- Ah tá. Você vê os vizinhos e...

INF.- Sempre, sempre, tá tudo junto. Tuda hora junto, então a gente fica muito bem, se dá muito bem com eles, tudo. (Inf.6)

Segundo a informante 6, a amizade com alemães ultrapassou a barreira do colégio em que estudou, no bairro em que vive são poucos os brasileiros, a maioria ali pertence à etnia alemã e isso não parece ser um bloqueio para que haja afeição entre eles.

INF.- Eu tenho, tenho amigo alemães, que são, tem uma idade mais avançada.

INQ.- Uhum. E como que começou essa amizade?

INF.- Vizinhança, mora perto.

INQ.- Uhum, então existe bastante aqui na região, os alemães...

INF.- Aqui é mais alemão e italiano. (Inf.14)

A entrevistada de número 14, também vizinha de alemães, explicita que sua amizade com indivíduos desta nacionalidade se dá, em especial, com pessoas de idade mais avançada, talvez porque sejam estes os que preservam mais as culturas de origem, inclusive a língua.

INF.- Ah, essa eu conheci, são amigos dos meus pais, então já se conhecemo, os meus amigos são da minha idade, se conhecemo desde pequeno, desde criança. Praticamente se criamo conversando, brincando. Desde pequeno. (Inf.1)

O informante 1 conta que desde a infância conviveu com descendentes de alemão, por meio dos amigos de seus pais, tendo inclusive, crescido com crianças desta nacionalidade.

INF.- Rodeado.

INQ.- E essas amizades, como que nasceram?

INF.- A gente procura pela gente né, porque lá na onde nós moramos num tinha ninguém que falava português era só alemão.

INQ.- E até hoje eles falam alemão?

INF.- Com a gente. Bastante gente né, que já foram né, que nem a minha vó né, que falava, agora não tem mais, o meu pai já foi também, a minha mãe só fala em alemão comigo... (Inf.4)

A informante 4, descendente de alemães, explica que, na região em que cresceu, Rio Grande do Sul, as pessoas se comunicavam apenas utilizando a língua alemã e que os indivíduos desta descendência acabam se procurando, até mesmo por uma questão de afinidade cultural, pois em casa se falava unicamente o alemão.

INF.- Alemães sim, até né, a família né, também porque a avó...

INQ.- E como, você tem algum amigo assim, especial que é descendente de alemão... a maioria aqui de Capanema né.

INF.- É. A maioria são né, eu sou né, eu e meu esposo, eu sou...

INQ.- Ah você é casada?
 INF.- Eu sou casada.
 INQ.- Então é descendente de...
 INF.- Ele também, de italiano e de alemão. (Inf.8)

As relações familiares favorecem o contato dos capanemenses com descendentes da nacionalidade alemã, o que se repete com a informante 8, que, além da origem alemã, é casada com homem de igual descendência e possui amigos, em sua “maioria”, alemães.

INF.- Tenho é alguns amigos só. Não assim que sejam alemães né, mas que sejam de origem, né, que vem de descendentes. (Inf.9)

O informante 9 afirma que, na verdade, não tem contato com estrangeiros, mas com descendentes de indivíduos de tal etnia, o que é complementado pelas informações da informante 10:

INF.- Ah, alemães eu já, aqui na nossa região tem bastante né, assim então, das que assim que a gente conversa né, que conversa em alemão com a gente num tem né, porque ninguém quase fala né, num pratica a língua aqui né.
 INQ.- Aham.
 INF.- Mas tem de todas as raças né.
 INQ.- Ah sim, mas uma pessoa especifica que tenha vindo da Alemanha.
 INF.- Não, não.
 INQ.- Ou que more aqui, que esteja (inint) aqui.
 INF.- Não, não tem, não.
 INQ.- Amigos italianos?
 INF.- Também não, assim em especial, assim alguém que venha não...
 INQ.- Uhun. Com algum deles você sem... ah bom, você não tem amizade com nenhum alemão né, que alemão...
 INF.- Não, não. (Inf.10)

A informante 10 explica que ali há um número elevado de descendentes de alemães, mas ela, particularmente, não possui nenhum amigo que fale a língua alemã. A informante explicita que, atualmente, as pessoas não têm empregado esse idioma.

INF.- Ah, bastante, né, alemão eu tenho bastante.
 INQ.- Por causa da loja o senhor acaba conhecendo gente também, né?
 INF.- Ih, por causa dos ano que mora aqui, né, cinquenta e cinco anos moro aqui, mais, faz cinquenta e sete ano que moro aqui. (Inf.11)

Não só por razões comerciais, mas pelos anos em que reside em Capanema, o informante 11 conta que possui vários amigos de descendência alemã. A informante 16 também conta da convivência e aponta possíveis diferenças entre as culturas alemã e italiana:

INF.- Ah é, pela mudança aqui pra cidade, a gente já, né, aprende muito com eles, aprendi muita coisa já, cozinheiro, preparo, muito comida que eles fazem né, a gente estranha, daí perguntam por quê disso, por quê daquilo né.

INQ.- É bem diferente, professora?

INF.- É muito diferente, é muito diferente, a cultura. Se você vê assim, italiano é exagerado em tudo né, ele bebe demais, ele fala demais, ele tudo é demais, e o alemão é contido. O primeiro velório que eu fui, aqui em Capanema, eu achei, assim, eu parei, o italiano... chora muito e o alemão, não. (...) Ele se contém. Então você olha, é nítida, nítida, a diferença. (Inf.16)

Conforme seu relato, a informante, descendente de italianos, expõe estigmas ligados às duas nacionalidades: a de que o alemão não demonstra muito as emoções e a de que os italianos fazem totalmente o contrário, chegando a ser exagerados em seu modo de ser. Apesar das diferenças, a entrevistada demonstra interesse pela cultura alemã, haja vista ter aprendido parte da cultura, inclusive culinária.

Analisados os relatos, elaboramos o Gráfico 17-C:

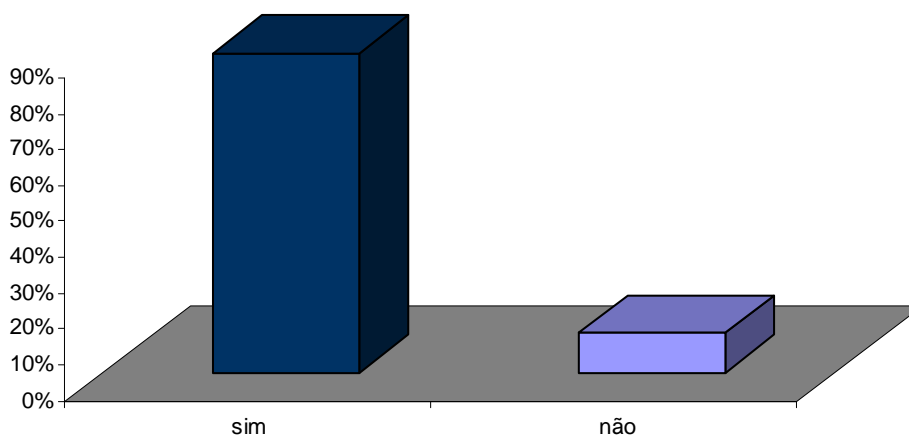


Gráfico 17.C – Você tem amigos alemães? Como começou essa amizade?

Para a questão relacionada a amizades com indivíduos das nacionalidades citadas, esta é a única que foi formulada para todos os entrevistados, ou seja, não houve “não formuladas”. Foi também a questão com maior número de respostas positivas, atingindo 89%, enquanto apenas dois informantes, ou seja, 11% responderam negativamente.

Finalmente, questionamos aos capanemenses a respeito de possuírem amigos de descendência italiana. Doze informantes disseram ter amigos italianos; e quatro responderam negativamente: os informantes 2, 7, 10 e o 17. Das respostas, extraímos alguns comentários:

INQ.- Amigos italianos?

INF.- Também.

INQ.- E como que começou a amizade?

INF.- Também mais através da música mesmo que a gente convive praticamente todo final de semana.

INQ.- Ah sim. Você toca só na igreja?

INF.- Não. Só canto. Bailes também, festas, as promoções quando tem banda também, pra eventos e shows.

INQ.- Ah tá, que interessante. (Inf.3)

INF.- Tenho. Tem bastante...

INQ.- E essa amizade nasceu como?

INF.- Ela era minha cunhada, (inint)

INQ.- Ah era cunhada?

INF.- Muito querida. Teve muita, muito italiano lá... tem mais longe mas tem... tudo gente boa né. (Inf.4)

INF.- Ah, às vezes tem né.

INQ.- Ahan. E como que começou a amizade da senhora?

INF.- Ah a gente começou a amizade assim, sempre tava convivendo meio por junto e lá em Verê tinha bastante, São Jaime tinha bastante italianos. Com cada região era um pessoal né. São Jorge do Oeste era o que mais tinha era italiano lá né. Então a gente tinha uma convivência muito boa lá, nós moramos treze anos lá.

INQ.- Nossa!

INF.- A gente se dava muito, com o pessoal muito amigos mesmo. (Inf.6)

INQ.- E assim, e amigos italianos, você tem?

INF.- Amigos italianos tem da família né, também que da, do lado do marido são todos italianos, o vô, a vó dele né.

INQ.- Você tem contato com eles?

INF.- Tenho, contato sim. (Inf.8)

INF.- Tem, por exemplo, minha esposa, por exemplo.

INQ.- Ah é.

INF.- O pai dela é bem italiano assim, fala bem. (Inf.9)

O informante 3, músico, explica que devido à sua profissão adquiriu amigos italianos em diversos tipos de ambiente, festas, promoções e bailes. As informantes 4 e 6 elogiam o povo italiano: “tudo gente boa”, “pessoal muito amigo mesmo”. Pelas várias cidades por onde passaram, conviveram com descendentes de italianos e por algum grau de parentesco, estabeleceram amizade com indivíduos dessa nacionalidade. Ambas demonstraram possuir crenças positivas em relação a essa etnia. Os informantes 8 e 9, também por motivos familiares, se relacionam com outros italianos.

Um depoimento bastante interessante é o do informante 11, para quem encontrar com italianos é sempre motivo de alegria, pois é uma maneira de reavivar a cultura e costumes italianos outrora vividos. Relata que, especificamente em Capanema, o hábito de

determinados grupos étnicos se encontrarem está ficando cada vez mais raro e, por este motivo, a própria cultura tem caído em esquecimento. Em suas palavras:

INF.- (...) a gente quando encontra um italiano, a gente sente saudade de falar um pouco o italiano, eu puxo uma conversinha em italiano, entende? Quando eu tenho saudade, com os meus irmãos por exemplo, eu falo pelo telefone, eu lembro daí que a mãe falava com nós, então a gente conversa um pouco em italiano, mas é uma pena porque tá sumindo. (...)

Aux.- Mas aqui vocês não têm, não se reúnem pra jogar, jogar baralho, pra fazer alguma coisa e não falam a língua...

INF.- Tá ficando em extinção porque se encontram aqui poloneses, alemão, italiano jogam baralho. Aqui não tem só que nem lá em Nova Brécia, ali em Angelina, Santa Catarina, ali perto do litoral perto de Camboriú, pra cima de Brusqui, lá tem uma cidade onde tem a Madre Paulina, lá eles falam tudo italiano, bastante italiano, no dialeto deles, né. (Inf.11)

Sintetizando os dados analisados sobre a relação de amizade com italianos, elaboramos o Gráfico 17 D:

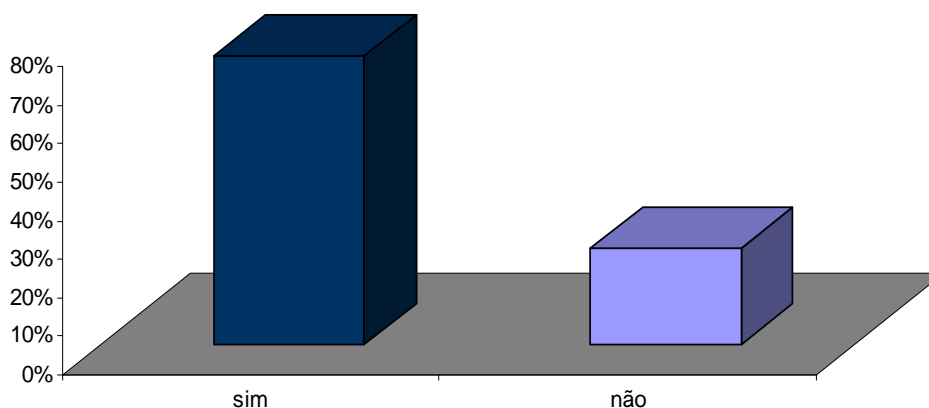


Gráfico 17.D – Você tem amigos italianos? Como começou essa amizade?

No que diz respeito à amizades entre capanemenses e descendentes de italianos, obtivemos 75% de respostas positivas e 25% de respostas negativas. É a segunda alternativa com maior número de respostas positivas, após a referência à amizade com alemães.

Depois de analisar individualmente os depoimentos sobre cada nacionalidade com as quais convivem os capanemenses, produzimos o gráfico geral 17-E que sintetiza a amizade entre os moradores daquela cidade e os descendentes de estrangeiros.

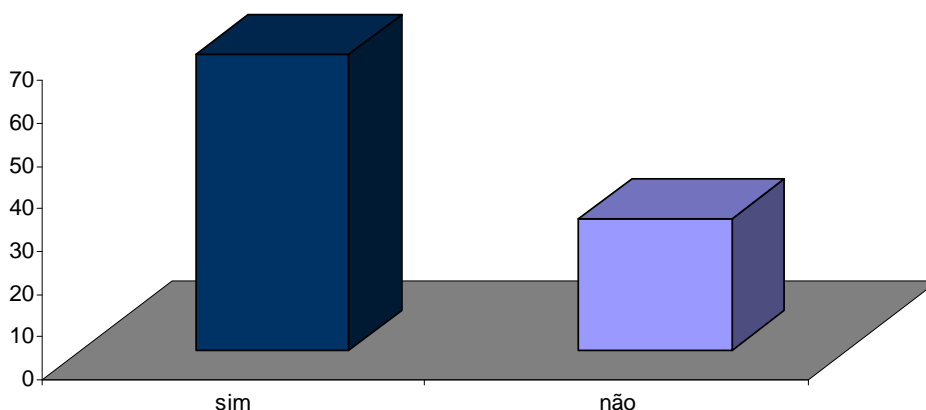


Gráfico 17.D – Você tem amigos argentinos, paraguaios, alemães e/ou italianos? Como começou essa amizade?

Os dados levantados indicam que 69,2% das respostas são positivas com relação à amizades entre capanemenses e descendentes de estrangeiros e 30,8% são negativas. Um número acentuado alegou conhecer e/ou ter amizade com pessoas de outras nacionalidades por vínculos familiares, outra parte por questões ligadas à vizinhança, assim como também por razões comerciais. A nacionalidade recebedora de menor prestígio, entre os entrevistados, foi a paraguaia e a mais prestigiada entre eles é a alemã. Desta maneira, concordamos com Bisinoto (2007, p. 24), ao comentar que :

Ao lado da variedade lingüística existente numa comunidade, da manifestação concreta de falares diferenciados, há fenômenos de natureza social intrínsecos que afetam tanto lingüística como politicamente os comportamentos e as relações dos habitantes, interferindo muitas vezes na própria estrutura social.

Daí a maior ou menor aceitação de etnias distintas e de usuários deste ou de outro idioma, tanto na convivência no mesmo bairro, como nas demais relações apresentadas abaixo: amizade, amorosa e profissional.

5.5.3 Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê? E com qual deles você sente que a amizade é mais falsa ou interesseira? Por quê?

No item anterior exploramos a questão da vida social dos capanemenses com indivíduos de descendência estrangeira, investigando com qual etnia a amizade é mais frequente. Ainda sobre o tema, buscamos confirmar ou refutar as informações levantadas e

averiguar qual nacionalidade, na opinião dos capanemenses entrevistados, pode ser mais interesseira ou mais honesta. (S – sincera/ I – interesseira)

INF	Ind. Nac.	Alemão	Argentino	Italianos	Paraguaio
1	s, i				
2		i	s		
3		i		s	
4	i	s			
5	s, i				
6	s, i				
7	NF				
8	s, i				
9		i	i	s	i
10	s, i				
11		s			
12	i			s	
13	s, i				
14	s, i				
15	i	s		s	
16	NF	s			
17	NF				
18	NF	s		s	
Total	10I, 7S	4S, 3I	1S, 1I	5S	1I

Quadro 20 - Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê? E com qual deles você sente que a amizade é mais falsa ou interesseira? Por quê?

De acordo com os dezoito entrevistados, dez alegam que o fato de uma pessoa ser interesseira independe da nacionalidade, enquanto que sete apresentam a mesma explicação para pessoas que sejam sinceras, ou seja, este valor moral não estaria ligado à etnia. Os que teceram o primeiro comentário foram os informantes com Ensino Fundamental (1, 4, 5 e 6); com Ensino Médio (8, 10, 12), três mulheres, ou seja, abrange a fala feminina em todas as faixas etárias; com Ensino Superior (13, 14 e 15). Assim, percebemos que capanemenses, em especial as mulheres, de todos os graus de escolaridade, acreditam que ser *interesseiro* está ligado ao caráter e não à descendência de uma pessoa.

Por outro lado, os sete informantes que alegaram também que a qualidade da sinceridade não estaria ligada especificamente a uma etnia foram: com Ensino Fundamental (5 e 6), com Ensino Médio (8 e 10) e com Ensino Superior - os dois jovens (13 e 14). Observamos que nem todo informante que disse não haver relação entre nacionalidade e interesse afirmou também que não há relação entre nacionalidade e sinceridade, como é o caso dos entrevistados de números 4, 12 e 15.

Alguns excertos ilustram as crenças dos capanemenses sobre o tema:

INF.- O que eu vou dizer... tudo depende... o amigo a gente consegue conquistar através de, de convivência, então não interessa se ele é... branco, se ele, se ele o que cor... pra mim num interessa. Ele é... eu sinto que ele é uma pessoa boa e eu tenho ele como amigo né. Porque tem... porque nesse tipo de raça, existe tudo em que raça tem gente boa e tem gente que num presta, então eu acho que ali é uma maneira, de, de... de você se sentir bem, se sentir mal com uma pessoa. Tem gente que não presta e você num pode ser amigo, e num interessa qual é a cor e nem qual é a raça. Então essa é a questão. (Inf.5)

Para o informante 5, a integridade de uma pessoa independe da origem ou da “raça”, pois em qualquer meio pode haver indivíduos sinceros ou interesseiros. Os informantes 8, 14 e 15, igualmente, compartilham desta linha de pensamento:

INF.- Eu acho que amizade sincera não por, pela raça dele, porque como fala né, mas assim pela pessoa, depende... do jeito da pessoa né. (...)

INQ.- Tem algum assim que você identifica, Claudimara, que é falsa ou interesseira, alguma amizade assim, dá pra saber?

INF.- Ah, às vezes a gente percebe assim né, que a pessoa não, num gosta muito de você ou né... tem algum jeito diferente de você... só que até foi bom porque, eu já já fiz o magistério, (a gente) aprende a conversa com as crianças, né, de tem várias maneiras de pensar e tu já tem que respeitar essa maneira de pensar de cada um. Mas eu, se eu fosse meus amigos e, então num tem assim, inimizade com ninguém. (Inf.8)

INF.- Eu creio que não depende da raça, depende da pessoa, da criação, da educação. (Inf.14)

INF.- Ah isso depende, tanto alemães, ou italianos, tem... né, eu num sinto nada assim, quanto a alemães e italianos eu não sinto. Tenha, alguma rivalidade.

INQ.- Você acha então que depende mais da pessoa?

INF.- Da pessoa.

INQ.- E não da, da descendência?

INF.- Não. Eu acho que é mais da pessoa. (...) Tenho amigos alemães, italianos, poloneses. (Inf.15)

A informante 8 explica ainda que, além do fato de alguém ser interesseiro ou sincero não estar ligado à etnia, é possível aprender com as diferenças e isso a auxiliou para se aprimorar como profissional, visto que, no papel de professora, aprendeu a respeitar as individualidades de seus alunos. A informante 14 liga a educação à possibilidade de uma pessoa ser sincera ou interesseira. O entrevistado 15, além de acreditar que certas características morais estejam ligadas à personalidade dos indivíduos, acrescenta que mantém amizade com alemães, italianos, poloneses e não percebe nenhum tipo de rivalidade o que poderia causar o interesse em mantê-la.

Outro excerto que merece ser comentado diz respeito à fala da informante 12:

INQ.- Um freguês espanhol, um freguês, alemão, têm comportamento diferente, alguma coisa muito diferente entre eles, uma maneira de se comunicar, de se expressar.

INF.- Ah, tem uns que são mais ativo né, o grupo... não fala, é mais fechado, mas num sei do quê?

INQ.- Quais seriam os mais fechados pra você?

INF.- Bastante seria o alemão...

INQ.- Os mais difíceis?

INF.- Acho que os paraguaio.

INQ.- Os paraguaios, por quê?

INF.- Por causa que, do espanhol né, fala mais... eu acho mais difícil o espanhol do paraguaio, num sei não porquê.

(...)

INQ.- E dessas amizades que a senhora comentou alguma é mais falsa, é mais interesseira? Percebe isso?

INF.- Não. Não percebo.

INQ.- Qual o tipo de amizade é mais sincera pra você?

INF.- A minha vizinha lá é italiana, todos ótimos (risos). (Inf.12)

Neste caso, a entrevistadora não explorou a questão da sinceridade, mas das possíveis diferenças entre os povos com que tem contato. A inquirida alega que percebe os alemães como pessoas mais “fechadas” e os paraguaios como sendo os mais “difíceis”, todavia explica que isso se deve à dificuldade de compreender o espanhol falado por eles. Finalmente a inquiridora lança o questionamento de qual amizade seria mais sincera entre as diversas etnias com as quais a entrevistada convive e esta, por sua vez, relata não perceber diferença.

Os italianos foram os que tiveram maior número de respostas positivas, ilustrando o prestígio de que goza este povo entre os capanemenses. Foi a única nacionalidade sem respostas negativas, reforçando uma atitude positiva. Os entrevistados que afirmaram serem os italianos os mais sinceros são: 3, 9, 12, 15 e 18, dentre os quais selecionamos alguns comentários para ilustração:

INF.- Eu acredito que o italiano.

INQ.- Italiano, você acha que é mais sincero... por quê?

INF.- Porque ainda (não há muita) resposta eles falam bem, eles falam alto. (Inf.9)

INQ.- Qual o tipo de amizade é mais sincera pra você?

INF.- A minha vizinha lá é italiana, todos ótimos (risos). (Inf.12)

INF.- (...) Na minha família mesmo, a gente percebe isso. Os italianos são mais alegres, assim, mais, eu acho que os dois são mais sinceros, são, são você pode confiar, nesses, que...a diferença é só na questão de lidar, uns são mais alegres... os alemães são mais fechados. E os italianos são mais abertos. Mas a questão de confiança, eu acho que é igual. (Inf.18)

Os informantes que responderam a esta pergunta esclarecem que os descendentes de italianos são alegres, espontâneos e de fácil amizade, inclusive por serem mais acessíveis.

No que diz respeito aos alemães, obtivemos quatro respostas que apontam para a pessoas sinceras e três para interesseiras. Produziram a primeira alternativa os informantes: 4, 11 (com Ensino Médio) e três informantes com Ensino Superior - 15, 16 e 18 e para a segunda os entrevistados de números 2, 3 e 9.

INF.- Ah, o alemão é meio interesseiro.

INQ.- Você acha?

INF.- Ele é... (risos)

INQ.- Você pode falar por que você acha isso?

INF.- Sei lá, a maneira deles vê as coisas. Que nem essa minha vizinha, ela já é mais ambiciosa, quando ela vai na tua casa “ai, eu também queria ter o que tu tem”, ela fala assim. Acho que ela é ambiciosa, ela não vai tanto pela amizade que ela tem, ela vai pra vê as coisas que a gente tem. Entendeu? (risos) ela é assim. (Inf.2)

A informante 2 alega que os alemães sejam interesseiros e que mantém uma amizade de acordo com os bens materiais que o outro possui. Como exemplifica falando de sua vizinha, sua opinião pode estar baseada no incômodo que esta lhe causa. Assim, Bem (1973) esclarece que as atitudes são nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos, entre outros e que, as crenças podem ser baseadas em uma única experiência ou ainda, em várias experiências vividas separadamente. (BEM, 1973, p.10)

INF.- Pelo que eu conheço que a gente também é alemão né, quem convive bastante e acho que até o familiar também né, a gente vê isso aí, tem esse lado. Os alemães. (Inf.3)

O entrevistado de número 3 conta que, por conviver com alemães e inclusive ser descendente desta etnia, sabe que os alemães são pessoas mais interesseiras.

INQ.- Uhun, e com qual dessas pessoas você acha que a amizade é mais sincera? Seria com alemão, com italiano... com paraguaio....

INF.- Eu acho, alemão.

INQ.- Alemão, por quê?

INF.- É, sei lá, eu acho que alemão não é tão falso.

INQ.- Uhum, e tem uma que você acha que é mais falsa?

INF.- É, o alemão parece que ele é mais franco assim, você percebe (inint) o que ele fala assim. Ele é, ele é mais (inint). (Inf.4)

Para a informante 4, os alemães são mais francos, mais sinceros, por isso não seriam interesseiros. Dois informantes acentuam a diferença de temperamento existente entre italianos e alemães:

INQ.- E dá pra perceber assim a diferença na amizade, professora? Amizade dum italiano, e amizade dum...

INF.- É ah, mais contido. O alemão é mais contido. Pra amizade, só que depois que você adquiriu, a confiança, é uma amizade maravilhosa, mas ele é mais reservado. (Inf.16)

INQ.- Qual deles assim que você sente que a amizade é mais sincera? Entre o alemão, o italiano, qual que você acha assim que tem, que tem uma amizade mesmo. Dá pra saber, Marli?

INF.- Meu Deus, são duas linhas diferentes. (...) O alemão e o italiano são diferentes. Na minha família mesmo, a gente percebe isso. Os italianos são mais alegres, assim, mais, eu acho que os dois são mais sinceros, são, são você pode confiar, nesses, que...a diferença é só na questão de lidar, uns são mais alegres... os alemães são mais fechados. E os italianos são mais abertos. Mas a questão de confiança, eu acho que é igual.

INQ.- Bom, você tem contato com os dois né Marli.

INF.- Com os dois. Eu posso confiar nos dois. (Inf.18)

Ambas comentam a respeito dos alemães serem pessoas mais reservadas, mais discretas em se expressarem, enquanto os italianos são mais espontâneos, mas, da sua maneira, ambos representam uma amizade sincera.

No âmbito da etnia argentina, houve uma resposta para sincero e outra para interesseiro. A primeira produzida pela informante 2 e a segunda pelo informante 9.

INF.- ...acho que com os castelhano, acho.

INQ.- Por que você acha isso? Que é mais sincera...

INF.- Acho que na maneira deles agi, eu acho. O modo, um modo diferente também.

INQ.- Seria mais próxima da nossa maneira?

INF.- É. (Inf.2)

INF.- Aí seria, esse, francamente, Paraguai, paraguaio ou argentino e o alemão. Ah eu sei lá, eu acho que já por, por essas rivalidades que você tem com o futebol, tanto política, quanto...Nem é por, nem tanto questão, não por desavença pela própria pessoa né, por outras questões. (Inf.9)

A informante 2 crê que o modo de ser dos argentinos é mais semelhante ao dos brasileiros, por isso, eles seriam mais sinceros. Acreditamos que ao falar em “castelhanos” a entrevistada esteja se referindo aos argentinos por serem os falantes de espanhol mais próximos de Capanema e com quem os moradores locais convivem mais estreitamente. Conforme o informante 9, baseado em suas crenças, há divergências políticas, futebolísticas,

entre outras, entre os povos que cita: paraguaio, argentino e alemão que são as verdadeiras causas da falta de confiança nessas amizades. É o único a citar o povo paraguaio e de forma negativa. Amâncio (2007, p. 92) também constatou em sua tese que a convivência entre brasileiros e argentinos em região de fronteira não é exatamente tão pacífica como exposto pelos argumentos dos entrevistados.

Entretanto, ainda que exista um convívio pacífico entre os grupos, ele não está isento de rivalidades e avaliações pouco agradáveis, como “preguiçosos”, “grossos”, “gulosos”, etc. (AMÂNCIO, 2007, p. 93)

Com os dados analisados e sintetizados, foi possível elaborar o Gráfico 18:

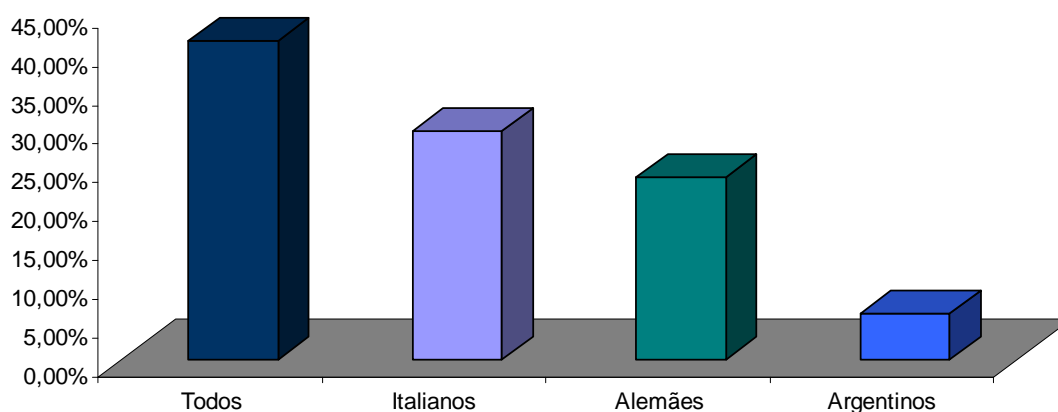


Gráfico 18 – Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?

O Gráfico 18 ilustra, em números percentuais, as etnias que foram indicadas como sendo sinceras: em primeiro lugar, 41,2% dos informantes creem que todos são sinceros, ou seja, o fato de uma pessoa ser sincera não estaria ligado à sua etnia, cor ou língua que fala, mas a questões de ética e moral. Os italianos foram os mais apontados como povo sincero, com 29,4%; os alemães com 23,5%, enquanto os argentinos foram enumerados uma única vez, o que representa 5,9%. Os paraguaios sequer foram citados.

Quanto ao fator “interesse”, a maior parte das respostas indica que está ligado à personalidade e não a razões étnicas, as explicações fornecidas por nossos informantes não revelaram motivações ligadas à língua, mas sim a algumas vivências pessoais, assim como

também questões vinculadas à formação moral e de caráter, ou seja, questões que estão intimamente relacionadas à particularidade de cada ser humano.

5.5.4 Você já se desentendeu com algum deles?

Após verificar a opinião dos capanemenses no que tange à amizade sincera e/ou interesseira e a origem étnica do outro, questionamos sobre possíveis desavenças de nativos com indivíduos descendentes de estrangeiros.

NF	Sim	Não
1	x	
2		x
3		x
4		x
5	x	
6		x
7	NF	
8	NF	
9	x	
10		x
11		x
12	x	
13	NF	
14		x
15	x	
16		x
17		x
18		x
Total	5	10

Quadro 21 - Você já se desentendeu com algum deles?

Sobre a questão, obtivemos dez respostas negativas e cinco positivas - dois homens com Ensino Fundamental (1 e 5); um homem e uma mulher com Ensino Médio (9 e 12) e um homem com Ensino Superior (15). A questão não foi formulada a três informantes.

Os comentários mais significativos foram selecionados para ilustrar a análise:

INQ.- Você já se desentendeu, já brigou com algum deles?

INF.- Ah, já teve discussão assim mas não de brigá, de sê...

INQ.- Mas por quais motivos?

INF.- Ah, futebol, coisa assim, que é coisa...

INQ.- Não coisas relacionadas: “ah, porque ele é espanhol, porque ele é alemão”, não né.

INF.- Não, não isso não. (Inf.1)

INF.- Discussão sempre rola porque assim como a gente lida com seres humanos é normal né, mas nada que você se agravar ou coisa assim.

INQ.- Nada que fosse só alguma língua ou...

INF.- É, isso não, nada... em termos de serviço, qualquer outra coisa. (Inf.9)

INF.- Ah a gente sempre tem desentendimento né, mas não... devido à questão racial né, assim digamos, de raça.

INQ.- É isso.

INF.- Convivência né, alguns atritos, né, assim...(Inf.15)

Os informantes do sexo masculino: 1, 9 e 15, pertencentes a diferentes graus de escolaridade, relatam que já experienciaram algum tipo de desavença com pessoas de outras nacionalidades. Não a relacionam, contudo, com a etnia do outro, mas com as divergências naturais do ser humano. Esses mesmos entrevistados ressaltam que nunca chegaram às vias de fato, ou seja, à agressão física, tendo havido apenas discussões verbais.

INQ.- O senhor já se desentendeu com alguém?

INF.- Muito pouco. Tempo de moço, a gente saía, pegava ia pros bailes, (inint) pegasse mais um pouco e levasse.

INQ.- Mas aí é assim, era com, com outros outros italianos, com alemão...

INF.- Ah isso, né. (Inf.5)

INF.- Olha, felizmente eu sou um cara que não discuto assim, com ninguém, nunca tive. A não ser no episódio daquela revolta que é outro capítulo. A revolta é outro capítulo. Mil novecentos e cinquenta e sete, teve uma revolta aqui, né.

INQ.- Foi por causa de terra?

INF.- De terra. Bom, aí foi terrível, né, aí é outro capítulo, nós puxava o gatilho se precisava. Se precisava nós brigava, né. Queria defender o que era nosso. (Inf. 11)

INQ.- Por qual motivo?

INF.- Ah, não sei se eu era teimoso ou se as pessoas (inint) também é. (risos) Eu já trabalhei com um pessoas... eu trabalhei com ele, eu dava risada dele, alemão é teimoso (risos).

INQ.- Mas brigaram por qual motivo?

INF.- Não é, próprio da gente né, aí no outro dia (inint), mai, briga, briga que não sei o quê.

INQ.- Por causa da língua, ou por causa de alguma diferença...

INF.- Quando é diferente, o negocio é mandar mais. Mandar e querer impor.

INQ.- Os alemão, os alemães queriam impor mais?

INF.- É, é isso. (Inf.12)

O informante 5 descreve que em sua juventude, época em que costumava sair e ir a bailes, desentendeu-se com pessoas de diferentes origens, mas generaliza, não especificando uma única. O informante 11 relata ser uma pessoa pacífica e raramente ter algum tipo de desavença, a não ser em casos como o de revoltas, na localidade, por conta da divisão de terras. Por sua vez, a informante 12 relata que já teve desavenças com pessoas de origem alemã. Para ela o fato está relacionado a uma disputa por poder, pela imposição de superioridade do alemão sobre a capanemense em questão.

Os dados coletados e analisados possibilitaram a elaboração do Gráfico 19:

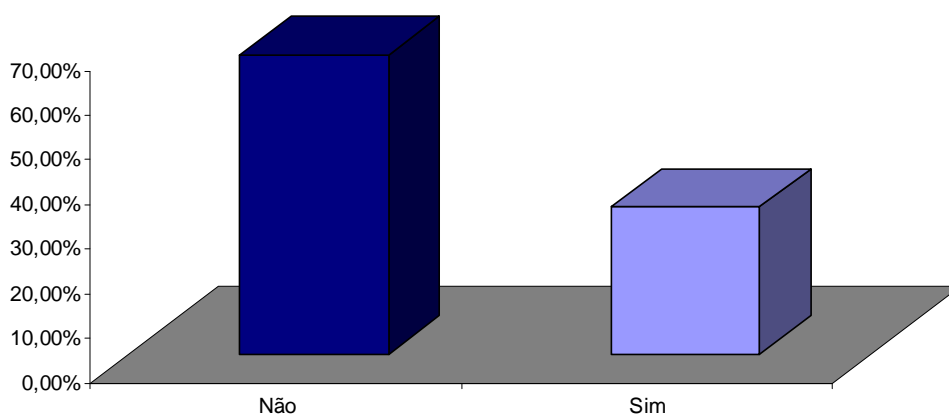


Gráfico 159 – Você já se desentendeu com algum deles?

Pelo Gráfico 19, 70% negam qualquer desentendimento entre capanemenses e outros povos com os quais convivem e 30% relatam algum tipo de desavença entre eles. Na maioria dos casos, as discussões se deram por motivos comuns, sem ligação com a diferença étnica. A informante 12, porém, refere-se aos alemães como pessoas que tentam se sobrepor aos demais, o que geraria desentendimentos. Entre os que tiveram alguma desavença com os povos citados estão quatro homens e uma única mulher, representantes de todos os graus de escolaridade e das faixas etárias estabelecidas.

5.5.5 Você namoraria ou casaria com um(a) argentino(a), paraguaio(a), alemão(ã) ou italiano(a)? Por quê?

Os dados obtidos possibilitaram a elaboração do Quadro 22:

INF	Italianos	Alemão	Argentino	Paraguaio
1	sim	sim	sim	sim
2	sim	sim	não	não
3	sim	sim	sim	não
4	sim	sim	não	não
5	sim	sim	sim	sim
6	sim	NS	NS	NS
7	NS	NS	NS	NS
8	sim	sim	sim	sim
9	sim	sim	sim	não
10	sim	sim	sim	sim
11	sim	sim	sim	NF
12	sim	NS	sim	não
13	sim	sim	sim	sim
14	sim	sim	sim	sim
15	sim	sim	sim	sim
16	sim	sim	sim	sim
17	sim	sim	sim	sim
18	sim	sim	NF	sim
Total	17S,1NS	15S, 3NS	13S,2N,2NS	10S,5N,2NS

Quadro 22 - Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino(a), paraguaio(a), alemão(ã) ou italiano(a)? Por quê?

A etnia que recebeu o maior número de respostas positivas foi a italiana, com dezessete “sim” o que mostra o prestígio de que usufruem os italianos na comunidade. Apenas a informante 7 manifestou dúvida sobre namorar ou casar com italiano. Os comentários mais interessantes foram selecionados para ilustrar este tópico:

INF.- Casaria.

INQ.- Italiano por quê casaria?

INF.- Ah, italiano já é mais parece que a gente já conviveu mais, né, junto (inint) mais vivido. São gente boa, né? (Inf.4)

INF.- Italiano eu tenho dois casamentos, dois com italianos (risos).

INQ.- Ah é? (risos).

INF.- Eu sou separado do primeiro né, e agora faz cinco anos eu tenho esse ali também é italiano também. Então é sem problema com italiano (risos). (Inf.6)

INF.- Ah, eu sou casado com uma italiana. (Inf.9).

INF.- Também acho que num tem, né como te disse né, vai... a gente vai aprendendo né, com as pessoas que a gente convive. Independente da língua que ela fala. (Inf.8)

INF.- (...) aí eu me casaria com ela da mesma forma como se fosse uma, ou mesmo se fosse uma italiana, num é pela, num é pela raça ou pela língua dela sabe, são por outros motivos além disso, eu também não sei. (Inf.7)

A informante 4 declara que se casaria com um descendente de italiano por se tratar de um povo mais próximo ao brasileiro e também por ser a etnia com quem mais conviveu. Os informantes 6 e 9, por sua vez, foram ou são casados com descendentes de italianos, tendo o primeiro se casado por duas vezes com descendente italiana. A informante 8, casada com descendente de alemão, não faz restrição a casamento com italiano, haja vista a possibilidade de troca de culturas e experiências, independente do idioma do indivíduo. Para o informante 7, a escolha não estaria relacionada à língua ou etnia, sua opção seria determinada por outros fatores, por isso sua indecisão diante da pergunta.

INF.- (...) Gostaria de voltá aí pros vinte e cinco, vinte dois ano pra podê namorar uma italiana bonita, né (risos). (Inf.11)

O informante 11, por sua vez, casado com uma descendente de alemães, relata, em tom jocoso, que gostaria de voltar à juventude a fim de encontrar uma italiana com quem pudesse “namorar”. Os demais informantes apenas responderam positivamente, sem maiores esclarecimentos.

O Gráfico 20-A traz os resultados da análise em percentuais.

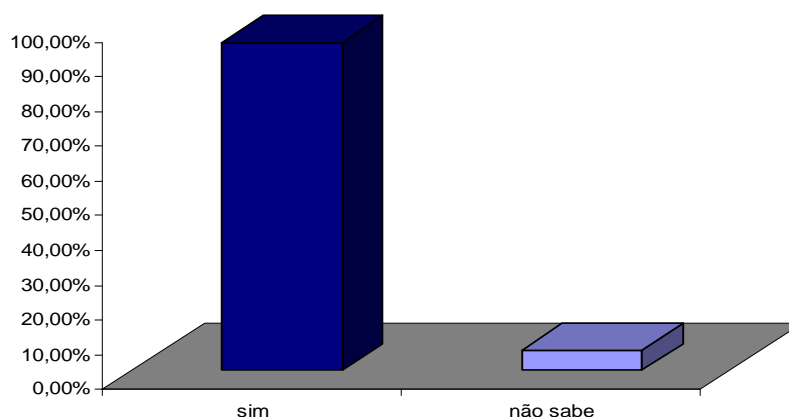


Gráfico 20.A – Você namoraria ou casaria com um(a) italiano(a)? Por quê?

De acordo com o Gráfico 20-A, 94,4% dos informantes demonstraram atitude positiva com relação a um relacionamento afetivo com descendentes de italianos, enquanto um único informante, ou 5,6%, alegou não saber responder. As justificativas não estão ligadas à etnia do outro, mas às características pessoais que poderiam ou não despertar interesse entre ambos.

A segunda etnia citada com maior número de respostas positivas foi a alemã, com quinze afirmativas e três duvidosas - informantes 6, 7 e 12. Também não houve nenhuma resposta negativa. A seguir, ilustramos com excertos obtidos a partir deste questionamento:

INQ.- Ah você é casada?

INF.- Eu sou casada.

INQ.- Então é descendente de...

INF.- Ele também, de italiano e de alemão. (Inf.8)

INQ.- A esposa do senhor é descendente do quê?

INF.- Ela é alemã com português. (Inf.11)

INQ.- É, seu marido, seu esposo, ele é descendente de...

INF.- De alemão. (Inf.18)

As informantes 8, 18 e o informante 11 são casados com descendentes da etnia alemã, sendo o marido da primeira mestiço de alemão com italiano.

INF.- (...) Mesma coisa, eu acho que né, se aparecesse uma pessoa assim e que a gente se entendesse, que dê certo, não tem porque não namorar, porque né.

INQ.- E com alemão?

INF.- Mesma coisa. (Inf.10)

De acordo com a informante 10, a etnia não seria razão de impedimento para um relacionamento afetivo.

INF.- Pra casar com alemão, eu num sei... (risos) não eu num... se fosse pra casar, casaria, não tinha como, eu dou risada porque era pra casar com um de origem alemã, mas tava casada mas não deu certo.(Inf.12)

A informante 12, por já ter tido um relacionamento que não deu certo com homem desta nacionalidade, mostrou-se em dúvida, enquanto que o informante 7 alegou haver outros motivos para decidir por iniciar ou não um relacionamento com qualquer mulher, independentemente de sua nacionalidade. Os demais informantes apenas responderam positivamente, sem maiores esclarecimentos.

O Gráfico 20-B sintetiza as respostas dadas e analisadas:

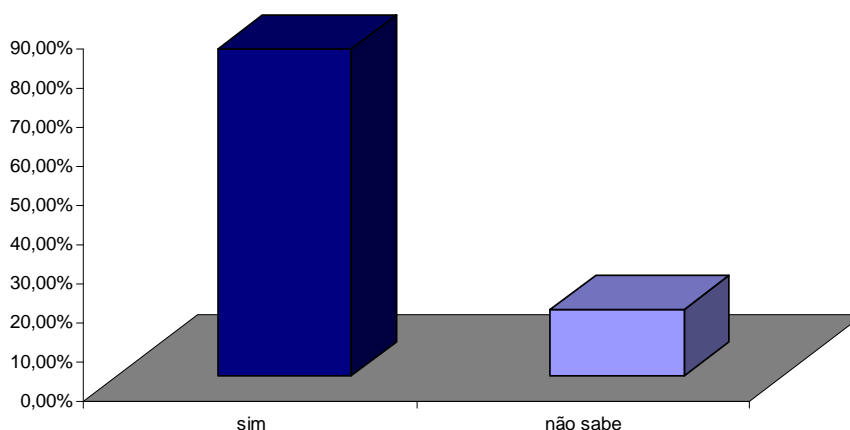


Gráfico 20.B – Você namoraria ou casaria com um(a) alemão(ã)? Por quê?

Por meio do gráfico 20.B, verificamos que 83,3% dos informantes teriam relacionamento afetivo com descendentes de alemães, enquanto 16,7% manifestaram dúvida, justificando com características pessoais, afinidades e caráter, não citando o idioma como obstáculo.

O fato de essas duas alternativas apresentarem maior número de citações - italiana e alemã, respectivamente - pode ser elucidado pela ascendência de considerável parte da população capanemense. Quando se trata de descendentes de estrangeiros, constatamos que ambas as etnias são relevantes. Contudo, segundo informações coletadas com os capanemenses entrevistados e também com outros moradores do município, o número de descendentes de alemães supera o de italianos, o que nos leva a crer que este segundo goza de maior prestígio que o primeiro, inclusive pelos números dos gráficos 20.A e 20.B.

No âmbito dos argentinos, treze respostas foram positivas, duas foram negativas (duas mulheres com Ensino Fundamental: 2 e 4), enquanto dois informantes não souberam responder (6 e 7). Para ilustrar esta questão, selecionamos alguns trechos dos relatos dos entrevistados:

INF.- Se eu gostasse dela, assim tava bom. (Inf.1)

INF.- Sim. Uma desse lado aí. É sim, gente, é sim, boa também né. (Inf.3)

INF.- Sim, por que não, se me agradasse da pessoa que eu achasse que ela seria uma pessoa adequada pra viver conviver comigo, num teria problema. Eu num ia escolher, se fosse espanhol, se fosse paraguaio, se fosse... que raça... (Inf.5)

INF.- Se eu realmente gostasse da pessoa sim, não teria problema, mas não conheci nenhum argentino né. (Inf.8)

INQ.- E se fosse pra se casar hoje, com um argentino, a senhora se casaria?

INF.- (risos) eu não quero casar com nenhum acho. Ai, ai...

INQ.- Mas não...

INF.- Argentino, não, casaria sim.

INQ.- Casaria?

INF.- (inint) tivesse afinidade, eu casaria. (Inf.12)

INF.- Sem dúvida.

INQ.- Uhum, por quê?

INF.- Mais uma vez, pela pessoa né. Por... num importa a origem. (Inf.14)

Os informantes 1, 3 e 5, todos homens com Ensino Fundamental e 8 e 12 com Ensino Médio e a jovem com Ensino Superior (inf.14) não colocam a origem do indivíduo ou a língua que o mesmo utiliza, como obstáculo para um relacionamento amoroso. Eles explicam que a relação afetiva terá sucesso de acordo com a afinidade entre o casal e das qualidades que o outro possui. Sendo assim, constatamos atitude positiva desses capanemenses para com os argentinos. Apesar de sua resposta ser afirmativa, a informante 16 completa:

INF.- Me casaria.

INQ.- É? Sem problema.

INF.- Mudaria um pouquinho os hábitos dos homens argentinos sim, mas me casaria.

INQ.- É?

INF.- Eu acho eles muito assim, machões.

INQ.- Ah é?

INF.- Eu acho. Até nós fizemos um curso de um ano aqui, é, pela divisa né, na escola parque, nós tínhamos mulheres argentinas, assim, sete, oito mulheres no grupo, e elas, eu falei pra elas, vocês tem que fazer que nem as brasileiras, ensinar eles, e elas são uns doces né. (...) Não, mulher argentina, é muito mole. (Inf.16)

Segundo esta entrevistada, a grande diferença entre o homem brasileiro e o argentino estaria na postura machista deste segundo; por outro lado, as mulheres argentinas teriam adotado uma posição de submissão. Desta forma, para se envolver com um homem desta etnia, esta “Mudaria um pouquinho os hábitos dos homens argentinos (...)” que, de acordo com sua crença, seriam homens atraentes.

INQ.- Você namoraria ou casaria com um argentino?

INF.- Não, acho que não.

INQ.- E por que não?

INF.- Sei lá...

INQ.- Não se interessaria?

INF.- Acho que não. (Inf.2)

INF.- Não.

INQ.- Não, por quê?

INF.- Porque não.

INQ.- Mas tem algum motivo porque não gosta dos argentinos?

INF.- Não, é só, é mais se fosse pra se casar.

INQ.- E tem algum motivo?

INF.- Motivo, oh! Ah, porque são muito... não dá pra falar.

INQ.- São mais... a senhora não gosta de conversa com eles, não sente assim uma liberdade?

INF.- Eles são diferentes de nós. (Inf.4)

As informantes com Ensino Fundamental 2 e 4 não se casariam com descendentes de argentinos por acreditarem que as diferenças culturais sejam um impedimento, não houve uma explicação clara, o que nos leva a pensar que esta postura de desprestígio reflita suas crenças negativas.

INF.- Ai, que que eu vou te dizer, né. Vai saber, o futuro só a Deus pertence né. Vai sabe, né. (Inf.6)

INF.- Não, também não.

INQ.- Não, por quê?

INF.- Não assim né, eu num sei, se eu me apaixonasse, talvez. Se eu soubesse falar a língua dela. Eu casaria. Que isso é muito relativo, sabe. Eu não sei, não sei se eu me casaria. (Inf.7)

Os informantes 6 e 7 se abstiveram, um colocou “nas mãos de Deus”, outro condicionou com o conhecimento da língua, em seguida repetiu não saber se se casaria com alguém de ascendência argentina.

Os dados coletados e analisados levaram à elaboração do Gráfico 20-C:

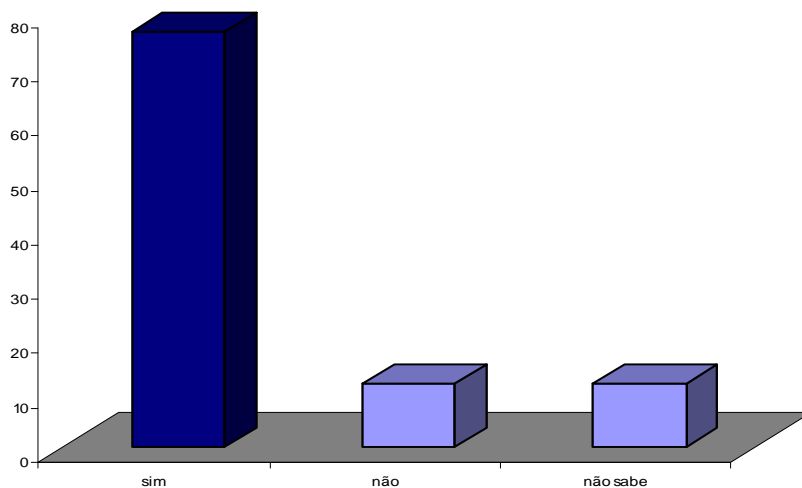


Gráfico 20.C – Você namoraria ou casaria com um(a) argentino(a)? Por quê?

Para a alternativa relacionada aos descendentes de argentinos, 76,6% dos entrevistados disseram que namorariam/casariam com alguém desta ascendência, 11,7% responderam negativamente e 11,7% revelaram não saber se teriam envolvimento com pessoas desta etnia. Não houve explicações mais aprofundadas, uns disseram que não teriam interesse, outros se abstiveram da decisão. Uma única informante condicionou o relacionamento ao conhecimento do idioma espanhol.

Com relação a pessoas de origem paraguaia, houve dez respostas positivas e cinco negativas: com Ensino Fundamental (informante 2, 3 e 4); dois com Ensino Médio, (9 e 12). Dois informantes ficaram em dúvida (6 e 7). Foi a alternativa com o maior número de respostas negativas, ratificando os resultados obtidos em questões anteriores que apresentaram a mesma atitude negativa em relação ao povo paraguaio.

INF.- Mais difícil.

INQ.- Mais difícil, por quê?

INF.- Sei lá, um pouco mais diferente, uma cultura diferente né, da gente. Criado, os costumes são diferentes também né. (Inf.3)

INF.- Não, não. Eu queria até porque... a gente é, pela origem deles mesmo né, eles num tem muita, muito... esse asseio, coisa assim né, então... (risos).

INQ.- (risos).

INF.- Não querendo ser assim, discriminar né.

INQ.- Ahan.

INF.- Mas não. (Inf.9)

INF.- Não.

INQ.- Não. Por quê?

INF.- Acho que por costume, né?

INQ.- É diferente?

INF.- É diferente.

INQ.- A senhora saberia me dizer quais costumes que eles têm?

INF.- Não, não sei te dizer...

INQ.- Que difere muito... Não?

INF.- Eu num conheço muito, então...(Inf.12)

Os informantes 3, 9 e 12 alegam que as diferenças entre o povo brasileiro e o paraguaio são relevantes, abrangem origem, cultura e costumes, o que impede a existência de um relacionamento afetivo.

INF.- Sim, por que não, se me agradasse da pessoa que eu achasse que ela seria uma pessoa adequada pra viver conviver comigo, num teria problema. Eu num ia escolher, se fosse espanhol, se fosse paraguaio, se fosse... que raça... (Inf.5)

INF.- A mesma coisa né. Se for o destino né, que venha né.

INQ.- Isso é verdade.

INF.- É.

INQ.- Quando o destino fala alguma coisa...

INF.- Não você diz, dessa água eu não bebo, tão, de repente vai beber né (risos)

INQ.- É verdade (risos).

INF.- É bem isso né, sem problema né. (Inf.6)

INF.- Ah, o mesmo caso, eu não sei hein... num posso afirmar isso sabe, então... talvez ela fosse uma paraguaia, aí eu me casaria com ela da mesma forma como se fosse uma, ou mesmo se fosse uma italiana, num é pela, num é pela raça ou pela língua dela sabe, são por outros motivos além disso, eu também não sei. (Inf.7)

Para os informantes 5, 6 e 7, a ascendência paraguaia não impede que haja relacionamento afetivo. Explicam que, se houver afinidades, se o outro for uma pessoa “adequada”, a origem étnica não serve como entrave.

Embora tenham sido proferidas respostas positivas, são evidentes as crenças e atitudes negativas dos capanemenses com relação aos falantes desta procedência. Nenhuma outra etnia teve número similar de respostas negativas, reforçando o desprestígio para com o povo paraguaio.

Com os dados analisados, elaboramos o Gráfico 20-D:

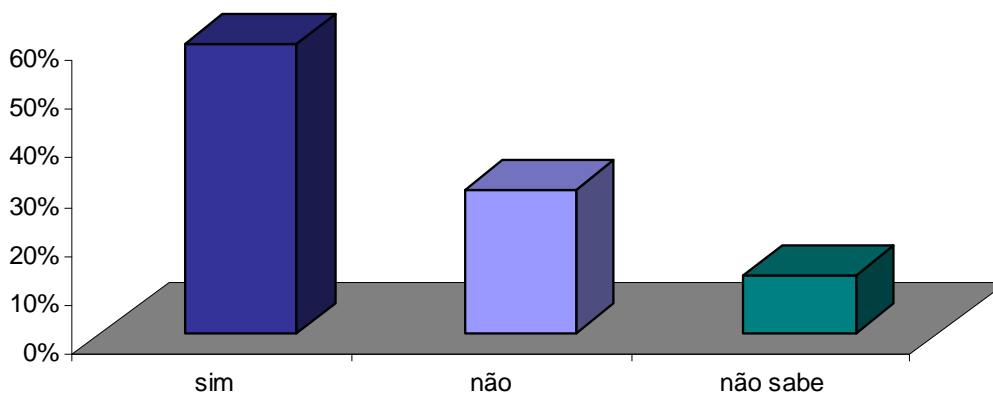


Gráfico 20.D – Você namoraria ou casaria com um(a) paraguaio(a)? Por quê?

Tendo sido a alternativa com menor número de respostas positivas (59%), os paraguaios alcançaram 29,4% de réplicas negativas, enquanto 11,6% dos entrevistados manifestaram dúvida na resposta.

Creemos ser relevante expor também um gráfico geral, que representa a possibilidade de os capanemenses se envolverem afetivamente com descendentes das nacionalidades citadas: italiana, alemã, argentina e paraguaia.

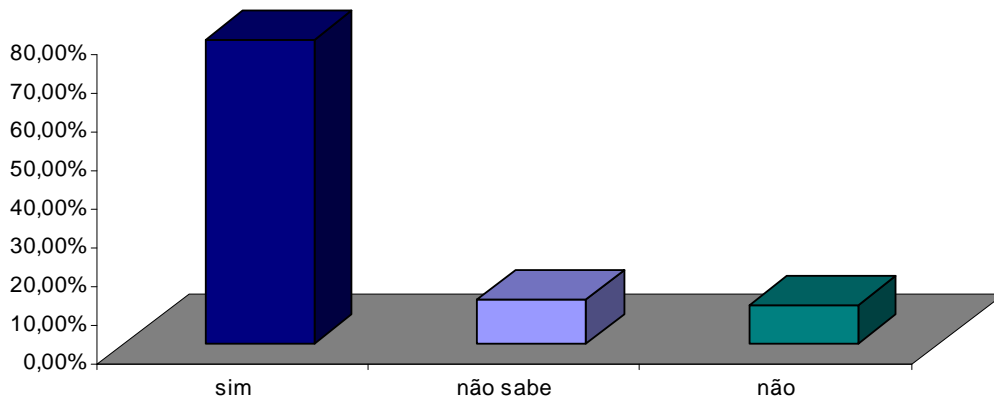


Gráfico 20.E – Você namoraria ou casaria com um(a) argentino(a), paraguaio(a), alemão(ã), italiano(a)? Por quê?

Embasados nessas informações, concluímos que 78,6% dos capanemenses não se importariam de namorar/casaria com descendentes de outras nacionalidades; 11,4% não sabem se teriam um relacionamento como este, justificando pela diferença cultural, estilo, origem e, inclusive, pelo idioma; por fim, 10% dos informantes negaram que manteriam relacionamento afetivo com indivíduos das nacionalidades comentadas anteriormente.

Dessa forma, é possível afirmar que os capanemenses prestigiam os descendentes de italianos, mantendo uma atitude positiva diante da questão do relacionamento afetivo com eles. Por outro lado, os entrevistados apresentaram um número significativo de atitudes negativas quando indagados se também namorariam/casariam com descendentes de paraguaios. Observamos que, do total de sete respostas negativas, cinco são de informantes do sexo feminino, concentrando-se entre as mulheres de baixa escolaridade, com idades entre 18-55 anos. Os dois únicos homens que se manifestaram negativamente encontram-se na mesma faixa etária que as mulheres e possuem ou Ensino Fundamental ou Médio. Assim sendo, não houve respostas negativas entre capanemenses do nível Superior de ensino. Levando em consideração as respostas de dúvida e as negativas, invocamos as palavras de Moreno Fernández (1998, p.180) quando afirma que as línguas possuem um significado ou conotações sociais, portanto, é natural que sejam apreciadas e avaliadas de acordo com os *status* ou as características sociais de seus usuários.

5.6 Idiomas de contato e a opinião dos capanemenses entrevistados

Nesta última questão, buscamos explorar as opiniões dos capanemenses, dando-lhes a oportunidade de comentar livremente a respeito da diversidade linguística com que convivem.

5.6.1 Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Foz, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?

Esta, que podemos considerar como uma questão de fechamento, deixa o informante livre para realizar seus comentários no que diz respeito à multiplicidade linguística ali encontrada. Vejamos alguns excertos selecionados:

INF.- É que isso a gente ouve, a gente escuta né, e nessa cidade da gente aqui né, faz bastante falta o aprendizado, a gente se aprofundar mais no, no espanhol. (Inf.3)

INF.- Ah, apenas que nas escolas né, eu já falei antes, eu acho que deveria determinada faixa de fronteira aqui, ser dado espanhol que poderia ser trocado, sei lá né, por um desses, não que o inglês não seja importante, também né, uma língua multinacional e mais, espanhol deveria ser.

INQ.- Você acha que deveria ser trocado, ou deveria ser oferecido em conjunto?

INF.- É, conjunto né, (inint) sei lá mexia na grade aí pra... pra padronizar. (Inf.17)

Os informantes 3 e 17, ou seja, entrevistados de diferentes graus de escolaridade, ressaltam a importância da inclusão dessas línguas na grade curricular. O primeiro enfatiza a espanhola, devido a proximidade com a Argentina e a intensa convivência com argentinos e paraguaios, já o segundo, acredita que a diversidade de idiomas ali presentes deveria ser oferecida para que os estudantes tivessem a liberdade de escolha para aprender uma ou outra, ou seja, da mesma forma que o inglês é ofertado, as demais também seriam, mesmo não sendo um ensino muito aprofundado. Nesse sentido, Bem (1973, p.132) afirma que:

Os líderes de opinião fazem mais do que transmitir informações para a população geral. Também ajudam a criar e perpetuar as normas sociais da comunidade, isto é, servem como modelo que demonstra os comportamentos apropriados e as atitudes corretas. Desse modo, o processo de produzir mudança social numa comunidade é freqüentemente análogo ao fluxo de informação em duas etapas, no sentido de que os líderes de opinião proporcionam, também nesse caso, um elo entre uma força externa e uma modificação dos comportamentos e atitudes da comunidade em geral. (BEM,1973, p.132)

Desta maneira, vemos a escola e as políticas linguísticas de uma comunidade como sendo líderes na formação da opinião de uma população no âmbito da valorização ou desvalorização dos idiomas e das variedades linguísticas com as quais seus habitantes convivem.

INF.- Então aqui você né, vive harmoniosamente... (...) Invejável, aqui num existe malandro, num existe ladrão, num existe bandido, num existe sequestrador, aqui num existe nada, aqui nós temos um paraíso. Esse lugar aqui é um paraíso. (...) Porque aqui o que num presta num se cria aqui. Ele num consegue sobreviver aqui.

INQ.- Vocês vão pra Argentina bastante, vão pro Paraguai?

INF.- É, mesmo assim a gente vai pro Paraguai porque tem parente morando lá, né (...) Num tenho parente mas só que eu vou lá as vezes... e lá, comprar alguma coisa...(...) Comprar a gente compra muito, farinha, farinha é muito boa, sabe, que tem na Argentina. Aqui no Brasil a farinha é muito, muito misturada, lá é uma farinha pura, aquilo... é totalmente diferente, pra pão e... (inint). Aqui muito misturada. (Inf.5)

Conforme o relato do informante 5, o intercâmbio com argentinos e paraguaios é considerável, tanto devido aos laços familiares, como também às relações comerciais existentes. O entrevistado chega a dizer que determinado produto (farinha) argentino é superior ao brasileiro, revela o gosto por viver na cidade de Capanema, exaltando a harmonia entre as pessoas que ali residem.

INF.- Bom eu acho interessante isso, eu acho bem, acho que minha cidade pequena, acho interessante, já que a Argentina está do nosso lado né, então essa variedade de língua é interessante. E existem muito, pouco, aqui em Capanema, existem muitas pessoas descendentes de alemães, italianos que que sabem essa língua, sabem fluente alemão e sabem o português fluente. Então isso é interessante passar de geração pra geração. (Inf.7)

O informante 7 comenta a proximidade da Argentina e a vê de maneira positiva, além disso lembra dos descendentes alemães e italianos que conseguem se comunicar fluentemente em ambos os idiomas.

INF.- Interessante você aprender outras línguas também, além do português.
 INQ.- Vocês é, tem bastante contato com argentino, vocês vão pra lá e tem eventos e tem festas aqui?
 INF.- Evento não, é mais em relação a compra, eles vêm comprar os nossos produtos e mesmo trazem os produtos deles, pelo preço, pela qualidade, pelo, essas coisas... (Inf.7)

Fala ainda a respeito da importância de se aprender outros idiomas além do português e que as visitas ao país vizinho e aquelas recebidas de lá pelo povo capanemense são, geralmente, condicionadas por relações comerciais.

INF.- Ah eu já falei né, aqui em Capanema tem as pessoas que falam bastante alemão né, que é uma região mais assim de... de alemão assim, daí a gente tem aqui perto a Vicentina, e tem vários argentinos também que vêm aqui pra Capanema, então de certo com eles a gente tem que ter contato, eu acho isso interessante né, porque... o povo vai aprendendo, se conhecendo né... (Inf.8)

Conforme a informante 8, a proximidade com a Argentina e a convivência com os descendentes alemães favorecem o intercâmbio cultural e promovem a aprendizagem. A mulher da segunda faixa etária com Ensino Fundamental também valoriza esta rede de contatos:

INF.- Eu acho ótima a diversidade, da gente até, se conhecer mais... bom se a gente tivesse mais contato né.
 INQ.- Sim.
 INF.- Com as pessoas que a gente se arrepende, eu acho assim, você tá, tá, eu estou sempre aberta pra aprender né, eu não perco uma oportunidade pra aprender alguma coisa, então adorei ter vindo morar aqui, adorei conhecer os diferentes hábitos sabe, eu acho muito interessante.
 INQ.- Ai que bom.
 INF.- Apaixonada por isso. Não fosse professora de física, seria de história. (Inf.16)

A entrevistada revela sua atitude positiva em relação à convivência com indivíduos de diferentes origens étnicas, exalta a questão do intercâmbio cultural e demonstra o quanto isso se faz relevante, declarando sua satisfação em conhecer hábitos distintos e em residir no município de Capanema, que lhe proporciona esta convivência.

INQ.- Mesmo com essa multiplicidade você consegue se entender...

INF.- Não, sem problema, sem problema nenhum, é que nem quando você... o que, o que se sobressai assim, de rivalidades, é que nem (inint), é esportes, é... né, no caso dos paraguaios, é por causa, eu acredito que seja né, por causa dessa história que o Paraguai teve com o Brasil, inclusive teve uma... uma, um acontecimento grave, né, pra dizimar com a população, então essa rivalidade fica. Mas assim, acho que com relação às outras coisas não tem... tem porque ter rivalidade. (Inf.9)

De acordo com o relato do informante 9, se há rivalidade entre o Brasil e Argentina, ela está fundamentada na competitividade esportiva. Quanto aos paraguaios, seriam questões políticas ligadas à guerra. O entrevistado acredita ainda que, em relação às outras nacionalidades ali encontradas, não há desavença entre os povos citados durante o inquérito.

INF.- Ah, mas o menos o que eu queria pra falar, é que a nossa cultura, por exemplo, brasileira é uma cultura rural de aventura, o nosso brasileiro é desbravadora e ...destrói um pouco, o argentino tem uma filosofia bem diferente. A nossa madeira, primária, do passado, madeira de lei, os argentino compravam a nossa e deixava a dele de pé, entende? Compraram horror de madeira nossa, (inint) que é o cedro é...compraram em grande quantidade, eles têm estoque até hoje ainda, da madeira nossa. Nós destruímos toda nossa madeira. Viajando pro Sul agora pra cá, você vai encontrar muita mata nativa, vai encontrar bastante, mas por quê? Porque mora muito de origem alemão, que preservô, né, tem italianos que são preservadores não corta um galho também, mas se você vai pra Londrina, pro norte do Paraná, na região de vocês, você vai ver só eucalipto.

INQ.- Tem parque lá que é só eucalipto.

INF.- Parque de eucalipto. Agora aqui se você sobrevoar de avião, você vai encontrar ainda 30% que é mata nativa, embora tenham tirado a madeira que é mais grande do meio.(...) Hoje nós temos desmatamento zero, que o governo está no (inint) zero desmatamento, né, então, vai começar a ficar melhor. (...) (Inf.11)

O informante 11 valoriza a cultura argentina de preservação ambiental, relata que em tempos de outrora aquele país importava madeira de mata nativa do Brasil, assim sendo, houve uma exploração desenfreada em nosso território, contudo, o deles se manteve quase intacto, segundo o entrevistado, até os dias atuais existem madeiras brasileiras estocadas na Argentina. Atualmente, na região de Capanema, o governo tem estimulado o “desmatamento zero”, todavia, em outras partes do Estado paranaense, ainda é possível constatar grandes territórios desmatados, ou ainda, reflorestados com eucalipto, árvore que sequer é de origem brasileira.

INF.- Ah eu vejo assim, que o nosso município, município pequeno né, com um pouco mais de duzentos mil habitantes né, e a gente percebe, digamos que relacionado ao Brasil, em geral, um não-discriminação né, que é uma vantagem assim, muito ponto, bastante positivo pro nosso município, né, então há os diversos grupos humanos por se instalarem aqui, a gente percebe claramente essa, esse tratamento igual, indiferente à raça.

INQ.- Num tem assim, por exemplo, o italiano, que em Pranchita parece que eu vi assim, o italiano, meio que batendo com o alemão, aqui encontra?

INF.- Não, aqui, você não se percebe isso. Devido principalmente como eu falei pra você, as descendências, né, ter uma mistura, interracial, então devido a essa mistura, percebo que não há né, é esse conflitos, se nós analisássemos com outros estados, que digamos, é mais formado por alemães ou por italianos, só apenas... né, então aqui já não mais. Aqui tem mistura. (Inf.13)

O entrevistado de número 13 alega que no município de Capanema, assim como no Brasil, de forma geral, não há preconceito contra descendentes de imigrantes, pois nosso país é constituído por “diversos grupos humanos” que recebem o mesmo tratamento que os nativos. O informante 15 compartilha da mesma linha de raciocínio:

INF.- Eu acho que... assim, falando sobre línguas, já vem, já vem na cabeça, a gente ter racismo, e a gente deve de agradecer muito, de não ter perseguições raciais aqui né, na nossa região né, ou... o bom convívio que a gente tem com todos os... essas etnias né, que tem aqui, acho que num... num acaba assim que é... no momento. (Inf.15)

Comenta a respeito da convivência harmônica entre os indivíduos de origem étnica distintas e revela sua crença de que isso não será alterado, pelo menos, por enquanto.

INF.- Na verdade, eu gostaria de uma coisa pessoal. É que eu conseguisse preservar essa língua mãe sabe, que eu tenho. Sabe? Que tivesse uma escola que ensinasse o alemão, pra poder fazer assim, pra poder ler também. Porque ler é uma coisa. Falar é outra. A... a ortografia da, da origem alemã, ela é bem complicada, ela tem muito, ela não tem muito, certinho assim muita... É uma palavra diferente, né, você tem, você tem tipo assim, você vai escrever aqui, elas são, são diferente, ela não é, ai como é que é o nome disso aqui, é... a, e, i, o, u. A, e, i, o, u, tem mais vogal, tem mais um alfabeto assim completo, ele, ele mistura muito. Então você, você tem que ir decifrando tudo o que que é aquilo. Às vezes a palavra é de trás pra frente. Você vai falar uma coisa assim, água quente, você fala: “quente água”. Num é? (Inf.18)

A única informante que tratou do interesse na aquisição ou aprimoramento da língua de seus ascendentes foi a idosa com Ensino Superior. Esta gostaria de conhecer mais profundamente a língua alemã, adquirindo competência na modalidade escrita e na leitura.

Acreditamos que este é o meio encontrado pela entrevistada de reavivar suas raízes, mantendo viva a sua identidade de origem, mesmo não estando na terra de seus antepassados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tomou como objeto de estudo as atitudes linguísticas dos habitantes da comunidade urbana de Capanema, cidade localizada no sudoeste do Estado do Paraná e na fronteira com a Argentina, em relação a quatro línguas diferentes, a saber, o português, o alemão, o italiano, e o espanhol, este último nas variedades paraguaia e argentina. Tais línguas são utilizadas cotidianamente por grupos de descendentes de alemães e italianos, por argentinos, paraguaios e brasileiros que convivem no mesmo espaço urbano.

Seguindo a metodologia mentalista, o *corpus* constituiu-se a partir das pesquisas de campo, realizadas sob a forma de entrevista, cujo questionário aberto é composto de questões diretas. Procuramos conduzir as entrevistas de maneira informal, aproximando-as de um bate-papo o que proporcionou maior espontaneidade na fala dos informantes. Por esta razão, nem sempre seguimos a ordem exata proposta pelo questionário e, em alguns momentos das análises e descrições, questões foram agregadas e discutidas juntas, o que acreditamos ter tornado os dados mais precisos. As questões que abordam temas similares foram dispostas em 6 blocos: 1. Idiomas e a convivência familiar; 2. Línguas de contato; 3. Idiomas de contato e comportamento linguístico; 4. A relevância dos idiomas de contato; 5. Idiomas de contato e a convivência nos relacionamentos afetivo, de amizade e profissional e 6. Idiomas de contato e a opinião dos capanemenses entrevistados.

O interesse pelo desenvolvimento da pesquisa nessa localidade se deu devido a sua posição geográfica e à história de sua colonização. Tratando-se de uma região limítrofe com a Argentina, por via da cidade de Comandante Andresito, Capanema abriga, em sua maioria, descendentes de alemães, vindos, em especial, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul; em menor número, mas ainda de forma bastante considerável, os descendentes de italianos e, por fim, residem ali também alguns descendentes de paraguaios e argentinos.

No que se refere aos vizinhos de fronteira, em geral, uma quantidade razoável de informantes demonstrou não verem os paraguaios de maneira positiva. Esse sentimento pode ser motivado, inclusive, pelo uso do guarani jopará, o que provoca certo distanciamento por parte dos moradores de Capanema, que se sentem barrados pelo idioma. Os inquiridos apresentam como justificativa para essa “rejeição” aos paraguaios a diferença de cultura, dos hábitos, a origem indígena, a baixa tecnologia e dificuldades no ensino, assim como também a questão linguística. As respostas de cunho negativo são mais frequentes na fala de informantes com baixa escolaridade. Assim, de acordo com as respostas cedidas pelos entrevistados, o

povo paraguaio é visto de forma desprestigiada pelos capanemenses e em alguns momentos estereotipados. Retomamos aqui a ideia de Bem (1973), ao esclarecer que, na maioria das vezes, os estereótipos são aprendidos como boatos ou são formados a fim de racionalizar nossos preconceitos, frequentemente utilizados para justificar tratamentos indevidos a pessoas ou tribos com base num suposto grupo de características que, na realidade, tais indivíduos não possuem. Essa ideia de recusa fixa, a maneira negativa em classificar os paraguaios, significa que atitudes dos capanemenses, em relação ao povo paraguaio, estão fortes e fixadas (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

Em relação aos argentinos, entretanto, a maior parte dos capanemenses apresenta atitude positiva. Ao serem questionados se comprariam uma casa em um bairro em que somente residissem argentinos, os inquiridos afirmam que comprariam, vendo como uma possibilidade troca cultural e aprendizagem da língua. No âmbito da amizade e casamento ou namoro com descendente argentino, a atitude dos entrevistados foi igualmente positiva. Atitude contrária ao que aconteceu no estudo de Amâncio (2007), ao verificar na Tríplice Fronteira que a atitude dos brasileiros em relação aos argentinos é totalmente negativa. Os brasileiros daquela localidade se recusam a falar o espanhol, “embora reconheçam a importância desta língua para o mercado de trabalho e para as interações locais, faz-nos concluir que a atitude negativa em relação ao outro, ou seja, ao argentino, é fator predominante nesta relação.” (AMÂNCIO, 2007, p. 93).

Voltando à etnia paraguaia, esse número de respostas positivas novamente se reduz quando entramos na questão 42. “Você seria paciente de um médico ou dentista argentino, paraguaio, alemão ou italiano? Por quê?” Conforme os inquiridos, a recusa em se tornar paciente de um profissional da saúde paraguaia se deve à inferioridade da qualidade na educação escolar e também à baixa tecnologia na área médica. Segundo as informações coletadas durante as entrevistas, os argentinos com maior poder aquisitivo deixam seu país para serem tratados por profissionais brasileiros da área de saúde, todavia o número de respostas positivas em relação aos médicos/dentistas argentinos é relevante e as justificativas estão ligadas à confiança, competência e indicação de outros pacientes brasileiros. Um único informante alegou que a diferença de idiomas seria uma barreira para estabelecer a comunicação e, por isso, preferiria ser atendido por brasileiros.

Outros dois idiomas com que os capanemenses têm contato, devido aos imigrantes/descendentes de imigrantes ali residentes, são o alemão e o italiano. Os de origem alemã são apresentados por nossos informantes como um povo sério, organizado e que não demonstra muito as emoções. A língua alemã causa estranheza aos capanemenses, que

consideram “difícil e esquisita” por isso, a dificuldade no estabelecimento da comunicação. Esse fator pode explicar a questão 16.”Quando você se aproxima dos alemães, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?” que revela serem os alemães o segundo grupo que mais interrompe um diálogo neste idioma, na presença de um capanemense que não o domine. Entendemos que esta postura se deve à consciência de que o idioma é de difícil compreensão, assim, os falantes de alemão optam por utilizar a Língua Portuguesa em respeito aos capanemenses não falantes deste idioma e também com a intenção de evitar ressentimentos desnecessários. Contudo, trata-se do povo que é mais facilmente observado em diversos ambientes empregando um idioma estrangeiro, de acordo com os inquiridos, este fato se deve, provavelmente, por haver em Capanema um número maior de descendentes dessa etnia.

Quanto ao relacionamento afetivo com alemães/descendentes de alemães, este ocupa o segundo lugar em atitudes positivas, estando atrás apenas dos descendentes de italianos. Os capanemenses revelam que a razão por optarem ou não por um relacionamento desse tipo é consequência de afinidades e das características pessoais da outra pessoa, ou seja, há ou não interesse de acordo com a personalidade do outro e não por questões ligadas ao idioma que o indivíduo fala ou da sua ascendência. Os moradores de Capanema depositam confiança no profissional da área de saúde que é descendente de alemão, sendo esta a alternativa que obteve maior número de respostas positivas ou de aceitação. Ao serem questionados do motivo dessa postura de prestígio, os entrevistados alegam que a etnia ou o idioma falado não são determinantes na escolha, mas sim a confiança estabelecida entre médico/paciente. Essa constatação indica que independentemente da origem, os capanemenses têm a postura de valorizar o indivíduo pela forma como este desempenha seu papel na sociedade e enquanto profissional, o quanto se capacitou para determinada função, relação com pacientes, entre outros. Tais atitudes confirmam as palavras de Moreno Fernández (1998, p.180): “as línguas não são apenas portadoras de formas e atributos lingüísticos determinados, mas também são capazes de transmitir significados ou conotações sociais, e ainda, valores sentimentais.”

Dentre os estrangeiros/descendentes de estrangeiros, os italianos são os vizinhos mais desejados pelos capanemenses. Duas das justificativas apresentadas são a semelhança da língua italiana com a língua portuguesa e a oportunidade de aprender algo sobre esta cultura. Seguido dos alemães, os descendentes de italiano são citados como a etnia com que os capanemenses mais têm amizade, além de acreditarem também que sejam os mais sinceros. Os italianos gozam ainda de maior prestígio que os demais quando o assunto é relacionamento

amoroso. Os moradores de Capanema dizem que é por causa da convivência constante com essas pessoas e que a diferença de idioma não pesaria para esta decisão. Os entrevistados têm os alemães como pessoas mais sérias e reservadas, enquanto os italianos são caracterizados como alegres e espontâneos. A maioria dos inquiridos não tem restrição em ser atendido por um médico ou dentista de ascendência italiana, para eles, essa escolha não está ligada à origem étnica ou ao idioma que o profissional fala, mas sim, ao profissionalismo.

Os entrevistados revelam que idiomas estrangeiros são observados em diversos ambientes, mas em especial no familiar por causa da miscigenação entre as etnias; entre amigos, em virtude da convivência no cotidiano, e também no comércio. Como já mencionado neste trabalho, o alemão é o idioma estrangeiro mais frequente. Em virtude desse fato, procuramos quantificar a origem dos capanemenses inquiridos e chegamos ao seguinte resultado: 33% são descendentes de alemães; 22% possuem ascendência italiana; essa mesma quantidade revela ser brasileira; 11% advém da miscigenação entre italianos e alemães e, por fim, 11% possuem ascendência polonesa. Nem por este motivo, as atitudes foram totalmente favoráveis aos falantes de língua alemã, como foi possível verificar no decorrer da pesquisa. Entendemos que a postura de recusa em relação a indivíduos descendentes desta etnia possa ser creditada ao desconhecimento do idioma alemão, visto pelos capanemenses como “estranho” e “difícil”, já que a postura é de aceitação no que tange ao profissionalismo, amizade sincera, responsabilidade e relacionamento amoroso.

Quando solicitamos a estes entrevistados que comparassem os idiomas em questão, decidindo sobre quem fala melhor, a língua portuguesa ultrapassou os 50% das respostas positivas, seguida da italiana e da espanhola com o mesmo número de indicações. Explicam que entendem a língua portuguesa, conseguem estabelecer comunicação e o mesmo acontece com a italiana e a espanhola, mais próximas do idioma nativo daquela comunidade. Moreno Fernández (1998) esclarece que a postura do falante em relação à própria variedade, resulta em uma das duas atitudes: positiva (aceitação) ou a negativa (recusa). Concluímos então, que os capanemenses atribuem prestígio (crença positiva) à língua portuguesa em relação a outros idiomas.

Já no âmbito da beleza, o idioma espanhol foi eleito o mais bonito entre os demais, embora, de maneira geral, os informantes apreciem a convivência com as línguas. Indicam a língua alemã como sendo feia; durante as explicações, porém, verificamos que a motivação para esta resposta está vinculada à dificuldade de compreensão do idioma. Todos, sem exceção, defendem a inclusão de outras línguas na grade do ensino regular, o espanhol teve

maior número de indicações por causa da proximidade de Capanema com a fronteira e também pela crença sustentada por nossos informantes de que esta é uma língua bonita.

Além da língua espanhola, os informantes indicam que todos os idiomas com que têm contato - alemão, italiano e espanhol - deveriam ser ofertados pelas escolas e o aluno teria a liberdade de optar por estudar um ou outro. Da mesma maneira, a língua espanhola foi a mais citada entre os informantes que possuem interesse em aprender outro idioma, novamente a justificativa é por sua beleza, pela localidade geográfica de Capanema e ainda pelas relações comerciais com a Argentina. O segundo idioma eleito como o que os capanemenses têm desejo de aprender é o alemão, neste caso, é por causa da origem étnica e pela convivência assídua com os descendentes. Os informantes relatam que seria uma maneira de manterem viva a cultura desse povo, assim como também facilitaria a comunicação entre eles, em especial, com os mais idosos. Assim, concordamos com Jacumasso (2008), ao afirmar que a escola é um veículo importante e indispensável para a manutenção da cultura e da língua dos colonizadores de uma terra. Esta também seria uma maneira de despertar o interesse das gerações mais novas pela história de seus ancestrais.

Em síntese, podemos afirmar que os objetivos propostos inicialmente foram alcançados, uma vez que verificamos que capanemense mantém uma atitude positiva em relação aos descendentes de estrangeiros ali residentes e, especialmente, no que se refere ao contato com os argentinos. Oposto ao que ocorre na Tríplice Aliança, pois ali, “as atitudes direcionadas aos argentinos, quando considerados um grupo distinto, em oposição aos brasileiros, é fundamentalmente negativa, evidenciando a não-identidade entre os grupos”. (AMÂNCIO, 2007, p. 94). Em Capanema, os moradores demonstram interesse em aprender o idioma espanhol falado pelos argentinos, exaltam sua beleza, assim como a importância ligada à região de fronteira. Em momento algum, durante as entrevistas ou conversas com os moradores, notamos qualquer contradição entre essas informações. O interesse pelos demais idiomas - alemão e italiano - é sustentado pelo desejo de preservação da cultura dos antepassados que para ali migraram, o que, inclusive, contribuiria para fortalecer os laços com os idosos residentes naquela comunidade. Os capanemenses atribuem prestígio aos povos citados, com exceção dos paraguaios, estes, como já dito, são vistos com recusa por diversas razões, tais como a origem indígena, a mescla do espanhol com guarani, a educação escolar inferior à brasileira, entre outros.

Essa pesquisa evidencia que a preocupação de investigadores da área das crenças e atitudes está voltada para a compreensão de fatores que influenciam e podem explicar a

variação e as mudanças linguísticas de um grupo étnico, de uma comunidade ou região linguística. Especificamente esse tipo de estudo em regiões fronteiriças

permitirá conhecer as consequências sociais e sociolingüísticas do contato (multilinguismo, substituição de línguas, diglossia, integração-marginalização, transculturação) e permitirá pensar em propostas que favoreçam o desenvolvimento dos fronteiriços, fazendo uso das línguas como instrumentos. (MORENO FERNÁNDEZ, 2001, p. 2)¹⁹ (tradução nossa)

Poderá fornecer, assim, subsídios para o desenvolvimento de políticas linguísticas para a região pesquisada. Por isso, acreditamos ser significativo o aprofundamento desse estudo na cidade de Capanema, assim como também do outro lado da fronteira, em Comandante Andresito, na Argentina, possibilitando um estudo contrastivo e tornando os dados mais esclarecedores da realidade do ambiente multilingüístico da região.

¹⁹ permitirá conocer las consecuencias sociales y sociolingüísticas del contacto (multilinguismo, sustitución de lenguas, diglosia, integración-marginalización, transculturación) y permitirá pensar en propuestas que favorezcan el desarrollo de los fronterizos, haciendo uso de las lenguas como instrumentos. (MORENO FERNÁNDEZ, 2001, p. 2)

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, 2008a.

_____. Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira? In: RONCARTI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português Brasileiro II*. Niterói: EdUFF, 2008b, p. 311-328.

_____. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo da relação do português com línguas de contato. 2008c. Disponível em: <http://cacp.unioeste.br/eventos/seminariolhm/anais/Arquivos/Artigos/Simposio/simposio_aspectos_11.pdf>. Acesso em: 10 maio 2009.

ALVES, Maria Isolete Pacheco Meneses. **Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo**. 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

AMÂNCIO, Rosana Gemima. **Um estudo sobre atitudes linguísticas na fronteira Brasil-Argentina**. 2004. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

_____. **As “cidades trigêmeas”**: um estudo sobre atitudes lingüístico-sociais e identidade. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ASKEVIS-LEHERPEUX, Françoise. Atitude. In: **Dicionário de psicologia**. Tradução de Odilon Soares Leme. São Paulo: Ática, 2001, p. 90. Título original: *Dictionnaire de psychologie*, 1991.

BARBOSA, Adriana de Oliveira. **Brasilienses e a idéia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística**. 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BEM, Daryl Jay. **Convicções, atitudes e assuntos humanos**. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1973.

BERGAMASCHI, Maria Cristina Zandomeneghi. **Bilinguismo de dialeto português: atitudes linguísticas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes linguísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório**. 2000. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. **Atitudes Sociolingüísticas**: efeitos do processo migratório. Campinas: Pontes; RG, 2007.

BLAS ARROYO, José Luis. Las actitudes hacia la variación intradialectal en la sociolingüística hispánica. **Estúdios Filológicos**, Valdívía, n. 34, p. 47-72, 1999.

BRIGHT, Willian. As dimensões da sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella Vieira; NEVES, Moema Facure (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 17-22.

BRONCKART, Jean-Paul; PRÉVOST, C. Crenças. In: **Dicionário de psicologia**. Tradução de Odilon Soares Leme. São Paulo: Ática, 2001, p. 198. Título original: Dictionnaire de psychologie, 1991.

CONFORTIN, Helena. Atitudes linguísticas de falantes bilíngues. **Revista Letras**, Campinas, v. 20, n. 1/2, p. 123-135, dez. 2001.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios**. Maringá: Memória Brasileira, 1996, p. 218-219.

GÓMEZ MOLINA, José Ramón. Actitudes lingüísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal: area metropolitana de Valencia. **Anejo nº XXVIII de la Revista Cuadernos de Filología**, Valencia, Universitat de Valencia, 1998.

JACUMASSO, Tadinei Daniel. **Diversidade linguística, cultural e políticas linguísticas: estudo de uma comunidade ucraniana de Irati/PR**. Cascavel: UNIOESTE, 2009.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. Título original: Sociolinguistic Patterns, 1972.

LAMBERT, William Wilson; LAMBERT, Wallace Earl **Psicologia Social**. Tradução de Dante Moreira Leite. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 98-135. Título original: Social Psychology, 1973.

LÓPEZ MORALES, Humberto. **Sociolinguística**. Madrid: Gredos, 1993.

MELO, Heloísa Augusta Brito. Atitudes linguísticas de adolescentes americano-brasileiros de uma comunidade bilíngüe no interior de Goiás. **Revista Letras**, Campinas, v. 22, p. 85-114, dez. 2003.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **El español en la frontera amazónica (Brasil-Colombia)**. In: II Congreso de la Lengua Española, Valladolid, 2001. Disponível em: http://congresosdelalengua.es/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/5_espanol_y_portugues/moreno_f.htm. Acesso em: 20 ago. 2010.

OSTROVSKI, Dalésio. **Análise dos impactos socioambientais motivados pelo Caminho do Colono**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

PARCERO, Lúcia Maria de Jesus. **Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PLACHI, Daniela. Atitudes Linguísticas: Variedades Encenadas em Foco. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 10, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/tl/artiCle/viewFile/449/265>. Acesso em: 15 dez. 2010.

SILVA-PORELI, Greize Alves da. Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita-PR: um estudo das relações do português com línguas em contato. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RAMOS, Fabiana. Atitudes linguísticas de falantes da cidade de João Pessoa. In: Jornada de Estudos Linguísticos do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste - GELNE, 16, 1998, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Universidade Federal da Paraíba - UFPB, 1998, p. 351- 353.

RUBAL RODRIGUES, Xosé. Actitudes lingüísticas do alumnado de bacharelato en Galícia. **Actes du XVIIIe. Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes**, Université de Trèves (Trier), v. V, 1986. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1988.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolingüística - Parte I. In. BENTES, Anna Christina; MUSSALIM, Fernanda (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007. v. 1. p. 21-47.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. São Paulo: Editora Nacional, 1967.

BORSTEL, Clarice Nadir von. Identidade étnicas e situações de uso de línguas. **Palavra**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 134-145, 2003.

BRASIL. IBGE. **Cidades Paraná: Capanema**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 17 set. 2009.

EL-HATIB, Faissal. Capanema. In: **Municípios do Paraná**. Curitiba: GRAFIPAR, 1969, p. 61.

FISHMAN, Joshua Aaron. **Sociología del lenguaje**. Madrid: Cátedra, 1995.

_____. Sociologia da linguagem. In: FONSECA, Maria Stella Vieira; NEVES, Moema Facure (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 25-38.

FONSECA, Maria Stella Vieira; NEVES, Moema Facure (Orgs.). **Sociolingüística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

LYONS, John. **Língua(gem) e linguística: uma introdução**. Tradução de Marilda Winker Averburg. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Estudios de variación lingüística**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 1990.

RODRIGUEZ, Xosé R. Actitudes lingüísticas do alumnado de bacharelato. **Actes du XVII Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes**, Université de Tiever, v. V, 1986. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998, p. 266-274.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

ANEXO

PROJETO CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS: UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PORTUGUÊS COM LÍNGUAS DE CONTATO

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISA QUALITATIVA

Ponto/Localidade: 03- CAPANEMA

Entrevistadora: _____

Data: _____ de 2008.

Informante: _____ n.º _____

Idade: ____ anos

Escolaridade: Fundamental

Natural de _____

Naturalidade dos pais: _____

Duração da entrevista: ____ minutos

1. - Que língua você fala?
2. - Quando você era criança, em que língua seus pais falavam com você?
3. - Quando você era criança, em que língua seus avós falavam com você?
4. - Quando você era criança, em que língua você falava com seus pais e avós?
5. - Aqui em Foz do Iguaçu existem pessoas que falam diferente de você?
6. - Que língua(s) eles fala(m) os que falam diferente aqui? (espanhol argentino, espanhol paraguaio, alemão e italiano).
7. Poderia dar um exemplo de como falam os que falam o espanhol argentino?
8. - Poderia dar um exemplo de como falam os que falam o espanhol paraguaio?
9. - Poderia dar um exemplo de como falam os alemão?
10. - Poderia dar um exemplo de como falam os italiano?
11. - Comparando essas línguas: espanhol argentino, espanhol paraguaio, guarani, italiano e alemão, quem fala melhor? Por quê?

12. - E quem fala pior? Por quê?
13. -Em que lugares você ouve esta(s) língua(s) ou modo(s) de falar diferente(s)?
14. Quando você se aproxima dos paraguaios, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
15. Quando você se aproxima dos argentinos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
16. Quando você se aproxima dos alemães, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
17. Quando você se aproxima dos italianos, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
18. Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas de que falamos?
19. Essas línguas são feias ou bonitas?
20. Qual é a mais bonita?
21. E a mais feia?
22. Se você pudesse proibiria o uso dessas línguas em lugares públicos aqui em Foz?
23. Na igreja, no templo religioso, o sacerdote, pastor ou palestrante deveria falar também nessa(s) língua(s)?
24. A escola deveria ensinar essas línguas que você ouve aqui? Qual delas? Por quê?
25. Você gostaria de aprender a falar alguma dessas línguas estrangeiras faladas aqui? Qual delas? Por quê?
26. Você estudou ou fala alguma dessas línguas? Qual? Onde aprendeu?
27. Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos, você compraria?
28. Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse paraguaios, você compraria?

29. Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse alemães, você compraria?
30. Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse falantes do italiano, você compraria?
31. Você tem amigos argentinos? Como começou esta amizade?
32. Você tem amigos paraguaios? Como começou esta amizade?
33. Você tem amigos alemães? Como começou esta amizade?
34. Você tem amigos italianos? Como começou esta amizade?
35. Com qual deles você sente que a amizade é mais sincera? Por quê?
36. Com qual deles você sente que a amizade é falsa ou interesseira? Por quê?
37. Você já se desentendeu com algum deles? Por quê?
38. Você namoraria ou se casaria com um(a) argentina (o)? Por quê?
39. Você namoraria ou se casaria com um(a) paraguaia (o)? Por quê?
40. Você namoraria ou se casaria com um(a) alemão? Por quê?
41. Você namoraria ou se casaria com um(a) italiano? Por quê?
42. Você seria paciente de um médico ou dentista argentino? Por quê?
43. Você seria paciente de um médico ou dentista paraguaio? Por quê?
44. Você seria paciente de um médico ou dentista alemão? Por quê?
45. Você seria paciente de um médico ou dentista italiano? Por quê?
46. Sobre essa multiplicidade de línguas que você ouve aqui em Capanema, gostaria de falar mais alguma coisa que eu não tenha perguntado?
47. Você permite que eu use em meu trabalho o que falamos aqui?